

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Miriam Rosa dos Santos

Tecidas entre lutas e resistências:
um estudo sobre o universo negro feminino

São Paulo

2020

Miriam Rosa dos Santos

Tecidas entre lutas e resistências:
um estudo sobre o universo negro feminino

Versão original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obter o
título de Doutora em Ciências

Área de Concentração: Psicologia Social
e do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Bernardo P. Svartman

São Paulo
2020

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rosa dos Santos, Miriam

Tecidas entre lutas e resistências: um estudo sobre o universo negro feminino
/ Miriam Rosa dos Santos; orientador Bernardo Parodi Svartman. -- São Paulo,
2020.

f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. Feminismo negro. 2. racismo. 3. sexismo. 4. mulher negra. 5. resistência. I.
Parodi Svartman, Bernardo , orient. II. Título.

Nome: Miriam Rosa dos Santos

Título: Tecidas entre lutas e resistências: um estudo sobre o universo negro feminino

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutora em Psicologia

Aprovada em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Profa. Dra. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Profa. Dra. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Profa. Dra. _____

Instituição _____

Julgamento _____

Profa. Dr. _____

Instituição _____

Julgamento _____

RESUMO

Santos, M. R. (2020). *Tecidas entre lutas e resistências: um estudo sobre o universo negro feminino*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho se propõe a compreender caminhos de construção subjetiva de mulheres negras, considerando a interseccionalidade de dois sistemas de opressão que incidem sobre elas: o racismo e o sexismo. Para isso desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, usando o método da história oral, recolhendo histórias de vida. Como trabalho de campo entrevistamos seis mulheres negras com nível de escolaridade superior, com o objetivo de compreender suas trajetórias de vida. Pedimos a elas que discorressem sobre suas memórias de infância como menina negra, sua adolescência e vida de mulher adulta, para que pudéssemos, assim, compreender seus processos de luta e resistência em meio a uma sociedade racista, machista e excludente.

Palavras-chave: Mulher negra. Feminismo negro. Racismo. Sexismo. Resistência.

ABSTRACT

Santos, M. R. (2020). *Tecidas entre lutas e resistências: um estudo sobre o universo negro feminino*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The present work aims to understand the paths of subjective construction of black women, considering the intersectionality of two systems of oppression that affect them: racism and sexism. In order to do that, I developed a qualitative research, using the oral history method, collecting life stories. Six black women gave their testimonies. I asked them to talk about their childhood memories as black girls, their adolescence period and their adulthood life as women, so that I could understand their processes of struggle and

resistance in the midst of a racist, sexist and exclusionary society.

Keywords: Black woman. Black feminism. Racism. Sexism. Resistance.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	6
1.OS FIOS DA HISTÓRIA	11
2. NEGRA TRAMA FEMININA: QUEM É ESSA MULHER?	16
3. O BORDADO DE CADA UMA	20
3.1 Maitê	20
3.1.1. A Revolta que virou Potência	39
3.2 Faizah	46
3.2.1 Um quilombo para mim	72
3.3 Glaucia	81
3.3.1 Um coração muito duro pro moinho	94
3.4 Amarílis	102
3.4.1 Ubuntu-Ninguém fica pra trás	136
3.5 Marcia	144
3.5.1 # Marcia Fica	203
3.6 Juliana	213
3.6.1 Entre o Azul e o que não me deixam esquecer	254
4. Entre o alinhavo e o arremate	263

INTRODUÇÃO

A curiosidade científica que motiva realização de pesquisas sempre estabelece algum tipo de relação com questões biográficas daqueles que as conduzem. No meu caso, vieram em resposta à necessidade visceral de compreender a minha história, de decifrar o enigma da minha constituição. Segundo Gilberto Safra (2004):

O enigma é aquilo que não pode ser formulado e, desse modo, não pode ser destinado. Assim sendo, a situação enigmática suspende a possibilidade de um devir. (...) A primeira forma de enigma relaciona-se com o que na história transgeracional precisa ser oculto. (p. 106)

Sou filha de pais afrodescendentes que se denominam morenos. Fui criada num referencial religioso europeu, a Igreja Presbiteriana Independente. Fui educada para me esquivar de tudo o que se relacionasse com a herança negra, sempre vista como negativa, associada ao inferior e ao demoníaco.

Cresci alienada de uma parte da minha história, entre identificações postíças. Contudo, algo em mim sentia que o que me era negado era “estranhamente familiar”.

O olhar psicanalítico considera que aquilo que não pode ser nomeado, representado, vai se constituindo como o afeto amorfo da angústia. Nas palavras de Maria Beatriz Vannuchi (2017): “A angústia advém do encontro com os traços excedentes ao Eu, do outro lado do espelho, que são tidos como incompatíveis com o 'si mesmo...’” (p. 62).

A necessidade despertada por um intenso mecanismo inconsciente, primário, movido por afetos, agiu como motor. Motor que me impulsionou a não só compreender o invólucro histórico e ideológico que me apartava das minhas raízes, mas principalmente que me levou a descobrir a força vitalizante do encontro com a ancestralidade. Descobri que, para além da dor da população negra, há no núcleo dessa cultura, dessa raiz, dessa ancestralidade, uma fonte de força. Uma experiência que encontra eco no pensamento de Simone Weil (1943), que afirma que o enraizamento, talvez, seja a necessidade mais importante e desconhecida da alma humana.

Como fruto dessa reconexão com a negritude, escrevi minha dissertação de mestrado: “Histórias de reencontro: ancestralidade e enraizamento na descoberta de ser negra”. E constatei que minha descoberta era irredutível, singular, mas não exclusiva. Nela ouvi histórias de mulheres negras que por caminhos particulares tiveram seu reencontro com sua negritude e as transformações fundamentais promovidas por esse reencontro.

A minha experiência subjetiva teve como desdobramento a procura pela sororidade, por aquelas que partilham comigo uma comunidade de destino. Assim, na busca desses

lugares de pertencimento, tendo contato com as mulheres negras, fui constatando a relevância de seus papéis nos vários grupos de pertencimento: seja como matriarcas da família, seja como sacerdotisas nos terreiros, seja como líderes de suas comunidades.

Mulheres que precisam digerir cotidianamente duas formas de violência: o racismo e o sexismo. Por conta dessa luta ímpar, as histórias das mulheres negras portam muitos sentidos: dor, solidão, resistência, solidariedade, esperança... E são plenas de elementos de transformação.

Decidi ouvi-las e continuar dando-lhes o espaço da palavra.

Suas histórias merecem ser ouvidas pela Psicologia, que lhes deve muito. A Psicologia, influenciada pelo mito da democracia racial, tendo somado a isso a baixa representatividade de estudantes negros, pouco mobilizou a conscientização da importância da temática racial nos processos psíquicos. Os programas de graduação raramente possuem disciplinas sobre raça e racismo em suas grades curriculares, deixando um lapso na formação do psicólogo. Nas palavras de Lia Vainer Schucman (2012): “A formação de psicólogos ainda está centrada na ideia de uma humanidade universal e de um desenvolvimento do psiquismo humano igual entre os diferentes grupos racializados.”(p.15).

É preciso compreender que a trama da subjetividade se tece com vários fios: fios pulsionais, singulares, e fios partilhados, coletivos. Assim, há marcas psíquicas que são particulares a cada grupo étnico. Segundo José Moura Gonçalves Filho (2017):

O inconsciente é negro, é ianomâmi, é judeu; o inconsciente, decisivamente, é João, é Maria, recolhe signos e enigmas que marcam a fundo a biografia e deitam raiz em histórias e na História, orientando e dividindo a transferência pelo que é mais significativo e o que é mais enigmático. (p. 156)

A proposta deste trabalho é, no primeiro capítulo, considerar o legado histórico e ideológico que compôs o violento pano de fundo da vida de negros e negras, ou seja, o escravismo colonial, o racismo, a ideologia do embranquecimento e a branquitude.

Partindo desse contexto, no segundo capítulo, uma reflexão sobre a mulher negra, seu percurso ao longo da história e seu lugar de interseccionalidade sobre o qual incidem as forças opressoras do sexismo e do racismo. Isto posto, no capítulo três, serão ouvidas as vozes singulares das depoentes, buscando-se em seguida apreender o que generosamente doaram.

MÉTODO

Antes de discorrer sobre os aspectos metodológicos propriamente ditos, considero importante explicitar meu lugar de fala. Sou uma mulher negra; e uma mulher negra que se propôs a dar voz a outras mulheres negras. Sim, isso tem implicações sobre a pesquisa.

Implicações não impeditivas à teorização, muito pelo contrário. Nas palavras de Kabengele Munanga (1988):

Em certo momento o negro era considerado objeto de estudo; mas a partir do momento em que ele mesmo se tornou pesquisador da sua própria realidade, isso a meu ver, desbloqueou o conhecimento, pois ele, como vítima, pode sentir certas coisas de dentro que o pesquisador de fora não pode sentir; assim ele tem uma contribuição a dar. Assim a meu ver há uma colaboração em termos do desenvolvimento do conhecimento, e não vejo oposição entre sujeito e objeto. (...) A emoção e a emotividade são motivos de conhecimento, e não obstáculos. (p. 22)

Certamente uma mulher negra ao ouvir outra mulher negra tem uma escuta particular. Certamente uma mulher negra que narra suas vivências a outra que partilha de sua geografia corporal também o faz de modo distinto. Essa identificação se mostrou um facilitador das narrativas, promoveu falas fluidas e desarmadas por parte das depoentes, e uma escuta empática que abriu caminhos para compreender e teorizar.

Por muito tempo a população negra foi objeto de estudo e não sujeito produtor de conhecimento. Por muito tempo fomos falados e não falamos. Assim, ao erguer minha voz negra e feminina, lembro das palavras de Grada Kilomba (2019): “Só quando se reconfiguram as estruturas de poder é que muitas identidades marginalizadas podem também, finalmente, reconfigurar a noção de conhecimento: Quem sabe? Quem pode saber? Saber o quê? E o saber de quem?” (p. 13).

Assim como Abdias do Nascimento (1978), que também se declarava parte da matéria que investigava, percebo que: “Somente da minha própria experiência e situação no grupo étnico-cultural a que pertença, interagindo no contexto global da sociedade brasileira, é que posso surpreender a realidade que condiciona o meu ser e o define.” (p. 08).

Passo então a enunciar outro aspecto importante deste lugar de fala: coloco-me aqui como uma pesquisadora em processo de descolonização. Minha busca é por um olhar epistemológico que não se pautar apenas pelo viés eurocêntrico. Não se trata de desprezar ou anular saberes sedimentados, mas de não tomá-los por universais ou superiores.

Luiz Rufino em seu livro “A Pedagogia das Encruzilhadas” provoca os saberes hegemônicos, desafiando-os a novas perspectivas com a metáfora do “*ebó epistemológico*”. O ebó é uma prática das religiões de origem africana que podemos definir como uma oferenda feita aos Orixás que visa abrir caminhos de comunicação, trocar energias, ampliar possibilidades e transformar situações estagnadas. A partir desse conceito Luiz Rufino (2019) instiga:

Nessa lógica macumbística, teremos de praticar o sacrifício das mentalidades, rompermos com as lógicas desencantadas das razões absolutas para vitalizar o conhecimento plural. Os efeitos dos ébos epistêmicos tendem a favorecer as condições de ampliação das possibilidades em relação aos conhecimentos que são cruzados. É, em suma, a condição que abre caminhos para a produção e circulação dos conhecimentos pautados no vigor da diversidade epistêmica presente no mundo. (p. 88)

Desejo então construir uma leitura cuja tônica seja do: “não só..., mas também”. Uma compreensão que não se restrinja aos saberes hegemônicos, mas que também considere as sabedorias ancestrais que foram descredibilizadas, invisibilizadas, tomadas por inferiores pela monocultura colonialista. Por isso, teorias afrocentradas serão componentes do fundamento teórico desta pesquisa, bem como referenciais da Psicologia Social, da Psicanálise e teóricos das Ciências Sociais que se debruçaram sobre a temática racial.

Convém também ressaltar que a herança patriarcal e colonial está entranhada em toda nossa construção cultural, inclusive na língua portuguesa. Como Maria Angeles Calero (2014) afirma:

As línguas não se limitam a ser simples espelho que nos devolve a imagem de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem levar-nos a compor nossa percepção do mundo e inclusive fazer que a nossa situação se oriente de uma determinada maneira. (p. 19)

Dessa forma, uma vez que não é possível romper a coloneidade patriarcal da língua, assinalo em especial dois vocábulos na construção da narrativa, para produzir reflexão e denúncia. Adoto o uso da expressão “escravizado” e não escravo; já que a palavra “escravizado” denota uma ação sofrida por um agente externo e não uma condição natural. Bem como opto pela grafia da palavra *sujeito* em itálico, pois esse termo tem um sentido importante no referencial psicanalítico, porém sua flexão no gênero feminino altera completamente sua semântica. Outra alteração a ser destacada diz respeito às citações bibliográficas. Estas serão feitas pelo nome completo, na intenção explícita de não invisibilizar a autoria das mulheres.

Considero importante também pontuar o sentido dos termos “negra(o) e afrodescendente”. A palavra negra(o) remete à raça e à constituição fenotípica, sendo justamente o fenótipo o principal fator de discriminação. Assim, os movimentos antirracistas elegem essa terminologia que uma vez ressignificada positivamente torna-se um fator de afirmação de identidade e de luta política. Já a expressão afrodescendente é um conceito de base étnica, que se refere à origem, à cultura, à história partilhada por aqueles cujos ancestrais pertenciam ao território africano. Por entender essa diferenciação e não as considerar antagônicas, usarei ambas com liberdade, compreendendo seu sentido.

A partir desse lugar de fala e escuta, desenvolvi uma pesquisa qualitativa usando o método da história oral, recolhendo histórias de vida. A conduta e os procedimentos adotados basearam-se nas orientações de Ecléa Bosi e de José Moura Gonçalves Filho. Especialmente a concepção de ambos sobre a relação pesquisador e depoente e sobre o trabalho da memória.

Ecléa Bosi (2003) nos ensina:

A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera. Ela envolve responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade. Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação do tempo e do fôlego do outro. (pp. 60-61)

Amizade e responsabilidade são palavras que me nortearam nesta pesquisa. Palavras que seguem balizando minha relação com as depoentes. Colhi essas histórias como quem apara nas mãos punhados de pedras preciosas, consciente do peso da confiança que em mim depositaram. E assim, como cuidado ético, reiterarei que o depoimento lhes pertencia, que poderia ser alterado em qualquer momento da pesquisa e que seria antes de qualquer avaliação submetido a cada uma delas. Pois conforme preconiza Ecléa Bosi (2003):

O depoimento deve ser devolvido ao seu autor. Se o intelectual quando escreve, apaga, modifica, volta atrás, o memorialista tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou. Mesmo a mais simples das pessoas tem esse direito, sem o qual a narrativa parece roubada. (p. 66)

A técnica de entrevistas abertas e não dirigidas buscou promover um trabalho livre da memória. Segundo o pensamento de José Moura Gonçalves Filho (2005), a memória deve ser o eixo buscado e incentivado em todos os depoimentos, uma vez que ela porta em si a matéria viva das imagens, percepções, afetos e pensamentos.

Dessa maneira foram dados às depoentes três núcleos temáticos para orientar o trabalho mnêmico: infância, adolescência e vida adulta. Dessa forma, começo as entrevistas perguntando: “Como foi ser uma menina negra?”. A partir daí as depoentes percorriam suas lembranças de cada fase, tendo sempre a liberdade de por elas transitar.

O número de participantes tomou por referência o dobro de depoentes entrevistadas no mestrado. Foram convidadas a participar da pesquisa seis mulheres com grau de escolaridade superior. Essa escolha se baseia na intenção de estudar o percurso de mulheres que contrariaram as estatísticas de um segmento que está na base da pirâmide social.

O presente trabalho, portanto, tem por objetivo compreender a trajetória de constituição subjetiva dessas mulheres negras: como foi ser uma menina negra, quais vivências acompanharam seu desabrochar na adolescência e juventude, que afetos mobilizam sua vida de adulta, quais recursos internos precisam dispor para enfrentar os desafios de uma sociedade racista, machista, excludente.

O trabalho da interpretação foi tecido verticalmente, analisando cada depoimento em sua singularidade, buscando sentidos manifestos e latentes nas narrativas. Posteriormente busquei examinar o encontro e o desencontro dos depoimentos e verificar quais fenômenos podem ser aproximados ou contrastados.

1 OS FIOS DA HISTÓRIA

A Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, em Durban, na África do Sul, em setembro de 2001, definiu a escravidão e o tráfico de escravizados como crimes contra a Humanidade; não só pelo grau de crueldade, mas também pela magnitude, organização e negação da humanidade de suas vítimas.

Muitos parecem querer convenientemente esquecer esse passado, largamente conhecido como uma das mais cruéis formas de dominação e desumanização. Justificativas ainda insistem em minimizar o horror da escravatura. Uma delas é que o negro já era escravo na África, assim estaria adaptado ou mesmo preparado para a escravização! Há uma clara intenção de tornar negro e escravo em sinônimos, como se esse fosse seu único traço identificatório possível.

Eram feitos escravos na África os prisioneiros de guerra, que, em lugar de serem mortos, passavam a servir como empregados domésticos e, caso constituíssem família, seus filhos seriam livres. Famílias vendiam um de seus membros como escravo para sobreviver, mas mediante pagamento podiam resgatá-lo e, ainda, pessoas que cometessem crimes graves podiam ser vendidas como escravos como punição em lugar de serem mortas. E nas palavras de Kabengele Munanga (1998):

Nós não podemos, portanto, legitimar a escravidão aqui, a partir do que ocorria na África, como se a África fosse o único continente onde existiu a escravidão. Em vez de discursos legitimadores, seria mais justo indenizar os descendentes das vítimas, através de políticas públicas compensatórias, e não buscar pretextos para justificar a escravidão que houve entre nós. (p. 63)

Henrique Cunha Jr. (2005), discorrendo sobre esse escravismo mercantil, diz: “A única justificativa possível desse escravismo foi a avareza, a desumanidade e a criminalidade dos europeus relacionados a esta forma de produção. Dado o período histórico e a forma intensa como ocorreu, este escravismo foi qualificado de escravismo criminoso”(p. 250).

Para justificar o dilema moral e ético posto pela subjugação de um ser humano pelo outro, concebia-se o negro não como pessoa, mas como um ser primitivo que mais se assemelhava ao animal. Na definição de Albert Memmi (1993): “O racismo é a valorização, generalizada e definitiva de diferenças, reais ou imaginárias, em proveito do acusador e em detrimento da vítima, a fim de justificar os seus privilégios ou a sua agressão” (p. 119). E assim se deu no processo de colonização: a ideologia racista se prestou perfeitamente às políticas imperialistas.

No início do século XVI a civilização europeia iniciava as invasões colonizadoras nos diferentes continentes. O contato com habitantes dessas terras distantes, seres cultural e fenotipicamente diferentes, levantou questões sobre “um outro” que não refletia a imagem conhecida. A humanidade desse outro, não branco e não cristão, foi convenientemente posta em cheque a partir de então.

Deste período histórico até o século XVIII a Igreja detinha a prerrogativa de definir quem era ou não humano. Segundo Lilia Schwarcz (1993): “Pensava-se na humanidade como um gradiente que iria do mais perfeito — mais próximo do Éden — ao menos perfeito — mediante a degeneração” (p. 48). Assim, os interesses políticos e econômicos dos colonizadores ganharam legitimidade pelo pensamento teológico da época.

Marco Aurélio Luz (1994) afirma que:

Todas as instituições de produção de ideologias se voltam para a construção de um *corpus* conceitual capaz de representar o outro como inferior, localizado numa série evolutiva mais próxima da matéria e do corpo que da alma e da razão. Esta falsa representação do colonizado acompanha a ação de colonizá-lo, de conquistá-lo, escravizá-lo e explorá-lo. (p. 20)

Ao final do século XVIII início do XIX, o desenvolvimento das ciências biológicas, especialmente a obra de Charles Darwin de 1859, “A Origem das Espécies”, inaugurou um paradigma para explicar a diversidade dos seres vivos. Segundo o darwinismo, a natureza faria a seleção dos seres mais fortes e melhores adaptados ao meio, eliminando o elemento mais fraco.

Esse conceito da Biologia foi então usurpado e transposto às ciências humanas, dando origem ao chamado “darwinismo social”. Através dessa teorização, nomeada racismo científico ou racismo biológico, foi justificada a hierarquização dos seres humanos em superiores e inferiores a partir das diferenças fenotípicas. A civilização ocidental elegeu a si mesma, a partir deste pseudo fundamento científico, como modelo fenotípico e cultural ideal, inferiorizando todos os povos que fugissem ao padrão europeu.

A população do Brasil colonial, majoritariamente negra e mestiça, denunciava seu longo passado escravagista e a prática reiterada de violências sexuais contra mulheres negras. Esta população era vista como incômodo nacional, uma latente ameaça, além de contrastar com o modelo de civilização europeia à qual a elite almejava.

Para alcançar o ideal europeu pretendido era preciso “clarear” a população brasileira. Para isso foram feitas propostas públicas de incentivo à imigração, que trouxe ao Brasil, em trinta anos, mais de três milhões de europeus.

Maria Aparecida Bento (1999) destaca que esses imigrantes eram trabalhadores rurais, ou seja, exerciam as mesmas funções que os ex-escravizados. Contudo, aos imigrantes

européus foram oferecidos incentivos e oportunidades e aos negros libertos, desemprego, desamparo e nenhuma compensação indenizatória.

O estímulo à imigração maciça de europeus visava impulsionar o “darwinismo social”, que traria como resultante a “purificação étnica”, o branqueamento da população mediante o cruzamento das raças. Cria-se que o segmento branco, tido como “superior”, acabaria por extinguir o segmento negro no país. Segundo Abdias do Nascimento (1978):

A predominantemente racista orientação da política imigratória foi outro instrumento básico nesse processo de embranquecer o país. A assunção prevalecente, inspirando nossas leis de imigração, considerava a população brasileira como feia e geneticamente inferior por causa da presença do sangue negro-africano. (p. 70)

Os intelectuais brasileiros, apoiados no racismo científico, ratificavam o projeto político de melhoria racial através do branqueamento.¹ Abdias do Nascimento, no livro “O Genocídio do negro brasileiro” (1978), oferece-nos fragmentos dos discursos dos pensadores da época. Vejamos: o escritor Silvio Romero (1851-1914) declarou: “A minha tese, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco” (p. 71). E na década de 20, o político e cientista social Oliveira Viana afirmava que: “... o *quantum* do sangue ariano está aumentando rapidamente em nosso povo. Ora, esse aumento do *quantum* ariano há de fatalmente reagir sobre o tipo antropológico dos nossos mestiços, no sentido de modelá-los pelo tipo do homem branco” (p. 72). E João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional, no Congresso Internacional das Raças em Londres, em 1911, profetizou a extinção da raça negra dentro de cem anos:

A seleção sexual persistente, acaba todavia por subjugar o atavismo e purga os descendentes do mestiço de todos os traços característicos do negro. Graças a este procedimento de redução étnica, é lógico supor que, no espaço de um novo século, os mestiços terão desaparecido do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós. (p. 72)

Os avanços científicos do século XX mostram que não se pode falar de raça como conceito biológico, uma vez que marcadores genéticos de determinada raça podem ser encontrados em outra, sendo os traços fenotípicos menos de 1% do patrimônio genético de um indivíduo.

Contudo, de acordo com Carlos Hasenbalg (1979), Antonio Sérgio Guimarães (2003), Kabengele Munanga (2004), Carlos Moore (2007), entre outros pesquisadores, a raça, muito embora não seja um conceito válido segundo os critérios biológicos, tem existência e influência sociopolítica. Atua, em verdade, como um constructo ideológico que visa manter e reproduzir desigualdades e privilégios, prestando-se como instrumento de dominação. De

¹O psiquiatra Nina Rodrigues, baseado na teoria de Arthur Gobineau, autor de “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1853), pensava o cruzamento das raças pelo viés contrário, ou seja, a degeneração da raça por influência do elemento negro.

acordo com Elisa Larkin Nascimento (2003): “A noção de ‘raça’ firmemente embutida na hierarquia da cor que, mesmo sendo carente de realidade biológica, exerce uma função social de forte impacto concreto sobre a vida real. Trata-se do fenômeno de raça ‘socialmente construído’.” (p. 47).

A ideologia racista ainda se utiliza de características físicas para legitimar e naturalizar os lugares sociais de inferioridade e superioridade. Segundo Albert Memmi (1993), “em nome de uma superioridade biológica, um grupo humano procura afirmar-se contra outros e crê-se autorizado, para isso, a utilizar todos os meios possíveis, como a violência e o morticínio” (p. 112), e ainda, “como desculpar tal desordem, aliás tão vantajosa, senão oprimindo a vítima? Para lá das suas máscaras, o racismo é uma auto-absolvição do racista” (p. 127).

Um verdadeiro alibi para a manutenção de privilégios materiais e simbólicos dos que se beneficiam do enganoso *status* de superioridade. Se, por ventura, alguma assimetria houvesse entre os seres humanos, certamente não seria o opressor o superior entre os homens.

No Brasil, o fenômeno da mestiçagem foi pintado como a interação harmoniosa entre as raças formadoras da nação, largamente divulgada na obra de Gilberto Freyre. Essa imagem de paraíso racial levou as Nações Unidas a buscar no Brasil um modelo de igualdade e convivência. Por isso, em 1950, a Unesco patrocinou uma extensa pesquisa sobre a realidade racial brasileira. Porém, como um tiro que sai pela culatra, a pesquisa em vez de descobrir o segredo deste paraíso racial, descortinou as acentuadas desigualdades entre brancos e não brancos em todos os níveis, em todos os indicadores sociais, revelando que a tão propagada democracia racial era na verdade um mito.

Segundo Lilia Schwarcz (2001):

A população preta e parda não só apresenta renda menor, como tem acesso diferenciado à educação, registra mortalidade mais acentuada e casa-se mais tarde e, majoritariamente, dentro de seu próprio grupo. Com tudo isso, e ainda assim, aposta-se na “democracia racial”. Frágil democracia. (p. 63)

O mito da democracia racial se presta à “culpabilização da vítima”, pois, ao negar o racismo e desconsiderar a herança histórica da população afrodescendente, atribui somente a ela mesma a responsabilidade por sua realidade social e econômica.

Para Carlos Hasenbalg (1979):

Num certo sentido a sociedade brasileira criou o melhor dos dois mundos. Ao mesmo tempo em que mantém a estrutura de privilégio branco e subordinação não-branca, evita a constituição da raça como princípio de identidade coletiva e ação política. A eficácia da ideologia racial dominante manifesta-se na ausência de conflito racial aberto e na desmobilização política dos negros, fazendo com que os componentes racistas do sistema permaneçam incontestados, sem necessidade de recorrer a um alto grau de coerção. (p. 246)

A porcentagem de sangue ariano não produziu mudanças nas condições de vida do mestiço e não alterou seu lugar desvalorizado, que fora igualmente designado ao negro.

Segundo Henrique Cunha Jr. (2007):

Supomos que a mestiçagem resolveu todos os antagonismos sociais do escravismo. Não fazem parte da pauta dos antagonismos sociais as desigualdades econômicas, de poder político e de prestígio social. A mestiçagem não mestiçou a conta bancária e nem mesmo as hierarquias de poder que permaneceram hegemonicamente eurodescendentes. (p. 62)

O projeto de embranquecimento fragmentou a população negra numa gradação valorativa de cor, prejudicando o senso de pertencimento coletivo, bem como sua mobilização política. Para Kabengele Munanga (2008):

Apesar de o processo de branqueamento físico da sociedade ter fracassado, seu ideal inculcado através de mecanismos psicológicos ficou intacto no inconsciente coletivo brasileiro, rodando sempre nas cabeças dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca de identidade baseada na “negritude e na mestiçagem”, já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por julgarem superior. (p. 16)

Esse contexto histórico preparou a instalação da ideologia da branquitude. Segundo Lia Vainer Schucman (2014):

Portanto, é nesses processos históricos que a branquitude começa a ser construída como um constructo ideológico de poder, em que os brancos tomam a identidade racial como norma e padrão, e dessa forma outros grupos aparecem, ora como margem, ora como desviantes, ora como inferiores. (p. 46)

Falar sobre relações raciais e branquitude é, portanto, falar sobre a temática espinhosa das relações de poder, sobre o jogo da manutenção de privilégios materiais e simbólicos. E é também desnudar conteúdos inconscientes transmitidos através das gerações. De acordo com Maria Beatriz Vannuchi (2017):

a violência não é um dado natural, é uma construção a serviço das necessidades dos grupos. Volto a afirmar: os grupos, com sua escala de valores, sua definição do que é ser bom ou ser mau, geram suas com-paixões amorosas e odiosas, ou seja, criam vias para a expressão de amor, mas também de agressividade, a fim de fortalecer seus laços internos. (p. 61)

A hegemonia da branquitude produz o desligamento dos vínculos sociais e a desconsideração com a construção do bem comum em virtude da omissão diante das desigualdades. Segundo Maria Aparecida Bento (2009):

A imagem que temos de nós próprios encontra-se vinculada à imagem que temos do nosso grupo, o que nos induz a defendermos os seus valores. Assim, protegemos o “nosso grupo” e excluimos aqueles que não pertencem a ele. Dessa forma, a exclusão passa a ser entendida como descompromisso político com o sofrimento do outro. (p. 29)

Esse descompromisso cria um *sujeito* “auto-fundado” que tende à onipotência, que atua a cultura do egoísmo. Como reinventar o encontro com o outro? Como despertar a empatia diante do sofrimento? Como rever a trama pulsional estabelecida nas relações? Creemos que esse longo e pedregoso caminho se inicia pelo exercício de olhar o outro com inteireza. Voltemos o olhar à mulher negra.

2 NEGRA TRAMA FEMININA: QUEM É ESSA MULHER?

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Fragmento do discurso de Sojourner Truth. Convenção de Akron, em 1851.

A feminilidade, nos moldes da cultura ocidental, sempre foi marcada pela ideia de inferioridade. Contudo, à mulher branca, ao longo da História, era possível atribuir algum valor pela via da domesticidade, pela sua dedicação ao lar, ou por sua pureza pela dedicação religiosa. A imagem da mulher branca então foi construída como frágil e vulnerável; adjetivos que não são aplicáveis à mulher que tem a força de trabalho e o próprio corpo explorados. Segundo a feminista negra norte-americana, Patrícia Hill Collins (2015): “... as imagens enaltecidas da feminilidade branca necessitam das imagens desvalorizadas da feminilidade negra para poder manter certa credibilidade.”(p. 26).

O Movimento Feminista do Brasil é um dos movimentos mais atuantes dentre os movimentos sociais do país. Fato que ilustra essa potência foram os encaminhamentos da Constituição de 1988, que contemplou cerca de 80% das suas propostas, o que mudou radicalmente o *status* jurídico das mulheres no Brasil.

Porém a especificidade da vida da mulher negra pede um olhar que não seja universalizante, pois sua realidade, ao contrário da mulher branca, é definida pelo entrecruzamento de duas forças opressoras. Ela não é somente golpeada pelo sexismo, mas é também ferozmente atacada pelo racismo. A feminista negra americana, bell hooks (2003), também afirma:

As mulheres brancas que dominam o discurso feminista – as quais, na maior parte, fazem e formulam a teoria feminista – têm pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia, do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista.” (p. 196)

Para construir a igualdade é preciso que se reconheçam as diferenças. Para que o feminismo faça sentido às mulheres afrodescendentes é preciso, como afirma Sueli Carneiro (2003), que ele se “enegreça”, é preciso que se compreenda e combata o entrecruzamento de duas ideologias da dominação. Segundo ela:

A consciência de que a identidade de gênero não se desdobra naturalmente em solidariedade racial intragênero conduziu as mulheres negras a enfrentar, no interior do próprio movimento feminista, as contradições e as desigualdades que o racismo e a discriminação racial produzem entre as mulheres, particularmente entre negras e brancas no Brasil. O mesmo se pode dizer em relação à solidariedade de gênero intragrupo racial que conduziu as mulheres negras a exigirem que a dimensão de gênero se instituisse como elemento estruturante das desigualdades raciais na agenda dos Movimentos Negros Brasileiros. (p 120)

O não reconhecimento da dupla violência impingida contra a mulher negra serve apenas como invisibilização de sua dor e impedimento de sua luta, luta travada em duas frentes. Barbara Smith (1983) assim nos diz:

Nossa situação como pessoas negras exige que tenhamos solidariedade acerca da questão da raça, algo que mulheres brancas certamente não precisam ter com homens brancos, a menos que seja por solidariedade negativa como opressoras e opressores raciais. Nós lutamos juntas com homens negros contra o racismo, enquanto lutamos contra homens negros a respeito do sexismo. (p. 275)

Um exemplo bastante ilustrativo dessa sobreposição de opressões e as consequências dessa negação foi dado por Kimberle Crenshaw, em seu texto “A Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero”; no qual relata o caso da empresa General Motors.

Várias mulheres afro-americanas protestavam alegando que a referida empresa se recusava a contratar funcionárias negras. Havia empregos para homens negros na linha de produção, que privilegiava a contratação masculina. E empregos nas áreas de escritório, nas quais as mulheres brancas tinham a preferência. Assim, as mulheres negras ficaram excluídas de qualquer posto de trabalho. Entraram, então, com um processo judicial alegando discriminação de raça e gênero.

O tribunal entendeu, porém, que a empresa não praticava racismo, pois contratava homens negros. E igualmente não poderia ser acusada de sexismo, pois contratava mulheres brancas... É inegável que a problemática da mulher negra só pode ser compreendida se a trama da interseccionalidade raça e gênero for considerada.

Muitos fios compõem a trama da mulher negra. Katherine Bankole (2009) assim afirma: “As mulheres negras eram culpadas por serem vítimas e intensamente punidas por sua ‘falta de gênero’ ”(p. 256). A pergunta de Sojourner ainda ecoa... A mulher negra também não é uma mulher? Quem afinal é ela? Pensemos um pouco sobre a construção da feminilidade negra através de seus processos históricos, que não se iniciam na escravatura.

O historiador senegalês Cheikh Anta Diop (2014) aponta duas formas de organização social que surgiram do que ele denomina “nichos ecológicos” distintos. Os grupos que migraram para o norte do globo e ali se estabeleceram encontraram condições hostis devido ao frio intenso. Surgiu nessa parte do globo uma sociedade que apoiou sua sobrevivência no homem caçador e no isolamento em pequenos grupos fechados; o que promoveu uma estrutura social marcada pela patricentralidade e pela xenofobia. No polo meridional do planeta, o grupo social que sobrevivia da agricultura era construído ao redor da mulher, formando uma sociedade matricentrada. Os africanos se organizavam em sociedades complexas em que a primazia da ordem social cabia à mulher. Nas palavras de Vania Maria da Silva Bonfim (2009):

Até o advento do Islã e do cristianismo na África, a maioria das sociedades africanas era *matricêntrica*, a saber, matrilineares e matrifocais, embora num contexto de hegemonia masculina no campo militar e político. Essa força do universo feminino é um indício de quanto a posição social da mulher era elevada. (p. 224)

E de acordo com Cheikh Anta Diop (2014):

A emancipação da mulher na vida doméstica é um fato, assim como a xenofilia, o cosmopolitismo e o coletivismo social, tendo como corolário uma tranquilidade que conduz à despreocupação com o futuro, e uma solidariedade material de direito garantida para cada indivíduo. (p. 177)

Ao postular esses distintos “berços matriciais” que coexistiam paralelamente no mesmo período em diferentes regiões do planeta, Diop desconstrói tanto a teoria de um universalismo patriarcal, como a concepção evolutiva na qual o sistema matriarcal primitivo deu lugar progressivamente ao patriarcado desenvolvido e superior.

Por uma perspectiva afrocentrada, a feminilidade não é definida pela inferioridade ou fragilidade. Molefi Kete Asante (2009), em seu texto “Afrocentricidade, mulheres e gênero”, afirma: “A afrocentricidade, como uma perspectiva inovadora na vida intelectual do Ocidente, sustenta que os valores humanos não devem ser meramente neutros com respeito ao sexismo, mas *agressivamente antissexistas*” (p. 63) (grifo nosso).

Com o escravismo criminoso dos africanos a mulher africana é transformada de protagonista social em escrava, introduzida em uma ordem social que define seu ser feminino e negro como inferior. Essa imagem totalizante da mulher negra escravizada encobre a história do protagonismo feminino nas sociedades africanas tradicionais.

Para Katherine Bankole (2009), o resgate da feminilidade africana, que se estende a todas as mulheres da Diáspora, está não só na transmutação da ideia da fraqueza em força, mas também na percepção das estratégias usadas por essas mulheres para combater as estruturas de poder, sendo todas as ações nutridas pela relação com a comunidade. As mulheres negras têm uma tradição de apoio e cuidados mútuos presente desde a época das

cortes das Rainhas-Mães, compostas só de mulheres no antigo Daomé. Havia também essa tradição no Brasil colonial, com a Irmandade da Boa Morte na Bahia, na qual mulheres se uniam para não só dar um funeral digno às companheiras, mas também comprar a alforria de muitas. A mesma confluência de esforços era vista no período pós-Abolição, nas comissões Rosas Negras e Cruzada Feminina, que faziam parte da Frente Negra Brasileira, nas quais mulheres atuavam promovendo ações de alfabetização, arrecadação de material escolar e uniforme, para fortalecer os seus. Barbara Smith em seu delicado texto “Home Girl’s” nos conta sobre a sororidade das mulheres de seu grupo familiar e da Igreja Batista, que se constituía como família estendida. Exemplos que mostram que o que marca a feminilidade da mulher negra não é a fragilidade, mas a força construída no vínculo de muitas. Nas palavras de Katherine Bankole (2009):

A História das mulheres negras denota que a verdadeira feminilidade africana não se realiza sem o serviço à comunidade. Além disso, a busca de conhecimento também é um aspecto importante dessa feminilidade, propiciando a aquisição de informações relevantes para a rebelião, a organização e a comunidade. (p. 274)

A subjetividade da mulher negra é forjada em meio a heranças antagônicas: liderança e submissão, protagonismo e opressão, honra e humilhação. José Moura Gonçalves Filho (2004) nos ensina que a humilhação social é um golpe da dominação que atravessa gerações, atingindo os antepassados e os que estão por vir. Assim, podemos igualmente pensar que se a marca psíquica da humilhação se faz indelével, a honra e o protagonismo no universo negro feminino também compõem uma herança psíquica que precisa ser reconhecida para ser evocada.

Patrícia Hill Collis (2016) igualmente nos alerta que o patriarcado branco hegemônico, autodeclarado como modelo ideal, sempre colocará a mulher negra no extremo negativo de sua pretensa escala de valoração humana; portanto, para que a mulher negra se liberte e se empodere é preciso que ela se autodefinha. Segundo ela:

Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade tem o direito de estarem nessas posições.(...) o ato de insistir na auto definição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos. (p. 104)

A autodefinição da mulher negra abre a porta de passagem do ideal narcísico branco para o amor próprio negro, da relação persecutória para o acolhimento, dando a ela acesso à experiência de si mesma como um ser pleno.

3 O BORDADO DE CADA UMA

A palavra gera mundos. Não é por acaso que em muitas cosmogonias a palavra é o princípio da origem da vida. As palavras são mágicas, por isso presentificam tanto bênçãos como feitiços. As palavras encantam, bem sabem os enamorados. As palavras curam, bem sabem os terapeutas. Devolver a palavra às mulheres é devolver o encantamento ao mundo e promover cura. Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça.

“Não escutar” é uma estratégia que protege o sujeito branco de reconhecer o mundo subjetivo das pessoas negras... Historicamente, isso tem sido usado como marca de opressão, pois significa negar a subjetividade de pessoas negras, bem como seus relatos pessoais de racismo. (Grada Kilomba, 2019, p.122)

Na contramão dessa conduta, abrimos espaço para as vozes das mulheres negras e, com ouvidos atentos, colocamos nossa intenção e nossa atenção para escutar a cada uma em sua singularidade.

3.1 MAITÊ

Meu nome é Maitê Lourenço Raimundo, tenho 33 anos, sou psicóloga e empreendedora. Quando você me pediu pra pensar na Maitê criança, me vem à mente uma fase de muito sofrimento. Eu lembro que com oito, nove eu já entendia que eu não podia vestir preto, porque as pessoas achavam que eu estava pelada. Preto pra mim era uma cor de luto mesmo, uma cor de morte. Eu lembro que com nove, dez eu colocava as roupas pretas que eu tinha, as poucas roupas pretas que eu tinha e escrevia nuns pedacinhos de papel que eu queria morrer, que eu queria morrer. E aí eu dava um jeito de pegar uma faca na cozinha, escondido da minha mãe e tentava me cortar, tentava, nunca consegui. Mas eu tentava e na minha esperança eu queria acordar morta. Como eu não conseguia eu dormia com aqueles objetos do meu lado. Eu queria muito acordar e não estar mais lá, eu queria não acordar na verdade. Isso me causava muito sofrimento e hoje eu consigo entender que era esse lugar da cor. Eu era uma menina negra...

Miriam: Você lembra de alguma situação que te levava a fazer isso?

Maitê: Por incrível que pareça não! Eu lembro que eu não queria viver. Eu lembro também que na escola eu lutava muito, nessa mesma época eu fazia karatê e os meninos me chamavam de macaca e eu chutava eles, socava eles, batia neles e tudo mais, nas meninas eu puxava cabelo e tal. Eu tinha que lutar, eu tinha que lutar pra poder estar naquele espaço. E eu não conseguia associar essa situação da escola com essa tristeza que eu tinha. Mas eu tinha

pra mim que era esse corpo, esse corpo que eu não queria ter, era ser uma pessoa que eu não queria ser.

Meu pai gostava muito de viajar, ele era segurança na Sabesp, funcionário público, e eu lembro que nos fins de semana que ele estava de folga ele gostava muito de pescar e a gente ia muito pro interior de São Paulo. E eu detestava acordar cedo e a gente brigava muito por conta disso, porque eu queria ficar dormindo e ele queria viajar. Minha irmã sempre muito disposta, muito disponível e a minha mãe ficava dividida porque ela queria a família inteira junta, mas ela via que eu não queria ir e às vezes ela ficava comigo. E eu sentia que meu pai não gostava muito de mim. Acho que somava tudo isso né? Esse lugar de não ser uma criança querida, junto com esse lugar de não me sentir bem com esse corpo que eu tinha, de ser uma pessoa que não queria ser. Enfim, de criança eu não... Mas tenho sim lembrança de momentos alegres, lembro de estar viajando, eu adorava piscina, gostava muito de estar na água... Mas sempre tinha uma pontuação, minha mãe sempre falava:

— “Menina sai do sol senão você vai ficar azul! Olha como você está azul!”

Na hora que se referia à tonalidade sempre se referia à “sua” cor, “sua” tonalidade. “As primas da família do seu pai é que são 'dessa' cor”... Não a cor da minha mãe, minha mãe tem uma tonalidade mais clara que eu, não da cor do meu pai e da minha irmã também. Eu tenho a pele mais escura, sou retinta. Então é sempre: da sua cor, igual você, você, não igual a nós. Eu sinto isso.

Quando criança também eu era muito tímida, muito quieta e pouco estabelecia relacionamentos com outras crianças. Eu me lembro inclusive de ter sofrido *bullying* de outras crianças negras também, pelo fato de ser muito quieta e tudo mais. Se somou muita coisa negativa. Eu fico pensando hoje, as pessoas que viram como eu era, me vendo na TV, deve dar um parafuso na cabeça. Eu era muito quieta, muito quieta mesmo. Eu fazia muita bagunça em casa, era arteira, não de destruir coisas, mas de planejar, de arquitetar coisas, tipo assim de puxar um barbante de uma ponta a outra e esperar alguém passar sabe? Ficava bolando planos pra fazer alguém cair. (risos) Mas em compensação na brincadeira de cabra cega eu era aquela que batia com a cabeça na parede e acabava a brincadeira, sempre a perdidona. Enfim...

M: E com os professores na escola?

Mt: Então, tenho pouca lembrança da escola, você acredita? Parece que eu apaguei a época da escola. Eu estudei da primeira à sétima série na mesma escola e essa escola tem uma particularidade, era o SESI, ela tinha sete salas em toda escola. Dividia três turnos em sete salas. Então todo mundo conhecia todo mundo. Só que por incrível que pareça só tenho lembrança da minha quinta e da minha sexta série, que eu fiquei na pior sala, 5º C e 6º C, a

gente fazia arte, muita arte, eu lembro que essas duas salas eu curti muito tá lá, principalmente a sexta série, por incrível que pareça. Nesse período, eu comecei jogar futebol, com treze anos e me identifiquei demais com o futebol, eu gostava muito. Engraçado que eu lembro quando eu tinha uns seis, sete anos eu perguntava pro meu pai assistindo futebol: quem é esse cara de amarelo que fica aí no meio? Só ele tá de amarelo! (risos) E depois acabei tendo interesse de jogar. Aos onze anos meu pai faleceu, quando eu tinha onze anos meu pai faleceu com ataque fulminante do coração. Ele tinha que fazer o transplante, mas ele não quis entrar na lista, ele não quis, mesmo os médicos dizendo que era importante pra ele sobreviver, ele não quis. Foi curioso porque, como ele gostava muito de pescar, o sonho dele era comprar uma chácara, ele queria porque queria comprar uma chácara. Ele comprou a chácara em setembro, em outubro ele faleceu. Ele cumpriu com aquilo que ele queria. Eu sinto muito a ausência dele, eu acho que minha formação como mulher, de afetividade, de como lidar com os homens, depois da morte do meu pai...tudo se fragilizou demais. A minha construção de adolescência pra adulta se fragilizou por conta dessa ausência do meu pai, mas eu sinto que se ele estivesse vivo eu ia continuar sendo aquela menina tímida, quietinha que nada fazia. Porque ele tinha um controle sobre a família muito grande, a mãe era muito submissa a ele, minha mãe era dona de casa, então o dinheiro vinha dele, as coisas vinham dele. Fazia anos que ela não comprava roupa por exemplo, ele sempre dizia: “Pra que? Imagina, não precisa!”. Ela tinha que ficar pegando dinheirinho de sobras, pra comprar o hidratante dela, os produtos de beleza dela, mínimos né? Era assim desodorante, hidratante... E eu lembro que eu com onze, minha irmã com treze quando ele faleceu. A gente ia nos lugares porque ele levava, ele que guiava a gente. Tá certo que a gente era menor, mas tinha esse lugar dele. Comprar roupa por exemplo, era a gente ir no Brás e ir nas lojas que ele escolhia, comprar as coisas que dizia: “Isso aqui é bom pra você”. Ele tinha controle demais, a ponto de quando ele faleceu, o ex-dono da chácara ficou sabendo e logo depois veio conversar com a gente e aí ele falou:

— “O pai de vocês comprou a chácara por causa de vocês”, apontando pra mim e pra minha irmã. “Porque ele disse que vocês estavam crescendo, ficando mocinhas e então ele queria recolher vocês”. Porque a chácara era bem distante e a ideia era morar na chácara, ele ia construir uma casa nova pra gente morar lá. Tinha esse lugar de proteção, do controle. E quando ele falece a gente não tem outra alternativa senão se virar. E aí desse se virar saiu essa Maitê mais extrovertida. Perdida total que eu sou dos lugares, mas que tinha que se comunicar pra chegar nos lugares, tinha que perguntar pras pessoas. Perguntava pra um esquecia, tinha que perguntar pra outro. Se fosse com ele era: “Pai me leva em tal lugar”. Ele tinha toda uma estrutura que fazia pra que a gente não precisasse trabalhar, ele comprava carro batido,

arrumava e revendia. Muita gente ficou devendo, minha mãe ficou com vários cheques, pessoas não pagavam depois que souberam que ele faleceu, enfim... Foi difícil essa época, depois que ele faleceu, porque o inventário demorou cinco anos para sair, e desses cinco levou uns anos pra sair a pensão. Meu pai era aposentado já. Ele tinha seguro e minha mãe teve que administrar. Ela começou a trabalhar quando eu tinha de quinze pra dezesseis anos, porque não estava dando mais. Mas quando eu tinha dezessete anos ela pegou uma pneumonia e a gente decidiu que ela não ia mais trabalhar, que a gente ia ter que se virar com o dinheiro que tinha e logo depois chegou a pensão. Eu lembro que a gente ia no centro, não lembro o nome da rua, ali na Praça da Sé, tinha várias financeiras e minha mãe saía da Crefisa com um cheque e entrava na Fininvest pra pagar a Fininvest. A gente viveu muito essa sensação de dever, foi muito difícil.

Nesse contexto, minha irmã sempre foi muito... muito a parte de tudo isso. Eu tenho uma irmã mais velha, mas ela sempre foi muito, como é que eu posso dizer...ela é irresponsável até hoje. Ela acha que as coisas caem do céu. Até hoje ela acha que a pensão que minha mãe tem do meu pai, ela também tem direito. Ela não se importa de deixar os filhos dela com a minha mãe porque sabe que eles estão bem porque sabe que minha mãe tem a pensão então tá tudo certo. Ela não vê que aquilo é pra minha mãe, pra velhice dela, que talvez ela pudesse poupar, então vê assim: “Minha mãe não vai gastar, então deixa meus filhos lá e tá tudo certo.” Eu tenho esses dois sobrinhos, dois filhos dela de pais diferentes.

Já na adolescência com catorze anos eu decidi que eu não ia mais estudar a oitava série naquela escola, porque aquele lugar pra mim foi extremamente opressor. A ponto de eu passar em frente e passar mal. Outro dia eu passei em frente e...Opressão por questão racial e de gênero. Quando era menor, até meus quinze anos, eu era meio gordinha, eu não tinha um corpo escultural, meu corpo veio se modificar depois, então eu parecia muito com menino. Me infernizavam, me chamavam de nomes de meninos e ficavam brincando com isso e tudo mais. Era horrível. Sofri bastante questão de gênero e raça. No prédio também, no condomínio que eu morei até o ano passado, também a mesma coisa, as pessoas brincavam muito com essa coisa do gênero. Tinha um menino lá que chamava Felipe, negão também, o pessoal chamava de Felipão. E o pessoal brincava: “O Felipão tá vindo, ah não... é a Maitê!” E me chamavam de Felipão, Felipão... era muito ruim pra mim. Então com catorze anos decidi que ia pra uma escola municipal, que era um pouco distante da minha casa, mas que tinha uma reputação boa, na medida do possível de uma escola pública. Isso foi em 99. Quando eu vou pra essa escola eu descubro um outro mundo, um mundo em que as pessoas me respeitavam. Eu lembro que na escola um cara pegou na minha mão assim! E eu tinha

feito as sobrancelhas, era a primeira vez que eu tinha feito as sobrancelhas, e quando ele pegou na minha mão eu pensei: “Nossa vou fazer sempre as sobrancelhas”. (risos) Mas puxei a minha mão, não paquerei o cara, puxei minha mão e fui andando.

Aí com catorze anos eu me reconheço como alguém que tem a liberdade de fazer escolhas. Fiz amizades, acabei me permitindo ser uma adolescente. Naquele momento eu deixei de lado esse lugar de tristeza. Tinha sim as questões raciais que pautavam o tempo todo, mas era mais leve, eu tava numa turma, tava numa escola que não era tão pequena, era bem grandona e lá eu era só mais uma pessoa. Eu não era aquela menina que todo mundo zuava e conhecia, eu era só mais uma pessoa. Era curioso porque tinha uma outra Maitê lá e foi a primeira vez que eu me deparei com alguém com o mesmo nome que eu. A menina já tava na escola já um bom tempo, então as pessoas chamavam pelo nome dela e eu descobri então que tinha uma menina com mesmo nome. Foi gostoso saber que eu não era a única. Por sinal na infância eu queria me chamar Patrícia, porque Maitê era um nome tão diferente e eu queria ter um nome comum, como todo mundo, eu queria ser todo mundo. Eu ficava sempre nesse lugar de diferente, ficava sempre distanciada de todo mundo. Na adolescência foi ótimo, foi uma fase muito boa. Depois que eu percebi que eu podia ir pra onde eu quisesse, que eu podia construir as relações que eu quisesse, eu comecei a me distanciar da minha irmã, detalhe, uma coisa que eu não lembrava e agora eu lembrei: minha irmã acabava com a minha autoestima. Ela falava que eu era feia, que eu era gorda, que ninguém gostava de mim... a gente nunca foi amiga

M: Você acha que tem a ver com o tom de pele?

Mt: Acho que sim também e com ciúme também. Até dois anos ela tinha tudo e depois teve que dividir e ela não admite dividir até hoje. Eu sinto isso, que eu atravessei o caminho dela e ela não curtiu. Até no ano novo ela mandou uma mensagem: “É...2017 foi um ano muito bom pra você né e tal, desejo que a gente não se odeie...”. Eu não odeio ela, só sou indiferente. E aí quando vou pra essa escola e eu me distancio dela também, isso me dá mais forças. Antes eu ficava muito à mercê dela, ela era uma das pessoas conhecidas na escola, era uma das mais desejadinhas porque começou a vida sexual muito cedo, então os meninos procuravam ela pra transar. E eu não queria ser conhecida por conta da minha irmã, eu queria ser eu, precisava ser eu. Quando eu vou pra essa escola e descubro que eu podia ser eu, eu descarto qualquer possibilidade de estar perto dela. E ela queria conhecer meus amigos e eu evitava.

E aí com quinze anos eu vou na minha primeira balada, num regue. Todo mundo fumando maconha e pensava eu não vou fumar porque meu olho já é vermelho, se eu fumar

vai ficar mais vermelho ainda. Foi muito legal essa época. Meu corpo começou a ser um corpo mais feminino, eu lembro usava uma sainha curtíssima, tinha um corpo muito bonito. Eu lembro que enquanto eu emagreci, minha irmã começou a engordar. Hoje eu me considero magra, mas eu era muito mais magra. Foi uma fase muito boa de me conectar comigo mesma. Afetivamente zero a esquerda, eu me sentia muito inadequada nesse sentido de relacionamento afetivo. Eu tive meu primeiro namorado com dezessete anos e foi bem singular porque ele era amigo da minha irmã, tinha ficado uma vez com ela, aí minha irmã conheceu o pai do Mateus e acabou descartando esse menino. Uns dois, três anos depois, a gente foi se aproximando e aí surgiu a possibilidade da gente namorar.

M: Ele é branco ou negro?

Mt: Negro! Negro! Homens brancos, eu tinha pra mim assim, que não era pra mim. Eu os colocava num lugar superior. Nunca me vi com um homem branco.

Ficamos junto uns seis meses, perdi a virgindade com ele, aliás perdemos a virgindade juntos. Foi horrível! Foi um caos. (risos) Hoje a gente se curte no facebook, mas não tem mais proximidade. Ficamos uns anos tendo um relacionamento esporádico, aquela coisa de comer, sair, dar umas voltas pelo planeta... eu descobri depois que nesse período ele ficou com a minha irmã. Aliás ela fez questão de me descrever como era o pinto dele! Quando tive a oportunidade de encontrá-lo, eu perguntei pra ele e ele confirmou. Ele ficou bem mal também porque sacou que era porque eu era ex-namorada dele. Eu só conseguia chorar. Foi a pior traição que eu passei, minha irmã ficar com alguém que foi meu, que eu gostei. Minha irmã aparece em muitos momentos da minha vida, mas sempre de uma forma muito negativa. Minha adolescência foi isso assim: foi esse descobrir o mundo, mas restrita na afetividade. E aí eu fiquei até os dezenove anos sem ficar com ninguém. Com dezoito anos eu entrei numa empresa de telemarketing, com dezenove meu sobrinho nasceu. Foi um marco muito importante, porque eu odiava criança e quando meu sobrinho nasce, nasce junto com ele alguém sensível sabe. Alguém que se preocupa com os outros. Não nasce uma mãe, não me vejo como mãe, mas nasce alguém que consegue cuidar. Um ano depois eu me torno voluntária num abrigo de crianças. Cara aquilo era maravilhoso pra mim! Poder estar lá brincando com as crianças... sem saber direito, eu sabia que era importante pra elas eu estar lá, elas verem uma mulher negra pra além do espaço do abrigo. Eu não tinha noção direito, mas sabia que era importante. A questão racial, de uma forma mais política veio sem querer.

Eu decidi fazer cursinho e eu tava entre a Poli e o Núcleo de Consciência Negra. E eu decidi ir pro Núcleo de Consciência Negra. Tenho amizades até hoje dessa época, somos quatro amigas que mantiveram amizade desde 2001.

M: A maior parte das suas amizades é negras?

Mt: Sim! A maioria é negra. Tenho como contar nos dedos as amigas não negras que eu tenho. Tenho uma amiga branca, mas agente se fala superpouco e uma outra de origem chinesa que entrou na minha vida o ano passado. De resto todo mundo é negro. Tem uns que não acham que são, (risos) mas aí, né?, a gente pensa: um dia você vai entender.

Então com dezessete anos eu vou pro Núcleo, mas fiquei dois meses só porque não dava conta. Eu estudava de manhã, tava fazendo terceiro ano, eu ia trabalhar, trabalhava no Ministério do Trabalho, saía quatro horas de lá e de lá ia pro cursinho. E na época não tinha metrô, quer dizer, tinha, mas eu não tinha grana pra isso, então eu ia até o Pq. Dom Pedro e chegava quase uma da manhã em casa. Era muito cansativo. Então eu fiquei só dois meses, mas carreguei amizade pro resto da vida. E junto com esse pessoal do cursinho eu ia muito pra balada *black*. Dos dezoito aos vinte e quatro eu batia cartão nas baladas *black* da vida, só que não pegava ninguém. Eu era muito tímida, insegura mesmo, extremamente insegura. Eu ia muito pra cidade de Tietê, sabe? Onde tem a festa de São Benedito todo último fim de semana de setembro. E a gente ia sabendo que ia pra coisas que eram negras, né? Esse grupo me fez pensar que a gente tem que fazer coisas que são pra nós, né? Daí vem minha construção: vamos pra balada *black*, vamos pra Tietê... festa de um santo negro... isso foi muito importante pra mim. A negritude vem pra mim como potência, essa coisa da força, da festa, sabe?! Que loucura agora que eu fiz essa reflexão!!! Entrei na faculdade com 23 pra 24 anos e no finalzinho da faculdade uma professora chega... Já tava me incomodando essa coisa de em nenhum momento ninguém falar sobre as relações raciais. E no sétimo semestre a gente tinha que escolher uma ênfase, tinha ênfase em Saúde e ênfase em Educação. E fui pra ênfase em educação, era primeira turma da UNINOVE por exigência do MEC, todo mundo queria ir pra Clínica e tinha pouco quórum pra Educação, era eu e mais três pessoas. A gente brincava que cada um era 25% da sala, faltava um: gente estamos apenas com 75% da sala hoje. E foi muito importante porque nessa sala era um gay, uma japonesa, uma gótica e uma negra, ou seja, a gente tinha o tempo todo que perpassar por essas questões: uma descendente de oriental que estuda numa faculdade de segunda linha, que negócio é esse? Um cara gay que é funcionário público e trabalha com cultura, que lugar que esse cara tá? Uma gótica que adora estudar a transsexualidade e a negra com as suas questões. Então nesse grupo eu me vi potencializada para pensar a questão racial, muito, muito. Então todas as coisas que eu passava eu acabava compartilhando ali.

E aí chegou uma professora dizendo que o nosso TCC tinha que ter relevância científica e pessoal. Científica, beleza, faço uma pesquisa de clima rapidão, avaliar como os

funcionários veem a empresa e tal, trabalhava em RH, científico, beleza, mas pessoal... Relevância pessoal, o que é relevante pra mim? Ser negra, ser uma mulher negra! E aí me perguntavam: qual é a relevância científica? Aquilo acabou comigo. Fiquei um semestre rodopiando, ia pra pesquisa de clima mas não conseguia fazer, não era aquilo. E aí no semestre que fui entregar o esboço do TCC eu acabei reprovando, porque eu ia muito timidamente perguntar se podia falar da questão racial, porque eu não tinha confiança, né? Eu passei quase cinco anos sem ter referência da questão racial na Psicologia, eu ia muito tímida falar que eu queria escrever sobre a população negra. Eu passava horas estudando questão racial só que na Sociologia, na Antropologia, na História, na Psicologia; nada. As redes sociais contribuíram, em 2012, 2013, começou a bombar, a gente começou a pautar a questão racial. Eu comecei a ter acesso a essas informações, mas nada na Psicologia. E isso me deixou muito travada, não conseguia escrever, acabei reprovando aquele semestre. Eu era bolsista do Prouni e eu fiquei com muito medo de perder a bolsa e tudo mais. Quando chegou o décimo semestre, que o pessoal já tava entregando o TCC, uma professora chegou pra mim e falou:

— “Estou vendo que você tá aí rodopiando. Do que quer falar”? Ela era da Psicologia Social. Eu falei:

— “Quero falar sobre a mulher negra, mas não sei o quê”.

— “Então tá bom. Escreve aí: 'Estudo Psicossocial da mulher negra através do seriado Antônia!'.”

Quando ela deu o tema eu deslanchei, era só o que precisava, fiz deliciosamente, com um pé nas costas. Aí veio a transição do cabelo, eu parei de alisar o cabelo, foi libertador! 2013 foi um ano libertador, eu tava com 28 pra 29. Lembro que eu fui na minha cabeleireira, branca, lá na zona norte, fui falar pra ela que eu não ia mais alisar o cabelo. Olha que loucura! Lembro que ela me falou que eu podia ter ligado, não precisava ter ido até lá. Mas sentia que eu tinha um compromisso comigo mesma de olhar na cara dela e dizer: não aliso meu cabelo nunca mais! As redes sociais me ajudaram muito, porque tinha vários tutoriais dando dicas de como cuidar do cabelo e tudo mais. Eu comecei acompanhar meninas que tinham o cabelo cacheado, crespo, depois eu vi que tava acompanhando errado, meu cabelo era carapinha e eu tinha que aprender lidar com ele. Aos poucos fui me vendo bonita, me tornei uma mulher bonita de 2013 pra cá. E aí profissionalmente também deslanchei, percebi que eu podia estar em todos os lugares. Não precisava fazer necessariamente o que eu fazia. O que eu fazia antes: eu ia trabalhar em Alphaville morando na zona leste. Eu trabalhei na Catho e odiava trabalhar lá. Eu saía de casa às cinco da manhã pra chegar lá às oito. Eu fazia aquilo porque eu sentia que era aquilo que eu tinha, eu não achava que tinha outras alternativas. Parecia que eu

tinha que pagar pelos meus pecados, o pecado de ser negra. Quando comecei a estudar as relações raciais vi que não era assim. Aí chutei o balde! Fiz de tudo pra ser mandada embora e consegui. Vi também que não queria mais trabalhar como CLT, num emprego formal. Aí surge uma vaga pra dar treinamento e viajar o Brasil. Falei Nossa! E já me imaginei pegando a malinha. Quando eu fui fazer a entrevista, eu tava de trança, aquela trança nagô. A trança já tava zuada, não queria tirar as tranças porque ia refazer logo. Aí pensei: quer saber? Vou de turbante! A primeira vez que eu usei turbante na vida foi numa entrevista de emprego. Olha a audácia da pessoa! Coloquei um lenço preto, se liga na cor, olha o detalhe da cor! Puxa agora que eu me toquei!! Fui. Ficou lindo! Fiz como se nada tivesse acontecendo, fiz a entrevista, voltei pra casa. Passou alguns dias me ligaram: “Olha nós não fechamos contato com aquela empresa, mas temos uma outra vaga pro Itaú. Você tem interesse?” Claro! Foi show de bola. Mas teve um detalhe: eu tava na transição do cabelo e tava usando trança, aí uma consultora chegou pra mim um dia e falou :

— "Olha, não tá no código de ética, mas assim... não é bom você vir de trança, né? É bom vir com o cabelo normal."

E fazia gesto com a mão mostrando um cabelo escorrido, liso.

— "Se você puder deixar o cabelo 'assim'."

Aí expliquei pra ela que não tava usando mais química, que tava na transição, deixando meu cabelo voltar ao natural. E ela insistia:

— "É... mas melhor deixar ele normal, 'assim...' "(mostrando com a mão).

Aquilo acabou comigo. Pensei: “Cara, e agora?” Eu ia começar a dar treinamento pra uma turma. Pensei: “Cara, não aceito voltar a alisar o cabelo, isso foi muito importante pra mim.” Mas me sentia muito insegura, não conseguia prestar atenção nas aulas, não conseguia prestar atenção em nada. Aí fui falar com uma outra consultora, que por sinal é negra, mas não sabe, (risos) e ela: “Imagina! Vem do jeito que você quiser! Você foi contratada assim! Tava até de turbante no dia, eu lembro!”. Aquilo me deu uma revigorada. Meti a trança no outro dia e fui trabalhar. Chegou o momento de dar meu treinamento e boa. Um mês depois, voltei lá pra fazer outro treinamento lá e tinha duas meninas negras que fizeram treinamento comigo, que tinham os cabelos alisados, e elas estavam de trança! Não tavam mais “by Itaú”!!! Vi como era importante vencer o estereótipo da branquitude, não precisava me clarear. Na hora que vi aquilo eu entendi porque que eu tinha que estar lá!

A cultura do Itaú não era uma cultura que eu gostava, acabaram reduzindo o número de treinamentos também, com a crise de 2014, acabou não fazendo muito sentido pra mim

estar lá. Nisso eu comecei a pegar firme a Cia de Currículos, uma empresa que eu tinha montado, mas também não era o que eu queria.

Nesse mesmo período eu fui pra Recife na PSINEP e conheci a Jaride Arraes, ela estudava Psicologia e hoje é escritora, ficamos superamigas e ela acabou vindo pra São Paulo pra trabalhar num coletivo chamado Casa de Lua, na Vila Madalena. E ela me chamou pra atender como psicóloga na Casa de Lua. Em janeiro elas tavam querendo que alguém morasse na casa, porque tinha uma edícula no fundo que ficava fechada, lá funcionava um ateliê de costura, mas tava pouco movimentado. Sabe aquelas “patricias”? Então, elas deixavam as coisas lá mas nem iam, não tavam nem aí. E aí elas achavam que a casa ficava muito fechada. E não deu outra, falei: "gente, demorou!" E fiquei morando lá e atendendo, e eu atendia somente mulheres negras. Já fui me voltando pra isso, para esse público. Isso foi em dezembro, em janeiro, dia 25, eu mudei.

Quando eu fui pegar minhas coisas na minha mãe me toquei que eu só tinha um quarto, todas as coisas cabiam num quarto. Me dei conta que com 30 anos eu não tinha nada. Foi muito simbólico pra mim. Mais do que nunca vi que era hora de sair. Mudei dia 25 de janeiro, dia 02 de fevereiro as meninas tiveram uma discussão feia e decidiram entregar a casa e acabar com tudo... Cara, eu tava amando estar lá. Fiquei até 19 de março e depois fui morar num quarto, do tamanho dessa sala. Voltei pra um quarto... de março a dezembro. E atendia na sala da Jaride, na Av. Paulista. Comecei lá em abril, em novembro ela decide que quer dar um fim à sala. Em outubro eu sofro um atentado racista.

Eu tava atendendo no Conjunto Nacional, terminei de atender umas oito horas, mas meu celular tava sem bateria e eu decidi carregá-lo um pouco, porque eu onde morava tinha um casal e o cara era alcoólatra e eu já tinha visto ele bater na mulher. Então eu queria ir de celular carregado porque se acontecesse alguma coisa eu ia ligar. Saí as nove horas, engraçado porque até tirei uma foto no elevador, uma *self*, nunca tinha feito isso. Tava com vestido verde que você gosta.

Quando passei em frente um hotel próximo à Rua da Consolação, tinha uma senhora grisalha, com duas malas, uma bem grande, chique, dessas de viagem internacional, toda de preto, de óculos escuros, nove horas da noite... Quando eu passei ela começou a dizer que todos os pretos tinham que morrer pelas macumbas feitas! Eu olhei pra aquilo e pensei: que que essa doida tá falando? Olhei pra trás e ela gritou a mesma coisa. Pensei: Que idiota ! E mostrei o dedo do meio e saí andando. Nisso ela fala: “ É com você mesmo, sua preta, sua macaca, você tem que morrer!” Aí eu pensei: Ah não! Agora não dá mais! Peguei o celular e comecei a gravar, ela tentou tirar o celular da minha mão e eu fui indo pra trás, tentando me

desvencilhar dela e gravando. Nisso chega uma moradora de rua, branca e começa a gritar comigo: “Sai de perto dela, deixa ela!” Nisso que eu me viro pra moradora de rua, a mulher que tava dizendo que todos os pretos tem morrer, vira e me dá um chute, só que pega na minha bolsa! Nesse momento ficou tudo escuro, só pensava que eu ia bater nela. Aí pensei que eu não podia fazer aquilo. Primeiro porque eu tava gravando, depois porque eu tava sem RG, tinha esquecido minha carteira aquele dia. Aí eu pensei: sou mais forte que ela, tô sem RG e sou negra. Eles me pegam e vão me dar por indigente ainda, quem se ferra sou eu. Eu tinha que externalizar minha raiva de algum jeito, aí comecei a gritar: "Filha da puta! Filha da puta! Filha da puta!" Aí ela veio e jogou um pano em cima de mim, fui pra trás e trombei com um senhor, um velhinho branco também. E ele me empurrou de volta, pra cima dela, me chamando de louca. E eu dizendo: "ela tá sendo racista!" Ele nem aí, foi embora. Ali eu vi que ia ser escorraçada, esse velhinho já me provou que eu não vou ser protegida. Desliguei o celular e fui andando no sentido da Consolação procurar um posto policial. Nisso chega um cara, um homem negro e me perguntou o que tava acontecendo, eu falei e ele pegou na minha mão e disse vem pra cá e me levou sentido contrário até um postinho de polícia que tinha ali perto. Eu tinha esquecido que tinha um postinho perto, nem lembrei. É que você sabe, polícia ... eu nunca me senti protegida pelos policiais. Sinceramente eu sinto mais segura numa boca de tráfico do que com a polícia. Pra polícia eu sou suspeita, de cara. Então, nem lembrei desse posto na esquina da Augusta, nem com o giroflex que puseram lá. Então, quando ele me puxa, a mulher vai pra cima dele: “Você me roubou, seu macaco!”. Ele tava com uma câmera fotográfica pendurada no peito, botou as mãos pra trás e eu pensei: cara ele vai bater nessa mulher! E ele gritava com ela: “O quê? Eu fiz o quê?”. Ele tava com o companheiro dele e uma amiga. O companheiro dele puxou ele e nisso veio vindo um policial calmamente: “Que que tá acontecendo?” E ela continuou falando: “É esses neguinho que vem da Bahia! Fui sete vezes pra Bahia e me roubaram lá! Esses neguinho!”.

E eu falei:

— “Policial, isso é racismo, dá voz de prisão pra ela!”

E ele:

— “Calma. Nós vamos averiguar”.

Aí veio outro policial, os dois brancos, acabaram chamando duas viaturas. E ela falando... começou a muvucar tudo. E fiquei com muito medo disso ficar por isso mesmo e postei o vídeo no facebook e pedi ajuda. Pensei: quem vir compartilha com um advogado. Publiquei e a coisa toda tomou uma proporção muito, muito grande. Isso começou as nove da noite, fui sair da delegacia uma hora da manhã. Quando ela foi depor ela já ficou lá. A

moradora de rua foi junto com ela e na delegacia disse que era filha dela, tudo muito estranho... a mulher bem arrumada e cheirosa, a moradora de rua suja e fedida... Falei pro delegado que não fazia sentido e ele disse que nada tava fazendo sentido ali, mas ela tava presa. Fiquei feliz, só que aí ele disse: "presa por injúria racial".

Eu falei:

— “Não é injúria racial, é racismo!”.

E ele:

— “Você pode dizer que é homicídio, mas quem manda aqui sou eu e eu tô dizendo que foi injúria racial”.

E andava com o código pra cima e pra baixo. Como não queria ir presa também... O menino que ia ser testemunha acabou entrando como vítima no processo, porque ela agrediu ele também. Nisso a Rede Record entrou em contato e nos convidou pra uma reportagem. Repercutiu em várias mídias. Fui pra casa aliviada. Foi a primeira vez que consegui reagir à altura. Tava trabalhando isso na minha terapia.

Eu acabei pensando aqui que quando eu era pequena eu fiquei mais de sete vezes com pneumonia. E cada internação era de no mínimo sete dias, então eu acho que eu não lembro da escola porque eu fiquei muito no hospital. Do hospital eu lembro bem. Lembro que me pai me levava um monte de brigadeiro, eu adoro brigadeiro, e batata Ruffles também. E agora refletindo eu vejo que eu preferia estar no hospital do que na escola. É.. fato eu precisar de tantos cuidados na época... acho que tem a ver com o fato de eu já com nove pensar em suicídio, querer morrer. Tinha uma falta de aprovação do meu pai, a questão racial, a depreciação da minha irmã, tudo isso me fez tão mal a ponto de eu com nove anos querer me suicidar, querer morrer, eu queria muito morrer. (silêncio longo, suspiro)

Então, (fala como quem quer mudar rapidamente de assunto)... depois que eu sofri o ataque racista eu aprendi muita coisa. Aprendi lá no fundo do poço. Meu amigo Michel Porsino escreveu assim no facebook: “Espero que a dor vire potência”. De uma certa forma essa frase introyetou em mim! Lembro que aquele ano novo foi muito louco e pesado. Tô bem confusa, muita coisa... eu fiquei bem mal! Em novembro, a moça que dividia a sala me comunicou que ia desistir da sala, eu já tava sentindo que em algum momento teria que sair. Comecei então a buscar uma casa pra morar e instalar o *Black Rocks*.

M: O que é o *Black Rocks*??

Mt: Então, em 2012 comecei a fazer uns cursos de ciência e tecnologia. Eu tinha um e-commerce, uma loja virtual, que eu vendia currículos. Eu elaborava currículos pra pessoas que tinham dificuldade de fazer currículo. Mas eu fui cansando de ficar ali sentada fazendo

currículo. Eu queria achar uma alternativa e nisso uma moça que também era da Casa de Lua me convidou pra um evento, uma imersão de criatividade. Uma semana inteira, de segunda a domingo, de imersão. E me colocaram num grupo de whatsapp que chamava *Black Rocks* e o líder era o Michel Porcino. Ele trabalhava num braço da prefeitura, na São Paulo Negócios, e ele sentia que tinha que oferecer alguma coisa pra população negra. Aí montou esse grupo no whatsapp para oferecer ingresso pras atividades. Eu percebi a intenção, mas pensei que a gente podia ampliar esse espaço. Já estava angustiada com a Cia de Currículos, não queria mais fazer currículo e decidi conversar com ele. Escrevi um e-mail quilométrico falando da importância da população negra acessar vários espaços e do potencial que ela tem. E ele respondeu que eu era a pessoa que ele tava procurando. Nós começamos almoçar juntos e ele percebeu que eu tinha liderança e vontade de empreender e pediu pra eu liderar o *Black Rocks*. Era pra entender quem eram as pessoas negras que já tinham um negócio ou ideia de startup, e incentivar essas pessoas e oferecer mentorias, mentorias diversas. Tipo: o cara conhece sobre inteligência artificial, a startup é sobre inteligência artificial, vamos botar os cara em contato, fazer mentoria.

Quando aconteceu a situação do racismo, eu tinha ido almoçar com ele naquele dia. Eu saí de casa atrasada pra uma reunião com ele e esqueci a carteira, ainda bem que ele pagava o almoço. (risos) Ele ajudou muito, ajudou com o site, me pôs em vários cursos, conversava com as pessoas, ele é uma pessoa influente nos sistemas de inovação, contatava empresas, conseguia bolsas diversas. Isso favoreceu muito. Aí o *Black Rocks* surgiu. Surgiu com intuito de valorizar as pessoas negras que já estão inseridas no ecossistema, por exemplo quem já trabalha com marketing digital, uma pessoa que já trabalha com comunicação, com designer, eu chamava pra mentoria, pra serem mentores do *Black Rocks*. E aí em junho fiz um evento de mentorias. As pessoas se inscreviam, eu via qual era o tipo de empreendimento e eu conectava com os nossos mentores. Foi muito interessante. Gerou negócios, gerou contatos, gerou conexões, gerou motivações, ideias novas; foi muito legal. E isso foi tomando uma proporção que eu fui ficando conhecida no ecossistema, fui virando uma referência na questão da diversidade racial. Nós tivemos nesse evento 50% de mulheres, conseguimos trazer a população negra e uma população negra que tem potencial, não naquele lugar de miseravelzinho que precisa de alguém pra ensinar coisas básicas, não! As pessoas já estavam lá, já tinham empreendimentos, já estavam falando a língua de negócios. Foi uma coisa muito bonita. Mas demorou uns seis meses, o Michel queria muito fazer alguma em novembro, por causa do mês da Consciência Negra, mas eu ainda tava muito mal e não conseguia fazer nada.

Por causa daquela situação do racismo fiquei muito mal, muito insegura, não conseguia pensar em nada, tava muito insegura. Deixamos de ter atividade naquele novembro porque eu não tava bem. Só em junho que eu me senti mais forte aí acabou surgindo esse evento.

Tinha que ser uma coisa de baixo custo, com potencial alto e que eu conseguisse fazer sozinha. Deu muito trabalho, foi uma loucura, mas foi muito bom.

M: Maitê você falou que em junho você já tava mais forte. Como foi esse período até você ficar mais forte, como foram esses seis meses depois dessa situação de violência? Como você cuidou de você? forte. Ou seja, Maitê, como a dor virou potência?

Mt: Olha, eu lembro que assim que aconteceu a situação de racismo e suas reverberações, eu fui pra casa da minha mãe. E eu lembro que minha sobrinha tinha ganhado uma boneca, uma boneca pretinha, uma boneca dessas caras, famosonas e eu lembro que eu tava chorando e ela chegou com a boneca. Colocou a boneca do meu lado e falou: “Olha, ela vai cuidar de você, porque ela é pretinha, então ela vai cuidar de você!”

E aí cara, quando ela fez isso... (coloca a mão no peito e respira fundo). Cara! O amor preto cura!!! Esse lugar de cuidado foi muito importante, minha mãe, minha sobrinha, minha família, o carinho da minha família, foi crucial nesse momento. A Ariane também foi muito importante pra mim. Ela foi minha professora na faculdade, ela que me deu estágio no décimo semestre. Uma professora negra, baiana, ela foi até a delegacia, me levou comida, ficou comigo lá. Ela viu o que aconteceu no facebook e foi até lá, perguntou o que eu tava precisando, foi lá, levou um lanche. Foi muito importante, ela foi muito especial, me ligava, me chamava pra fazer coisas. O Kwame também foi muito próximo, me ajudou muito. As mensagens no facebook também me ajudaram, me apoiaram, muita gente que eu nem conheço me apoiou no face, muita gente mandou força. Não sei... acho que de tanta dor eu acabo esquecendo de algumas coisas, sabe?

Foi um período que eu trabalhei, eu tava atendendo, eu tava com a Cia de Currículos, mas chegou um momento que eu não conseguia mais fazer coisas que eu não gostava. Detalhe, isso foi em outubro, em janeiro mudei pra cá, em março eu sofri um acidente de carro que se eu tivesse a 60 por hora eu tinha morrido. Eu tava saindo do farol, a 20 por hora, um caminhão veio com tudo e me acertou. O carro acabou. Eu não me machuquei muito, mas fiquei semanas dolorida por mais de um mês. 2017 iniciei com muitas perdas. Pra eu conseguir essa casa também foi um custo. A proprietária é superapegada a essa casa e fez um monte de recomendações, queria saber até a renda mensal do fiador. Pensei até que seria um caso de racismo tipo: “Será que essa preta vai ter dinheiro pra pagar?” Tive que bater o pé.

Foi tudo muito estressante. Mudei em 03 de janeiro, depois fevereiro foi mais calma, mas em 16 de março sofri o acidente. Parecia que o ano ia ser muito difícil. Decidi encerrar a Cia de Currículo e decidi me jogar no mundo.

Eu pensava eu quero mais, eu quero mais e eu quero fazer uma coisa com propósito! Ser relevante na vida de outras pessoas. E até o desenho do *Black Rocks* é um diamante. Eu queria mostrar pras pessoas que elas eram um diamante. Foi aonde eu me joguei de cabeça. Veio muito mais como resistência... acho que é isso!: O *Black Rocks* veio num momento de revolta. Eu tava muito revoltada!!! Então tudo que falavam da população negra: “Ah... não tem...” “Ah não tem? Vou provar que tem!” “Ninguém tem um empreendimento assim”, “Ah é? Te apresento trinta pessoas que trabalham com isso! Aqui ó!” a potência veio do meu lugar de revolta. Fiquei revoltada com tudo. Eu brinco que se o Malcom X tivesse um filho com o Martin Luther King nascia o *Black Rocks*. Isso! A potência veio da revolta! Uma revolta que abriu muitas possibilidades. Sabe... Vamos botar pra foder, vamos fazer um negócio potente, vamos ocupar os lugares, fazer uma parada estratégica sem precisar fazer guerrilha. Vamos fazer uma ocupação não colonizada, a gente não quer ocupar o lugar do branco, a gente sabe que é preto, sabe nosso potencial e a gente quer valorizar nossas características porque nós somos negros, nós queremos potencializar nossos empreendimentos porque nós somos negros! Entendendo nossa história. A minha revolta hoje é nesse sentido, eu brinco que eu sorrio, mas cara... não pisa no meu calo porque você vai ver meu lado Malcom X entrar em ação! Já pacificamente a gente ocupa alguns lugares, eu lembro de um que eu fiz, um evento de mentoria, um evento fechado, eu reservei a sala mas não disse que ia ser de pessoas negras, não especifiquei, são meus convidados e acabou. Só o nome *Black Rocks* já dava pra deduzir que a negaiada ia chegar. Deixei meu sobrinho na porta, junto com um banner do *Black Rocks*, o material em cima da mesa. O pessoal começou a chegar, uma mulher negra, um homem negro, gente negra chegando junto. E tava tendo outros eventos no dia e as pessoas observando aqueles negros bem vestidos, muita gente vinha do trabalho, e o povo curioso, perguntando o que tava acontecendo. E o Mateus explicando toda hora : “É um evento de mentores do *Black Rocks*”. Então o quanto é importante esse lugar de não pedir permissão. De ocupar de forma pacífica, mas mostrando que a gente também pertence a esse espaço, sem segregação. E eu lembro que recebi as pessoas com comidinhas e tudo mais e aí veio um menino que trabalhava no prédio, um menino branco, e ele foi lá e começou a comer as coisas e olhava pra gente pra ver como a gente ia reagir e eu só observando, só pescando... Todo mundo ignorou ele. A necessidade do branco, né? Pra mim fico meio assim: “vocês não me convidaram mas eu quero ver vocês me expulsarem.” Ninguém deu bola pra ele, ele foi

ficando sem graça e foi embora. Mas é o quanto este lugar ainda incomoda os brancos. É isso, o *Black Rocks* é um lugar de potência negra. As coisas estão surgindo, os investidores, um cara superinfluente no meio das Startups escreveu um livro e destinou parte dos lucros para três instituições de tecnologia de inovação: uma é a Associação Brasileira de Startups, outra era de Mulheres Empreendedoras e a terceira é o *Black Rocks*. Eu fiquei surpresa.

M: Você ganhou uma premiação recentemente.

Mt: Na verdade foram duas. (risos) Uma foi ser finalista de uma competição pra ver qual a empresa de Startup era mais relevante, qual tinha mais impacto social. A comunidade podia indicar qual empreendimento tinha mais esse aspecto de impacto social. Nós tivemos mais de 900 votos e ficamos em terceiro, a Startup Hours que promoveu o evento selecionou dez e desses dez três foram selecionados e nós ficamos em terceiro. Por conta da visibilidade que esse prêmio deu, uma moça negra de dentro da Veja, que estava buscando iniciativas relevantes, me indicou. E eles ficaram encantados. Na outra semana ia ter o *Arena Black Rocks* que foi um evento com mais de quatrocentos inscritos e eles foram até o evento e gravaram. E foi muito legal, tava todo mundo com a camiseta do *Black Rocks* e então ficou bem caracterizado. Foi muito bom. Eu não tinha muita noção, ainda mais a Veja que não é exatamente uma revista que apoiaria um evento como *Black Rocks*, né? Muito pelo contrário. Então fiquei muito surpresa em ser escolhida, o que não foi surpresa é que eu era a única pessoa negra a concorrer. A única. Cada categoria tinha três finalistas, eu concorri na categoria Diversidades e ganhei. Subir naquele palco foi muito louco! Ser reconhecida, minha revolta ser reconhecida! Porque eu não me sinto deslumbrada. Não me sinto feliz de ser a primeira mulher negra a ocupar esse espaço! Não tô feliz de ter que fazer um grupo pra valorizar profissionais negros! Esses profissionais tinham que ser reconhecidos pela competência deles! Não tô feliz em saber que eu tenho que criar uma academia pra população negra porque os outros lugares não absorvem! Não tô feliz. Mas estou contente por vocês reconhecerem isso! Tô feliz por vocês estarem me dando visibilidade pra construir diferente. Então aí tem revolta! E quando eu subo no palco não imaginava que iria subir. Tinha um menino concorrendo que era deficiente auditivo e ele tem uma sorveteria em Aracajú e só emprega pessoas surdas. Pensei que ele fosse ganhar. Um menino branco, empreendedor, de uma família classe média, mais parecido com o perfil da Veja: eles iam reforçar esse lugar do esforço individual. Seria justo também se ele ganhasse, mas pra mim o que foi importante é que me dando o prêmio eles reconheciam o racismo. Isso era muito importante. Subir naquele palco foi explicitar a questão racial. Eu levei uma frase da Angela Davis que ela dizia que quando a mulher negra se movimenta, ela movimenta toda a estrutura do capitalismo. E eu

acredito muito nisso, mexendo a base da pirâmide tudo mexe. E as mulheres negras vem fazendo isso muito pela internet, tem tudo a ver com tecnologia também. A partir do momento que tivemos acesso, cara...! Hoje é difícil mesmo os racistas não saberem que existe Feminismo Negro, hoje os machistas usam expressões como “empoderamento” que vieram da gente, das mulheres negras. Hoje se discutem coisas que foram pautadas pelas mulheres negras desde 2012 pelas redes sociais. Pensei nessa frase da Angela Davis por causa de tudo isso. Hoje vocês descobriram que a gente existe por causa da tecnologia também. A gente começou a ter voz na hora de reclamar, de fazer denúncia. As coisas ficavam escondidas, a Globo num passava, ninguém falava nada. E aí subir naquele palco e perceber o reconhecimento do racismo.... Até uma das falas da Fernanda Torres, ela que apresentou a categoria Diversidades, ela falou da pretensa democracia racial. A Preta Gil entregou o prêmio junto com a Monalisa alguma coisa, a miss Brasil 2017, que também combate o racismo. Foi legal porque me deram vários ingressos e eu chamei todo mundo que eu gosto. Minha mãe, minha família, minhas amigas, meu sobrinho foi muito bom. Já tava gostoso estar lá com aquela galera. Ganhando ou não já tava legal. Minha mãe comprou a revista e foi engraçado porque a foto foi tirada na hora da premiação quando eu tava abraçando minha mãe e na foto todo mundo, a plateia tava olhando pra esquerda porque a minha galera tava desse lado e quando anunciaram meu nome eles gritaram absurdamente (risos) e todo mundo olhou pra lá. (risos) A Miss fez um story no Instagram e você houve a gritaria louca da minha galera. (risos) O Mateus tentou gravar, parecia um time mesmo, na hora do gol! Foi muito legal sentir aquela energia. E os dois concorrentes eram muito fortes, então quando ouviram meu nome a galera entrou em delírio! Não imaginava. No final do evento vieram os jornalistas que me acompanharam e falaram: “Você era nossa candidata desde o começo!” Pra mim ia ser como no Startup Hours. Naquela outra premiação ganharam umas meninas que desenvolveram um aplicativo que chama Mete a Colher, um aplicativo pra denúncias de violência contra mulher. Muito interessante. E fiquei feliz, um trabalho muito relevante. E fiquei feliz por elas, principalmente porque a maior parte da violência doméstica é contra mulheres negras. Tá impactando vidas de mulheres negras, tá ótimo! Quando chega na Veja e a gente é premiada foi surreal! Ainda não tenho noção do impacto que isso causou, mas fui numa empresa grande outro dia e me disseram me conheceram pela premiação; importante essa visibilidade: "Vimos você no evento da Veja e entramos em contato pelo LinkedIn". No mês de setembro fui convidada pela rede Globo pra participar do programa Bem Estar. Eles entraram em contato com a Unifesp solicitando o contato da Dra. Maitê Lourenço, psicóloga, e a coordenadora do curso de especialização mandou o print do e-mail pra mim. Retornei o

contato e a produtora do programa tinha visto um vídeo meu na internet e disse que gostou muito e me convidou pra participar do Bem Estar, seria um programa sobre depressão. Pensei: falar sobre depressão? Não vou não. Não trabalho com esse enfoque em diagnóstico, não é minha praia. Mas eu pensei na visibilidade pro *Black Rocks*, pensei principalmente nas meninas e mulheres negras que podiam ver uma psicóloga negra ocupando aquele lugar. Uma psicóloga negra, de pele retinta, de cabelo crespo nesse lugar. Eu participo de um grupo que chama Ponto de Encontro em que a gente trabalha muito o enfrentamento à branquitude. E a gente tinha passado por uma situação muito difícil no grupo de ter uma fonoaudióloga que foi fazer um trabalho no grupo e o fato de ser ela branca fez com que a gente estranhasse aquele lugar e não conseguisse inseri-la no nosso processo. Acabamos trabalhando ali o lugar da branquitude diante da presença dela, o que remetia pra gente a presença dela. E desde daquele momento eu percebi a minha potência ao me ver diante dessas pessoas brancas. E do poder que se dá a essas pessoas. E eu percebi que quem tem a chave sou eu. Quem domina essa relação sou eu. Eu posso estar aonde eu quiser e se a branquitude fizer alguma coisa pra que eu não esteja, eu tenho que ter artifícios para mostrar que ela está errada. Então não deu outra, né? Eu disse: “vou ocupar esse lugar”. Passei uns dias estudando sobre depressão. E quando eu fui, vieram me buscar de carro, lembro que pensei: “Se o motorista for branco eu vou atrás, se ele for negro vou andar do lado dele.” Lembro uma vez que eu tava com meu sobrinho cheia de compras, pegamos um uber e fui atrás, até apertado, mas fui eu e o sobrinho atrás. Ele não entendeu muito bem. Mas quando o motorista chegou ele não me deu alternativa, já foi abrindo a porta de trás. Um cara branco também. E chegando lá a maquiagem, as bases escuras nenhuma era adequada pra minha pele, todas com tom mais claro. Não dava pra esconder uma espinha. Tudo dizia que aquele era um lugar hostil, as pessoas negras que estavam ali, estavam todas no operacional, exceto aquela jornalista negra, não a Maria Julia, a mais velha, esqueci o nome dela. Até tirei uma foto com ela. Os outros não tava nem aí, não vou dar pala pra ninguém. Chegou o momento de entrar no ar e era ao vivo. Eu lembro que eu tava com um colar e o operador de som queria por o microfone na minha gola e disse que eu ia ter que tirar o colar. E eu disse: “Não vou tirar o meu colar! Se fosse qualquer outro lugar outra forma até tirava, mas não, não vou tirar. Aí a diretora-geral falou: “coloca um microfone cor da pele”. Um microfone bege! Bom, melhor que tirar meu colar, nem fudendo iam tirar meu colar! Em muitas coisas pequenas eu fui me impondo. Isso me surpreendeu! Diante dessa Rede Globo eu não me vi pequena, não vi tendo que fazer tudo que eles queriam. Tanto é que o psiquiatra que tava lá usou uma expressão extremamente racista e eu disse isso pra ele. Pra mim foi muito relevante. Tinham uns balões que representavam vários momentos da vida da

pessoa e o balão preto representava o momento insuportável da vida. E ele falou que na depressão tudo ficava negro. E ele acentuou: negro! Cara, pensei, me chamam aqui pra colorir o lugar, pra mostrar a diversidade e o cara me dá uma dessas! E acha que não vai acontecer nada! Assim que ele falou e entrou o comercial eu falei: “ Posso falar uma coisa que me incomodou? Você usou a expressão negro pra falar do momento insuportável da vida. Essa expressão traz uma conotação negativa pro povo negro, não é bom, tem que ser revisto”. Minha mãe até falou: pena que não vazou o som! Mas meu microfone tava aberto todo mundo do estúdio ouviu, a apresentadora tava do lado, e todos os técnicos também ouviram, a produção toda. E ele: “Olha, sabe que você me fez pensar! Outro dia eu tava conversando com uns colegas da faculdade, muito inteligentes por sinal, que a piada tem que ser considerada a partir de quem recebe”.

“Então, o senhor imagina pra uma pessoa negra que está assistindo ao programa e aí o senhor usa essa expressão. E aí: Olha negão, tudo na tua vida deve tá ruim mesmo, hein! Tá negro!”

A apresentadora ficou super sem graça e falou: “Eu disse desde do começo pra não colocarem os balões!”

"Tudo bem colocar os balões, o problema é associar o negro ao negativo. Temos que nos responsabilizar pela nossa linguagem”

Passou, o programa voltou. E a gente tinha que escolher frases dos telespectadores pra comentar. E tinha uma frase de uma moça que dizia que depois que ela saiu do emprego ela melhorou da depressão. E eu disse:

“Quero comentar essa aí”.

Logo que começou o programa: "Dra. Maitê a fulana de tal, não sei de onde, disse que depois de sair do trabalho ela melhorou da depressão."

“Então, ambientes em que existem discriminações raciais, homofobia, transfobia, são ambientes que adoecem as pessoas. E quando se afastam desses ambientes as pessoas melhoram.”

Na hora ele só fez assim com a cabeça e a apresentadora também. Senti eles pensando: “Filha da puta, conseguiu entrar com o assunto!” Depois fiz um post na internet contando a situação dos bastidores. Um amigo leu e disse: “Sabia que você respondeu a alguma situação. Tava esperando, sabia que você ia trazer a questão racial”. Outra amiga falou: “Que bom que você respondeu! Você foi cirúrgica. Falou logo depois que ele tinha acabado de cagar”.

A mensagem foi dada e foi captada. O cara levantou a bola, eu só cortei no peito dele!

Eu me dei conta de quanto eu preciso estar nesses espaços.

Não tenho sonho de estar na TV, mas sei a importância de ter uma mulher de pele retinta lá, pautando qualquer assunto com qualidade. É pra falar de unha, vamos falar de unha. Põe a mão preta lá e vai falar de unha, por exemplo. Que a gente comece a ocupar esses espaços, provocando sim. Tive muitos feedback dizendo que foi bom, teve uma moça que escreveu dizendo que nunca tinha visto uma psicóloga negra e que ficou muito feliz. Eu printei esse e-mail e mandei pra produtora dizendo: “Foi por isso que eu vim”. A produtora disse que ia pensar em outras pautas e tal. Dentro do Bem Estar não rolou, mas recebi outro convite, me indicaram pro programa da Fátima Bernardes, uma matéria sobre tecnologia, pra falar do *Black Rocks*. No mesmo dia que a Veja tava gravando pra premiação, a Globo veio gravar pra esse programa. Gravaram o ambiente e depois eu ia dar a entrevista. Me falaram pra escolher o espaço e decidi por uma hamburgueria artesanal que tem em São Paulo, de um empreendedor negro e que é toda inspirada no Rap. Então sai da conotação do Rap marginalizado, do negro marginalizado, pra o negro que consegue ter uma hamburgueria na Rua Augusta com a temática do Rap. Tudo pra mostrar nossa potência. A matéria aconteceu dia 24 de novembro e depois reprisaram em 16 de dezembro. Eles viram a relevância da matéria. E é isso.

Minha mãe, né, superfeliz, orgulhosa, que a filha tá aparecendo na televisão...ela mostra as revistas pras vizinhas... Outro dia falou: “Agora, filha, só falta a Caras”! (gargalhadas mil...)

“ Não, mãe, por favor, aí já é demais! Nem fudendo!!! (mais gargalhadas).

3.1.1 A revolta que virou potência

*a descolonização deve emergir como uma prática permanente
de transformação social na vida comum, é, logo,
uma ação rebelde, inconformada (...)*
Luiz Rufino

As palavras primeiras de Maitê chegam até mim como soco! Expressões como: criança, luto, vontade de morrer, não deveriam nunca andar juntas. *Eu era uma menina negra*, diz ela. E parece que isso explica tudo... Sua pele retinta é sempre observada, comentada, hierarquizada, mesmo no meio familiar. A ideologia colorista que atribui o valor de alguém conforme a quantidade de melanina da epiderme é disseminada entre brancos e negros, não poupa ninguém. Preto é a cor do sofrimento, do isolamento, da inadequação, da solidão, do

desejo de não acordar, de não existir, de morrer... A dor que recepciona a menina negra, que recém começou sua jornada, grita a todos que o sofrimento promovido pelo racismo não pode nunca ser minimizado.

O início de sua vida escolar foi marcado por recorrentes internações hospitalares. E nos conta que o hospital era mais acolhedor que o ambiente escolar! A escola foi se constituindo como o espaço da agressão, a ponto de Maitê já adulta sentir-se mal ao passar em frente. Ouçamos Juliana de Souza Mavoungou Yade (2015):

No entanto, no meu tempo de escola e na atualidade, o Ensino Fundamental ainda tem sido lugar de aprendizagens danosas para identidade, história e memória da população negra brasileira. É nesta fase do ensino em que se intensificam os apelidos e exclusões de cunho racista, situação que têm deixado graves marcas na população frequentadora desse nível de ensino, situações cotidianas que as instituições de ensino na atualidade identificam como bullying, porém o racismo também traz sofrimento psíquico, moral e físico diferentemente do bullying que ocorre na ausência do adulto, o racismo no entanto, ocorre na presença dos adultos e quando não são eles mesmos os agressores. (p. 221)

Sua adolescência discorre sem a presença paterna, que ao mesmo tempo protegia e oprimia. Isso exige que Maitê construa uma maneira de atuação no mundo diferente do modelo materno que conhecia. Sua família era agora exclusivamente feminina e a autonomia não era mais uma alternativa, era sua única opção.

A partir dos dezoito anos Maitê descobre a pungente cultura negra, que combina festa, fé e força. Nas “baladas blacks”, nas comemorações do santo negro, Maitê experimenta o sabor do pertencimento. Helena Theodoro (2005) afirma a importância do legado cultural negro em seu texto “Buscando caminho nas tradições”:

... os toques de atabaques, baterias de escolas de samba, o bumba-meu-boi, os blocos afros, o frevo, a congada-, e muitas outras formas de festejos e danças, revelam força de vida, contam como são os orixás – nossa essência mais profunda – falando dos heróis da comunidade, ensinando amizade, perdão, responsabilidade e dando identidade cultural a todo um grupo de brasileiros, que só aprendeu a ter vergonha de suas raízes. (p. 96)

E nesse processo de apropriação de sua raiz nossa depoente segue.

Aos 23 anos ingressa no curso de Psicologia. Curso no qual nos relata Maitê há total ausência de discussão sobre as relações raciais. Juliana de Souza Mavoungou Yade (2015) ainda nos diz: “Desde a creche à pós-graduação a questão racial é apenas tangenciada no processo de formação dos educandos, fazendo-se um discurso competente que aponta para o vazio.” (p. 219).

Maitê propõe um Trabalho de Conclusão de Curso com a temática da mulher negra. A docente recusa por considerar a escolha sem relevância científica. Ora, pensemos: se são as mulheres negras que compõem grande parte da população brasileira, se estas são atingidas pelo sexismo e pelo racismo e têm que arcar com um legado traumático, reatualizado cotidianamente; seria esta temática irrelevante para a Psicologia?!

Lia Vainer Schucman, Sylvia Nunes e Eliane Silvia Costa (2013) apresentam, no artigo “A Psicologia da USP e as Relações Raciais: Perspectivas Emergentes”, um mapeamento da produção do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) no que se refere às questões ligadas a raça e racismo. A escolha pelo IPUSP se justifica por ser o maior curso de Psicologia da maior universidade da América Latina. E sendo ela uma universidade pública, é esperado que uma de suas funções seja refletir e contribuir com temas relevantes à promoção do bem-estar social.

Os dados apurados nos mostram que ainda temos um longo caminho a percorrer na conscientização da importância da temática racial nos processos psíquicos. Através do levantamento de dissertações e teses do período de 1970 a 2012, as autoras constataram que dos 2916 trabalhos apenas 15 tiveram como objeto de estudo assuntos ligados à raça e ao racismo, ou seja, apenas 0,5% da produção acadêmica. Segundo as autoras:

No que diz respeito às teses e dissertações, o IPUSP inaugurou tardiamente seus trabalhos sobre questões ligadas à população negra. O primeiro deles foi defendido em 1991, cerca de duas décadas depois da formalização de seu programa de pós; treze anos após o Movimento Negro Unificado Brasileiro ter assumido um discurso fortemente contra o racismo; quase uma década depois da publicação de importantes trabalhos sociológicos sobre desigualdades raciais, dentre eles os de Hasenbalg. (Lia Vainer Schucman, Sylvia Nunes & Eliane Silvia Costa, 1979)

Fica para nós a declaração contundente de Jurandir Freire Costa (1983) sobre a Psicanálise que certamente diz respeito à Psicologia também:

A violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos. Seria difícil encontrar o adjetivo adequado para nomear esta odiosa forma de opressão. Mais difícil ainda, talvez, é entender a flácida omissão com que a teoria psicanalítica brasileira, para falar do que nos compete, conviveu tanto tempo com esses “crimes de paz”, adotando uma atitude cúmplice e complacente ou, no melhor dos casos, indiferente, deve conduzir-nos a uma outra questão: que psicanálise é esta? Que psicanalistas somos nós? (p. 16)

Maitê por ter sido silenciada paralisou. Teve um semestre de seu curso perdido e sua formação ameaçada. Somente após ser legitimada em sua escolha conseguiu produzir e terminar sua graduação. Este episódio nos evoca as considerações de Grada Kilomba (2019) sobre o meio acadêmico:

Ele é um espaço *branco* onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas *negras*. Historicamente, esse é um espaço onde temos estado sem voz e onde acadêmicas/os *brancas/os* tem desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos construíram como a/o “*Outras/os*” inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao *sujeito branco*. (p. 50)

A compreensão da imposição dos ícones brancos como padrão de qualidade, bondade e beleza, motiva em Maitê uma atitude simbólica: parar de alisar o cabelo. Decisão que encontra o apoio de outras mulheres nas redes sociais, mulheres já libertas dessa tirania estética. Nilma Gomes (2008) a esse respeito afirma:

Para o negro, o estético é indissociável do político. (...) Assim, o movimento de rejeição/aceitação do cabelo crespo e do corpo negro diz alguma coisa sobre a existência desse sujeito. A vivência desse movimento pode ser, ao mesmo tempo, dolorosa e libertadora, consciente e inconsciente. Pode servir, até mesmo, de impulso na reversão das representações negativas construídas sobre o negro e sua aparência no decorrer da História. (p. 130)

O cabelo é talvez o traço fenotípico mais agredido da mulher negra. Exatamente por isso a transição do cabelo é uma atitude extremamente significativa. É mais que uma opção estética, é um posicionamento político e uma expressão de reconciliação com as raízes. Por isso não bastou para nossa depoente informar a cabeleireira por telefone, foi preciso olhá-la nos olhos. E, como os olhos são espelhos, pode ver a si mesma a restauração do amor e do respeito próprio. E assim Maitê passa a enxergar o óbvio: era bonita! Seu relato traz à memória o poema de Audre Lorde: “*Bons espelhos não são baratos*”

*É uma perda de tempo odiar um espelho ou seu reflexo
em vez da mão que constrói o vidro de distorções discretas
o suficiente para passarem despercebidas (...)*

Maitê percebe que o espelho estava “enfeitiçado” pela branquitude. Abandonar a busca ingloria e desnecessária do ideal da brancura é, para ela, libertador, o que fica explícito no evento do turbante usado no período da transição do cabelo. O turbante por si só já é um elemento inegável da estética africana. Mas durante sua narrativa Maitê ainda vê nele outro significado: ele era preto!

Aí pensei: quer saber? Vou de turbante! A primeira vez que eu usei turbante na vida foi numa entrevista de emprego. Olha a audácia da pessoa! Coloquei um lenço preto, se liga na cor, olha o detalhe da cor! Puxa agora que eu me toquei!! Fui. Ficou lindo!

A resignificação da cor já se fazia presente: o preto não precisa ser a cor do luto, pode ser belo, pode ser revestido de potência, pode ser uma ostentação política.

A partir disso, conta que começou a deslanchar profissionalmente. Certamente não por acaso. Ela não mais se obrigava a escolher empregos extenuantes. Não precisava “pagar os pecados”, o “pecado de ser negra”. A consciência de que o lugar da desigualdade é histórica e ideologicamente construído, desloca Maitê do lugar marcado da dificuldade obrigatória, do sofrimento naturalizado. Ela já se dava o direito de desenvolver um bom trabalho, num bom lugar, sendo exatamente quem era.

Seu posicionamento, entretanto, não demorou a ser testado pelo excluyente mercado de trabalho. A coordenadora lhe diz:

Olha não tá no código de ética, mas assim... não é bom você vir de trança, né? É bom

vir com o cabelo normal. E fazia gesto com a mão mostrando um cabelo escorrido, liso.

A referida senhora encarna o chamado “racismo à brasileira”. O racismo não explícito, mas atuante. Quando usa as palavras “não é bom você vir assim...” transmite um sentido de ameaça velada, dissimuladamente comunica: “para trabalhar aqui você deve estar 'normal' ou será prejudicada”. Sendo que a norma, o padrão, é a brancura.

A todo tempo o sujeito negro é convocado a dar a volta na “árvore do esquecimento” para deixar de ser quem é! Uma vez mais Maitê precisa firmar-se em sua convicção de não ceder ao ideal da branquitude e, mesmo com certo custo emocional, se posiciona. Segundo ela, isso a revigora e fortalece as meninas negras que chegaram depois. Assim se constrói uma rede de sustentação: o empoderamento de uma é o empoderamento de muitas.

Até que um acontecimento se mostra um divisor de águas em sua trajetória; um golpe de violência extrema e gratuita, para qual parece não haver possibilidade de simbolização. Ao sair do trabalho, ela sofre o atentado racista.

Quando passei em frente um hotel próximo à Rua da Consolação, tinha uma senhora grisalha, com duas malas, uma bem grande, chique, dessas de viagem internacional, toda de preto, de óculos escuros, nove horas da noite... Quando eu passei ela começou a dizer que todos os pretos tinham que morrer pelas macumbas feitas!

É com você mesmo, sua preta, sua macaca, você tem que morrer!

Como responder a um ataque desses? Como lidar com o choque produzido por essa agressão brutal e estúpida? Especialmente quando se tem plena ciência do risco de culpabilização da vítima. O conluio da branquitude é evidente, do transeunte idoso à moradora de rua. O idoso branco a empurra e a chama de louca, a moradora de rua se torna cúmplice da senhora racista, mostrando que o pacto racial pode superar inclusive as desigualdades de classe. Lia Vainer Schucman (2014) em seu livro “Entre o encardido, o branco e o branquíssimo” aponta como nos relatos de seus entrevistados brancos, o pobre, o morador de rua branco, é visto como uma anomalia, despertando comoção e perplexidade. Um dos seus entrevistados, morador das ruas do centro de São Paulo desde os doze anos de idade, relata que é visto e tratado de maneira diferente dos negros que com ele compartilham da situação de indigência. As pessoas se penalizam e dão mais esmolas, ele consegue acesso ao shopping para usar o banheiro, como também sofre menos violência policial. Nas palavras desse morador:

Era uma maloca ali perto do São Pedro, eram mais de 50 pessoas que moravam dentro. Do nada, todo mundo acordou com uma arma na cara, só eu que não. Eu olhei assim pra todo mundo, aí o policial já perguntou: que você tá fazendo aqui, no meio de negros, esses porcos imundos? E me ofereceu dinheiro pra sair de perto deles. (p. 163)

Segundo a autora:

... o branco pobre aparece como uma ameaça ao poder da branquitude, pois isso indica que a pele branca por si só, não dá aos sujeitos os privilégios de uma boa vida material, ou seja, não está na pele o poder da branquitude, mas sim na apropriação, legitimação e reprodução dos significados sócio-históricos racistas construídos sobre o branco em oposição aos outros grupos raciais. (p. 162)

Como reagir na medida para pelo menos não adoecer? Adriana Soares Sampaio (2011), em seu texto “Ecos da hipertensão: vivências de mulheres negras”, alerta para grande incidência da doença na população negra, promovida por uma cadeia de vulnerabilidades e “situações conflituais traumatizantes”. O silêncio frente a essas situações traumatizantes recrudesce o trauma e atua como mecanismo de repressão produtor de patologias diversas. O trauma rompe a teia do aparelho psíquico, que então não consegue destinar o afeto amorfo da angústia. Se este afeto não for simbolizado, nomeado, transmutado em palavras, poderá dirigir-se à concretude do corpo, adoecendo o *sujeito*. Assim o corpo enlouquece para a mente não enlouquecer.

Se tivesse se calado Maitê certamente adoeceria. A situação de extrema violência requeria uma resposta raivosa. Audre Lorde (1981), na conferência da Associação Nacional de Estudos de Mulheres, em Storrs, Connecticut, nos fala sobre “Os usos da raiva”: “Mulheres respondendo ao racismo significa mulheres respondendo a raiva; raiva da exclusão, dos privilégios não questionados, das distorções raciais, do silêncio, do maltrato, estereotipização, defensividade, má nomeação, traição, e captação”.

Maitê se fez ouvir, soltou a voz, gritou, xingou, vociferou sua raiva! A raiva, nos ensina Audre, “é cheia de informação e energia”. E assim, nossa depoente tomou posse não só da palavra, mas também da ação. Denunciou, compartilhou a gravação nas redes sociais, pediu apoio, convocou seus pares para a luta. Sua voz encontrou eco entre os seus. As redes sociais espalharam a notícia com rapidez, as pessoas se manifestaram, a mídia televisiva a procurou para uma reportagem. Apesar de muito ferida, ergueu a voz e foi apoiada por um grupo que lhe deu sustentação para enfrentar a violência.

Laura Marcia Rosa dos Santos (1990), em seu texto “As argumentações para se formalizar uma denúncia de discriminação social”, nos diz:

...a denúncia pode não ter êxito se o denunciador, que renunciou em aplicar ele mesmo o castigo que reclama, não encontrar pessoas dispostas a apoiá-lo. O autor de uma denúncia pública pede para ser acompanhado por um número indefinido, mas necessariamente elevado, de pessoas, pois a causa que ele defende pretende a universalidade. Partindo de um caso peculiar, mas exemplar, a denúncia diz respeito a todos. (p.157)

Fui pra casa aliviada. Foi a primeira vez que consegui reagir à altura.

Porque não engoliu a raiva, porque não silenciou sobre a ofensa, Maitê pode gradativamente elaborar o trauma. Mais uma vez nos fala Audre Lorde (1981):

Mas raiva expressa e traduzida em ação a serviço da nossa visão e do nosso futuro é um ato de iluminação, de libertação e empoderamento, porque é no processo doloroso desta tradução que identificamos quem são os nossos aliados com quem nós temos sérias diferenças e são nossos inimigos genuínos.

O reconhecimento da injustiça e a possibilidade de reagir, apoiada pela coletividade, foi fundamental para a recuperação emocional de nossa depoente, assim como importantíssimo também foi o acolhimento.

Olha, eu lembro que assim que aconteceu a situação de racismo e suas reverberações, eu fui pra casa da minha mãe. E eu lembro que minha sobrinha tinha ganhado uma boneca, uma boneca pretinha, uma boneca dessas caras, famosonas e eu lembro que eu tava chorando e ela chegou com a boneca. Colocou a boneca do meu lado e falou: “Olha ela vai cuidar de você, porque ela é pretinha, então ela vai cuidar de você!”. E aí cara; quando ela fez isso... (coloca a mão no peito e respira fundo...) Cara! O amor preto cura!!!

A pequena sobrinha se comunicou com a criança machucada de Maitê. Uma criança que gritava por cuidados. Seu gesto abriu um quadro de múltiplas significações e possibilitou a elaboração dos afetos. Ela é pretinha, diz a menina, por isso ela vai cuidar de você! Ela é pretinha, ela vai compreender o que você está sentindo! Ela parece comigo, por isso te consolo através dela; ela parece com você, ao abraçá-la você também dá amor a si mesma. O ato espontâneo da criança foi extremamente terapêutico, pois envolveu Maitê num aconchegante conjunto de representações amorosas.

Com a sabedoria límpida das crianças a pequena intui que empatia amorosa precede a cura. O não reconhecimento da dor, a indiferença, a negação ou mesmo sua banalização recrudesce a dor, reinstala o traumático. O sofrimento humano para encontrar alívio precisa ser reconhecido, acolhido e não minimizado. Coisas que os iguais sabem fazer.

Nossa pequena terapeuta ao entregar à tia a boneca pretinha querida que trazia junto ao colo, oferta, na linguagem psicanalítica, um objeto identificatório libidinizado. Assim, envia uma mensagem poderosa ao inconsciente de nossa depoente: a cor preta pode ser muito amada! A cor preta, que colore a boneca e a epiderme da tia, é merecedora de consideração e cuidados. A cor preta para a sobrinha não é a cor da morte, é a cor do amor. O amor preto que cura!

Seis meses após o atentado racista, Maitê mostra que a elaboração do traumático se deu de forma profunda e transformadora. Ela passa a movimentar uma empresa *startup* aceleradora de negócios e empreendimentos de pessoas negras, que é um potente catalizador

de forças, o *Black Rocks*. A revolta virou motor, como narra a depoente, a revolta virou potência!

A potência veio do meu lugar de revolta. Fiquei revoltada com tudo. Eu brinco que se o Malcom X tivesse um filho com o Martin Luther King nascia o Black Rocks. Isso! A potência veio da revolta! Uma revolta que abriu muitas possibilidades.

Uma vez mais as palavras de Audre Lorde (1981) ressoam à experiência de Maitê: “Toda mulher tem um arsenal bem guardado de raiva potencialmente útil contra aquelas opressões, pessoal e institucional, que fez com que aquela raiva existisse. Focadas com precisão elas podem se tornar poderosas fontes de energia servindo o progresso e mudança.” Nas contundentes palavras de Maitê está a revolta trabalhada, o foco construído para operar mudanças:

Vamos botar pra foder, vamos fazer um negócio potente, vamos ocupar os lugares, fazer uma parada estratégica sem precisar fazer guerrilha. Vamos fazer uma ocupação não colonizada, a gente não quer ocupar o lugar do branco, a gente sabe que é preto, sabe nosso potencial e a gente quer valorizar nossas características porque nós somos negros, nós queremos potencializar nossos empreendimentos porque nós somos negros!

Os frutos da potência transformada em revolta não tardaram a vir. Vieram não só em forma de desenvolvimento para seus pares, mas também em reconhecimento, prêmios, entrevistas, levando Maitê a ocupar espaços tradicionalmente destinados a branquitude. Tomando a oportunidade de denunciar o racismo explícito como o por ela sofrido, ou o velado, presente na associação do preto ao negativo na imagem do programa de televisão, Maitê segue representando os seus e abrindo fundas brechas nos muros que querem demarcar a negras e negros os lugares da inferioridade. Que rolem as pedras!

3.2 FAIZAH HAZIKA

Meu nome é Faizah² Hazika³. E... Hoje eu estava pensando justamente na coisa do que eu li no seu mestrado e fiquei pensando que... eu tenho muita inveja das pessoas que passaram um período da vida sem... , sem perceber a negritude. Eu sei que tem uma dor aí. Mas a negritude pra mim é tão cansativa, o ser negra me traz tanto cansaço, que eu queria muito ter passado uma fase da vida sem perceber a negritude. Sabe, quando eu vejo as pessoas “me

² Significa: ela que é vitoriosa (Swahili).

³ Significa: inteligente (Hausa).

descobri negra lá... na adolescência”, eu penso: “teve um período de sossego que você não teve que pensar nisso”...

Porque assim... eu sou a segunda filha de três da minha mãe e eu sempre fui tida como a pessoa mais escura da minha família. Uma preta retinta. E aí eu lembro... meu irmão até hoje fala: “É preta, mas não tão preta quanto a Faizah”; “Aquele negócio é superpreto... Não tão preto quanto a Faizah”. E isso pra mim sempre foi motivo de muita vergonha. Eu sempre tive muita vergonha da cor da minha pele. Acho que eu fui perder essa vergonha a alguns anos, quando eu comecei a fazer terapia com a Adia⁴ e comecei a poder falar dessa vergonha. Mas eu tinha muita vergonha... muita vergonha.

Lá na infância eu me lembro de várias situações de querer passar despercebida e ninguém me ver e não passava.... Eu sempre pensei que era por conta da minha cor. Então assim, eu sempre fui muito olhada. Lá na infância eu sempre chamava muita atenção. E hoje em dia eu fico pensando que pode ser por causa da minha energia também, por causa do meu jeito. Mas eu sempre pensei: é a minha cor.

Então eu estava lá na sala de aula... Eu tive uma infância numa época de Xuxa e Paquitas, e isso era o ideal de menina. O meu ideal de menina. Eu acordava todo dia de manhã ligava a televisão e aí assistir o programa da Xuxa com as Paquitas... E o ideal de beleza era aquele, o ideal de menina era aquele. Aquilo que eu queria ser e eu nunca seria. E curioso que a frase “eu nunca serei” me acompanha muito. Eu digo “nunca serei, nunca terei.” E essa frase ecoa em mim. E lá na infância era isso. Era olhar para aquelas meninas e pensar que eu nunca seria.

Na minha escola, eu me lembro... na minha escola tinha um grupo que era das Paquitas, elas faziam cover, elas dançando... Tinha lá a Barbara, a Cibele, o pessoal... e aí eu olhava pra elas e pensava que elas eram realmente mais bonitas do que eu. Quando eu olhava pra essas meninas pensava: “Nossa, olha essas meninas com tanto e olha eu”.

Me lembro também de uma época... foi a primeira vez que verbalizaram pra mim que era um problema eu ser preta. Foi na pré-escola, no prézinho, eu lá com meu shortinho vermelho e minha camisetinha branca. E aí um dia eu estava brincando com algumas meninas... e tinha uma menina lá, a Leninha, eu lembro até hoje. Era uma menina muito branca, com o cabelo comprido preto. Aí eu estava brincando de pega-pega com ela, várias crianças brincando, e aí eu falei pega e ela caiu... Se espatifou pro chão... Aí uns meninos me cercaram e aí eles falaram: “Você viu o que fez?” E ela... no nosso imaginário... ela era branca de neve. Eu estava brincando com a branca de neve. E eles falaram: “Você viu o que você fez

⁴ Significa: um presente.

com a Leninha? Olha sua neguinha, não é pra você colocar a mão nela. Não é”. Eu lembro de me sentir extremamente culpada... extremamente culpada por ter derrubado a branca de neve. E naquele momento aqueles meninos diziam pra mim... disseram pra mim “sua neguinha”. Eles sabiam que isso iria me ofender. “ Sua preta. Olha como você é...” E eles me cercaram os meninos, eram uns dois ou três... A professora chegou... ela espantou os meninos... mas ela não cuidou de mim.

E aí... eu não tinha espaço pra dividir isso... eu não tinha espaço pra dividir isso... pra dizer: “Olha, mãe, passei por isso”. Porque acho que esse espaço de cuidado não existia. Acho que a minha mãe não tinha condições de... de cuidar de mim nesse sentido.

E na minha família já tinha essa questão de eu ser muito preta, então eu carregava o fardo de ser muito preta, ser preta demais. Enfim, eu acho que isso é o que mais marcou a minha infância (suspira). Eu acho que foi essa Faizah que foi crescendo.

Aí eu lembro que lá pelos meus dez, onze anos... Onze anos, doze... começo da adolescência, de eu ser um arremedo daquelas meninas que eu queria... que eram bonitas. Meu cabelo era uma imitação... Então era o cabelo que eu já alisava, e isso com dez anos de idade... Antes disso... na verdade o alisamento... a memória mais antiga que eu tenho do alisamento no meu cabelo eu tinha quatro anos... a memória mais antiga. E era um alisamento de chapinha quente. Eu me lembro que foi aos quatro anos, foi porque eu me lembro do aniversário de uma tia minha... e eu ia no aniversário. Minto, eu tinha seis anos... seis anos... e nesse aniversário... minha mãe ia fazer o bolo, ela era boleira. Ela não teve tempo de lavar meu cabelo com antecedência. Aí no dia da festa foram lavar meu cabelo e aí em seguida alisar com pente quente e a chapinha. Eu me lembro da água fazendo tchiiiiii (ruído de cabelo queimando). Você já alisou seu cabelo com pente quente? Já chegou a usar pente quente? (riso)

Miriam: Não, não... mas já vi.

Faizah: Com o cabelo molhado...

M: Bom pra dar choque aquele negócio...

F: MUITO. Aquele tchiiiiii (ruído de cabelo queimando)... aí vinha fervendo a água... porque a água o cabelo estava molhado. Aí vai tchiiiiii (ruído de cabelo queimando) aquela aguinha escorrendo no couro cabeludo. É uma dor... uma dor terrível. Quando eu penso no pente quente e na chapinha, eu penso nos instrumentos de tortura da escravidão... da época da escravidão... muito sabe... até me confunde na memória um e outro. Eu não consigo separar na memória. E aí eu me lembro que como eu cresci usando essa chapinha e esse pente quente, com doze anos mais ou menos eu quase não tinha cabelo. E aí com meu cabelo muito

curtinho, eu tentava fazer alguma coisa, colocar um arquinho. Eu sempre tive vergonha da minha testa, hoje não, eu acho linda. Mas antes eu tinha muita vergonha da minha testa. Então eu pegava aquele pouco cabelo e colocava assim na testa. Porque era a ideia de tentar esconder. Eu tinha muita dor de cabeça porque eu andava com a testa enrugada, pra encurtar a testa e pra franja ficar cobrindo a testa. Como meu cabelo era muito curto, porque era muito quebrado, a franja ia levantando, não cobria a testa. Inclusive isso é motivo de chacota na minha família até hoje. Meu irmão ri muito, meus primos: “Lembra, a Faizah colocava franjinha. A franja ia levantando.” Eu ia e jogava a água e grudava a franja na testa e não ficava... mesmo com alisamento, mesmo com química. Me lembro de com doze anos perder o cabelo alisando com Henê. Porque a gente não tinha dinheiro pra ir numa mega cabeleireira, né? A gente dava uns jeitos em casa, com umas coisas baratas. E a tia alisava com pente quente e aí eu retocava todo dia. Então tinha ali todo um processo pra matar esse cabelo. O jeito era matar, dominar, era dar jeito. E eu sempre ouvi também que o meu cabelo era do pior tipo que tinha. Então na infância eu já sabia que tinha um tipo PIOR de cabelo. E o PIOR era o tipo que eu tinha. Então na infância eu já sentia que não era um tipo de pessoa abençoada. Uma pessoa que não tinha tido sorte. Preta, com o pior tipo de cabelo que tinha, que nunca seria Paquita.

Eu dançava... eu dançava superbem, eu tenho umas primas e juntas a gente fazia um grupinho de dança. Eu fazia sainha de crepom e ia me apresentar. Eu tinha um tio que era cantor. E às vezes ele ia fazer show – showzinho, festa do bairro, essas coisas – e aí a gente ia junto. Eu lá com a sainha de crepom e dançava superbem. E eu gostava de me apresentar, mas eu tinha muita vergonha, muita vergonha da minha cor. Eu encarnava um personagem, dançava. Mas sempre tive muita vergonha da minha cor. Muuuuita vergonha...

Bom, eu falei ali do final da adolescência... do final não, do começo da adolescência. E na adolescência é importante você se gostar, se achar bonita, já tem toda uma crise com o corpo... E pra mim a crise era muito profunda. Porque não tinha a ver com o fato de... sei lá... o meu peito está crescendo. Tinha a ver com o formato de corpo de uma mulher negra, de ter quadril, de não ser a Paquita e também por ser... por ter a pele preta. E eu me lembro que a minha pele brilhava muito, porque a gente não tinha creme em casa, então a gente passava óleo de cozinha com água na perna pra hidratar. Aí eu lembro da minha pele brilhar muito e aquilo pra mim era horrroso... horrroso...

A minha adolescência foi muito marcada por pente quente, chapinha e pó compacto no rosto o dia inteiro... Eu passava muito pó compacto! E não tinha maquiagem pra gente, né?...adequada pra mim. Eu chegava assim pra comprar maquiagem e falava assim “Qual é o

mais escuro?”. (riso) Hoje em dia eu me pego fazendo isso ainda. Acabo comprando escuro demais (risos)... Qual é mais preto, o mais preto do mundo é esse aqui? (risos) E na minha adolescência o mais preto do mundo me deixava com a cara totalmente branca... Eu usava essa maquiagem pra tirar o brilho e de certa forma ficar com a pele um pouco mais clara... Isso era extremamente importante pra mim. Clarear a pele e tirar o brilho.

E mais uma vez na adolescência eu era muito olhada... E aí conforme eu fui crescendo fui desenvolvendo uma RAIVA do olhar das pessoas. Muita raiva... E quando eu comecei a conseguir me defender eu xingava. Se alguém estava me olhando: “ESTÁ OLHANDO O QUÊ?” Sempre. Não importava o olhar, eu sempre respondia assim. Quando eu era criança me dava muito medo, na adolescência muita vergonha e no começo da vida adulta eu já respondia agressiva o olhar das pessoas. Eu sempre me senti muito exposta, sempre me senti muito exposta (suspira)...

Bom, acho que uma coisa que é importante de falar é sobre a sexualidade. Porque aí eu fiquei pensando assim... Na infância eu fui muito exposta porque eu era vista como uma menina que tinha muito cedo um corpo formado. Hoje em dia eu olho as minhas fotos e percebo que era um corpo de criança normal. Mas era uma criança preta. E hoje em dia eu tenho consciência que por ser uma criança preta eu era menos protegida. Eu era menos protegida na escola, menos protegida do olhar das pessoas, era menos protegida do olhar do inspetor da escola, eu era menos protegida (suspira)... eu me lembro assim, sabe? Tanto de abuso que sofri... sofri abuso por parte de um primo quando muito jovem com quatro anos, depois na adolescência na relação com o meu corpo, de ser um corpo esquecido. Então, tem a coisa do adolescente começar a se tocar... Eu não me tocava. Até hoje eu tenho sérias questões com isso. O meu corpo não é um corpo que eu consigo tocar com carinho, que eu consigo tocar com cuidado, não consigo. Tenho dificuldades em receber o toque carinhoso. Toque do carinho, toque do prazer, né? Até hoje o prazer me dá muita dor... E eu tenho certeza que isso tem a ver com o meu corpo preto. Com esse corpo que não podia... que talvez hoje ainda não possa receber coisas positivas. Um toque positivo, um toque com cuidado. Então eu fui muito desprotegida... muito desprotegida. Bom, ainda em relação à sexualidade... Eu engravidei muito cedo, né? Estou misturando tudo, você vai ter mais dificuldade, né?

M: Fique tranquila...

F: Estou indo e voltando...

M: É o seu fluxo, pode ir e voltar.

F: Eu engravidei muito cedo. Eu engravidei com... quinze anos, com quinze anos... É, com quinze e ganhei filho com dezesseis. Então, engravidei muito cedo... Primeiro lá na

adolescência eu já me sentia preterida, porque quando alguém queria ficar comigo estava tudo muito bom, tudo muito bem. Eu não lembro da experiência de escolher alguém. Salvo raras exceções. Que era um menino lá da rua de casa, o menininho que a minha coleguinha branquinha não queria e que aí pra afogar as mágoas vinha falar comigo. Eu me lembro muito desse preterimento... Não me lembro assim da experiência de pegar na mão de um namoradinho e sair andando. Ou ter a experiência da paquera... livre. De uma coisa livre... Pelo contrário, eu sentia... eu via mesmo os menininhos lá da rua que às vezes eram negros, só que com a pele mais clara, e que de alguma forma mostrava algum olhar diferente pra mim; se eu passasse perto deles e os coleguinhas falassem: “Aí sua namorada” ele dizia: “Não. Deus que me livre.” Nunca me soou como violência, pelo contrário, eu dizia: “tadinho desse menino, dão pra ele um par romântico que ninguém quer ter”; que era eu. Então... mais um parênteses, até hoje eu sinto isso, quando eu passo perto de um grupo de pessoas, de meninos brancos, mesmo que eles sejam adolescentes. Eu passo com um aperto no coração porque eu penso: “vão rir”. É como se essa menina... Eu sinto que essa menina ainda é muito presente... muito presente.

Enfim, voltando pra minha adolescência... Fui escolhida por um cara, comecei a namorar com ele, sofri violência... sofri violências no namoro, engravidei muito cedo... a gente não tinha um ano... tinha meses de namoro, fiquei grávida. E hoje em dia eu atribuo a falta de cuidado com o corpo, com todas essas questões. Quando eu engravidei eu sofri violência da parte do meu pai... violência psicológica. Ele rompeu comigo. Meu pai que já era separado da minha mãe. Meu pai que se separou da minha mãe quando eu tinha onze anos... engravidei com quinze. E assim, ele me humilhou de todas as formas... todas as formas que você possa imaginar. Assim de vagabunda pra baixo. E eu perdi a virgindade com esse menino. Eu perdi a virgindade com esse cara e com ele eu fiquei. Era um cara supertosco, supergrosso, três anos mais velho que eu. Tinha dezoito, dezenove... eu quinze pra dezesseis estava com ele. E aí, ele era negro. Ele era supermachista, enfim... eu namorando com ele engravidei. E aí meu pai veio me humilhou absurdamente. Minha família fez de tudo pra eu casar. Meu pai descobriu que eu estava grávida quando eu estava de cinco meses, barriguda. Meu pai falou: “Se vira, casa assim mesmo.” E ele fez, que fez ...

M: Sua mãe também queria que você casasse?

F: Minha mãe queria... Minha mãe queria porque... Ela dizia que depois que eu tinha transado ninguém iria me querer mais. Enfim, não estava certo, se eu tinha engravidado tinha que casar também. Minha mãe era muito cristã, da igreja, queria que eu casasse. Enfim, eu consegui adiar até depois do parto. O Bem nasceu...

M: Você não queria?

F: Eu não queria. Eu não pensava em casar. Não tinha planos de casar, sobretudo com dezesseis anos. Mas era uma condição, uma condição inclusive pro José frequentar a minha casa. Eu falava pra minha mãe assim: “Ele tem que me ajudar a cuidar do neném, do Bem. Ele tem que me ajudar a cuidar do neném.” Ela falava: “É. Mas pra isso tem que casar.” Aí eu me casei... Eu me lembro da gente ter ido marcar o casamento, a gente não estava se falando no dia. Ele andando de lado da rua, eu do outro com o neném no colo, minha mãe, meu pai, a mãe dele, o padrasto dele, a irmã como testemunha, porque a maioria era com vinte um, tinha que todo mundo assinar, todo mundo assinar pra gente casar... aí a gente se casou.

O casamento acabou um mês depois, meu filho morreu um mês depois do casamento, um mês e meio depois do casamento. De morte súbita, foi muito rápido... (suspiro). Um mês depois eu estava separada. Eu me separei depois de um episódio de violência. Eu apanhei... Mas eu tinha apanhado na gravidez também. Não foi a primeira vez.

Se eu fosse falar o que mais marcou minha adolescência como mulher preta foi violência obstétrica, o que eu sofri no nascimento do Bem. Eu pari amarrada. Estava falando disso ontem, foi algo que me marcou muito! Pari amarrada! E lembro de perguntarem pra mim se na hora de fazer se eu tinha gritado... E eu com muito medo, eu tive muito medo de morrer. Eu não sabia que aquela dor era possível! Eu tive muito medo de morrer, muito medo.

M: Te amarraram porquê?

F: Me amarraram porque quando eu sentia dor eu retraía o corpo. E aí falaram: “Sua louca, você vai matar seu filho”. E amarraram minhas pernas. Mas ninguém me explicou que a dor era assim mesmo, que ia passar. Eu falava assim: “Chama a minha mãe, chama a minha mãe porque eu vou morrer”. Eu tinha certeza que eu ia morrer. Eu sei hoje em dia... que eu estava muito sozinha. Eu ganhei o Bem uma hora da manhã, num hospital público, na periferia. Então quando eu cheguei lá eles fizeram um exame de toque e eu já estava com dilatação. Aí o médico falou assim: “Você vai ficar...”... Aí eu falei “não, eu não vou ganhar aqui...” Porque eu estava fazendo o pré- natal no Servidor Público Municipal, era dependente da minha mãe lá. Eu vou ganhar lá, no Servidor Municipal. Ele falou grosso assim: “Também gostaria que você fosse pra lá, mas não dá tempo” e mandou eu sair pela portinha do fundo, já pra um corredor. E aí... na época o José estava lá, era o meu namorado, não sabia que eu ia parir naquele momento. Ele tinha ido e minha mãe também foi. Eu não pude ver a minha mãe... eles entregaram a minha roupa, aí eu saí pela porta do fundo e entrei no elevador com um enfermeiro de cada lado e a dor aumentando. Eles falaram: “Sobe nessa mesinha” eu subi e lembro de ter pensado: “Eu estou numa sala muito apertada, num quatinho mesmo”. Eu

pensei: “Eu achei que parto era num lugar mais amplo, mais claro” e aí fiquei lá deitada, ninguém me explicou nada... e aí chegou uma pessoa e falou: “Abre a perna”. Eu pensei: “Será que eu tenho que fazer força?” Eu falei: “Eu tenho que fazer força?” Ela: “NÃO. Não é pra fazer força (fala de forma ríspida)”. E ela pegou uma gilete e me depilou com muita violência... com muita violência... Mas ela não me explicou, ela não falou assim: “Licença, eu vou depilar você”... ela passou uma gilete que doía e eu assim naquele mesinha. E eu pensava “E agora, o que vai acontecer?” Aí ela falou: “Desce e vai pra outra sala.” Que era a sala de pré-parto. Aí eu falei pra ela: “Eu não consigo descer... eu não consigo descer”, ela falou: “Tem que descer se não você vai ganhar neném aí”. E saiu da sala. Eu consegui descer com muita dificuldade, andando muito devagar porque eu estava muito barriguda, engordei muito ... e estava completamente sozinha. E sempre que eu penso nisso, eu penso: “Mas eu só tinha dezesseis anos.” Eu fui... tinha um corrimãozinho no corredor e chegou uma hora que eu disse: “Eu não consigo mais andar” e chamei ajuda. “Eu não consigo mais andar”... E um rapaz falou: “Você tem que subir naquela outra maca”, a sala não era longe, mas eu não conseguia mesmo... (suspiro). E aí eu falei: “eu não consigo... eu não consigo andar. Eu não vou, eu não vou andar. Eu não consigo, eu não consigo.” Teve uma pessoa que passou, eu não me lembro. A pessoa não estava uniformizada, então eu não sei quem era... Ela passou e me levou, eu consegui subir na maca.

E me lembro muito bem de estar na maca, sofrendo ali, perguntando: “Tá acabando? tá acabando?” e um enfermeiro e uma enfermeira sentados, auxiliar de enfermagem, sei lá, sentados um em cada lado da maca, porque eram três mesinhas, três macas e eu ali no meio, e eles conversando. Eu lembro que eles falavam de mercado, eles falaram de diversas coisas... e eu era só um pedaço de carne preta deitado naquela maca. Não teve momento algum que eu tenha me sentido uma pessoa. Isso só me causa estranhamento hoje. E não teve nenhum momento que eu pensasse: “Ah, eu estou sendo tratada como um pedaço de carne”. Não teve nenhum momento. Aquele sentimento era tão assustadoramente conhecido pra mim, aquele tratamento era tão... tão conhecido, sabe? Era... não me causou estranhamento. Não tinha exatamente um problema acontecendo ali.

Enfim, muita dor, eu não sabia o que estava acontecendo. Aí eu falava: “Chama a minha mãe”. Aí eles diziam: “Na hora de fazer você não chamou a sua mãe”. Eu falava: “Eu quero a minha mãe só pra me despedir dela”. Aí eu falava: “Eu quero só me despedir da minha mãe”. Me lembro de pessoas rindo... Isso assim. Lembro que... lembro disso... que foi... lembro que eu nunca tive tanto medo assim. Essa experiência me marcou para sempre, acho que me marcou pra sempre.

Aí o Bem nasceu enfim, nasceu de parto normal. E eu tive a experiência de ser mãe do Bem por um tempo. O Bem morreu com quatro meses. Então... foi uma experiência muito difícil. Tinha essa coisa da relação com o meu corpo. Nessa altura do campeonato já era um corpo totalmente transformado pela gravidez, né? Tinha a relação com esse homem que não era um parceiro... que era... que me humilhava, que olhava para outras mulheres, pra mim isso era horrroso.

No fundo sentia que ele tinha razão de olhar para outras mulheres, do mesmo jeito que aqueles meninos que riam tinham razão, do mesmo jeito que tinha razão aquele menino de negar que gostava de mim. Então assim, eu tive um que me quis, então tá. Então ok ele estar olhando pra outra pessoa, ok ele estar paquerando outra pessoa, mas é também porque eu não sou suficiente. Eu não sou bonita. Dentre as mulheres negras eu sou o que de pior ele poderia ter escolhido, afinal de contas eu sou preta. É isso... eu não tinha dinheiro para os melhores alisamentos... eu era uma preta alisada, mas com cabelo curto, caído, um lado era mais curto... teve uma época que meu cabelo de um lado era desse tamanhinho, era muito pequeno, do outro lado era um pouco maior. Eu tentava puxar aqui, fazer aqui cobrir a testa... enfim, então foi muito difícil. Foi um período muito difícil da minha vida.

Adolescência assim foi um período duro, sabe? Um período duro... Ao mesmo tempo eu fui muito batalhadora. Acho que eu tive muita força. Na adolescência fui fazer magistério, mas eu estudava em período integral e recebia uma bolsa. Mas eu lembro que eu estava grávida... (quando eu estava no magistério eu engravidei), e eu lembro das experiências assim: grávida, barriguda, chegava em casa eu fazia bolo e torta pra vender nas portas no dia seguinte. Então enquanto as pessoas estavam estudando e cuidando do seu estudo, do seu futuro, eu estava ali pensando o que a gente ia comer, sabe?... Como eu ia ajudar a minha mãe. Indo pra escola com uma bolsa do lado e uma sacola de torta e bolo do outro... e na hora dos intervalos batendo nas portas e pedindo para as pessoas comprarem e me ajudar. Eu lembro muito disso... de não saber como ia ser o dia seguinte, dessa falta de perspectiva do futuro.

Mas lembro de ser uma pessoa inteligente, muito batalhadora. Eu estudei muito... Passei muito bem colocada no vestibulinho.

M: Você sempre foi estudiosa?

F: Sim... muito estudiosa. Sempre... Sempre fui.

M: Você teve incentivo pra isso ou era algo teu?

F: Era algo meu... Eu me lembro que quando eu tirava notas boas era o esperado. Porque eu sempre fui muito inteligente mesmo. Hoje em dia eu fico vendo o Obike⁵, meu filho, ele tem o diagnóstico de superdotação, tem avaliação de superdotação. Eu fico pensando que logo que eu descobri, que fez a avaliação...(suspira) Se eu tivesse o estímulo que o Obike teve na vida provavelmente eu teria um futuro muito mais brilhante. Eu teria tido uma adolescência muito melhor. Eu teria acessado outras coisas. Porque... eu era muito inteligente... naturalmente, sabe? Eu sempre tirava notas muito altas, então eu chegava pra minha mãe, pro meu pai, mostrava o A e ela falava: “Eu ia me espantar se você tirasse B”. Então eu comecei a naturalizar isso e por outro lado pensar: “É isso que eu tenho. É isso que me resta: a inteligência”. Eu tinha pavor a uma nota que não fosse dez. Eu tinha pavor de fracassar. Aí eu comecei a perceber desde cedo que esse era o único lugar de sucesso que eu teria. (suspira)

Então, eu sabia que esse era o meu lugar de sucesso. Que eu era boa, sabe?... Na infância eu tinha as melhores notas, então isso era bom porque eu conseguia me destacar. Era um lugar de destaque. Na adolescência eu usava essa minha inteligência tanto para os estudos, eu era muito boa, mas também pro humor, eu era a engraçada da turma. Então eu fazia paródias, eu era muito boa nas paródias. Tem uma frase que eu digo pra Adia sempre que é: “Eu sempre fui da turma das mais legais, das mais inteligentes, das mais bonitas, mas eu nunca me senti uma das”. As turmas me queriam por perto, né?

Vamos supor, na adolescência estudando no final do fundamental, eu me lembro de estudar numa escola que tinha na periferia, mas era escola onde estudava assim... filho de professor. Por exemplo, lá na periferia tinha uma casa, a maior casa do bairro, era mansão, o pessoal falava. Tinha um menino que morava nessa casa que chamava Rodrigo..., então era a escola onde estudava o Rodriguinho da mansão. Então assim era a escola onde as pessoas mais descoladas e bonitas da periferia estudavam. No primeiro dia de aula eu coloquei um terninho da minha mãe... eu fui assim. Eu fiquei pensando “O que as pessoas gostariam de ver? O que as pessoas vão aceitar bem? O que é estar bem... fazer parte... O que é que eu vou fazer pra me disfarçar? Pra parecer que eu sou de lá. Parecer que de fato eu mereço estar naquele espaço, que eu estou acostumada a um espaço desses.” Aí eu catei um terninho da minha mãe, um coioote que era um sapato de couro assim, não tinha nada a ver com o que eu gostava de usar. Coloquei uma camisa e fui pra escola... Com o meu cabelinho molhado e a minha franja. E aí cheguei lá e percebi que os adolescentes não se vestiam assim... eles se vestiam de outra forma. De novo eu fiquei exposta. Mas eu me vesti pra ser aceita. Eu me

⁵ Significado: de família forte (Ibo da Nigéria).

comportava pra ser aceita. E agora eu estou falando isso pra você e estou pensando assim: “Eu ainda não sei...muitas vezes eu ainda não sei quem sou eu”. Porque o meu parâmetro sempre foi: “O que eu vou fazer para fazer parte? O que eu vou fazer para ser aceita? O que eu vou fazer para ser menos inadequada?” Porque eu tenho uma imagem inadequada. É... é isso... Eu tenho uma imagem inadequada. Então todo tempo é... como eu vou me comportar, o que é que eu vou fazer, como vou falar pra parecer mais adequada. Acho que as minhas experiências na adolescência foram muito pautadas por isso... E pela baixa autoestima que é... que era muito comum.

Enfim, depois que meu filho morreu o meu casamento acabou. Com dezesseis... Dezesete eu estava separada. Com dezenove eu fiz o divórcio, tinha que esperar dois anos. Com dezenove eu estava divorciada.

M: Como você reagiu à última situação de violência que você teve? Você decidiu se separar na sequência?

F: Então... na sequência eu decidi me separar, mas aí minha mãe veio e me convenceu do contrário. Na verdade a minha mãe me alertou do contrário, não é que ela me convenceu. Ela disse: “Faizah foi muito ruim...”, eu morava dentro da casa da minha mãe, dormia na cama de solteiro, na minha mesma cama de solteiro dentro do meu quarto que era o meu quarto de solteiro. Foi lá que o Bem viveu período que ele viveu, foi lá que eu vivi com o meu marido. Aí minha mãe chegou pra mim e falou: “Faizah, pensa bem. Olha bem pra mim.” Minha mãe se separou com trinta e oito anos. Minha mãe se separou não; meu pai foi embora. Meu pai sempre teve outras mulheres, dessa vez ele arrumou uma mulher loira e foi embora de casa. Trinta e oito anos minha mãe tinha, depois disso ela nunca mais teve ninguém...

M: Seu pai é negro?

F: Meu pai é negro. Minha mãe nunca mais teve ninguém... nunca mais... nunca mais ficou com ninguém, pegou na mão de ninguém, saiu com ninguém, nada... Casou virgem com meu pai, viveu com meu pai. Aí ela disse: “Olha bem pra mim, não é possível... se você se separar agora, se o José for embora, se você perder o José, você vai... primeiro que ninguém mais vai te querer. Você nunca mais vai ter ninguém. Porque homem nenhum, principalmente depois da mulher ter perdido a virgindade, vai querer uma mulher como você. Os homens chegam perto de você só para aquilo”. Aquilo é a experiência sexual ruim que ela teve a vida toda, né? De não atrelar... a minha mãe não consegue atrelar sexo a prazer. Então ela falou: “As pessoas só vão te querer para aquilo”. Aquilo ruim e pra abuso (suspira). “Então, pensa bem. Não quero isso pra você.” Então eu pensei: “Verdade. Eu também não quero isso pra mim.” E aí eu voltei atrás na minha decisão de me separar. Falei pro José “Não quero me

separar”. Evidente que toda vez que eu me olhava no espelho e via a minha cara marcada... era muito ruim. E assim, eu via... eu tinha essa questão de autoestima e pensava: “Gente, eu não sou nada mesmo”. Porque assim, o pouco orgulho que eu tinha, o pouco brio que eu tinha, quando eu olhava no espelho pensava: “Eu vou ficar com esse homem assim mesmo”. Era muito violento. Ficar com ele era muito violento.

Mas eu tinha muito medo porque... eu acho que quando a gente fala da solidão da mulher negra é algo que... eu fico pensando que essa solidão me acompanha desde muito cedo, sabe? Desde muito cedo. Porque eu não tive um paquerinha. Eu não tive um menino pra pegar na mão. E a ideia de ser condenada à solidão é desesperadora. E eu com dezesseis anos! Era muito desesperadora porque com dezesseis anos essa ideia de solidão é outra ideia. Não tem nada a ver com a ideia que eu tenho hoje de mulher adulta. Então... então é isso. Pra mim a ideia de que eu ia ficar sozinha para sempre era ser condenada ao inferno. Então, eu não podia suportar. Quando eu falei pro José: “Vamos ficar”, aí ele já estava gostando da ideia de se separar. Foi questão de dias. Lembro que eu apanhei dele na quarta, fiquei sem ir pra escola. Eu estudava ainda na época, faltei na escola. Depois eu tive que inventar a história de que caí, bati o rosto, porque eu voltei ainda meu rosto estava inchado. Meu olho inchou, cortou aqui... eu tive que ainda inventar história. Na segunda eu fui pra escola, quando eu voltei ele tinha ido em casa pegar todas as coisas e saído de casa e ido pra casa da família dele. Domingo ia completar um ano da morte do Bem... na mesma semana... domingo... Ele foi embora na segunda. Então foi infernal pra mim.

Aí minha luta, minha mãe me ajudou muito nisso. A gente ia pra igreja, pra ouvir a palavra, pra não sei o quê. Para as pessoas me prometerem que eu ia..., assim: “Tem uma irmã que lê a Bíblia e na Bíblia ela diz se a pessoa vai voltar ou não. Vamos lá”. “Vamos fazer campanha, fazer sei lá o quê”. Eu chorava muito porque eu estava condenada e aí eu ia muito atrás dele. Eu pedia, eu falava: “Volta. Eu vou fazer o que você quiser. Você pode ficar com outras mulheres também. Você vai ter uma vida tranquila ao meu lado. Eu não vou te cobrar mais nada.” Era só a ideia do: "Pelo amor de Deus, não me condene". E hoje eu digo: "Ainda bem que ele não voltou. Ufa!" (suspira) Mas eu fiquei muito tempo, eu fiquei muito tempo pedindo. Eu lembro assim que depois de alguns meses eu me formei, terminei o ensino médio. Ele foi meu padrinho na formatura porque eu convidei e insisti....ele foi. E lembro que quando terminou a formatura ele foi pra minha casa. Eu estava super naquela promessa de que ele ia voltar, né? Todo lugar falava que ele ia voltar. Ele foi pra minha casa... eu me lembro que foi uma ocasião que ele transou comigo. Eu me lembro muito bem da sensação de estar pensando assim:“Ele voltou. Que bom. Eu vou aguentar isso porque tudo bem. Eu não sinto prazer

nenhum. Me senti humilhada quando ele me bateu. Mas tudo bem, afinal de contas ele voltou.” Aquela coisa de que sozinha pro resto da vida eu não vou ser. Aí ele levantou de manhã e se arrumando pra sair e eu: “José, onde você vai?” e ele: “Faizah, não foi porque dormi com você que estou voltando pra casa”, indo embora assim.

Me lembro de muitas vezes ficar jogada no chão do quarto chorando muito. E me lembro desse período logo depois da separação: “Ok, não vou ficar com ele mesmo. Ele não vai voltar. Não quer voltar”...

De novo, eu novamente com o corpo desprotegido, tive hemorroidas. Depois que eu me separei do José, não sei o que, passei por um período infernal, alimentação... e tive hemorroidas. Aí eu fui uma vez no médico, um clínico lá perto de casa, um hospital público. E o médico, ele deveria ser idoso ou quase, e eu tinha dezessete... ele me examinou, ele era um clínico e fez exame de toque... e ele se apaixonou por mim, supostamente. Eu fui sozinha no médico e ele começou a marcar retorno. Eu falava pra minha mãe assim: “Ele marcou retorno”... e eu chegava lá, estava na fila do atendimento... ele me tirava da fila, me colocava dentro da sala e falava assim: “Você é a minha convidada ESPECIAL”... E aí de novo eu estava sendo escolhida. Aí eu dizia pra minha mãe e minha mãe dizia: “UM MÉDICO...”. Era um homem branco, idoso e eu tinha dezessete anos. Dessa vez era um médico. E eu me lembro de nesse período ter passado por situações assim... Eu lembro que esse médico um dia ele me chamou pra ir no cinema. Eu tinha muita vergonha de falar não... Afinal de contas ele era o médico que me atendia... ele era um homem branco... Era médico, né? Um senhor e médico. Aí uma vez ele me chamou pra ir no cinema, lembro que nesse dia a minha mãe... (minha família ia pra praia) ...minha mãe disse: “Ah, você não vai poder vir pra praia porque você tem um cinema com o médico”... Ele tinha um carro. Lembro que fui pro cinema e assistimos um filme de terror... Pânico... Lembro que ele colocava a mão assim e falava: “Nossa, seu coração está acelerado...”, “Nossa, deixa eu medir seus batimentos”. E aí eu apavorada do lado daquele homem no cinema e pensava: “E se ele me abraçar...” Ele me abraçou com desculpa de me proteger, colocava a mão e eu apavorada com aquele corpo daquele homem.

Mas pensando assim: “é minha redenção”. E mais uma vez a invasão do meu corpo não era problema. Não era um problema assim... Era um local de medo, mas era um local conhecido. Esse lugar do meu corpo exposto era... de novo... um lugar conhecido. Do meu corpo desvalorizado, do meu corpo como um pedaço de carne. Podia ser de tudo, mas não era um lugar desconhecido, era um lugar... não me fazia desmoronar... não me fazia desmoronar porque , né?... eu aguento, já passei por um monte de coisas... Eu me lembro, eu conheci mais

um cara... branco no metrô... mais velho e que também me lembro de saindo com ele... e sempre na coisa... eu não cheguei a transar com o outro porque eu tinha muito medo... mas essas figuras sempre me pareceram como redenção, uma chance, um risco de não ficar sozinha para sempre. Mas, não porque existisse a chance do afeto... não existia chance de afeto, existia quem quisesse aquele corpo que era tão feio, tão desprezível, tão sei lá o quê...

Mas a minha mãe não estava inteiramente certa, alguém ainda iria querer aquele corpo! (suspira) Eu acho que eu me sujeitei... não sei, com quatorze, quinze anos... acho que eu aceitei viver muita coisa porque era esse corpo preto. Enfim, tentando achar experiências boas pra contar na adolescência (riso), mas, não tem uma... não tem.

Acho que era isso... a partir disso eu me formei a mulher que eu sou, sempre pensando... a minha inteligência sempre me chamando muito... eu não tinha consciência da inteligência que eu tinha... como eu disse, quando o Obike foi... quando eu recebi a neuropsicóloga: “Então, a gente avaliou aqui uma superdotação!” Eu comecei a chorar pensando em mim como criança. Pensando “eu era muito inteligente”, ninguém disse isso nunca pra mim: “Faizah, você é muito inteligente”.

M: Nem os professores?

F: Não, nem os professores. Não me lembro de ser elogiada pela minha inteligência... não me lembro assim. A minha mãe conta uma história que eu na terceira série fui reclamar da professora na diretoria... porque eu tinha... como eu disse, eu sempre fui muito à frente da minha época... eu fui reclamar da professora. Aí minha mãe falou que eu fui reclamar porque a professora colocou... colocou a Bárbara, que era uma amiguinha loira, colocou pra corrigir a prova. E eu falei que preferia tirar um zero da professora do que um dez da Bárbara. Porque tinha que ser A professora, porque ELA era a minha professora. Ela tinha que corrigir.

De alguma forma minha inteligência me salvou. Eu tinha... eu me sentia desafiada a ir nesse lugar. Da inteligência... eu sempre fui muito inteligente... mas eu não me lembro de ser muito elogiada... Minha mãe fala: “Você foi a primeira da sala a aprender a ler!” É curioso que eu achei a minha professora da primeira série no Facebook. E aí um dia ela escrevendo um depoimento pra mim ela disse assim: “Nossa! Eu lembro de você. Tão inteligente! Você é muito inteligente, se destacava”... Ela NUNCA disse isso pra mim lá. Ela falou: “Nossa, é bom encontrar uma aluna, não sei o quê, nessa posição... Você sempre tão inteligente”... Ela comenta os meus posts dizendo: “Ah, você falar isso não me espanta, você sempre foi tão inteligente”. Só que... Ela podia ter dito isso quando eu tinha seis anos, mas ela não disse. Mas eu era inteligente mesmo... então como que eu usava a minha inteligência? Então eu lia coisas e ia conversar com adulto, eu dizia: “Olha isso que eu sei”. Isso me dava segurança,

saber muita coisa me dava segurança... Hoje em dia a minha mãe diz assim: “Eu nunca te protegi porque você nunca foi criança. Você era tão inteligente, sabia tanta coisa, muito mais coisa que eu às vezes”. Eu sinto hoje em dia que pra minha mãe foi muito difícil lidar com essa criança que era tão inteligente, que questionava.

Enfim, acho que a minha inteligência me salvou. Eu prestei o vestibulinho. Quando eu fui ver o resultado, eu lia de baixo pra cima, quando eu fui ver e passei em nono lugar, sabe? Num vestibulinho superconcorrido. Aí depois da separação, depois que aconteceu tudo isso, que eu vi que não ia mesmo ter o José de volta, depois eu resolvi prestar o vestibular. Mas eu nunca... nunca... prestei o vestibular na USP. Eu nunca entendi que aquilo era pra mim. Nunca prestei... Talvez até pudesse, tinha chance de passar em um vestibular na USP... Mas não, já era ousado demais prestar vestibular. Mas aí eu prestei vestibular na Faculdade Paulista de Serviço Social, passei de cara... e daí comecei a faculdade, comecei a cursar o Serviço Social.

Eu falo dessa minha inteligência com segurança agora, primeiro por conta do olhar do outro... As pessoas me dão... as pessoas me dão o parâmetro da minha inteligência. E segundo porque eu olho o meu filho, e eu acho meu filho MUITO inteligente e eu sou MUITO parecida com ele, (risos) eu me vejo nele. E eu fico pensando: “Gente, se meu filho é tão inteligente, ele é muito parecido comigo, então eu sou também”. (risos) Eu não... eu ainda não tenho segurança, sabe? Eu ainda me espanto quando as pessoas falam: “Nossa, eu admiro você”. Ainda é muito estranho.

M: Você passou em um concurso muito difícil, em um órgão federal...

F: Sim. Sem estudar... Hoje em dia eu falo assim... eu falo muito pro Eno⁶ e o Eno dá risada... As pessoas falam assim pra mim, por exemplo: “Como você faz pra passar em concurso?” Eu falo assim: “É muito estudo”. Eu nunca estudei pra passar no concurso, nunca tive coragem de falar para as pessoas... Nunca digo isso para as pessoas. Porque afinal de contas eu tenho que ser humilde. Eu tenho que ser humilde... Talvez eu não seja tão boa assim, talvez tenha sido sorte mesmo. A minha família sempre diz isso: “A Faizah tem muita sorte”. E tem um lado em mim que acredita mesmo na sorte que eu tenho. Então eu nunca digo para as pessoas, por exemplo, que eu passei num concurso federal sem ler o edital do concurso. Não digo isso... Não conto para as pessoas. As pessoas falam assim: “Qual é o segredo pra passar num concurso?” Eu falo assim: “Eu estudo muito, eu sempre estudei”.

Então às vezes eu vejo... Eu estava lendo num grupo esses dias que tem pessoas brancas que, por exemplo, tiveram uma experiência com alguma coisa e vão lá dar curso sobre isso. Teve uma experiência, por exemplo, foi fazer uma viagem pro exterior e faz um

⁶ Significa: presente (Nigéria).

curso online de como fazer viagem para o exterior. Eu sou exatamente o contrário, eu escondo. Escondo que eu sou boa nisso, porque no fundo eu acredito que não sou tão boa nisso. Porque é muito difícil acreditar que sou tão boa assim. Então eu não costumo dizer... Então, eu fui fazer Serviço Social e fui me destacando... Me destacando na minha profissão, nas coisas que eu faço. Então fui chamada pra ser assistente de ensino, como professora assistente... Logo depois que eu me formei. Fui me destacando no meu trabalho. E aí eu acho que profissionalmente eu fui me tornando mais segura. Não como mulher... eu não acho que sou uma mulher segura de mim... ainda... segura de quem eu sou... ainda não. As pessoas me veem e sorriam pra mim, eu nem sei quem... Acho que eu nunca vi a pessoa, acho que a pessoa talvez tenha me visto. Eu sou muito olhada... voltamos à primeira frase... .

M: Você tem noção agora como mulher (eu lembro que aquela moça no Grupo Terapêutico usou uma expressão perfeita), você tem ideia hoje do quanto você é absurdamente bonita? (risos)

F: Não. Eu todo dia... agora eu estou dizendo frases para mim. Todo dia eu me olho no espelho e falo: “Faizah, você não é o padrão de beleza, mas o problema é o padrão”. Eu falo mesmo, eu digo pra mim: “O problema é o padrão”. Eu me sinto bonita mais vezes do que eu me sentia antes, mas o olhar das pessoas ainda me deixa extremamente insegura. Por isso que eu digo que pra sustentar a imagem que eu... que eu... que eu tenho hoje, pra sustentar a mulher que eu sou hoje, pra dar conta da energia que eu tenho, eu me canso muito! Pra eu chegar nos lugares eu faço... Hoje eu estava entrando no metrô, na estação do metrô. Eu estava me sentindo... Eu olhei pro lado... Eu estava me sentindo bonita. Eu estava descendo a escada, alguns olhares... não tenho como interpretar exatamente os olhares, sei que os olhares são filtrados pelo meu olhar. Mas aí algumas pessoas me olharam, muitas pessoas brancas... eu descendo a escada. Eu descendo e as pessoas olhando... Olhares diversos. Teve alguns olhares que me deixaram insegura. Eu estava segura ali, dois minutos atrás. Meu corpo não passa despercebido. Eu não passo despercebida. Aí eu andando eu fiz assim: levantei a cabeça... “Levanta a cabeça” eu dizendo pra mim... “Levanta a cabeça, Faizah. Levanta a cabeça. Fica firme”. Aí eu penso: “Faizah, tá demais a cabeça, não precisa levantar tanto. Baixa um pouco a cabeça”... Esse movimento, isso tudo me cansa diariamente... Não tem um só dia da minha vida que eu saia de casa sem pensar que eu sou uma mulher preta. Não tem um só dia que a minha preocupação seja... vou me arrumar pra ir só... eu vou me arrumar pra ir pro trabalho... fui pro trabalho, voltei do trabalho... só. Eu chamo as pessoas do meu trabalho, eu clico no próximo. As pessoas abrem a porta... poucas são as vezes que eu não penso: “O que essa pessoa pensou?”.

Ontem eu atendi um homem... Eu atendo pessoas muito empobrecidas... porque eu trabalho com pessoas em situação de pobreza, miséria e deficiência. Trabalho muito com pessoas pobres, pessoas negras. De vez em quando trabalho com pessoas que tem mais grana que eu. São pessoas brancas. Ontem entrou um homem na sala, eu estava atendendo. Aí eu fui explicar pra ele o benefício. Ele era um homem branco, pós-graduado, com grana. Ele sentou lá. Eu estava bem. Ontem eu estava bem... Depende do dia... Aí comecei a fazer... Chegou um determinado momento que ele disse: “Você fez alguma coisa? Algum tratamento no dente alguma coisa?” Eu falei: “Não. Porquê?” “Por que seu dente está com um marronzinho”, eu estava com batom. Aí eu falei: “Deve ser batom”. Tirei e falei: “Obrigada”. Aí ele falou: “Ainda não saiu aqui”. Aí eu tirei e falei: “Obrigada”. Ele falou assim: “Eu já ia brigar com você. Se você tivesse feito alguma coisa no dente. Tem um dente tão bonito, não precisa ficar inventando coisa no dente.” Aquele homem estava muito empoderado, invasivo, MUITO.

E assim... Me vem na cabeça que se eu fosse completamente ignorante em relação a racismo eu ia falar: “não brigue comigo, eu não sei o quê...”. Eu pensei: eu estou atendendo esse homem, estou fazendo uma avaliação... Geralmente as pessoas chegam no meu trabalho... As pessoas me chamam de doutora quase, eu falo: “Meu nome é Faizah”... No primeiro momento eu já falo: “Meu nome é Faizah, eu sou assistente social, você pode me chamar pelo nome...” Geralmente as pessoas chegam no sapatinho porque tem uma relação com a instituição que eu trabalho, mas comigo não, tem uma permissão. E essa permissão é dada pela minha negritude. Também pelo fato de ser mulher, de ser uma mulher preta. O fato de ser uma mulher preta autoriza, no pensamento, na a construção de dessas pessoas, essa invasão. E eu ainda me pego muitas vezes sem ação. A hora que esse homem falou eu... Me deu uma descompensada... Uma dor no peito... Se eu fosse agir, fazer o que eu tinha vontade, eu tinha vontade de sair da sala e ir embora. Meu Deus, preciso ir embora pra casa, sentar no meu sofá, me cobrir... Porque eu não quero ficar exposta desse jeito. E aí ele disse isso, eu consegui não sorrir... Porque não conseguir sorrir pra mim é muito difícil, especialmente quando as pessoas me violentam. Aí eu não sorri e fiz a próxima pergunta. Eu não senti que ele ficou desconcertado... não senti. Como o atendimento foi curto, ele tinha lá um problema de agendamento... ainda bem foi um atendimento breve. Mas se fosse um atendimento mais longo tenho certeza que ele tentaria de novo... de novo... de novo...

E aí assim: “Ok, me saí dessa vez.” Mas eu penso: “E a próxima?” Porque vai ter próxima e próxima e próxima ... Sou eu que tenho que resistir. Sou eu que tenho que conseguir. E cada vez que eu consigo é uma vitória. Mas cada vitória tem muita luta, e eu queria tanto passar um diazinho da minha vida sem lutar, sabe? Eu fico tentando imaginar

como é você não ter que lutar. Tentando imaginar como é você somente existir na vida... Só existir... Assim, acordei e existi ali, voltei.

Porque além de tudo, agora... Falando da Faizah mulher preta adulta. Eu tenho uma filha e um filho...E aí, eu tenho que pensar em quem eu sou, eu tenho que... todo dia resistir também por eles. Porque eu estou educando duas crianças pretas. Eu tenho que pensar nisso... pensar em estratégia como uma mãe preta. Pensar em estratégias para que meu filho e minha filha sofram menos do que eu numa sociedade racista. E isso me consome muito!

Então, até o ano passado o Obike estava em uma escola particular. Uma sala com crianças brancas, com professores e professoras que não estão nem aí, que estão representando só o branco. Estavam dando famílias brancas pra ele pintar. Eu fui na escola... Na escola não fui uma vez só não, várias vezes... Mas eu queria que meu filho só estudasse... queria que meu filho só estudasse... queria só ver caderno, fazer lição de casa. Eu queria só isso... eu queria sentar na frente da televisão com meu filho e ele assistir um desenho e eu não ter que ficar selecionando o que ele vai ver, porque tem uma representação negativa do negro naquele desenho e eu preciso convencer o meu filho a não assistir. Eu queria poder sentar com ele e não ficar olhando... Tem o Patati Patata, tem um menino... tem um menino preto... só um... e ele fica sempre secundário na tela. Eu queria não ter que ficar procurando e dizendo: “Filho, olha aquele menino ali atrás escondido”. Por que é isso que eu fico fazendo... Quando passa o comercial estou eu lá assistindo... assistindo comercial lá no canal infantil e passam todos os comerciais de crianças brancas brincando com bonecas brancas... eu tenho que correr na internet e buscar coisas para representar meu filho... Pra falar pra ele, mostrar pra ele... então eu queria só um dia de descanso, sabe? Só um dia! Queria assim, acordar um dia e poder não pensar nisso. Por que eu estou muito cansada. Muito cansada. E eu só tenho trinta e nove anos (risos) então tem muita coisa pra acontecer.

E eu cheguei num momento da minha vida que eu me dei conta que não consigo me esconder mais. Eu não consigo me esconder mais! Muito tempo da minha vida eu entraria em uma cápsula e fecharia por dentro, e não sairia mais. Pra não ter que ficar me apresentando pro mundo, sem enfrentamento nenhum. Mas hoje em dia eu percebi que não consigo mais me esconder. Quer seja por conta da cor da minha pele, quer seja pela minha energia, eu não consigo mais me esconder. E aí eu estou topando, eu estou dizendo: “Eu vou fazer o mestrado”. Porque já que eu não consigo me esconder, então vamos lá. Mas eu tenho medo e uma insegurança gigantesca que eu não teria se não fosse uma mulher preta. Eu não teria essa insegurança, sabe? Eu não teria essa insegurança... Essa insegurança que eu experimento é a mesma insegurança que tenho na hora que abrem a porta e na hora que eu chamo a senha.

Essa insegurança é a mesma insegurança que eu tinha quando fui conhecer as famílias dos meus namorados, mesmo os negros... não tive muitos... mesmo os negros. Mesma insegurança.

Quando eu comecei a namorar com o Eno perguntei pra ele: “O que sua família falou de mim?” Eu queria saber...

M: Quantos anos você tinha quando você conheceu o Eno?

F: Eu tinha... O Eno na verdade estudava no mesmo colégio que eu estudei, a gente se viu lá. Quando o meu filho morreu, a escola inteira chorou a morte do meu filho. O Eno também... ele estudava lá, só que ele...o Eno... a gente se reencontrou depois que eu me separei, reencontrei com ele na igreja... Igreja católica. O Eno era coordenador de um grupo de jovens... eu era coordenadora de outro... A gente se reencontrou nessa igreja. Na época eu já o conhecia, mas não sabia nem o nome. Conhecia de vista... E a gente se reencontrou lá, se paquerou e a gente começou a namorar. Eu fiquei extremamente surpresa no nosso primeiro dia de namoro. Ele me pediu em namoro antes da gente se beijar. Fui pedida em namoro num ponto de ônibus, muito romântico, lindo... Aí eu falei pra ele: “Antes de você namorar comigo você tem que ouvir a minha história”. O que eu queria dizer: “Eu não sou tão boa assim quanto você está pensando”. Pareço boa gente, mas não sou, afinal de contas... Eu fui falar de todas as minhas experiências, que eu tinha tido filho... Ele falou: “Eu lembro, a gente estudou na mesma escola”. Eu falei: “Ah!” Até aquele momento eu não me lembrava, foi um tempo tão muito difícil... Aí ele falou: “A gente estudou na mesma escola. Você lembra? Eu te vi grávida”... “VERDADE. Você me viu.” (riso) E aí...

M: Provando contra a sua teoria...

F: Sim! Foi prova contra a minha teoria... A gente fala que a nossa história foi muito Eduardo e Mônica. Eu já estava na faculdade e o Eno era um office boy, trabalhava sem registro, nunca tinha tido um registro na vida. Estava terminando o ensino médio. A gente se reencontrou e começou a namorar no mês seguinte. E na época eu já estava na faculdade, estava no último ano da faculdade eu me formei em 2001, nesse mesmo ano a gente começou a namorar... A gente tem dezesseis anos quase, dezessete quase juntos. Eu tenho trinta e nove então eu estava com vinte e três e o Eno com vinte e um. Ele é um ano e sete meses mais novo do que eu.

Mas eu também penso, hoje a gente já fala disso, que eu acho que fui muito mais escolhida do que escolhi. Porque tem a coisa de... enfim... alguém quis ficar comigo.

M: Você não paquerou ele?

F: Eu olhei... Olhei muito discretamente... Num dia a gente tava numa reunião, ele chegou lá com a bermuda larga dele e aquele bigodinho ralo. (risos) E eu olhei pra ele, a gente se olhou, foi um olhar bacana. E a gente tinha um amigo em comum. Eu perguntei pra esse amigo em comum se ele namorava. Aí esse amigo fez um meio de campo, chegou a falar com ele. Mas o tempo todo eu pensando: “Ele não vai querer por causa da cor da minha pele”. Fiquei extremamente insegura... Ele já tinha levado uma namorada branca anteriormente. E aí eu pensei: “Se ele não quiser tudo bem, vai ser só mais um menininho que falou que não gosta de mim por causa da cor da minha pele”. Eu estava achando que não ia rolar... E aí esse amigo em comum falou pra mim na época: “Ah, ele não está namorando. Ele demonstrou interesse”. Eu fiquei com aquilo ali... Coração aceleradinho e tal. Aí na segunda vez... Quando a gente se reencontrou mais uma vez... Aí ia ter uma missa. A gente participou dessa missa, a gente terminou a missa e ele estava com várias meninas. Ele era coordenador do grupo de jovens, ele estava conversando com várias meninas. Eu falei: “Já era Faizah, ponha-se no seu lugar, olha para essas meninas, olha para você. Já era”. E saí quieta. Eu estava indo embora. Aí ele veio atrás de mim e falou: “Posso te levar até o ponto?”. Nesse dia a gente começou a namorar. (risos) E aí a gente foi pro ponto de ônibus, ficamos conversando por bastante tempo. Eu de alguma forma falei: “Eu tenho coisas pra te contar. Olha, fui casada, tive filho, não sei o que ... não sei o que...”. E pensei que de alguma forma ele iria desistir. Ele falou: “Eu sei de tudo isso... Mas você quer namorar comigo?”... Falei: “Quero”. E aí, depois a gente se beijou e começou a namorar. Isso em fevereiro de 2011.

Aí eu já estava terminando a faculdade, tudo... tinha... Eu só queria dizer com tudo isso que a escolha do par romântico, do meu parceiro, embora tenha sido uma escolha muito acertada, adiante, hoje a longo prazo, (risos) uma escolha muito acertada, mas também teve a ver com a minha baixa autoestima. Tanto porque eu fui escolhida naquele momento. Ele decidiu... se ele não tivesse vindo atrás de mim e falar: “Posso te levar até o ponto?”, eu jamais teria tido segurança de dizer: “A gente pode conversar?” E isso não tem a ver só com a coisa do machismo. Mas tem a ver porque eu não teria segurança de... no fundo... no fundo... eu sempre achei que os meninos tinham toda a razão do mundo em ter vergonha da minha pele... Toda razão do mundo. Então eu não ia expor um menino ao constrangimento de ter que me dizer não. Nunca exporia... então eu... não faria isso. Então ele teve que tomar iniciativa.

E outra porque o Eno era um menino que ali de alguma forma... eu estava terminando a faculdade, com todas as minhas dificuldades, mas eu estava terminando a faculdade, eu estava em outro movimento de vida. Eu já tinha tido outras experiências e ele era um menino que trabalhava sem registro em carteira, que ganhava... Na época eu era professora

concurada na prefeitura... eu era concursada na prefeitura de São Paulo, era professora titular de educação infantil. E ele era office boy, sem registro, extremamente explorado. Eu lembro que ele ganhava uma miséria, ele ia a pé pra minha casa, não tinha dinheiro pra pegar ônibus. A gente não podia sair pra nenhum lugar porque ele não podia gastar dinheiro. No dia do pagamento ele conseguia me levar no McDonald's. Então, também a escolha desse homem é... Era um homem que estava ali, não tinha vivido a mesma coisa que eu... Mas era um homem ok, que não me oferecia nenhum tipo de risco. Me oferecia pouco risco. Que talvez não fosse me deixar perceber... "Ah, essa menina não é tão boa". Porque eu tinha pelo menos estudado mais que ele, então assim, eu conseguia bancar. Estar com ele por conta dessa relação disso. Hoje em dia eu vejo muito isso com a minha irmã de escolher os pares românticos... Ela diz assim: "Eu não gosto de coisa chique"... Ela não consegue imaginar que pode arrumar uma pessoa que vai me levar num lugar bom, não consegue imaginar. Bancar ter alguma coisa muito boa, muito legal é... estranho.

Então, o Eno foi uma decisão muito acertada! A gente está casado a... pera aí, deixa eu lembrar... A gente casou em 2006. Onze anos, eu sou casada com ele. Sou casada onze anos e estamos juntos dezesseis, quase dezessete. Vai fazer dezessete em fevereiro, (riso) dezessete anos que a gente tá junto. Foi uma decisão muito acertada. Eu sou muito apaixonada por esse homem, sei que ele é muito apaixonado por mim. Acho que a gente cresceu muito juntos, mas também lá naquele início eu não escolheria nada mais do que isso. Em termos de estudo, em termos de... classe social, experiência de vida. Não bancaria... não bancaria. Ficar com nada além disso.

Enfim, eu me considero uma mulher que está sobrevivendo ao racismo. Outro dia eu escrevi... Eu estava muito mal, muito triste. De vez em quando eu fico... e eu escrevi: "O racismo ainda vai me matar. Escrevam isso." Eu quis deixar isso registrado porque eu sinto muita dor na alma. Sinto muita dor na alma e a luta pela sobrevivência... a luta pra sobreviver aos olhares é uma luta muito difícil. Muito dolorosa. Todos os dias. Então não ter nenhum dia que eu levanto sem pensar nisso não é tranquilo. Adoece a alma. E a luta de ser uma pessoa muito vista, muito olhada, ao mesmo tempo ser a pessoa que recebeu tantos olhares pejorativos, ruins a vida toda... Às vezes eu tenho impressão... é mortal, sabe? É uma batalha interna o tempo todo. E ressignificar o olhar das pessoas ainda é muito difícil. Eu estou aqui olhando, a pessoa me olha... eu olho pra essa pessoa e penso: "Ele está me olhando porque eu sou bonita? Porque esta me paquerando?" Ele sorriu: "Ele tá rindo de mim ou para mim?" Porque as pessoas se sentem à vontade, né? Inclusive pra me parar no meio da rua e dizer que eu sou bonita. E aí se por um lado isso é muito legal porque as pessoas estão me achando

bonita, por outro lado as pessoas se sentem muito à vontade pra tocar no meu corpo. Parar no meio do caminho e dizer assim: “Eu estou aqui falando de você porque você é muito bonita”. Muito à vontade. Elas param assim. Elas catam no meu braço e viram: “Você é muito bonita”. Tem hora que eu queria que a pessoa só não me olhasse. Só não me dissesse nada. Só me deixasse passar. É isso. Às vezes eu queria só passar. Então, estou começando a tentar ressignificar o olhar das pessoas. Isso é um trabalho extremamente solitário. Porque aí a pessoa olhou pra mim e eu não sei. Eu também preciso dar menos importância pra o olhar das pessoas. Mas o olhar das pessoas tem importância. Porque o meu corpo preto está no mundo, meu corpo preto está no mundo... Ele decide a minha entrada ou não entrada em vários lugares. Ele decide... Ele decide o tratamento que eu vou receber nos lugares públicos e privados.

Primeiro eu tenho orgulho de quem eu sou porque eu falo: “Putá merda você sobreviveu a tudo isso!” Eu não falo muitas vezes das coisas que eu passei, dessas minhas dores da adolescência... Eu não falo muitas vezes. Todas às vezes que eu falo... eu falo: “Putá merda você sobreviveu!” Todas as vezes que eu falo... É muito curioso. É o que me vem, né? “Nossa, você sobreviveu!” Olha só... Especialmente as violências assim. As efetivas e as simbólicas. Você sobreviveu! Então eu tenho orgulho assim de ter sobrevivido. De ser essa pessoa ainda, estar aonde eu estou. Eu tenho orgulho de mim. Orgulho de quem eu sou. É eu também tenho orgulho de ter contrariado tantas estatísticas e de ter resistido tanto. Embora eu quisesse muito não ter precisado resistir. Mas eu tenho muito orgulho de ter resistido tanto e de conseguir hoje em dia dizer: “Eu vou assim mesmo!”

Eu não consigo imaginar onde estaria, não vou saber nunca, onde eu estaria se não fosse toda essa dor, todo esse peso. Nossa... eu estaria... o céu seria o limite. Porque eu pensei, mesmo com tudo isso eu estou concursada, trabalho em um lugar que eu ganho bem, tenho a família, que é uma família bonita, eu tenho um companheiro bacana... Apesar de tudo isso eu tenho uma vida relativamente boa. Mas se não fosse tudo isso eu tenho a impressão que... eu teria muito mais. Mas eu tenho orgulho da minha resistência. Eu acho que ter que resistir a vida toda me fez de alguma forma quem eu sou. Eu não consigo imaginar. É Faizah, resistência e luta. Está tudo junto.

E aí quando eu quero, por exemplo, mudar pro pra outro bairro, quando eu falo assim: “Não, esse lugar que eu moro não tem internet, eu não tenho acesso a coisas bacanas aqui, eu vou mudar pro outro lado da cidade”. As pessoas da minha família casam... quando se casam... orbitam em torno da periferia. A minha família é toda da periferia, a família do Eno também. Orbitam ali. Vencer na vida é construir no quintal da mãe. Tenho um primo que tá

vencendo na vida, construiu uma casa bonita no quintal da mãe. E aí eu vou pra outro bairro. Que foi um lugar que eu nunca tinha pisado.

O que me deu essa força... Triplicou... Triplicou é pouco... Que me deu muito mais forças foi a maternidade. E a maternidade preta. EU VOU MOSTRAR PRO MEU FILHO QUE ELE PODE OCUPAR ESSE ESPAÇO. EU VOU LEVAR MEU FILHO... Essa escola que é referência? É ESSA ESCOLA QUE MEU FILHO VAI ESTUDAR. É ALI QUE EU VOU FAZER. O IDH é melhor... Eu vou pra lá. Eu preciso cuidar de mim, eu preciso cuidar dessa mulher que foi tão violentada, que é violentada o tempo todo. Eu preciso cuidar... Dando as melhores coisas. É... isso é um desafio diário. Desafio diário. Eu ia te contar que eu estava... Uma coisa que está muito em falta na minha vida agora é que eu preciso comprar... É que eu tenho dinheiro, mas eu só consigo comprar coisa em promoção. Eu só compro coisa em promoção. Só... Então eu tenho, por exemplo, um shorts jeans que eu adoro, sou apaixonada por ele. Comprei em um dia em promoção e ele é um shorts de grife. Eu tenho um quadril largo, bunda grande... Não é qualquer roupa que vai ficar legal do jeito que eu gosto... E um dia eu comprei um shorts em promoção, mega bonito... numa grife. Isso a sei lá quase dez anos. E aí eu tenho esse shorts. Esse shorts está todo rasgado, capenga... e eu quero um shorts tão bonito quanto. Vou numa loja de grife, vou numa loja boa – não precisa ser de grife, coisa boa, uma coisa de qualidade – vejo o shorts, custa... cento e cinquenta reais. Eu nunca... nunca... comprei uma coisa que estivesse sem promoção. Sem etiquetinha vermelha? Nunca. Nessa saga por encontrar o shorts, porque eu gosto muito do shorts... outro dia eu abri a minha gaveta, semana passada, eu tenho sete shorts. Todos eu comprei na promoção na esperança de encontrar um shorts como aquele. Então comprei quinze reais, comprei na banca no Brás, comprei com defeito... Eu comprei um shorts barato, eu comprei um shorts de segunda mão. Eu comprei um shorts... Tudo porque eu não daria cento e cinquenta reais. Eu sempre disse que é porque eu sou uma pessoa que não gosta de gastar dinheiro com coisas... Não é... Porque eu não gasto dinheiro comigo. Porque eu não me dou as melhores coisas. Eu não me visto com as melhores coisas. Eu compro o com defeito. Eu compro o que está e mega... mega... mega... promoção. Se você fala assim esse shorts, eu falo “eu paguei quinze reais...” eu não gastei dinheiro com esse corpo, eu não comprei o melhor, não fiz melhor. Foi baratinho, eu quase peço desculpas. Aí tá em promoção... não ficou bom, mas eu vou levar assim mesmo. É.. é isso. Dois passos pra frente um pra trás... E é isso (risos) todos os dias... todos os dias... como eu me sinto cansada. Se eu fosse falar o que mais... Eu chego na terapia toda semana e eu falo: “Estou cansada” e eu saio falando “Estou cansada”. Estou muito cansada... Muito cansada. Mas... eu não vou desistir. Eu não quero pelo menos. Não quero

desistir. Quero continuar e hoje também... Principalmente pelos meus filhos. Tenho duas crianças que me tem como espelho. Preciso resistir por eles, pra eles.

É isso... eu acho que foi esse lugar de resistência assim. As pessoas nos param na rua e nos olhavam muito. E nos olham muito como família. Olham como ET... Às vezes falam assim... Perguntam se as crianças são filhas do Eno, sabe? Porque assim... Tem no imaginário das pessoas que as mulheres pretas tem um filho de cada pai. Não tem problema ter um filho de cada pai... Mas que só existe esse formato de família. Da mãe com um monte de filho... Ou da mãe com um filho e sei lá o quê. A gente tem uma família que a gente divide os nossos afazeres, onde a gente é extremamente parceiro, onde a gente conversa uma série de coisas, onde a gente divide a educação das crianças.

Nós formamos uma família bonita. E a gente assim... A gente sempre via as famílias... Quando você vê representação de família... Eu só... Voltando.... Eu sofro demais quando eu olho a televisão e vejo só pessoas brancas. Eu sofro muito mais do que eu gostaria de sofrer. E a meta é sofrer menos. Essa é a minha meta, sofrer menos. Então quando eu vejo... Em ótica você vê muita foto de família e aí você olha a foto de família... E quando fala no comercial: “Família não sei o quê...” sempre mostra família é família branca... Sempre mostra a família branca. No máximo mulher com um menino preto. Raramente mostra uma família preta. E aí eu... Não ver representatividade, não ser representada é muito sofrido. É muito mesmo. Porque mesmo quando eu vejo representação de pessoas negras eu não me vejo... Porque geralmente não são pessoas pretas retintas, são pessoas negras com a pele mais clara. Então não ser representada pra mim é muito ruim. Por exemplo, quando eu vou comprar uma roupa para as crianças com um desenho eu não compro com o desenho de uma pessoa branca. Eles tem porque eles ganham. Eu falo assim: “Eles já tem o mundo inteiro pra ver pessoa branca, eles não precisam que a mãe e o pai comprem essas roupas pra eles”.

Eu comecei a perceber que a minha família é algo que tinha dado certo na minha vida. Eu comecei a perceber que um monte de coisas deu errado. Um monte de coisas deu errado. ISSO deu certo. A família está aí... Está com todas as suas questões, mas está aí. Tá vencendo sim...

Um dia o Obike, a gente vivendo essas questões na escola, o Obike chega com um negócio do material didático. Ele chegou da escola dizendo que a professora... Ele tinha dito que a professora tinha mandando pintar... circular a família que mais parecia com ele no livro didático e... que não tinha nenhuma família que parecia com a dele. E que aí ele tinha desenhado. Eu falei: “Ok, filho, que você desenhou. Está tudo certo”. Aí um dia chegou a lição de casa pro Obike fazer, eu estava olhando o livro e tinha a lição e a professora escreveu

de caneta verde: “Obike se recusou a fazer a lição porque disse que não tem nenhuma família parecida com a dele”. E eu olho no livro e de fato está lá a lição sem fazer... E o Obike tinha se recusado. Eu falei :“Meu filho está resistindo”. E no primeiro momento eu achei lindo, em seguida eu comecei a ter uma angústia... fiquei angustiada, angustiada... Mandeí mensagem, foto pro Eno, ele não estava em casa. Falei: “Obike, olha aqui, o Obike não fez a lição, ele resistiu”. Aí ele falou assim: “Nossa, Preta, que orgulho”. Aí eu falei pra ele: “Nego, eu não estou achando isso legal”... Ele não precisa. Ele não tinha que passar por isso. A escola que tinha que apresentar, a escola tinha que bater o olho e falar: “Meu Deus, não tem a família do Obike. Aqui não tem famílias pretas.” Até para as crianças brancas... As crianças brancas precisam criar o imaginário de família que existe. Então, o Obike não tinha que passar por isso. Então eu estou dizendo que foi muito ruim pra mim. Eu não quero que meu filho passe por isso também. Porque eu não quero que meu filho também adoça no processo de se afirmar todos os dias. Não quero que meu filho tenha que se preocupar de manhã se ele vai se ver ou se ele não vai se ver. Eu quero que meu filho faça a lição, sabe? Sem se preocupar com isso. E aí o Eno falou assim: “Preta, você está certa. Vamos lá conversar com a coordenadora.”

Ontem a gente foi ver móvel planejado e a gente andando e aí eu vi as pessoas olhando... Eu já consigo ressignificar o olhar pra minha família. É mais fácil ressignificar. A minha família é muito bonita mesmo, gente. O Obike é muito inteligente, minha filha Tshepo⁷ também é um espetáculo... Sabe assim... minha família é o lugar pra onde eu corro. Tudo é muito difícil, muito pesado, muito doloroso, não sei o que... A minha família é o lugar pra onde eu corro. Minha família é meu quilombo. Outro dia perguntamos pro Obike: “O que é quilombo?” Ele falou assim: “É um lugar onde a gente é protegido. É um lugar onde tem pessoas parecidas com a gente.” Então não existe nenhum lugar que eu me sinta tão protegida, tão identificada, tão cuidada, tão inteira como é na minha família. Se perguntar “Qual é a Faizah inteira?” É aquela Faizah, que está naquela família. Que tem uma menina preta, que tem um menino preto, que tem um marido preto. Foi onde eu dei certo. Foi o meu dedo do meio pro mundo! (risos) Foi o meu contrariar das estatísticas. (risos) Foi isso... Isso é a minha família. É a minha força, de onde vem... É onde eu me alimento e uso a minha força para alimentá-los também. Aquele núcleo, aquele lugar... É um lugar que apesar de todas as questões, que é muito difícil você manter uma família funcionando juntos... O Eno também... Não é fácil pra gente. Mas apesar de tudo é um lugar que deu muito certo.

⁷ Significado: ter fé e esperar.

Então eu ia te dizer que esqueci de falar de algo fundamental nesse processo de mudança que foi ter encontrado a Adia. A minha terapeuta, que é uma mulher preta, que compreende a negritude e que compreende a minha dor. Ter alguém que... Eu lembro que quando encontrei a Adia eu estava fazendo terapia... já tinha feito terapia com outras duas pessoas.

M: Duas pessoas brancas?

F: Brancas... Lembro de ter colocado a questão racial e sempre ficar com a impressão de que aquelas pessoas não me entendiam, nunca iam entender. Elas falavam de dor e não sei o quê. Mas elas não entendiam o que era sofrer todos os dias a dor do racismo. Aí eu tinha impressão de que essas pessoas nunca iam chegar no ponto principal que é esse, sabe? Eu acho que é assim... que é a minha coluna. O que sustenta uma série de coisas na minha vida. É a minha resistência contra o racismo... Quando eu cheguei na Adia, na verdade eu cheguei... foi um pedido a minha terapeuta na época que eu passava com ela na Vila Mariana, uma mulher branca. Eu falei pra ela: “Eu quero um lugar mais próximo da minha casa. Estou muito cansada, eu moro em Itaquera. Estou viajando muito pra chegar aqui. Está muito difícil.” E aí ela falou pra mim que ela foi a um congresso e que ela conheceu uma terapeuta que atendia no Carrão, mais perto de casa. Eu falei: “Ótimo, então eu vou pra lá com ela”. Quando eu chego, estou lá no Carrão, marquei com a Adia, estou sentada, desce a escada aquela mulher preta. Eu quase chorei, eu não conseguia falar com ela. Eu só consegui dizer: “Você é preta!” (risos) E aí o rumo da minha vida mudou completamente com a Adia, sabe? Ela me ajudando na compreensão de quem eu sou. Na troca que eu faço com ela. No fato de saber que ela se interessa. Que ela entende. Eu acho que também porque ela é uma mulher negra, mas também porque ela compreende essas dores... Que ela sabe do que eu estou falando. Isso fez toda a diferença, faz toda diferença. Teve um dia que eu falei pra Adia: “Eu não tenho lugar pra falar dessa experiência do racismo. A minha família não alcança a discussão desse jeito, desse lugar que eu alcanço. Dos lugares que eu frequento eu não posso falar disso. As pessoas não têm escuta pra isso.” E aí eu falei: “Eu queria um espaço pra falar” e aí a Adia falou: “Eu vou fazer”. Eu não sei se era um pedido de outras pessoas também. Em seguida ela fez o Grupo Terapêutico.

Ela fez o Grupo Terapêutico... e aí no primeiro dia ela falou assim: “Foi o pedido de uma pessoa daqui”. Aí eu já: “Sim, foi meu pedido”. Esse espaço do grupo é maravilhoso! Foi o espaço onde eu pude escutar outras pessoas que passam pela mesma coisa que eu.

Hoje um dos meus dos meus mantras, uma frase que eu tenho dito todo dia, quando eu estou me arrumando eu digo: “Eu não sou padrão de beleza, mas o problema é com o padrão,

não comigo”. Tem outra frase que eu digo, que foi uma frase que veio do grupo: “Esse lugar é meu, eu conquistei e não estou sozinha”. Eu digo isso todos os dias... E essa frase só existe, a minha postura, esse lugar que eu ocupo só existe porque eu não estou só, porque eu tenho esse grupo. Que eu tenho essas mulheres pretas e esse homem preto que é o Eno, falando das suas dores e afim de enfrentar essas dores junto comigo. Então, isso transformou a minha vida. E eu sou muito grata! Muito grata a Adia, ao grupo e ao que ele representa pra mim. Então que sorte a minha... que sorte... de ter encontrado outras pessoas...de ter encontrado esse grupo! Acho que é isso. (risos)

3.2.1 Um quilombo para mim

A sobrevivência é o maior presente do amor.
Audre Lorde

A psicanálise, especialmente a teoria de Winnicott, ensina que somos formados a partir do olhar. O bebê vê a si mesmo nos olhos da mãe e gradativamente vai se reconhecendo espelhado nos referenciais identificatórios presentes na cultura. Que espelho é oferecido ao *sujeito* negro na cultura da brancura? Que reflexo os olhos da branquitude devolvem especialmente à mulher negra?

A herança colonial escravagista presente e atuante em nossa sociedade construiu uma gradação de valor baseada na quantidade de melanina da epiderme. Assim os olhos avaliam e valoram as pessoas: quanto maior a brancura da pele, maior o valor conferido a seu possuidor.

Faizah conta que desde a infância o olhar do outro lhe pesava. Sua pele retinta catalizava olhares, olhares percebidos como julgadores e depreciativos. Formava-se ali a distorção, o sentimento de que havia algo errado consigo, seu corpo, sua pele, seu ser. A inferioridade, que é historicamente construída, é subjetivamente instalada pelo olhar racista, atualizado cotidianamente. Esse cotidiano que repete agressões ininterruptamente produz em nossa depoente o escoamento de sua energia. Ela se queixa de cansaço. O cansaço de ser negra. Cansaço de longa data, iniciado pelas experiências da violência racista sentidas já na infância.

A infância é o período mais vulnerável da vida, tempo em que os filtros sociais ainda não estão formados, tempo de um entorno de defesa própria ainda não construído. Portanto, ter vivências de racismo quando criança é extremamente doloroso e deletério. Compromete a

liberdade e a espontaneidade infantil, instalando no lugar medo e tristeza. Audre Lorde (2018), no texto “Olho no olho: mulheres negras ódio e raiva”, nos diz:

Uma parte do preço que pagamos para sobreviver foi a nossa infância. Nunca nos permitiram ser crianças. É direito das crianças brincar de faz de conta por um tempo, mas para as crianças negras todo ato pode ter consequências seríssimas, mais ainda para as meninas negras. (p. 76)

A ideologia da branquitude disseminada no imaginário, corroborada pela mídia, foi conformando uma sensação de inadequação em Faizah. O programa da apresentadora loira, diga-se de passagem, nada pedagógico, confirmava o padrão da brancura como ideal para uma menina, padrão imposto e inalcançável.

Francielle Neves de Souza e Karina Gomes Barbosa (2018) desenvolveram uma pesquisa na Universidade Federal de Ouro Preto intitulada “A solidão da menina negra: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis”. Elas pesquisaram programas de dez canais infantis de TV a cabo no Brasil, 193 animações no ar entre agosto e setembro de 2017. Nas programações, 74 desenhos tinham personagens femininos em destaque, sendo que 86% deles eram personagens brancos. As animações representavam uma realidade socioeconômica e racial muito distante da realidade brasileira. E mesmo na minoria das personagens negras, a cor estava presente, porém distanciada da raça, não havendo nenhuma referência a ancestralidade, racismo ou preconceito. Segundo as pesquisadoras:

Há uma cultura patriarcal que agencia fortemente essas animações e é acionada na maioria das vezes pelas próprias personagens. Essa performance discursiva da feminilidade já é atrelada a uma construção de branquitude, visto que majoritariamente é performada por sujeitos brancos e, no caso das animações televisivas, pelas meninas brancas protagonistas dos desenhos. Além disso, é marcada por signos que excluem qualquer referência às culturas negras. (p. 85)

A ideologia racista é aprendida e repetida facilmente pelas crianças em idade escolar. O bom e o belo é automaticamente associado a brancura, cabendo à negritude tudo que é reprovável. Isso fica explícito no evento do tombo da “Branca de Neve”. Partilhar de uma alegre brincadeira não lhe possível. Ao menor deslize ela pode ser atacada pela violência racista já internalizada pelos coleguinhas. A espontaneidade da infância é perdida e substituída pela dor, pela discriminação, pela exclusão.

Explícito fica também o despreparo da educadora para lidar com situações de racismo no ambiente escolar. Eliane Cavalleiro (2003) assim afirma:

Não há como negar que o preconceito e a discriminação raciais constituem um problema de grande monta para a criança negra, visto que essa sofre direta e cotidianamente maus tratos, agressões e injustiças, as quais afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento intelectual. A escola e seus agentes, os profissionais da educação em geral, tem demonstrado omissão quanto ao dever de respeitar a diversidade racial e reconhecer com dignidade as crianças e a juventude negra. (p. 180)

O sentimento de exclusão, rejeição e anulação acompanham o *sujeito* negro diuturnamente pois estão ligados a seu corpo, seu corpo negro atacado desde a infância. Segundo Maria Beatriz Costa Carvalho Vannuchi (2017), “Sendo o Eu antes de tudo uma representação corporal, como se constitui o projeto pessoal, o vir-a-ser de um sujeito que tem na realidade e na aparência do corpo os traços que visa apagar?” (p. 67)

Na relação com seu corpo negro, Faizah é ensinada desde a tenra idade a apagar o emblemático traço da negritude: o cabelo “afro”. O cabelo sempre teve relevância simbólica nas culturas, seja como representação de força, como Sansão, ou de indicativo de nova etapa de vida quando são raspados, ou ainda como símbolo de rebeldia ou de afirmação política. No que se refere à estética negra, ele sempre foi tido como um traço que devia ser dominado, modificado a qualquer custo para adequar-se ao único padrão de beleza existente, o padrão estético branco. Não por acaso, Faizah associa o pente de ferro aos objetos de tortura. Há uma agressão física e psicológica nesse ato que remonta ao escravismo colonial. Segundo Grada Kilomba (2019):

Mais que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca da servidão durante o período da escravização. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores *brancos*, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o “cabelo ruim” com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da *negritude*.” (p. 127)

A experiência cotidiana do racismo, infinitamente repetida, explícita e sutilmente, atinge sua autoestima e interrompe seus sonhos, fazendo-a desacreditar de si e da possibilidade de ser amada, deixando-a exposta a um relacionamento abusivo.

O conjunto de vulnerabilidades que marcou a adolescência de Faizah a levou a uma gravidez precoce aos quinze anos de idade. Não bastasse a gravidez em si, assustadora nesse momento da vida, Faizah sofreu com o sexismo humilhante do pai, que a obrigou a casar com o namorado agressivo e foi submetida a uma violência absurda na hora de dar à luz.

Se eu fosse falar o que mais marcou minha adolescência como mulher preta foi violência obstétrica, o que eu sofri no nascimento do Bem. Eu pari amarrada. Estava falando disso ontem, foi algo que me marcou muito! Pari amarrada! E lembro de perguntarem pra mim se na hora de fazer se eu tinha gritado... E eu com muito medo, eu tive muito medo de morrer. Eu não sabia que aquela dor era possível! Eu tive muito medo de morrer, muito medo!

O conceito de violência obstétrica foi reconhecido como questão de saúde pública pela Organização Mundial de Saúde em 2014. Considera-se violência obstétrica:

- deixar de oferecer ou negar alívio para dor
- negar atendimento
- agredir verbal ou fisicamente
- realizar qualquer procedimento sem consentimento
- relativizar o sofrimento por conta de cor ou peso
- oferecer condições ruins de sistema de saúde

De acordo com o Ministério da Saúde, uma em quatro mulheres sofrem violência obstétrica, sendo que 65,9% delas são negras. O índice de mortalidade por parto também é maior entre as mulheres negras: 62,8%.

A médica e ativista da ONG “Criola”, Jurema Werneck, ao discorrer sobre o racismo na saúde afirma que pequenos atos de negligência: falta de orientação, o médico não toca no corpo negro, o atendimento é prestado com menos cuidado. Pequenas negligências se acumulam, tornam-se graves, até que a pessoa morre.

E é inegável que o racismo presente no imaginário social se reproduz nos serviços de saúde. Jussara Francisco de Assis (2018), no texto “Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensão da violência obstétrica”, aponta que há um tratamento diferenciado baseado em atributos considerados positivos como: ser branca, ser adulta, ser casada, ser de classe média; em oposição a características socialmente desvalorizadas, como: ser negra, jovem e pouco escolarizada. Segundo a pesquisadora: “A associação entre violência, doença, crime, prostituição, 'feitura' e o corpo negro feminino, parece estar refletida no atendimento à saúde, especialmente no momento do parto” (p. 557).

Eleonora D’Orsi (2014), em sua pesquisa “Desigualdades sociais e satisfação das mulheres com o atendimento ao parto no Brasil: estudo nacional de base hospitalar”, igualmente afirma que as mulheres negras atendidas pelo serviço público de saúde tem pior avaliação do tempo de espera, se queixam de menor privacidade nos exames, menor nível de respeito e maior índice de violência.

Ao dar à luz, Faizah experimentou a insensibilidade de que um ser humano é capaz. Viveu o desamparo, a solidão e o medo justamente no lugar onde deveria ser cuidada e acolhida. E isso com apenas dezesseis anos! Ao narrar essa experiência nos conta como os maus tratos reiterados produziram o sentimento de “naturalização” do sofrimento.

Eu lembro que eles falavam de mercado, eles falaram de diversas coisas... e eu era só um pedaço de carne preta deitado naquela maca. Não teve momento algum que eu tenha me

sentido uma pessoa. Isso só me causa estranhamento hoje. E não teve nenhum momento que eu pensasse: “Ah, eu estou sendo tratada como um pedaço de carne”. Não teve nenhum momento. Aquele sentimento era tão assustadoramente conhecido pra mim, aquele tratamento era tão... tão conhecido, sabe? Era... não me causou estranhamento.

Nas palavras de José Moura Gonçalves Filho (2017):

A pessoa pode, algumas vezes, decidir que o que a violou é monstruoso, irracional. Porém, há ocasiões em que pode concluir que o desencadeador da agressão é alguma coisa nela, na própria pessoa golpeada, algo tão duradouro e permanente quanto a violência que não para. (p. 147)

Tempos depois Faizah viveu uma das maiores dores que uma mulher pode sentir: a morte do filho. Nossa depoente perde o filho aos quatro meses de nascido, o que parece ter decretado o fim do casamento. Porém, antes que o casamento acabasse, ela sofreu violência doméstica.

Lembro que eu apanhei dele na quarta, fiquei sem ir pra escola. Eu estudava ainda na época, faltei na escola. Depois eu tive que inventar a história de que caí, bati o rosto, porque eu voltei ainda meu rosto estava inchado. Meu olho inchou, cortou aqui... eu tive que ainda inventar história.

Segundo o Atlas da Violência de 2019, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 66% das mulheres assassinadas no país são negras. A taxa referente às mulheres negras cresceu 30% entre 2007 e 2017, enquanto a de mulheres brancas cresceu 4,5%.

De acordo com a pesquisa “A Vitimização de Mulheres por Agressão Física, segundo Raça/Cor no Brasil”, constante no “Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil” (2014), a incidência de agressão à mulher negra é maior em sua própria residência, partindo majoritariamente de pessoas de sua rede de conhecidos. Sendo que o registro de ocorrências é dificultado pelas instituições policiais e judiciais, que tendem a recorrer a práticas de reconciliação que contrariam a legislação em vigor, aumentando a situação de vulnerabilidade da mulher negra.

Como preconiza a demógrafa Jackeline Aparecida Ferreira Romio (2013):

Uma compreensão do fenômeno da violência contra as mulheres que leve em consideração a interseccionalidade de gênero, classe social e raça e se comprometa com a promoção dos direitos humanos das mulheres negras, sugere uma agenda de pesquisa e intervenções no campo do Estado muito mais ampla, que capture as várias tramas, como o contexto urbano, a violência sexual, a relação entre patriarcado e racismo, as explorações da imagem da mulher negra na mídia e os estereótipos inclusive dentro das instituições, como exemplificado no simples caso da dificuldade de registrar uma queixa na polícia. (p. 155)

Após a agressão, Faizah pensa em se separar e é dissuadida por sua mãe, que tenta poupar a filha da repetição da sua história de desprezo e abandono. Dessa forma a mãe lhe

transmitiu a mensagem de que para a mulher negra só havia dois caminhos possíveis: submeter-se a maus tratos ou ficar irremediavelmente sozinha. Dois destinos dolorosos.

A supremacia branca patriarcal produziu desordens na visão da mulher negra sobre si mesma. Segundo Wade W. Nobles (2009), psicólogo afro-americano que defende uma Psicologia afrocentrada, o *sujeito* negro atacado constantemente pelo racismo frequentemente padece do que nomeia de “desordem do ego alienado”, uma propensão a comportamentos contrários à sua sobrevivência e bem-estar, uma alienação de si mesmo.

Surge aqui um delicado viés na aceitação da violência: as feridas narcísicas profundas sofridas pela mulher negra. Machucada em sua autoestima ela tende a aceitar um enredo violento, como uma sina à qual está fadada. As manifestações externas consequentes do racismo são mais detectáveis e tratáveis do que as machucaduras psíquicas que vão distorcendo e adoecendo a subjetividade. Maria Lúcia da Silva (2017), em seu texto “Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros”, nos diz: “Podemos considerar que a maior vitória do racismo está em sua dimensão psicológica, na medida em que sua lógica é reduzir, invisibilizar, criminalizar, subalternizar, inferiorizar pessoas, grupos e povos, reduzindo-os a uma condição sub-humana.” (p. 8).

A imagem construída sobre a mulher negra, que a aprisiona no papel daquela que presta serviços sempre, seja de ordem doméstica ou sexual, corroem em muitas mulheres negras a expectativa da construção de vínculos amorosos saudáveis.

Fantasias eróticas rondam as mulheres negras associando-as a uma sexualidade selvagem, e sempre disponível. Fantasias alimentadas pela herança escravagista ainda atuante no imaginário masculino branco, que vê o corpo negro feminino como predisposto à apropriação e à satisfação de desejos reprimidos. Fantasias que pareceram mover a conduta antiética do médico branco, quase idoso, ao abordar acintosamente a paciente jovem negra.

Em contrapartida, a hierarquização racial e de gênero coloca este homem branco, que exerce uma profissão socialmente valorizada, como um ser superior. Como alguém que poderia resgatar nossa depoente, alguém que, embora não a agradasse, não poderia ser recusado pelo lugar social que ocupava. Uma vez mais a autoestima ferida se apresentou como fator de risco na vida de Faizah, aumentando sua vulnerabilidade.

Neusa Santos (1983) nos fala a esse respeito:

Um deles passa pela busca do objeto amoroso. Um objeto que, por suas características, possa ser o substituto do Ideal de Ego Inatingível. ... O parceiro branco é transformado em instrumento tático, numa luta cuja estratégia é cumprir os ditames superegóicos, calcados nos valores hegemônicos da ideologia dominante. (p. 43)

Contudo, em meio a todo esse contexto, uma certeza permanecia em Faizah: sabia que era inteligente. Porém a inteligência desacompanhada não proveria nada a ela, foi preciso um movimento, um investimento libidinal, um esforço que apenas pela pulsão de vida que a habitava poderia sustentar.

Freud na Teoria das Pulsões apresenta duas forças opostas que atuam no psiquismo, as quais chamou de Eros e Tânatos. A Eros cabe a força da libido, entendida aqui como energia psíquica da vida, desejo que busca ligações objetais. Eros é a pulsão de vida que promove construções e reconstruções. Já Tânatos tem sua atuação mortífera no desligamento, na desistência do investimento, na anulação do desejo. Somos constituídos em meio a essa trama de vida e morte. Quando o *sujeito* é atingido por uma situação traumática que não consegue “digerir”, o aparato psíquico busca elaborar a dor repetindo o afeto produzido pelo trauma. Cria-se uma cilada psíquica que prende o *sujeito* nas tramas da dor e aciona a pulsão de morte que tentará “desligar” a fonte do sofrimento, o desejo. Está formado o terreno para depressões e patologias narcísicas.

Mesmo em meio a vivências intensamente traumáticas, a pulsão de vida que a movia impediu o sofrimento de tornar-se patologia. Faizah conseguiu investir na vida. Ponto pra Eros. Ela continuou estudando. Faizah estudava enquanto lutava pela sobrevivência, estudava grávida, estudava ainda envolta em violências, estudava sem o estímulo de reconhecimentos. E assim foi construindo uma ancoragem que não a deixou naufragar.

Pedra por pedra foi pavimentando seu caminho: passou em nono lugar no disputado vestibulinho recebendo uma bolsa. Depois ingressou na prefeitura como professora infantil. Posteriormente foi aprovada no vestibular da Faculdade Paulista de Serviço Social. Após sua graduação em Serviço Social, conquistou sua vaga no concorrido concurso de um órgão federal.

Ao final de sua graduação, ela, tão ressentida dos olhares discriminatórios, um dia se viu olhada de modo singular. Seus olhos encontraram o olhar de Eno. Um olhar que escreveria outra rota para sua vida.

Eu olhei... Olhei muito discretamente... Num dia a gente tava numa reunião, ele chegou lá com a bermuda larga dele e aquele bigodinho ralo (risos). E eu olhei pra ele, a gente se olhou, foi um olhar bacana.

Um novo olhar inaugurava um caminho de partilha, afeto e cumplicidade. Curiosamente ela já havia sido olhada antes sem que isso fosse registrado por ela.

Eu fui falar de todas as minhas experiências, que eu tinha tido filho... Ele falou: “Eu lembro, a gente estudou na mesma escola”. Eu falei: “Ah!” Até aquele momento eu não me

lembrava, foi um tempo tão muito difícil... Aí ele falou: “A gente estudou na mesma escola. Você lembra? Eu te vi grávida”... “VERDADE. Você me viu.”

Mais que olhada, Faizah foi vista. Ela foi vista para além das marcas da sua história. A sentença de solidão anteriormente proferida pode enfim cair no vazio, dando lugar à construção de uma relação de amor, respeito e apoio mútuo. O reflexo amoroso dos olhos de Eno traz a ela a possibilidade de apreciação, reconhecimento e acolhimento que a resgata da repetição traumática da violência.

Taylor (1994) afirma que: “As relações de amor não são só importantes devido à ênfase geral que a cultura moderna atribui à realização das necessidades normais. São também decisivas por constituírem o cadinho da identidade formada interiormente.” (p. 56).

A família que construiu permite a ela a liberdade de ser plenamente quem é.

Se perguntar “Qual é a Faizah inteira?” É aquela Faizah que está naquela família. Que tem uma menina preta, que tem um menino preto, que tem um marido preto. Foi onde eu dei certo. Foi o meu dedo do meio pro mundo! (risos) Foi o meu contrariar das estatísticas. (risos) Foi isso... Isso é a minha família. É a minha força, de onde vem... É onde eu me alimento e uso a minha força para alimentá-los também.

Faizah lança as bases de seu quilombo. Cria junto com Eno um espaço material e simbólico que impede que o ciclo de vulnerabilidades se estenda a seus descendentes. Junto com seus filhos nasce uma mãe guerreira, absolutamente decidida a protegê-los das agressões que sofreu, decidida, como disse, a resistir por eles e para eles.

Que me deu muito mais forças foi a maternidade. E a maternidade preta. EU VOU MOSTRAR PRO MEU FILHO QUE ELE PODE OCUPAR ESSE ESPAÇO. EU VOU LEVAR MEU FILHO... Essa escola que é referência? É ESSA ESCOLA QUE MEU FILHO VAI ESTUDAR. É ALI QUE EU VOU FAZER. O IDH é melhor... Eu vou pra lá.

Faizah diz que sua família é seu quilombo. Ao pensar em quilombo vem à minha mente a imagem vívida do Quilombo dos Palmares, incrustado na Serra da Barriga, o qual visitei na época das entrevistas do mestrado. O grande laço enfeitando a Gameleira Branca, a presença quase palpável de meus ancestrais, as grandes rochas com marcas profundas. Luana, minha depoente, contava que naquelas rochas nossos antepassados afiavam as lanças, e junto ao pequeno lago, aos pés do Iroco, treinavam capoeira. Firmou-se ali para mim a compreensão de um lugar que era muito mais que um esconderijo. Quilombo é lugar de fortalecimento contra injustiças, de treinamento contra usurpação de direitos.

O sábio Obike diz que quilombo é um lugar de igualdade, um lugar onde somos protegidos. E Abdias do Nascimento (2009) afirma: “Quilombo não significa escravo fugido.

Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial” (p. 205).

Wade W. Nobles (2009) descreve os terreiros de candomblé e os quilombos: “... como evidências do impulso revolucionário e do impulso inspirativo que revelam e iluminam o espírito africano no Brasil, fonte da saúde mental e do bem-estar dos afro-brasileiros” (p. 293).

Sim, Faizah construiu seu quilombo particular e estendeu os domínios quilombolas ao solicitar à terapeuta um grupo no qual pessoas negras pudessem compartilhar suas dores e suas forças; surgia aí o Grupo Terapêutico.

No encontro dos iguais há um reconhecimento da dor e um acolhimento que é insubstituível. Faizah relata como o fato de encontrar uma psicóloga negra fez toda diferença para ela.

Eu quase chorei, eu não conseguia falar com ela. Eu só consegui dizer: “Você é preta!” (risos). E aí o rumo da minha vida mudou completamente com a Adia, sabe?

Saber-se compreendido na dor desumanizante provocada pelo racismo é fundamental para o *sujeito* negro. Porque ele sente que sempre há o risco de ter seu sofrimento relativizado, mal compreendido ou minimizado. O não reconhecimento do traumático promove o efeito colateral do reavivamento do trauma. De acordo com bell hooks (2019):

Pessoas negras ainda sentem o terror, ainda o associam à branquitude, mas raramente são capazes de articular as várias formas como somos aterrorizados, porque é fácil silenciar diante de acusações de racismo reverso ou de insinuações de que pessoas negras que falam sobre como se sentem aterrorizados pelos brancos estão simplesmente evocando a vitimização para exigir tratamento especial. (p. 313)

Faizah segue, nas suas palavras, sobrevivendo ao racismo.

Sinto muita dor na alma e a luta pela sobrevivência... a luta pra sobreviver aos olhares é uma luta muito difícil. Muito dolorosa. Todos os dias. Então não ter nenhum dia que eu levanto sem pensar nisso não é tranquilo. Adoece a alma.

Digerir ataques sutis e explícitos incessantemente, ter que lutar cotidianamente pelo direito de existir, exige muito do *sujeito* negro. Um esforço sem trégua que nos lembra do mito de Sísifo. Sísifo todos os dias tinha que empurrar a enorme rocha montanha acima, para então vê-la rolar montanha abaixo, para ser novamente empurrada para cima, num ciclo sem fim. Lidar com o racismo cotidiano requer uma resistência emocional brutal.

De acordo com Grada Kilomba (2019):

O racismo cotidiano não é um “ataque único” ou um “evento discreto” mas sim uma “constelação de experiências de vida”, uma “exposição constante ao perigo”, um “padrão contínuo de abuso” que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (p. 80)

Nossa depoente aprendeu que como diárias são as lutas, diários devem ser os cuidados.

Eu preciso cuidar de mim, eu preciso cuidar dessa mulher que foi tão violentada, que é violentada o tempo todo. Eu preciso cuidar... Dando as melhores coisas. É ...isso é um desafio diário. Desafio diário.

Partilho total, profunda e completamente de seu orgulho, pois afinal como ela própria diz, ela sobreviveu!

Primeiro eu tenho orgulho de quem eu sou porque eu falo: “Putá merda você sobreviveu a tudo isso!”. Eu não falo muitas vezes das coisas que eu passei, dessas minhas dores da adolescência... Eu não falo muitas vezes. Todas às vezes que eu falo... eu falo: “Putá merda você sobreviveu!”. Todas as vezes que eu falo... É muito curioso. É o que me vem, né? “Nossa, você sobreviveu!”. Olha só... Especialmente as violências assim. As efetivas e as simbólicas. Você sobreviveu!

3.3 GLAUCIA

Bom... meu nome é Glaucia Verena Sampaio de Souza, mas eu prefiro ser conhecida por Glaucia Verena. Tenho 30 anos, sou cantora, fonoaudióloga, atualmente também sou mestranda. E mulher negra.

Hum... deixa eu pensar aqui da minha infância, da minha trajetória de infância. A minha trajetória de infância é muita marcada por aprender a reconhecer este mundo, na verdade, aprender a entender o mundo em que eu fui inserida. Porque do momento em que você nasce, você é colocado em um mundo que já tem uma história, uma cultura e expectativas, né? Então o primeiro estranhamento que eu tive quando criança foi justamente entender quais são as relações das coisas, até as relações escolares, a relação familiar, quando a minha mãe falava que eu precisava estudar bastante. Teve um momento que ela falou que de fato que eu tinha que oferecer 150% de mim, porque eu era mulher e porque eu era negra.

E também as situações de racismo que eu vivi durante o período escolar. Engraçado que na idade da pré-escola eu não percebia isso. Até os seis anos de idade eu não me atentava ou não tinha sofrido o racismo, pelo menos não de forma consciente. E realmente não tenho nenhuma recordação disso e na verdade foi o momento que eu me vinculava cada mais vez aos afetos. Com as pessoas, com a minha família, com os meus colegas de sala. Aquele aspecto da alfabetização também que também foi bem legal. Eu lembro com bastante doçura desse momento, as professoras eram legais comigo. Sempre estudei em escola pública desde o

prezinho, minha mãe não me colocou em berçário, ela ficou comigo porque eu sou nascida prematura, nasci de seis meses...

Miriam: Seis?

Glaucia: Sim, seis meses e tive várias intercorrências. Então, só o meu histórico de nascimento já é um pouco épico, por assim dizer. (risos) Então, nasci de seis meses, nasci num feriado, nasci no dia quinze de novembro. Minha mãe saiu, ela tava fazendo a unha, na verdade num salão no centro que eu até lembro — que é um salão que tinha uma escada em caracol — e ela saiu de lá correndo com meu pai, porque eles não esperavam que eu ia nascer naquele momento. Enfim nasci de seis meses com menos de 800 gramas, fiquei no hospital, fiquei uns três meses no hospital até para pegar peso. Então, essa questão do bebê e do vínculo materno imediato não foi uma coisa que aconteceu comigo. Minha mãe ia diariamente ao hospital pra me dar leite, pra me dar atenção, só que essa coisa da vivência de outro corpo depois que você sai de dentro dele eu não tive. Então, depois que eu saí do hospital, depois de um tempo que eu já estava em casa, o meu baço teve uma pequena disfunção, estava jogando as hemácias pra fora. Tinha uma bolha de sangue em cima do meu baço, na minha pele, e eu tinha que passar por uma cirurgia. E uma cirurgia de grande risco devido ao meu tamanho e ao meu sangue O negativo (só 15% da população mundial tem esse sangue). E na época era epidemia de AIDS, então não saia nada do banco de sangue em 87... Nasci em 87. Aí meu tio acabou me doando, inclusive meu tio fala que eu sou filha postiça dele, apesar dele não ser presente durante a minha trajetória.

Voltando para a parte que eu lembro mais... Então, eu fui uma criança que sempre brincou muito, sempre fui muito curiosa sobre o funcionamento das coisas. Então essa questão de abrir boneca, essa questão de escalar, eu escalava a estante de casa de livros. (risos) Acho que começa essa minha busca por conhecimento também, essa minha busca por entender mais o mundo em que estou, em como eu me vinculo com ele. Então essa primeira parte da infância foi bem legal, assim eu sempre tive muitos amigos sempre brinquei bastante.

Tenho irmãs. Tenho duas irmãs a Iata e a Ianis. Na parte da primeira infância a gente dormia juntas, pra nós três o que era um máximo, né?... Até acho que a gente dormiu juntas até minha irmã na verdade fazer catorze anos. É sempre muito bom ter irmãs, apesar dos conflitos que acontecem. (riso) Eu acho muito legal ter em quem confiar, ter com quem estar junto, isso é muito bom.

Aí, durante a minha segunda fase da infância foi quando a minha mãe decidiu que na verdade não tinha tempo de me levar pra escola e nem meu pai, eles tinham que trabalhar. Ela me colocou em uma perua escolar. Eu era a única negra que andava de perua com aquelas

crianças.

M: Você já se percebia como a única negra?

G: Eu me percebia como menina antes só. (risos) Até eu ir pra escola. Em casa minha mãe falava que sim a gente era negra, mas eu achava isso super ok e aí beleza, eu não tinha sofrido nada até então. Aí do momento que eu fui pra pro primário, na verdade quando saí da pré-escola pro primário, que eu tive esse primeiro enfrentamento... Um enfrentamento difuso mesmo, confuso inclusive. Por que essas crianças falavam que eu era suja? Que o meu cabelo era ruim? Falavam um monte de coisa. Chegaram a cuspir em mim e o tio da perua não fazia nada.

E eu sofri aquilo durante acho que um mês quando eu fui contar pra minha mãe... aí contei pra minha mãe e lembro que minha mãe brigou com o tio da perua. E aí depois eu não peguei mais perua... Só que aí minha mãe não me explicou naquele momento o porquê, eu fui entender isso muito depois. (risos) Acho que até pra me poupar naquele momento.

E lembro que desse processo ela deu pra alisar, de começar a alisar o cabelo da gente, foi muito próximo. Minha mãe deu a desculpa que era por conta dos piolhos que a gente tava tendo naquele momento também. Só que aí depois, só depois essa ficha foi cair...

Muito tempo depois vi que na verdade foi vinculado àquele evento. E se eu pergunto isso a minha mãe hoje talvez ela nem lembre mais. (risos) Enfim, acho que também tem um processo, principalmente da minha mãe que sofreu muito durante a vida dela, de ao mesmo tempo nos poupar e se poupar também...

Enfim... E durante o meu período escolar percebi que mundo se separa em pequenos grupos e tribos. Pra eu entender essa nova logística e como me comportar dentro dela... também foi confuso.

Eu sempre fui uma boa estudante, sempre tirei notas altas e pra escola pública isso é ainda mais raro. Porque eu não me interessava muito pelos papos que elas estavam começando a ter sobre meninos, sobre paquerinha, porque eu me dedicava realmente muito mais aos estudos. Eu estava lá pra estudar, não tava lá pra ter paquerinha. Acho que isso também passou pela minha educação em casa. Quando me falavam sobre paquera: “Filha você vai ter paquera mais tarde, mais adulta, então se preocupa em estudar”.

Essa questão dos paqueras na escola também se confundiu com a descoberta da minha sexualidade. Ao mesmo tempo que eu até me atraía pelos meninos, eu achava as meninas bonitas. Então até pra me entender durante esse processo... Mas nunca foi algo que eu buscava de forma tão ativa. As meninas iam, se preocupavam com isso, falavam só sobre isso. Meninas não negras, meninas brancas, meninas asiáticas.

Acho que as memórias que vem primeiro são as memórias traumáticas, mas não significa que tudo foi traumático. Uma das minhas memórias bem fortes em relação ao período de escola foi o momento em que me chamavam por exemplo, de Maria João porque eu era a maior, eu sempre fui a maior, sempre fiquei no último, uma das últimas da fila...

Mas também essa questão também de não me interessar pelos meninos, acho que os meninos queriam minha atenção e eu não dava muito pra eles e acabava dando mais pra meninas também. E aí eu comecei a ser perseguida também em relação ao meu corpo. Lembro também que fui uma das primeiras meninas a ter peito, por exemplo, usar sutiã também. O uso do sutiã...

Tinha um menino negro, o nome dele é Claudio, que ele queria tentar apalpar os meus peitos e eu não deixava. Eu batia nele. Por isso os meninos também me chamavam de Maria João porque eu me defendia. Além acho que eles enxergavam essa questão da sexualidade, mas não entendiam assim. Acho que quando a gente está nessa idade na pré-adolescência a gente não entende muitas coisas. Aí esse menino ficava me perseguindo, eu batia nele sempre. Era muito agressivo, era uma violência muito grande e ninguém fazia nada. As pessoas me viam brigando com ele e ninguém fazia nada, o inspetor não fazia nada e ninguém fazia nada. Aí um menino, inclusive um menino branco, Cássio, uma vez ele viu isso e tentou me proteger assim, ele falou: “Isso é errado”. Tinha vezes que eu ficava na escola mais tempo inclusive pra não me deparar com esse menino, chegou aquela questão da violência mesmo.

Aí eu tive um clarão mental: eu tinha que aprender a me defender mesmo, o mundo não ia me proteger, ninguém ia me proteger, nem meus pais, coitados! Eles tinham que sobreviver, eles tinham que lutar pela nossa comida na mesa. Eles não podiam dar atenção pra todo tipo de coisa que acontecia na escola. O que eles prestavam mais atenção eram nas notas e as notas eram entregues.

Com doze anos tive a minha primeira menstruação, a menarca. Eu menstruei na escola. Eu já sabia o que eu precisava fazer. (risos) Eu já sabia de tudo que tinha acontecido comigo. Foi muito esquisita essa memória... Eu tava de bermuda, era verão, era calor, tava muito quente. Aí eu senti um molhado em mim e falei: “Eita, hum, eu acho que menstruei”. E a escola tinha atividades em relação a isso, a gente teve palestras sobre menstruação e a gente recebeu até uma revista, foi tipo “tá, já sei o que está acontecendo comigo”. Eu não tinha nada, não tinha um absorvente, não tinha nada. Sorte que eu tinha levado um blusão no dia porque a mãe fala: “Ah...leva o blusão quando sai de casa” e então eu tinha levado e fiz um amarrado que toda mulher conhece e subi pra Santana.

Ah, uma coisa que eu não falei depois do episódio da perua, eu comecei a andar

sozinha por São Paulo. Uma criança com quase oito anos, nem oito anos completos, sete anos e meio mais ou menos começando a andar de ônibus na cidade. Minha irmã me deixava no ponto junto com o mesmo motorista, no mesmo horário. Então o motorista meio que virou brother da gente, ele já sabia onde eu ia descer, o cobrador também, então eles me avisavam. E chegou uma hora que eu já sabia o que fazer tanto pra ir como pra voltar. Também foi esse momento de uma nova aventura no mundo. Então acho que é um aspecto talvez até das crianças negras sejam esse o aspecto da independência. Comecei a andar muito cedo na cidade...

Agora voltando pra minha menstruação. Quando eu cheguei em casa pra falar pra minha mãe que estava menstruada, minha mãe tava lavando o banheiro. E minha irmã mais velha já tinha menstruado, minha mãe menstruava ainda. Então, pra ela menstruação era um saco, minha mãe também sofreu muito com essa questão da menstruação. Enfim vários problemas no aparato ginecológico... aí ela só levantou a cabeça com o rodo na mão: “Filha, você já sabe o que fazer, pega o “modis” (risos) no meu armário...” Então eu que lidei com aquilo sozinha de novo, né? Aí depois minha mãe marcou a ginecologista pra eu ir, me levou, e conversei sobre o que é virar mulher também, sua responsabilidade com o seu corpo.

O virar mulher, menina mulher... não foi traumático. O que foi traumático o primeiro contato que eu tive com os meninos, por exemplo, nessa situação do abuso por conta dos seios estarem crescendo. Como é que é tão fácil para os homens abusarem dessa linha, não terem esse respeito com o outro, com o corpo do outro.

Então, é essa questão da gentileza! Eu nunca vi gentileza facilmente nos homens, sempre foi muito... muito difícil. Inclusive em casa... inclusive com meu pai...

Essa questão da gentileza... Eu via muito pouco o meu pai, porque meu pai trabalhava demais, quando ele não estava trabalhando, estava fazendo algum tipo de formação. Teve uma época que ele fazia um curso de Gemologia em Santos, então grande parte da minha infância foi na praia também brincando com as crianças, na praia tendo uma vivência com o mar, aquela profundidade. E a gente ia acompanhá-lo por conta da formação dele em Gemologia. Meu pai é engenheiro civil, quando ele me ensinava matemática em casa, ele era muito duro... falava que tava errado... era muito duro. De novo essa questão da gentileza... Hoje meu pai é um cara bem legal.

Meu pai trabalhou vinte e cinco anos na Telesp, meu pai construiu várias antenas que a gente tem na cidade hoje. Foi bem legal quando ele mostrava esse trabalho dele pra gente, a gente viajava, (riso) entrava no carro pra ver a antena que estava no meio do nada. (risos)

Até o momento que a gente teve uma crise financeira, que ele foi demitido pela Telesp

e depois trabalhou numa empresa também de telecomunicações, mas ficou dois anos. Depois recebeu o que ele tinha que receber e apostou num empreendimento de transporte que não tinha nada a ver com ele, (risos) pelo menos na superfície, com que ele fazia. E teve rendimento, mas teve mais prejuízos. A situação ficou muito instável e meu pai não foi educado a lidar com a instabilidade. Meu pai veio de uma família militar, então até pra lidar com outras visões seja até mais difícil pra ele, por conta desse tipo de educação. E teve um momento que ele ficou muito instável, acho que ele estava sob stress e ele reagia com raiva e minha mãe cobrava alguns posicionamentos dele e que aí respingava na gente.

Então teve uma vez que minha irmã caçula falou alguma coisa atravessada e ele quis bater na minha irmã caçula, na Ianis, e eu levantei... eu tava de toalha... a toalha caiu e eu fiquei pelada na frente dele e falei: “Não, aqui em nenhuma mulher você bate”.

M: E ele não bateu?

G: Não bateu. Eu segurei a mão dele, eu já era mais alta que ele então. E também caiu em si que alguma coisa não tava bem... Eu fiquei sem falar com ele uma semana. Isso foi pra ele foi muito difícil. Ele falava com a minha mãe que tava muito chateado, mas eu falava pra minha mãe que ele tinha que pedir desculpas. Aí minha mãe filha de Oxum (risos) intercedia com a Iansã (risos) que eu deveria relevar...

Nesse período com dezessete anos eu também tava me direcionando pro vestibular e teve um período de limbo e de stress pessoal. E eu sempre tive contato com a música, minha vida inteira desde criança, então tudo que eu sofria na escola e o ódio que eu tinha daquelas pessoas, principalmente durante esse período de ebulição, de ser abusada e violentada, de precisar usar da minha força e aprender a usar meu corpo primeiro pra me defender... primeiro eu tive que usar meu corpo pra me defender... então... só depois eu fui entender o carinho, o afeto. Eu fui entender outras coisas que meu corpo carrega, mas primeiro eu tive que me defender.

E com a música... Eu falo que a música me formou como ser de afeto, de amor e carinho... e como ser metafísico também, porque essa conexão com a música te leva pra outro espaço. Ela de fato amplia a sua capacidade de visão das coisas, as artes no geral, mas pra mim foi a música...

Meu primeiro beijo foi aos treze anos e foi um beijo musical. (risos) Ele tocou um violão pra mim. (risos) Então foi uma serenata, (risos) em grande estilo... Eu lembro disso... debaixo de uma árvore enorme que tinha ali na ULM (Universidade Livre de Música) e depois me deu brigadeiro. (risos)

M: Era branco ou negro?

G: Branco... Branco... Mas não com características caucasianas alemães, mas era branco.

Aí na escola eu tinha uma outra vivência, uma vivência muito mais brutalizante... Mas engraçado que eu sempre tinha atenção para o conhecimento. Teve um momento... foi minha primeira professora negra que eu tive... foi uma professora de matemática... eu estava na sétima série... Ah... antes disso eu só vou contar que da sexta pra sétima eu tive uma lesão no joelho.

Eu desloquei o meu fêmur porque eu fazia... além da escola eu tinha outras atividades extracurriculares, então além da música, eu tinha também a natação fora da escola e dentro da escola eu jogava handebol, e jogava bem. E no handebol eu tive uma lesão que eu caí errado e fiquei um ano fora da escola. Foi feio... eu desloquei o fêmur! Engraçado que no dia que sofri isso, eu subi a ladeira de Santana da Voluntários da Pátria ao metrô Santana a pé. Eu não sentia dor. Então eu subi a pé com a minha amiga Lucimara, uma menina negra de tranças e tudo, e ela foi comigo até em casa.

Eu pensei que não era nada, coloquei um gelo e “ah, não é nada” aí no dia seguinte o meu joelho estava desse tamanho aí minha mãe: “Vai lá no Dr. Charles” que ficava perto de casa e eu fui sozinha. E o Dr. Charles tirou um raio X e ficou chocado, primeiro porque eu não sentia dor... ele ficou chocado... ele falou: “Era pra você estar sentindo uma dor pior do que a do parto.” Ele viu o tamanho da lesão e falou: “Eu não tenho condições de tratar a sua lesão”. Ele chamou minha mãe e no mesmo dia a gente foi pro hospital Beneficência Portuguesa, procurar um cirurgião do esporte. Ele ficou sete meses com o meu diagnóstico interrogando se ia pra cirurgia ou não, porque eu não sentia dor.

Eu fiquei imobilizada durante esse período, aí eu fazia trabalhos para a escola. Foi como a gente resolveu: eu estudava em casa e fazia trabalhos específicos pra escola. E mesmo assim eu tinha boas notas. (riso)

E durante esse período foi um período muito positivo ao mesmo tempo, porque foi a percepção das minhas limitações. Porque eu tava sendo construída pra ser uma guerreira. Meus pais sempre nos motivavam a ver o melhor da gente. Quando a gente estava em família foi sempre: “Vocês são os melhores”.

A gente sempre lutou contra o racismo através da veia do conhecimento. Porque o racismo realmente é uma questão cognitiva pra mim, até... é um déficit cognitivo das pessoas de fato... De fato... E enfim...

Na nossa primeira infância a gente usava as tranças com aquelas contas nas pontas, era o máximo... A minha irmã mais velha fazia várias tranças na nossa cabeça, e a gente ia pra

escola trançada. Então... depois desse episódio da perua, começamos a alisar o cabelo. Eu via a minha mãe alisando o cabelo com o pente de aço, né? Aquela cena horrorosa de escutar o tchiiii (som de cabelo sendo queimado), do cabelo sendo queimado pra ser alisado. Também pra ela, era uma questão que ela não conseguia trabalhar com ela... Então depois ela não conseguia trabalhar com as filhas dela. Ia perpassando o que a sociedade estava dando como padrão...

Com sete anos de idade eu fui pra barra da saia da minha mãe e puxei: “Eu quero tocar piano”. Da onde surgiu isso? Não sei te responder... de onde surgiu. Aí eu comecei a tocar piano com sete anos de idade.

M: Você tinha piano em casa?

G: Não, eu ia pro conservatório treinar. Que era perto, então eu ia sozinha treinar. Na verdade eu entrei não foi nem com sete anos, eu entrei quando a minha mãe tinha dinheiro pra pagar. Então acho que entrei com uns nove e fiquei levando o conservatório junto com a Universidade Livre de Música até uns treze.

Que também junto com o processo do crescer dos seios eu senti também minha primeira... é que além do menino também teve esse episódio de molestar... Que eu me senti molestada. O marido da minha professora que era velho já... Velho... Um homem branco velho... Cheirava a charuto porque ele fumava muito charuto... ele me abraçava de uma forma diferente. E eu não sentia que era um abraço de “Ei, bem vinda”, sentia que era um abraço de abuso do meu corpo. Ele nunca falou nada ou fez algo além disso, mas aquele cheiro de charuto junto com aquele abraço de gente velha pedófila!

Logo pouco tempo depois que sai de lá também, porque a minha professora tava adoecendo, então não podia dar mais aulas, até que então o conservatório fechou e eu fiquei só na ULM. E eu não tinha me dado conta disso também na época. E é engraçado isso de você não se dar conta na época desses abusos, só depois... Você volta sempre pra esse dominó. Pois é, você tem um acordar de consciência....

Mas de novo eu acho que a música me ensinou muitas coisas. Aí eu passei na ULM, fiquei na ULM até uns dezesseis anos mais ou menos com canto e coral junto com o piano e depois também o violão. A música me ensinou também a ter disciplina. Além de você poder ser você, eu podia ser eu lá, com a música eu podia ser eu.

Lembro também que uma das primeiras aquisições do meu pai quando ele estava melhorando financeiramente foi a Barsa, foi a enciclopédia. Eu criança pegava a enciclopédia e lia avidamente a enciclopédia. Então eu fui saber sobre o Egito, sobre as mitologias do meu povo, sobre a África através da Barsa, da Mirador.

Então eu acho que foi uma das primeiras indagações que eu tive quando eu estava na escola. Que a escola só ensinava sobre escravidão. E ainda uma escravidão muito sujeitada a uma espécie de passividade do povo negro e não na verdade a resistência do povo negro. Eu questionava já a escola muito criança, porque eu tinha outras fontes em casa, com pessoas diferentes.

E também tem a música, que eu sempre eu falo que a música me salvou muitas vezes, por exemplo, nesse período de pré-adolescência até o ensino médio a minha escola tinha bons professores, eu aproveitava muito os meus professores. E essa professora negra que eu tive na oitava série, eu tive um momento de cartase muito grande na aula dela. Ela não sabia o que fazer. (riso) Porque ela tava lá com os outros alunos, vendo as tarefas, ela era professora de Matemática.

E eu sentei, olhava as pessoas ao meu redor e minha mente parecia que tava em outro patamar, parecia que não estava com aquelas pessoas. E eu virei assim e olhei assim pra ela e falei: “Tudo isso é uma mentira. Essa sociedade é uma mentira”. E chorava e chorava... aí ela veio na minha mesa e perguntou se estava tudo bem. Aí eu falei: “Está. Vai ficar tudo bem”.

M: Você lembra o que estava sentindo o que estava acontecendo com você aquela época?

G: Ahh eu acho que essas transições todas. Eu acho que essa transição, o amadurecimento, essas diferentes vivências, diferentes espaços. Da escola pra ULM, pra minha família e o abuso e a violência que eu sentia na escola, eu não sentia em outros lugares.

Mas ao mesmo tempo, como ser aceita por essa sociedade, sendo que essa sociedade... Eu já sabia que essa sociedade não me aceitava. Nesse momento... Acho que foi esse momento que eu tive mais contato com uma espécie de depressão mesmo.

E a onde eu digo de novo que a música me salvou. (risos) Tinha dias que eu ficava assim: eu sentava com as pernas pra fora da janela e ficava me balançando olhando o céu estrelado assim na minha janela: “ E se eu morrer agora? O que que acontece?” Aí parecia que o universo falava comigo: “É isso que eles querem”. Aí eu tinha nem tinha... Não tinha nem como traduzir, a palavra é insuficiente pra isso; eu tinha... eu vou falar revelação (riso) porque não tenho outra palavra.

Eu tive a revelação que na verdade o meu papel nesse mundo é um papel de esperança. Que eu fui colocada nesse mundo pra ser um papel de esperança. E isso fez com que eu me conectasse ainda mais aos meus propósitos, aos meus sonhos, ao significado que eu quero dar pra minha existência. Eu me balançando, eu vendo as estrelas e as estrelas conversando comigo. E eu já tinha conhecimento que a mesma matéria que as estrelas e que o universo tem

eu tenho em mim. E essa foi uma ideia que me segurou durante muito tempo. Que a função que eu tenho no mundo é igual a das estrelas; é brilhar.

Durante muito tempo essa ideia ainda me segura. Quando eu estou triste quando estou desesperançada ou impotente eu penso sempre nisso. E é onde eu falei pro mundo, que o mundo na verdade não é o planeta terra, planeta terra não é o problema, o problema é a sociedade. Foi quando eu entendi o que eu era pra essa sociedade e claro a leitura de uma mulher negra, isso tudo, eu já tinha nesse período. Eu falei: “Não; eu vou ser um caroco muito mais duro pra esse moinho!”. (risos) Lembrando de novo da música do Cartola.

M: “Que o mundo é um moinho...”

G: Que vai destruir os seus sonhos tão mesquinhos. (riso) Eu estava contradizendo, e eu lembro disso porque eu dizia: “Ah Cartola, estou te contradizendo”. (riso) De novo a música... Então, eu só sou esse ser hoje por conta de tudo isso. E foi assim que eu fui de fato me sustentando.

E claro durante esse período veio a revelação da minha irmã mais velha como médium, como Iemanjá e a gente teve um resgate também da nossa história religiosa... mitológica.... Minha irmã começou a receber Iemanjá em casa.

M: Na sua casa?

G: Em casa... E minha irmã tinha quinze anos... Quinze anos! Criança. Isso eu estou voltando de novo na história por que sei o quão importante foi.

Minha irmã tinha quinze anos... E a gente não entendia o que estava acontecendo com ela, foi aquele susto, até porque minha família era budista. Então minha irmã passou por todos os médicos, especialistas, que na época meu pai tinha um convênio muito bom. Passou por todos eles e nada... E nada... E nada... não tinha nada. Minha mãe já tinha vivência de santo e a gente foi saber que meu pai foi Ogan e minha avó parte de pai foi mãe de santo, mas fechou o terreiro mal fechado e passou a coroa pra minha irmã. Até pra gente entender tudo isso... Foi um processo enorme. Aí minha mãe lembrou de um centro da Dona Arliete que ainda existe, que é o terreiro sete linhas, que é um centro de umbandomblé, fica na intersecção da umbanda com candomblé. Os santos da minha irmã são todos de candomblé. Todos... Os guias todos. Mas eles aceitaram trabalhar na intersecção porque ela era muito jovem.

A mitologia africana ela me trouxe a força, ela me trouxe os pés no chão, porque até então, eu era uma pessoa muito do ar, eu estava muito no mundo das artes muito... Eu estava tendo as artes como única fonte de alimento, essa fonte de sobrevivência, mas de vida plena.

Quando minha irmã começou a passar mal, depois de ser levada a todos os médicos, a gente passou a ir no terreiro. Minha irmã, quando ela pisou no terreiro ela incorporou Iemanjá

com a coroa pronta. Aí a gente veio a descobrir que a minha irmã, no ventre da minha mãe já tinha sido abençoada pelo caboclo Sete Montanhas. Ele já tinha avisado pra minha mãe qual seria a missão da minha irmã mais velha na terra. Então meus pais tiveram uma reconexão forte... Forte... Porque eles se desvincularam da religião e não falaram isso pra gente por conta de preconceito.

O racismo me podando da minha história, isso que dói, isso que dói muito... Eu tive meio que tarde acesso a minha história e a forma com que o nosso tipo de sociedade africana enxerga a nossa vivência com a natureza e a vivência no mundo. Por isso que eu falo que a luta pelo racismo a nível político ela nunca vai superar a sua dívida real. Mas a gente precisa dessa luta política para que a gente tenha garantia de direitos e seja respeitado como ser humano. Porque é por isso que a gente luta, pra ser respeitado como ser humano. Agora tudo que foi de déficit cultural, déficit de perda mesmo... de perda de nome... Meu nome, eu não consigo me conciliar com o meu sobrenome por isso que eu me retrato como Glaucia Verena. Porque eu sou Glaucia Verena. Eu não sou Glaucia Verena Sampaio DE Souza, porque eu não sou propriedade de ninguém e nem quero ser. E eu não quero levar essa carga de propriedade pra minha vivência aqui na terra.

E pra mim o meu maior bem é a liberdade e isso a umbanda no meu caso a umbandomblé, trouxe pra mim e é o que os orixás trazem pra mim. Todo o sentido do que é ser livre no mundo eles me trazem. É esse prisma de mundo, essa visão, essa expansão mitológica. E quando eu digo mitológica não é história pra boi dormir, é de fato da minha jornada, de como levar melhor a minha jornada na terra. Eles me ensinam a ter paciência, eles me ensinam a como não sofrer, como encarar o sofrimento da vida que é inerente de uma outra maneira.

O ator Antônio Pitanga, quando eu conheci e conversei com ele, usou a expressão “capoeirista mental”. Que é de fato o que a gente precisa ser. E acho que eu consigo fazer muita coisa sozinha porque na verdade a minha autossuficiência sempre foi o que, desde criança, me fez sobreviver. Se eu não cortei os pulsos, se eu não me deixei levar por aquela experiência simbólica que eu tive na janela do meu quarto, foi porque eu tive outro nível de revelação, de consciência sobre mim mesma. Se eu não me deixei levar é por conta disso, da “capoeira mental”.

Depois eu enxergo isso na religião de matriz africana, tanto na umbanda como no candomblé e na intersecção das coisas. Eu enxergo uma maneira de levar a vida através dos orixás. De entender a morte, de entender a vida, de entender a paciência, de entender a alegria, de entender a tristeza, de entender a matéria. Então ainda mais descobrindo que eu sou filha

de Ogum e Iansã e o que isso significa. E de novo esse arquétipo da guerreira e do guerreiro dentro de mim. Eu tenho mais do que sete espadas pra me defender! (risos)

Então essa questão de me provocar na minha jornada, na minha boa aventura. Que eu chamo a vida de boa aventura. Eu realmente acho que é uma aventura (risos) de me provar em aspectos diferentes: sendo como artista, sendo como cientista que também sou, sendo como mulher, sendo nos afetos.

Hoje é difícil eu encontrar alguém... Hoje é difícil eu encontrar alguém que atenda a mim, mas que eu não precise me esforçar tanto pra ser aceita do jeito que eu sou. Então desde a bissexualidade que às vezes dá curto na cabeça de homens e mulheres. Acham que é... Acho que nossa sociedade coloca isso no nível de promiscuidade sendo que não é. Pelo menos não no meu caso.

E preciso entender o que é ser uma mulher negra dentro dessa sociedade e querer alcançar outros níveis. Eu quero alcançar outros níveis profissionais maiores do que eu já estou alcançando. Eu quero alcançar outros níveis de experiências com pessoas. E eu nesse caminho como cientista também, como mestranda. Eu me tornei um ser muito sofisticado nessa trajetória. Então encontrar alguém, hoje pra mim... uma parceira ou um parceiro que consiga compreender isso... é mais difícil mesmo! (risos) Acho que é uma outra aventura. (risos)

Como eu te falei, eu fui criada pra ser uma guerreira, uma cidadã do mundo, eu me sinto assim. Eu me sinto artista. Eu me sinto cientista. E eu sou tudo isso. E desde o meu nascimento como eu já citei, que eu guerreiro... (risos)

M: Nasceu lutando...

G: Nasci lutando.... A minha primeira luta foi a morte. Meu primeiro marco de luta foi lutar contra a morte. Então se eu lutei contra a morte o que será o resto? Nada perto disso. Isso também é um pensamento que me segura muito nessa luta contra o racismo no dia a dia. Eles não são nada perto disso. E aí que sua consciência vai pra outro patamar. E aí que essa confirmação de ser filha de Ogum e Iansã é muito importante. Estar protegida e acolhida por dois orixás guerreiros.

E tem também esse aspecto coletivo do terreiro... porque sempre fui muito nuclear, muito minha família... E de repente um aspecto das religiões de matriz afro é a comunidade.

Para o bem e para o mal. (risos) Aí que eu aprendi isso que eu te falei: a paciência. Eu aprendi a ter paciência, eu aprendi a ouvir o outro, eu aprendi a cuidar do outro. Então era um senhor que chegava e eu pedia pro outro levantar pra poder ceder o lugar... Eu cuidei de um senhor no terreiro até a morte dele praticamente, (risos) porque ele chegou de bengala. Esse

cuidado... Essa atenção mesmo... Ter o lugar dele... Ajudar pra ir ao banheiro...

Do momento que a minha irmã começou a se desenvolver como médium a gente frequentava o terreiro junto, como família. É uma família. Assim, eu sei pelo que morrer. Pelo o que dar a minha vida. Eu daria a minha vida pela minha família. Eu acho que é importante você saber isso. Pra mim é muito importante. Porque se você não sabe pelo o que morrer provavelmente sua vida é levada muito a deriva. E a gente foi em família, conviver com uma família ampliada que é a família no terreiro. Agora no momento a gente está afastado do terreiro, depois de dezesseis anos de convivência. Mas ainda assim se a minha irmã faz preceito a gente faz junto.

E por mais que eu ainda ache que os homens ainda têm uma questão em relação a gentileza, em entender o poder da gentileza, um homem que passa pelo processo de terreiro, por exemplo, é um homem muito diferente dos homem que eu vejo na sociedade cristã que a gente vive!

M: O que você acha que é diferente?

G: Principalmente no entendimento da diversidade das coisas. No entendimento que existe um fluxo diferente, que você pode lidar com os problemas de uma forma diferente. Então a palavra, o aspecto da palavra é muito importante. Da conversa. Isso também ensinou muito ao meu pai. Eu vi isso... A mudança do meu pai está muito vinculada a isso, a essa reconexão, a essa reconexão com a matriz africana que ele tinha perdido. Entender que gentileza também é poder.

Essa conexão com os orixás também te coloca próximo à natureza, obrigatoriamente... Eles são a natureza... E se você é a natureza, porque você veio dela, você também tem que se cuidar. Entender isso modifica as relações que você tem e as relações que você quer. Entender isso me trouxe força também porque essa fé não é só na natureza, é em mim também, porque natureza vive em mim. Essa questão da autoestima veio muito através disso. Através dessa fé.

Então quando as pessoas olham pra mim e falam: “Gláucia, você é diferente”. “Eu sou diferente mesmo”. (risos) Primeiro que eu sou diferente mesmo, essa diferença tem que trazer poder. Quando eu digo poder não é poder, dinheiro, capital. Isso é importante pra essa vivência daqui. Mas o poder que eu digo é você se encontrar de fato. A cada ano eu sou mais eu mesma. A cada aniversário eu sou mais eu mesma. A cada ano eu entendo o que é essencial a mim para poder atender também aos outros. E de novo o orixá me trouxe isso. Eu tenho que alimentar o meu orixá. Eu tenho que alimentar a mim. Então esse discernimento.

Isso é muito da nossa estrutura filosófica africana. Muito é isso: se eu sou feliz eu tenho que compartilhar a minha felicidade como os outros pra todo mundo ficar feliz. É a

mesma frequência, de novo. Isso de novo é a nossa religião é a nossa cultura que traz isso.

3.3.1 Um caroço muito duro pro moinho

Eles combinaram nos matar, mas nós combinamos não morrer.
Conceição Evaristo

Glaucia ao se apresentar já insere uma marca sobre seu nome: *Meu nome é Glaucia Verena Sampaio de Souza, mas eu prefiro ser conhecida por Glaucia Verena..*

Esse posicionamento inicia o depoimento de uma mulher que se apresenta já ressignificando a sua história e a História.

Porque eu sou Glaucia Verena. Eu não sou Glaucia Verena Sampaio DE Souza, porque eu não sou propriedade de ninguém e nem quero ser.

Sua trajetória de vida é marcada pela ressignificação e transformação do que lhe foi imposto. Imposto pela condição de ser mulher, imposto pela condição de ser negra. Ao se declarar Glaucia Verena, denuncia a condição de desumanização a que seu povo foi submetido: perder a humanidade, tornar-se uma coisa, um objeto, algo do qual alguém poderia dispor a seu bel prazer. Glaucia mostra não só a consciência, mas o posicionamento também a partir de sua apresentação: Não sou objeto, sou sujeito. Sou Glaucia Verena. Apenas. Uma mulher negra. Uma mulher livre.

Ao falar sobre sua infância já apontava a intuição que esse mundo precisava ser aprendido e apreendido. As relações tinham regras implícitas, algumas bastante hostis.

Somos inseridos num mundo já definido, com lugares sociais já marcados, sendo que os lugares desprivilegiados são aqueles oferecidos aos não brancos. Diante desses critérios da dominação, uma estratégia de sobrevivência e superação é ensinada a Glaucia pela mãe: por ser negra e mulher tinha que dar mais que o melhor de si. Sim, esforço e luta acima da média.

Glaucia se apresenta como alguém que tem consciência e como alguém familiarizado à luta desde o nascimento. Nascida prematura, teve várias intercorrências hospitalares, passou os três primeiros meses da vida em um hospital, sofreu arriscada intervenção cirúrgica em seguida. Glaucia já sabia o que era resistir.

Ela conta que até os seis anos de idade não tinha sofrido racismo ou não atentava para ele, até começar a ir para escola de perua escolar. Sendo ela a única criança negra no transporte foi discriminada e agredida. Nessa situação experimentou a violência e o enigma traumatizante do racismo, o que nas suas palavras produziu:

Um enfrentamento difuso mesmo, confuso inclusive... Porque que essas crianças

falavam que eu era suja? Que o meu cabelo era ruim? Falavam um monte de coisa. Chegaram a cuspir em mim e o tio da perua não fazia nada. E eu sofri aquilo durante acho que um mês quando eu fui contar pra minha mãe... contei pra minha mãe e lembro que minha mãe brigou com o tio da perua... e aí depois eu não peguei mais perua... ela me tirou da perua. Só que minha mãe não me explicou naquele momento o porquê. Eu fui entender isso muito depois...

Confusa diante dos ataques, agredida sem entender porque e sem poder contar com a solidariedade do adulto responsável, que se quedou omissa, indiferente. Essa violência enigmática é profundamente desestabilizadora e é experimentada logo cedo pela população negra. Glaucia foi percebendo a falta de hospitalidade que o mundo podia ter. Percebeu que não era apenas uma menina. Era uma menina negra. E ser uma menina negra tinha implicações difíceis de decifrar.

A mãe de Glaucia aciona seus mecanismos de proteção: briga com o responsável omissa, tira do transporte escolar e... começa a alisar o cabelo das filhas...

Moldar-se ao ideal da brancura, ou melhor, tentar moldar-se, em vão, ao padrão da brancura, é um comportamento muito conhecido das mulheres negras. Seu fenótipo não pode ser mostrado livremente, seu cabelo tem de ser domado, corrigido.

O cabelo, como um dos sinais diacríticos do corpo, é visto como marca de inferioridade e sua aparência, por não corresponder ao modelo hegemônico branco, é associada à feiura. Segundo Nilma Gomes (2003):

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo do cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adotar podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico-racial na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. (p. 137)

Outro desdobramento da impiedade racista das crianças da perua foi Glaucia começar a ir para escola sozinha, de ônibus. Com auxílio da irmã, que ia com ela até o ponto e a embarcava, ela seguia até o ponto mais próximo da escola e seguia sozinha. Ao machucar o joelho vai ao médico, também sozinha. Sua autonomia não seria devida não somente à compreensão da impossibilidade dos pais, mas também à consciência de que estaria melhor em suas próprias mãos do que entre os que a discriminavam?

Então acho que é um aspecto talvez das crianças negras, esse o aspecto da independência.

Acho que eu consigo fazer muita coisa sozinha porque na verdade a minha autossuficiência sempre foi o que desde criança foi o que me fez sobreviver.

Independência manifesta também ao lidar com a puberdade. Somada às questões relacionadas à raça que surgiam, a puberdade também altera seu corpo e suas relações na escola. Glaucia descobre que os meninos negros também podem ser ofensivos e abusadores. Ela podia ser agredida por ser negra e também por ser mulher. E mais uma vez ela percebeu que ninguém viria socorrê-la, mais uma vez ela diz: “ninguém fazia nada”. Após vários assédios somente um menino, branco, se opôs. Mais uma vez a omissão dos adultos minimiza a ofensa, concorda com o desrespeito, autoriza a violência. O silêncio do inspetor, homem, adulto, branco, informa tacitamente ao menino que essa conduta com as meninas, e mais com as meninas negras, era aceitável. Diante da reiterada omissão, Glaucia uma vez mais tem consciência da necessidade de defender-se sozinha:

Aí eu tive um clarão mental, que eu tinha que aprender a me defender mesmo, que o mundo não ia me proteger, ninguém ia me proteger, nem meus pais, coitados...

E Glaucia depara-se com uma outra triste constatação, nas suas palavras: “a falta de gentileza dos homens”, que lidam com o corpo feminino com crueza, com posse, com ataques. Experiência vivida na escola e também em casa.

Mas diante da hostilidade do mundo, Glaucia encontrou uma fonte de delicadeza, de beleza. Sua autonomia a levava para uma fonte de vida: ela encontrou a música! Com sete anos pediu para estudar piano e mais uma vez, sozinha, autônoma, caminhava até o conservatório para praticar, ingressando depois no mesmo período na Universidade Livre de Música, onde estudou até os dezesseis anos.

Que vital essa descoberta! Glaucia encontrou um lugar de acolhimento, de valorização e de descanso. Que importante saber que delicadeza podia ser uma coisa possível!

Nossa depoente abriu um caminho sublimatório pela arte da música e pelos estudos, pela leitura tão associada a vínculos de afeto, tendo o colo amoroso da mãe local de doce aprendizado.

Esses caminhos de sublimação ofereceram a ela um novo referencial, distinto da brutalidade da escola. Os espaços artísticos e a música em si inauguraram para ela outro modelo de relação consigo mesma, outro modelo de relação com as pessoas. Essa possibilidade de lançar um novo olhar para si mesma e para o mundo prepara nossa depoente para um importante momento, um momento que descortina a ela muitas significações.

Eu sentava com as pernas pra fora da janela e ficava me balançando e o céu estrelado assim na minha janela: “E se eu morrer agora? O que é que acontece?” Aí parecia que o Universo falava comigo: “É isso que eles querem”.

Mais uma vez Glaucia não aceita por verdade o lugar que o mundo quer lhe outorgar.

E define ela mesma o seu lugar: meu papel é o da esperança, meu propósito no mundo é brilhar! E diante da dureza e da violência da vida que não podiam ser negadas, uma vez que o mundo é “um moinho que vai triturar seus sonhos tão mesquinhos e reduzir as ilusões a pó...”; se apresenta contradizendo Cartola:

Eu vou ser um caroço muito mais duro pra esse moinho. (risos)

Outro acontecimento que nos relata como divisor de águas, em sua vida e de sua família, foi a inesperada experiência religiosa de sua irmã mais velha.

Uma experiência inusitada que põe toda família atônita: uma filha passa mal, tem reações estranhas que não podem ser solucionadas pela racionalidade médica. Rompendo o recalcado, raízes ancestrais gritaram pedindo passagem, expressão, reivindicando o olhar de todos sobre si. Na busca de uma solução, esgotadas todas as tentativas convencionais, a família se volta para as suas origens negras e procura um terreiro. Juntos, como família, viveram o resgate do que Glauca define como o religioso e mitológico de sua herança. Herança quase roubada pelo racismo.

O racismo, uma das mais violentas formas de dominação, é, na metáfora de Gonçalves Filho (2008), uma legião, uma legião demoníaca. Atinge diversas áreas da vida humana; se manifesta nas estruturas institucionais, na trama das relações pessoais e afetivas e invade o campo do sagrado, designando o que é divino e o que é diabólico, segundo normas e padrões da branquitude.

O campo religioso é o principal núcleo de conservação das tradições negras. Segundo Marco Aurélio Luz (1984), “(...) a religião negra é o ponto básico, é fonte de afirmação dos valores civilizatórios negros e núcleo de resistências às variadas formas de aspirações neocolonialistas” (p. 58); e Kiusam Oliveira (2008) se refere ao candomblé como um poderoso “escudo de Ogum”, o senhor do ferro, o orixá guerreiro:

Compreendo o candomblé de ketu, como um escudo sócio-cultural ogunírico que propicia a energia vital da luta, da conquista e do empoderamento necessários, para impulsionar as pessoas às linhas de combate, lutando contra as injustiças sociais. É o escudo que se manifesta em forma de energia que impulsiona os seres à resistência em meio ao campo carnificínico sócio-cultural dado como natural no Brasil, em relação às crianças, aos jovens, às mulheres e aos homens negros independentes da condição econômica, tendo como ponto central e base criativa, a reconstrução das identidades negras. (p. 12)

Portanto, esse reencontro traz não só saúde e harmonia para a filha mais velha, mas a oportunidade de resgate a todos, sendo que este resgate percorre a singularidade e a coletividade. Glauca se vê ligada aos seus ancestrais, aos seus pares e aos seus sucessores, fazendo parte de uma totalidade dotada de sentido; sentido que transcende a finitude da sua existência individual.

Podemos dizer que o encontro com uma religião de matriz africana colocou-a numa linha dupla de pertencimento: verticalmente posicionou-a numa linhagem mítica de pertença e horizontalmente inseriu-a na família de santo.

As comunidades religiosas de origem africana organizam-se nos moldes da família africana, marcada pela valorização dos laços de parentesco, o que implica em devoção, cuidado, solidariedade e respeito aos mais velhos. Nossa depoente foi feita partícipe dessa rede de relações; ingressando na família do axé ganhou mãe, avó, tios, tias, irmãos e irmãs de santo.

A força dos vínculos de uma família de santo está não só no aspecto da convivência social, mas especialmente em seu elemento espiritual, pois é na comunidade que é cultivado e liberado o axé. A palavra axé tem muitos significados: o axé é força sagrada, a energia de vida que a tudo sustenta, dinamiza e possibilita. É também carisma, benção, cumprimento, votos de boa sorte. Está na raiz que vem dos antepassados. Está igualmente na natureza, nas folhas, sementes e frutos sagrados e nas partes dos animais que contêm essas forças da natureza viva. Axé se tem, se usa, se gasta, se repõe, se acumula e sua troca e circulação ocorre na comunidade, no seio da família de santo.

No pensamento de Simone Weil (2001), o ser humano estabelece uma raiz pela participação real, ativa e natural na existência de um grupo que conserva os tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Gláucia enraiza-se pela vivência do sagrado.

Gonçalves Filho (2004) nos fala de um tipo de humilhação que ao atingir um indivíduo atinge igualmente o grupo ao qual ele está historicamente ligado, uma humilhação partilhada por uma comunidade de origem: a humilhação social. Ela alcança os antecessores e se projeta sobre as gerações futuras, garantindo, assim, que todo um grupo se mantenha sob a égide do rebaixamento; indubitavelmente o tipo de humilhação vivida pela população afrodescendente.

A negação de pertencer a um grupo vitimizado e oprimido é muitas vezes o expediente usado para fugir da dor. Porém, ao olharmos para a estrutura das religiões de matriz africana vemos um movimento inverso; os ancestrais míticos (orixás) e terrenos (eguns) são cultuados, reverenciados, convidados para participar da cerimônia, da festa de seus filhos.

Os indivíduos reconciliados com suas raízes voltam-se para seus ancestrais para honrá-los. E ao honrá-los também recebem a honra de verem o transcendente, o divino, revestindo a finita corporeidade humana. O subjugado corpo negro recebe outro olhar, ele é desejado pelo orixá, é valorizado por ele, ele é o veículo do axé, o ponto de encontro entre o *orum* e o *aiye*, entre o plano transcendental e o plano terreno.

As religiões como a umbanda, o candomblé e o tambor de mina são marcadas pelos conceitos da africanidade. Nas palavras de Henrique Cunha Jr. (2007):

As africanidades são reflexo dos princípios sociais de matriz africana, amparados pelos aspectos filosóficos africanos como a diversidade e a integração, a ancestralidade e a tradição, que norteiam e orientam as vidas dos povos africanos e também de seus descendentes na diáspora. (p. 189)

Ao desvendar suas origens Glaucia desvenda a si e o sentido de seu estar no mundo. Conhecer seu orixá (ori, em iorubá cabeça; orixá, o dono da cabeça) dá a ela possibilidades de identificação e sentidos de ser. Monique Augras (1983), discorrendo sobre o filho de santo, diz: “Ele tem deveres para consigo próprio, e a primeira de suas obrigações é saber quem ele é” (p. 214).

Então ainda mais descobrindo que eu sou filha de Ogum e Iansã e o que isso significa. E de novo esse arquétipo da guerreira e do guerreiro dentro de mim. Porque eu me reconheço neles. Eu tenho mais do que sete espadas pra me defender! (risos)

O “re-ligare” com o sagrado, na visão africana, começa a partir do “re-ligare” consigo mesmo, na descoberta de sua filiação, de seu pertencimento. O caminho religioso de um filho de santo se inicia por um encontro subjetivo, pelo conhecimento de si, o qual começa pelo conhecimento da matéria sagrada que formou sua cabeça e a quem está aparentada.

Para o candomblé os orixás são forças que comandam elementos da natureza, porém não são forças despersonalizadas, são nossos ancestrais e se assemelham a nós humanos. Os orixás têm preferências, defeitos e talentos que são igualmente encontrados em seus filhos. Reginaldo Prandi (1991) assim afirma:

O interessante é que, não importa qual seja o seu orixá, o iniciado (...) acaba sempre encontrando no tipo-orixá do seu santo justificativas para suas ações e modos de ser. Que já é tempo de erradicar o sentimento de culpa, como queria a psicanálise. (pp. 103-104)

Os terreiros — aliás terreiro é um nome que por si só remete à origem, à raiz — não são mais espaços indiferenciados e sim territórios. Territórios de pertencimento negro que fornecem apoio material à memória de um povo. Segundo Milton Santos (2003, p. 96, citado em Anjos, 2009):

O território é o chão mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi.

O território negro do terreiro traz a nossa depoente um aprendizado de vínculos de pertencimento, permite uma reconexão à ancestralidade através do culto e das tradições, fornecendo o estabelecimento de uma memória coletivamente partilhada.

E surpreendentemente Glaucia nos diz que esse território negro ajuda no aprendizado dos homens no — para eles quase desconhecido — exercício da gentileza!

Por mais que eu ainda ache que os homens, ainda tem uma questão em relação a gentileza, em entender o poder da gentileza. Que eles podem ter esse feminino presente dentro deles... Um homem que passa pelo processo de terreiro, por exemplo, é um homem muito diferente de um homem que eu vejo numa sociedade que a gente vive, cristã.!

A comunidade de santo é marcada pela intensidade do convívio social, zelar do axé é uma tarefa comunitária. Talvez o estreitamento desses laços de convivência contribua na lapidação dos temperamentos e desenvolvimento da gentileza, mas devemos considerar também a grande influência feminina nas religiões afro-brasileiras, nas quais predomina o matriarcado. O Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana na parte dedicada à caracterização destes sujeitos afirma que a maioria das lideranças destas comunidades são mulheres (72%) e, dentre estas, sua maioria se autodeclara negra.

No universo das religiões afro-brasileiras, a mulher não se submete à ideologia da superioridade masculina, como acontece em outras religiões, o que se justifica pelas condições históricas das sociedades africanas predominantemente matriarcais.

Ruth Landes (1967) ilustra em seu belo livro “Cidade das Mulheres” o protagonismo das mulheres negras:

Por todos os cantos havia pretas de saias e torsos coloridos e blusas brancas que refletiam a luz do sol. Eram, em geral, mulheres velhas, na aparência robustas, confiantes em si mesmas, profundamente interessadas no trabalho do momento. Geriam açougues, quitandas, balcões de doces e frutas, e as barracas onde se vendiam especiarias, sabão, contas e outras especialidades vindas de costa ocidental da África. (p. 23)

Mas o predomínio do poder feminino não se deve somente à autonomia da mulher negra, no seu desenvolvimento econômico e na relevância de seus papéis sociais, mas reside também em seu aspecto espiritual.

Nos terreiros tradicionais, os homens têm funções como: zelar e proteger o terreiro, contribuir financeiramente, tocar instrumentos musicais, abater os animais e coletar as ervas. Porém o transe, a visitação dos deuses, só é concedida às mulheres. Uma vez mais Ruth Landes (1967) nos fala:

E esse é o trabalho mais notável das mulheres que são sacerdotisas num templo. A mulher é possuída por um santo ou deus, que é o seu patrono e guardião; diz que ele - ou ela - desce em sua cabeça e a cavalga e, depois, usando o seu corpo, dança e fala. Às vezes diz-se que a sacerdotisa é esposa de um deus e às vezes que é seu cavalo. O deus aconselha e faz exigências, mas em geral, apenas cavalga e se diverte. Assim você pode compreender porque as sacerdotisas exercem grande influência entre o povo. São as intermediárias dos deuses. (pp. 43-44)

Mundicarmo Ferreti (2005) em seu texto “Matriarcado em Terreiros de Mina do

Maranhão - realidade ou ilusão?” também diz: “... pode se afirmar a existência de maior poder feminino nas religiões afro-brasileiras do que em outras religiões e contextos sociais brasileiros, e que esse poder é maior em terreiros de nação jeje e nagô.” (p. 2). Mundicarmo Ferreti nos lembra também que há o predomínio do feminino nos terreiros, mesmo quando este é liderado por pai-de-santo, uma vez que: “... a figura do pai-de-santo machão não é difundida no candomblé, mas sim o lado feminino do homem” (p. 2). Isso porque nas religiões de matriz africana, algumas práticas sociais vistas “transgressoras”, especialmente no que diz respeito a aspectos de gênero e sexualidade, são vistas com mais naturalidade do que por outros segmentos religiosos. Assim, os terreiros, por serem ambientes que acolhem a diversidade, têm grande número de homossexuais, especialmente homossexuais masculinos, entre suas lideranças. O feminino continua preponderante na visão de mundo do povo de santo.

Segundo Salete Maria da Silva (2013):

Para as Mulheres de Axé (que também não estão livres da camisa de força de gênero), o dito espaço privado, tem sido, paradoxalmente, e um só tempo, o lugar do exercício do afeto e da cidadania. Pois em face de suas particulares condições de vida, de sua forte relação com a comunidade e da prática da religiosidade que se dá, muitas vezes, em espaços construídos dentro de suas próprias casas e/ou estruturas a estas contíguas – é neste âmbito que as mesmas tecem singulares estratégias de enfrentamento do machismo, do racismo e da intolerância religiosa, além da troca de energias, da celebração da vida e do amor pelas entidades protetoras e pelos irmãos e irmãs de fé. (p. 35)

O reconhecimento da mulher negra em sua autonomia e em sua autoridade religiosa, o modo de vida comunitária proposto pelas religiões afro-brasileiras e o acolhimento da diversidade sexual nos terreiros criam um ambiente de profunda liberdade para Glaucia.

E pra mim o meu maior bem é a liberdade. E isso a umbanda, no meu caso a umbandomblé, trouxe pra mim e é o que os orixás trazem pra mim. Todo o sentido do que é ser livre no mundo.

A liberdade de ser e estar no mundo. A liberdade de saber-se igual a empodera para ser diferente.

Então quando as pessoas olham pra mim e falam: “Glaucia, você é diferente”. “Eu sou diferente mesmo”! (risos) Primeiro que eu sou diferente mesmo! Essa diferença tem que trazer poder!

3.4 AMARÍLIS

Meu nome completo é Amarílis Regina Costa da Silva. Eu nasci em 14 de maio de 1992, então, portanto, eu tenho 25 anos e alguns meses. Meu pai e minha mãe são negros. Eu sou filha de um casal negro. Minha mãe é mineira e veio muito criança pra cá. Meu pai é paulistano, filho de uma mulher paulistana de Ribeirão Preto. Enfim, eu que eu saiba, eu tive alguns privilégios desde antes do começo da minha vida. Meus pais... enfim... eu preciso começar dos meus avós para você entender porque eu acho que tive privilégios. Minha avó materna chama Lúcia, ela foi uma mulher negra filha de um casal mestiço. Meu bisavô diz que era espanhol e tal e minha bisavó era o que chamam de bugra, negra com miscigenação indígena. Ele tocava boi antes de ficar cego... meu bisavô. Então, dizem que ele estava tocando uma boiada, vindo de Araguaia, de Goiás, e viu minha bisavó lavando roupa na beira do rio e pegou minha bisavó e meio que comprou. Perguntou pro dono da fazenda o quanto ele tinha que indenizar. E ela já tinha filhas e ele carregou ela e as filhas e foi pra Uberaba e se estabeleceu lá. Ele já tinha tido outros dois casamentos. Então ela era uma terceira união, não era nem casamento. Com ela teve mais doze filhos. E eles ficaram juntos até o final da vida, o que não demorou muito. Eles tiveram doze filhos, mas ambos morreram cedo.

Minha avó ficou órfã com uns treze anos de idade. Mas ela trabalhava desde os oito. Eu vou falar dela muitas vezes, principalmente dessa avó. E aí essa era uma família pobre, uma família que com diversas restrições... minha avó começou a trabalhar muito cedo. Estudou muito pouco porque lá em Uberaba tinha uma coisa que filho de preto não podia estudar nem o primário. Uma lei silenciosa na cidade que não permitia que as crianças negras fizessem nada além do grupo escolar. Isso são coisas que minha avó foi me contando. Ela já é falecida. Tô até com a roupinha dela hoje. (risos) Enfim... Ela teve essa vivência, minha avó.

Meu avô... (ainda estou nos meus avós maternos), se chamava José Nivaldo, veio de uma família já um pouco diferente. Minha família é enorme lá em Minas. E eu brinco que minha família comprou um quilombo. Um dia eu vou escrever sobre isso. Porque nós descendemos de uma mulher que foi escravizada, ela chamava Crispiniana e por algum motivo a minha família teve algumas posses. A gente não sabe se era na verdade, mas a maior hipótese que nós conseguimos investigar é que a Crispiniana era filha do dono da fazenda. E ela apanhava. Era o brinquedo das irmãs brancas. As irmãs brancas morreram e ela conseguiu ficar viva e herdou coisas.

Então a minha família meio que se estabeleceu nesse lugar, nessa fazenda. Então por isso que eu falo que foi um “quilombo adquirido”. Porque nós fomos crescendo em um lugar

que era o lugar dos pretos. O bairro do bebedouro lá em Uberaba era o bairro de preto, porque a minha família foi ficando lá e chegando outros pretos e foram pedindo guarida e aí todo mundo que era preto na região foi morando ali. Depois, uma outra família rica branca pegou as terras, sabe? Porque aí um tinha problemas de alcoolismo, aí o branco ia lá e comprava a terra. Aí a gente foi sistematicamente sendo retirado da região à medida que foram percebendo que era uma região de fazenda, de cana, enfim, de roça boa. Então, o meu avô ele já descende dessas pessoas.

Só que meu avô ele era caçula de uma família que tinha sete filhos. E a mãe dele morreu de complicações no parto. Então ele ficou muito juvenzinho e era cuidado pela minha tia mais velha que tinha dez anos. E o meu bisavô tinha outras mulheres, outros interesses, tinha outras terras, então os filhos foram se criando lá perto desse lugar que eu te falei. Tudo isso pra dizer o quê? Que como o meu avô era o mais novo, ele foi o escolhido para ter um trabalho diferente dos mais velhos. Os mais velhos trabalharam na roça e meu avô foi o escolhido para ter um trabalho que eles consideravam mais manual, mais delicado. Então o meu avô foi ser aprendiz de alfaiate e minha avó desde os oito anos trabalhava na cozinha. E ela cozinhava muitíssimo bem. Ela trabalhou a vida inteira como cozinheira e empregada doméstica de gente rica, porque fazia coisas maravilhosas. Eu já menininha lembro uma vez que o bispo chamou ela e o bispo queria um doce alemão. As pessoas pediam umas coisas assim muito mirabolantes pra ela, ela era cozinheira referenciada em vários pratos. Enfim, minha avó era muito boa na cozinha e meu avô era um alfaiate muito bom. Até que um dado momento eles se encontraram e namoraram pra casar. Só que Uberaba naquele tempo não tinha emprego, não tinha nada. Então eles tavam naquele veneno lá, casados, tiveram minha mãe e minha tia, e meu avô decidiu então que como ele era alfaiate, eles iam migrar para São Paulo por que aqui tinham boutiques, tinha, enfim, essas coisas. Então ele veio pra cá. Minha avó não se sentiu confortável em ficar longe do marido, tinha medo de que ele arrumasse outra família, coisa do tipo, passou a mão na minha mãe e na minha tia e veio pra São Paulo também. Na região de Carapicuíba que foi onde eu tive minha primeira infância. E lá ficaram, enfim, passaram dificuldades e apertos e desapertos.

Mas como o meu avô foi escolhido pra ser o filho que tinha algum refinamento intelectual, ele tinha ideias diferentes sobre as coisas e o mundo. E como a minha avó sempre trabalhou em casa de gente rica, ela observava a forma que os filhos das pessoas ricas eram preparados. Então minha mãe fala que minha avó trazia os encartes de discos do Milton Nascimento, minha mãe é muito fã do Milton Nascimento e eu também. E aí minha avó pegava os encartes de disco, as revistas das patroas, os livros dos filhos das patroas que eles

não usavam e trazia pra minha mãe. Assim como sutiã, sapato, beirada de bife. (risos) Então, assim, a sobrevivência era quase... a sobrevivência era quase... não de parasita no sentido de... porque ela trabalhava, ela era assalariada, mas, enfim, ela conseguia aferir muito mais que o salário. Ela aferia também alguma coisa... ela conseguia entender que algumas coisas boas do padrão de vida dessas pessoas deveriam ser replicadas na vida das filhas. Apesar de terem vindo da roça, apesar de não terem podido estudar, apesar de estarem lá na Cohab de Carapicuíba, nos anos 60/70, ela entendia que tinha um mundo diferente, um mundo melhor e começou a preparar as filhas pra isso.

Então, por exemplo, a minha mãe e minha tia não trabalharam em casa de família. E minha mãe sempre gostou muito de ler e tal. Com treze ou catorze anos minha mãe dava aula particular pras crianças do bairro. Ela falava que ganhava mais do que meu avô com as costuras. E foi uma família diferente nisso também. Que meu avô ficava em casa costurando e minha avó saía pra trabalhar nas casas de família.

Então, eu falo isso justamente pra você entender quais foram os meus privilégios. Porque lá, desde lá da senhorinha Crispiniana que herdou o dinheiro lá da fazenda, tinha noção de propriedade, fez com que minha família, ainda que fosse um bando de preto sem grana, era um bando de preto sem grana com casa própria. Isso muda muita coisa desde a minha descendência pós-escravagista. Então desde lá a gente já tinha pelo menos um fio condutor. Pelo menos a minha família materna, vou explicar a paterna.

Mas minha família materna tem uma frase que a gente vive falando. A gente fala assim: que a gente não deixa ninguém pra trás. E eu fui criada assim. E a gente não deixa ninguém pra trás mesmo.

Miriam: Como assim de não deixar ninguém pra trás?

Amarílis: A gente não deixa ninguém pra trás, a gente divide. Se for... se eu tiver um pedaço de carne todos nós vamos desfiar essa carne, misturar no angu e todos nós vamos comer esse angu misturado com fiapo de carne, sabe? A gente não deixa ninguém para trás. Então é uma família que tinha acesso a propriedade e com noção de autogestão e vida em comunidade.

Outra coisa que minha família lá de Minas fazia (que não foi o caso do meu avô e da minha avó) era casar entre primos para a herança não sair da família. Mas meu avô não, casou com a minha avó, mas ela era negra. Minha família materna tem isso também, essa coisa que não é um conceito de afrocentrado propriamente dito, eles não dão esse nome. Mas eles entendem que pessoas negras quando são inseridas em um contexto de casamento inter-racial

sofrem de violações muito específicas e tendem a perder dinheiro e poder e gerência nas decisões.

Tanto é que só uma geração depois de mim, meus primos que começaram a apresentar as namoradas brancas. Além de não deixarmos ninguém para trás, preto casa com preto. Porque senão, senão a gente perde força. Então era isso, preto casa com preto pra não perder a força.

Então a minha família vem com essa espinha dorsal e a minha mãe teve a possibilidade de uma educação mais linear, não teve evasão escolar. Era um pouco difícil, eram pobres, mas ela estudou, concluiu o ensino médio, trabalhou um tempo e entrou na faculdade e quando a minha mãe entrou na faculdade eu já existia.

Minha mãe trabalhou, foi técnica de laboratório, concursada, já era uma vida menos penosa. Minha tia foi trabalhar no Ministério da Fazenda, também ainda não tinha tido acesso ao curso superior, mas era uma vida menos penosa. Então o que aconteceu? Quando a minha mãe conheceu o meu pai eles tiveram a oportunidade de fazer um planejamento familiar. Por isso que eu digo que eu sou privilegiada. Meus pais se conheceram, namoraram, noivaram, casaram, como as famílias brancas fazem. Juntaram dinheiro, compraram outro apartamento na Cohab, e aí depois de quatro anos eu nasci. Então eu nasço num contexto de criança que mora num conjunto habitacional, mas eu morava em um conjunto habitacional e tinha televisão, e tive um enxoval, e tive um berço e meus pais tinham Passat setenta e seis pra me trazer da maternidade (risos) e na época que eu nasci a minha mãe já trabalhava na USP. Minha mãe foi funcionária da USP, foi estudante da USP. Eu nasci no HU.

M: Sua mãe foi estudante da USP?

A: Foi. Minha mãe fez linguística e fez letras na USP. Minha mãe fez duas graduações na USP. E... durante a minha infância, muitas das lembranças da primeira infância que eu tenho foram na universidade. É muito doido, né?

Aí meu pai: só pra contextualizar, minha avó nasceu na região de Ribeirão Preto e ela não teve mãe. Ela fala que a mãe dela morreu de barriga d'água. Eu acho que era algum problema de rim. E então quando ela fez doze anos o meu bisavô arrumou patrões pra ela. Disse que ela já tá em idade de trabalhar... Com doze/treze anos meu bisavô entendeu que ela já estava na idade de ser dada aos patrões. Então ela foi dada como babá para uns patrões que vieram pra São Paulo e ele ficou lá em Ribeirão. Ela veio trabalhar aqui com uma prima ou uma tia, sei lá. Ela sofreu o pão que o diabo amassou, mas ela não fala muito, é uma pessoa meio fechada. Essa minha avó paterna tá viva. E aí ela veio trabalhar pra cá, mas não deu muito certo. Diz que até meu bisavô tentou se arrepender, tentou vir buscar a minha avó, só

que ele morreu. Diz que ele sentou ali na praça do Paissandu, teve um treco e morreu. E nisso ela estava também internada aqui na Santa Casa com treze anos, porque ela tinha tido uma doença, enfim. E aí como ela ficou doente, os patrões não quiseram. Como funcionário doente não trabalha, ela ficou doente um tempo, foi morar na periferia da periferia e trabalhou durante muito tempo em casa de família. Eu acho engraçado pela diferença de idade da minha avó e do meu pai. Meu pai tem cinquenta e poucos e minha avó oitenta e poucos. Então minha avó foi ter o primeiro filho só lá com trinta anos. Mas ainda numa situação de extrema pobreza. Ela ainda conta que ela meio que fundou uma favela. Que ela trabalhava em uma casa de família e a mulher era da prefeitura, então ela diz que a mulher arrumou um lote pra ela. Mas eu acho que a mulher deixou ela invadir o terreno. Aí várias famílias invadiram e agora é uma favela enorme lá perto de onde ela mora, no Parque Belém, no sentido Elisa Maria, aquela região ali. Realmente eu olho hoje em dia e falo: “a minha avó foi a primeira aqui”. E eles viveram um contexto bem ruim, a minha avó vive contando que eles eram mordidos por rato e aí toda hora tinha que tomar 60 injeções na barriga, ela fala que eram 60, eu não sei. E era um contexto de pobreza extrema. Minha avó teve cinco filhos e ela passou por toda sorte de sofrimentos. Dizem que meu avô não era um cara muito bacana e enfim ele foi embora... Que eles tiveram brigas muito fortes. E ela sobreviveu mesmo. Eu não posso dizer que ela vivia, ela sobrevivia. Trabalhava em casa de família, tinha muitos filhos, vivia em um contexto de violência, em um lugar totalmente insalubre e totalmente perigoso. E aí acho que nessa... que meu avô largou ela, meu pai tinha cinco anos. Ela foi morar embaixo da mesa dessa parenta aí. E eu digo literalmente embaixo da mesa. Ela pediu abrigo na casa da parenta porque ela vivia nesse relacionamento e a parenta disse: Ok! Dorme embaixo da mesa. E a mulher não dava comida, não dava nada. Então é uma passagem que meu pai fala, que ele e meu tio subiam no muro, aí esperavam o vizinho jogar comida pro cachorro. Aí um segurava o cachorro e outro pegava o bife da comida do cachorro. Então era assim que eles comiam. Enfim... essa avó teve menos acesso à educação e aos estudos e ela vivia uma condição de trabalho ainda mais precária que minha avó materna, que também era empregada doméstica, mas ela tinha, entende... essa capacidade de negociar em alguma medida com os patrões. De entender... tinham um refinamento de compreensão maior do que essa minha avó.

Então meu pai cresce trabalhando desde os cinco anos. Carregando coisa na feira, marcenaria, mil coisas. E depois vai pro Exército, porque era uma opção para um menino negro ter um emprego razoavelmente bem remunerado e fixo. Dali ele consegue comprar uma casa pra minha avó e etc. Quando ele foi comprar uma casa pra minha avó, ele conheceu

minha mãe... Ela foi quem autorizou o empréstimo pra ele comprar uma casa pra minha avó. Então eles se conheceram assim.

Meu pai é um homem que tem uma visão de mundo mais voltado às táticas de sobrevivência que minha mãe. Minha mãe entende, compreende e valoriza questões mais subjetivas, do estudo e etc. Meu pai é aquele cara que: “vai estudar pra ganhar quanto?, vai trabalhar de quê?”

Enfim, dessa união, veio esse planejamento familiar que resultou no meu nascimento. Eles quiseram muito um filho, perderam um bebê antes de mim, depois de pouquíssimo tempo que minha mãe perdeu o bebê, ela engravidou de mim, eu nasci e ela já era funcionária da Universidade. Tanto que eu nasci no HU. Durante esse processo que ela era funcionária da Universidade, ela também passou na graduação. Então eu nasci no HU, estudei na creche Oeste. Tudo que está sendo sucateado agora (risos) foi o meu berço de sobrevivência. Então a gente morava ali na Cohab de Carapicuíba e eu vivia... minha mãe vivia da USP e meu pai nessa época, se eu não me engano ele trabalhava em empresas de segurança. Ele sempre trabalhou nessa área de segurança por causa do Exército. Aí veio o Collor, não tinha mais essa coisa de concurso direto, eles foram mandado embora. Ele tava com a patente de Sargento, então foi trabalhar na área da segurança privada.

Aí eu... as primeiras lembranças que eu tenho de infância é da casa da minha avó. Porque como a minha mãe trabalhava e estudava e eu fiquei com essa minha avó materna. Eu era filha de avó e isso tem várias passagens. Tem coisas que eu lembro e tem coisas que eles me contam. Por exemplo, dizem que quando eu comecei a andar, meu avô ele estendeu o colchonete na casa inteira porque eu não podia pisar no chão. E aí eu era bem cuidadinha mesmo. Eu lembro assim vagamente dele, que ele me carregava no ombro, eu não podia pisar na rua mesmo não, tanto que eu não me lembro do rosto dele, lembro do topo da cabeça dele, da careca. Porque eu acho que passava muito tempo no ombro dele, andando na Cohab pra cima e pra baixo (risos) e ele mostrando a neta. E minha avó também já estava aposentada. Ela teve uma filha temporã quando minha mãe tinha dezoito anos. Eu tenho uma tia que tem diferença de dez anos pra mim. A gente foi meio que criadas juntas e tal. E aí era aquela comida gostosa de vó, aquele ambiente que era um ambiente simples, nós morávamos na Cohab de Carapicuíba mas, mas meu avô comprava kinder ovo pra mim, lembro que ele me dava um kinder ovo de vez em quando. Eu estudava em uma escolinha..., antes de ir pra creche eu estudava em uma escolinha particular de Carapicuíba. Era uma escolinha particular, era um maternal, berçário, particular. Eles não me levavam para o berçário porque eles tinham dó. Então eu tive um primeiro momento de vida muito bacana assim. Simples, modesto, mas

eu tive acessos que ninguém antes dos meus ascendentes tinham tido. Usei fralda de pano, usei calça plástica, mas também tive fralda descartável, era uma coisa muito inédita. Ainda que eu tenha nascido em 92, era superinédita (risos) e aí... em cima disso... eu tenho essas lembranças, essas primeiras memórias. Mas um belo dia, eu tinha dois para três anos, meu avô foi com a minha tia no supermercado, levantou um frango, sentiu um formigamento e falou “acho que estou morrendo”, caiu “pum” e morreu.

E aí tudo mudou novamente, porque minha avó ficou viúva, e com a minha tia com treze anos, e, enfim, ela fez as malas e voltou pra Uberaba. Porque lá ela sentia que ia ter um apoio familiar que aqui ela não tinha. Enfim, ela não conseguiu ficar em São Paulo sem ele. Ela veio pra São Paulo pra não ficar longe dele, e aí quando ele morreu São Paulo acabou. E aí quando ela voltou pra Uberaba ficou minha mãe, meu pai e eu aqui em São Paulo, eles com mais de um emprego... enfim, várias funções e tal.

E aí eu comecei a ficar na casa dos outros..., aquela criança que nem pisava no chão começou já a ter uma vida mais complicada. Porque eu ficava na casa de vizinho, ficava de um lado, ficava do outro. A grana ficou mais apertada, a distância, enfim. Eu sai de um ambiente assim muito protegido... eu brinco que eu caí no mundo. E nessa... e aí eu tenho algumas lembranças de infância. Antes de ficar lá pelos corredores da USP com a minha mãe, eu tenho lembrança da casa das pessoas assim: era Cohab, então a Cohab de Carapicuíba é dividida por escadas, por exemplo, o prédio 76, mas cada prédio tem três/ quatro escadas. E aí na escada que eu ficava, cada dia eu ficava em uma casa, então, sei lá. Sexta pra sábado eu ficava na Telma, Telma era testemunha de Jeová, então ela me levava pra panfletar. Lembro que a Telma fazia um franguinho muito gostoso e tal, etc. Que era uma família branca. E no começo da semana eu ficava na casa da Dona Marilene, que também era uma família branca. A Dona Marilene também me tratava com carinho, às vezes levava o filho dela no quarto pra dar chocolate pro filho dela e não me dar chocolate. (risos) Mas assim, me tratava com carinho, me levava na missa porque eles eram católicos. Essa questão da religião... (risos)

Desse período eu já lembro de alguns resquícios de racismo aí. Parece que as pessoas fazem questão de fazer o marco racial. A fulana é tão bonita, tão loirinha, e olha pra você, sabe? Ah olha o cabelo dessa boneca... e olha pra você. Então eu lembro que eu comecei a entender que ninguém ou que nenhum lugar, ia ser tão confortável, racialmente falando, quanto a convivência que eu tinha com a minha família. Eu sempre soube que eu era uma criança negra, que justamente pela minha mãe, enfim, ter participado de movimentos social, ter tido essas discussões eu nunca fui uma criança morena, uma criança que não tem cor. Eu acho até muito engraçado. Tem gente que diz que descobriu que era preta. Eu nasci sabendo.

Eu não tenho vaga lembrança do dia que me contaram. Eu sempre tive isso marcado. Era muito difícil ter bonequinhos pretos. Mas eu tinha dois bonequinhos pretos que foram da minha mãe. Nunca foi uma coisa que eu precisei demorar pra entender. E aí eu percebia que na casa dessas famílias tinham essas questões. Eu me sentia mal, eu sentia... eu sentia que sofria uma violência, mas lógico que eu não tinha essa compreensão total de entender que isso era uma violência. Mas eu não gostava de ficar na casa dos outros, eu me sentia igual um cachorrinho, sabe? Não sei. Era uma coisa ruim. Eu me sentia... eu sentia que minha humanidade era desrespeitada. Eu sentia que eles tentavam demonstrar, em alguma medida, que eu era menos humana. Hoje eu sistematizo dessa forma... com essas palavras...: alguém tenta demonstrar que ser humano é diferente, de que você pode ter quase todas as coisas que te tornam humano, mas que sempre vai faltar alguma coisa. Então é aquela sensação “quase como eu”, eu te trato bem porque você é “quase como eu”, “é uma criança apesar de... apesar de...” e aí eu sentia isso assim. Era ruim. Eu não gostava de ficar na casa dos outros. Eu fiquei na casa de uma moça e aí na hora de tomar banho ela colocava eu e o filho dela pra tomar banho. O filho dela pôs a mão em mim e eu não gostei. E aí falei pra minha mãe, ela ficou como sempre muito culpada por tudo. São essas lembranças assim. E aí foi quando ela começou a me levar mais pra USP no primeiro momento.

Ela me levava pra assistir aula. Lembro que eu assistia aula do Paulo Tatit, (risos) Maria Vicentina, tinham uns professores que eram legais. Falavam “ai, pode me chamar de vovó”, me deixavam rabiscar um pedacinho da lousa, me tratavam bem. Tinha uns professores que falavam pra minha mãe: “O que você está fazendo aqui? Você vai ficar com essa criança?” E aí eu lembro de entrar embaixo da carteira assim da USP e dormir embaixo da carteira. Ou quando o professor meio que não deixava ficar, minha mãe me deixava no corredor, aí eu dormia no corredor da Letras. Dormi muito no corredor da Letras. Brincava ali, porque como ela foi funcionária, nessa altura ela já não era mais, como ela foi funcionária, as pessoas ficavam de olho e eu ficava por ali. E eu lembro do cheiro da pipoca com provolone que tinha na hora do intervalo, lembro desses professores que me tratavam bem, mas, principalmente, dos que me trataram mal. Tinha uma professora que falava assim: “Vai pra sua casa, mulher. O seu lugar não é aqui, você tem família”. E eu lembro desse dia assim. E aí eu fiquei com a minha mãe lá e... dia de sábado minha mãe era orientanda da... de uma professora e... dia de sábado ela tinha que ir digitar coisas. Acho que computador era muita novidade e os professores ainda não sabiam mexer e a minha mãe ia digitar coisas na casa da professora. Às vezes eu entrava. Eu lembro que a professora tinha uns bebelozinhos, hoje eu sei que aquilo era cristal, muito pequeninhos e eu ficava brincando com aquilo e tal. E às

vezes acho que o clima não tava bom e ela me deixava no carro. Eu lembro de passar horas longuíssimas assim no carro, de acordar e estar em um passatão 76. E horas, e horas e horas. E eu tava com meu pai e a gente dormia e acordava e a minha mãe ainda estava lá. Às vezes eu acho que era um tempo menor, um lugar mais protegido, então ficava um pouquinho no carro, mas pra mim como criança aquilo era uma eternidade. Mas, enfim, são essas lembranças. Aí passa um pouquinho de tempo e a minha mãe. E aí o contexto todo e minha mãe depois que meu avô morreu, minha mãe ficou depressiva, muito depressiva. Pelo êxodo da família, pela morte do pai que era assim a razão do viver dela. Várias coisas. Então aí se tornou além de uma vida mais difícil, uma vida mais triste. Era muito triste. Eu posso estar confundindo um pouco. Eu não comecei a ir pra USP depois que meu avô morreu, eu já ia. Que eu lembro no dia que meu avô morreu que minha mãe estava na Cohab 1 de Carapicuíba. Quando a gente parou assim no topo da ladeira, uma vizinha estava descendo assim: “Seu pai morreu”. E aí minha mãe começou a chorar e eu lembro de estar sentindo como se fosse um negócio assim entrando. Eu era muito criança, tinha uns três anos. Mas eu lembro de sentir uma dor funda no peito, sei lá, daquele dia pra frente a minha vida nunca mais foi igual. Minha mãe já me levava pra USP, pra fazer essa correção, mas acabei indo com mais frequência depois de toda essa situação.

E aí estava meio adaptada, já deveria fazer uns dois anos do falecimento do meu avô, minha mãe engravidou da minha irmã. Quando minha mãe engravidou da minha irmã, se não me engano, ela para a faculdade, vai e arruma mais um emprego, então ela dá aula em duas escolas. E aí eu comecei a ficar num prezinho lá do lado de Carapicuíba. Minha irmã nasce com uma deficiência intelectual, que até hoje ninguém sabe exatamente o que é, mas ela nasce assim. E aí isso gera vários desdobramentos na família, nessa nossa estrutura. Essa altura, meu pai e minha mãe têm vários conflitos também. Várias brigas e vários problemas. E aí começam duas situações de infância. A gente não tinha grana, mas minha mãe na verdade, acho que ela não trancou a faculdade, ela ficou fazendo menos disciplinas. Aí, mas a minha mãe tinha o HU, e minha irmã nasceu com essa deficiência intelectual, então eu lembro de passar também horas dormindo na fila da triagem da fonoaudiologia, dos “ias” ali da USP, horas. Acho que de 30% da minha infância eu passei ou sentada esperando minha mãe fazer a lição, as coisas, ou terminar o trabalho, ou sentada esperando minha irmã entrar no médico. Assim, eu não fui, depois que meus avós morreram, uma criança protagonista, entendeu? Eu aguardava enquanto alguém estava fazendo algo pelo bem da família toda. E como a gente não deixa ninguém pra trás, minha mãe ia arrastando, né? Então eu lembro assim... a essa altura a gente já tinha mais correria e menos grana.

E aí, eu completo seis anos de idade. Eu aprendo a ler com quatro ou cinco anos, então com seis anos eu passei no Vestibulinho de uma escola. Muito doido isso, né? Vestibulinho. Mas na FIEB de Barueri, que era em Alphaville, que era uma escola particular até então, de referência, de gente rica. Aí começa o meu martírio. Precisava de Vestibulinho. Aí eu lembro que pra entrar lá a criança precisava saber a diferença entre ditongo, tritongo e hiato, contar até mil e escrever frases inteiras, uma redação de dez linhas. E era uma provinha de múltipla escolha e uma redação. Precisava saber acho que adição e subtração. Passei. Não passei na primeira A, mas na primeira D, não passei entre os primeiros, mas fui estudar nessa escola lá em Alphaville. Foi bem ruim, assim, eu não gosto dessa lembrança. É engraçado quando eu lembro, assim hoje em dia, eu entendo que fui muito importante. Eu entendo que eu tive um ensino e acesso à educação, que tem coisas que aprendi lá, que tem coisas que eu falo hoje em dia e as pessoas falam “nossa eu não sabia”. Era um espaço de muito privilégio. E de fato, as crianças que estudavam comigo eram filhos de artistas, filho de autoridade e pá. Mas sofri muito, muito.

Talvez seja uma constante na minha infância, eu sofri racismo por parte de criança, sofri, mas acho que sofri muito assim e assim não dá nem pra mensurar, todo o racismo que sofri praticamente, 70% do racismo que eu sofri, veio de adultos. Nos primeiros dias de aula a professora, eu lembro... Oh, pra você ter uma ideia eu lembro o nome dos meus algozes. (risos) Sim, algozes. (risos) A professora da primeira série chamava Ana Lúcia, a da segunda série chamava Marina, nossa eu odiava aquela professora, a da terceira série era Regiane que também era muito ruim e a Aline que era de matemática, e da quarta série era a Inês que era de português e Marlene. A da primeira série perguntou o que meu pai fazia, porque criança como eu não estudava ali. Se meu pai era pagodeiro, o que meu pai era. Se meu pai era bandido, porque ela nunca tinha visto... quando começou a ter crianças assim lá. Tinha mais duas crianças negras lá, a escola tinha 1500 estudantes. Tinha o Guilherme, e a gente lembra o nome dos outros negros porque (risos) e eu queria ser amiga deles porque..., mas eu acho que eles eram aquelas crianças que nem sabiam que eram negras, então eles não me davam bola. O Guilherme era filho de uma professora que trabalhava lá, então já é meio autoexplicativo. E tinha a Sabrina. A Sabrina ela foi... fez prezinho junto comigo, no mesmo prezinho lá de Carapicuíba e também passou. Então tinha eu, Guilherme e Sabrina. Depois entrou um menino que chamava Nicolas. E depois outro que chamava Heitor. Observa, faz mais de... faz vinte anos e eu lembro o nome dos negros e enfim... Aí essa professora Ana Lúcia era muito ruim, ela me botava pra sentar pro fundo, nada que eu fazia tava bom. Ela me deu 7,5 em estudos sociais e falava que os únicos alunos que eram bons eram os que tiveram 8 pra cima.

Eu nunca tirava de 8 pra cima e ela, sei lá, era ruim comigo. Um menino chamado Cláudio me deu um soco no olho e ela foi lá e me mandou pra diretoria, porque ela falou que eu provoquei o Cláudio até ele sair do sério. E enfim, ela era ruim comigo. E eu era criança e ficava tentando agradar ela. Então eu ficava absurdamente amarga e triste. Sei lá, eu lembro assim. Acho que o começo da minha baixa autoestima foi aí. Porque... sei lá, eu não conseguia identificar qualquer coisa em mim e no meu agir que fosse digna de misericórdia. Eu não digo digna de respeito, digo digna de piedade, de misericórdia. Aqueles adultos não tinham misericórdia de mim, e era muito ruim isso assim. Enfim... aí na segunda série a professora Marina mandava eu carregar o livro das outras crianças porque o meu povo só servia pra isso. Então eu carregava o livro das outras quarenta crianças. Quando eu ia pro refeitório, lá tinha uma cantina, um refeitório, e ela ia perguntar se eu realmente paguei a minha comida. E eu lembro que eu comia escondida, eu conhecia quase todos os cantos da escola, eu comia ou perto das árvores, eu comia perto do banheiro, enfim. A única pessoa que me tratava bem lá era a moça da limpeza, que era uma mulher negra. E enfim, era ruim sabe. Era bem ruim. Mas eu gostava muito da escola, dos livros da biblioteca, gostava muito do material dourado. Lá em matemática tinha um método que eles usavam que era do material dourado, que era uma caixa de madeira que vinha, por exemplo, milhar era um cubo, e aí, enfim, tinha mil unidades que formavam um cubo. A centena era uma placa de madeira. A centena era uma fileira assim. Eu achava aquilo maravilhoso. Hoje em dia eu percebo o quanto eu era boa porque... eu ficava lá sofrendo todo tipo de sacode e ainda adorava as coisas que aprendia. Tinha uma sala de inglês que você botava um fone, tipo de telemarketing, todas as crianças sentadas e punham aquele *headfone*, e aí aparecia em uma televisão e você repetia. E aí... cantava as músicas, era interativo. Eu gostava muito da estrutura da escola. Tinha uma quadra gigante. Tinham coisas muito, muito boas. Eu gostava... eu gostava de estudar e me sentia muito mal porque eu achava que era realmente ruim. Achava que eu era uma bosta. Eu não me lembro muito de chorar, eu lembro que na primeira série foi horrível, mas eu não reclamava pra minha mãe porque eu sabia que a mensalidade da escola era 150,00 reais e que 150,00 reais era um salário mínimo. E o quanto eles tinham que trabalhar, cada um em dois empregos, para tirar 150,00 reais. Então eu não reclamava de nada. Não reclamava de nada. Não contava pra minha mãe e sabia que era porque eu era preta. Mas achava que era porque eu era preta e ruim, se eu fosse uma boa criança negra eles iam gostar de mim. Enfim, fiquei lá estudando, na segunda série a minha professora me mandava carregar os livros, meio que fomentava o *bullying* nos outros alunos.

No dia que eu alisei o cabelo, sabe pente quente... Porque acontecia isso também, as pessoas falavam pra minha mãe: “Nossa ela já é mocinha, ela vai para aquela escola de rica com esse cabelo, não dá.” Aí minha mãe foi lá e se convenceu em passar pente quente no meu cabelo pra alisar. A professora: “Nossa hein, enfim você está parecendo gente decente.” Um monte de coisa, era bem ruim. Aí vivia me dando nota baixa, vivia me deixando de recuperação, não tinha o que eu fizesse. E minha letra era feia, minha letra sempre foi feia, e aí ela fazia disso um martírio. Então ela tinha um caderno de caligrafia e eu acho que enchia um caderno de caligrafia por mês, na segunda série, eu tinha sete anos, com sete anos... Minha mãe por ser educadora ficava tipo: “nossa!”. E aí eu enchia um caderno em casa. E hoje em dia eu vejo “meu, eu tinha oito anos” (risos) eu olho os cadernos e vejo “minha letra não era tão feia”. Mas eu gostava daquela escola porque tinha aula de música, e sei lá o professor ensinava a gente e tocar o trezinho caipira, ler partitura. E enfim era muito louco o ensino, mas era muito ruim viver ali. Hoje em dia que eu tenho contato com gente de cadeia, sou advogada, às vezes eu acho que é um sentimento parecido com cadeia... Tipo, você sofre muitas violações e tá ali dentro há um tempão. Sei lá, muito doido.

M: Associar escola e a cadeia?

A: Eu acho que me lembra muito sim. E a sensação que eu tinha eu tava cumprindo um tempo. Tinha várias coisas legais, mas eu não conseguia fazer nada com alegria. Eu acho que eu fui criando vários problemas psicológicos, vários, vários. Na segunda série como a professora era mais agressiva, me mandava carregar os livros e etc., comecei a ser mais agressiva também. Bater em algumas crianças, enfim. Porque ela estimulava as crianças, estimulava ou ensinava a prática do racismo. E então ela falava para as meninas não andarem comigo, falava pra não pegarem as minhas coisas. Empresta um lápis, não, o seu não. Então as crianças não tocavam em mim, não conversavam comigo... Então, por exemplo, tinha uma menina lá que chamava Bárbara, ela era repetente, aí a Bárbara podia conversar comigo. Ela falava: “conversa com a repetente”, com a repetente eu podia conversar. Por exemplo, se uma criança sentasse do meu lado hoje no intervalo, amanhã essa criança não sentava mais. Por que essa professora Marina ia lá e falava que essa criança não deveria se comportar dessa forma, e que eu não era uma criança como ela. Sei lá o que essa mulher falava, mas no dia seguinte a criança estava me tratando mal pra caramba. Enfim, aí eu fui, briguei com algumas crianças, sei lá, de alguma maneira eu tentava me defender e argumentar. Aí eu fui pra terceira série, e na terceira série foi bem pior que a segunda! Que horror, né? Mas eu tenho lembranças felizes de infância. Posso até falar lembranças felizes, mas na escola não foi um momento. Não é que eu não tenha sido uma criança feliz, não é que meus pais não tenham

percebido. Mas eu acho que, sei lá... Na terceira série, eu não vou ficar alongando, que tinha várias coisas, tem três passagens. Tem três passagens. Teve o fatídico dia da foto. As outras crianças estão com uma cara razoavelmente feliz e eu estou com uma cara acabada e fisicamente afastada delas. Aí no dia da foto elas fazem fila com as crianças. Aí elas vieram primeiro penteando as tigelinhas. “Ahhh, a tigelinha. Tigelinha de um menino. Tigelinha do outro.” Levanta e beija a testa, aquelas coisas, né? Que é normal um educador fazer com criança, né? Não tô criticando, mas tô dizendo que era assim, quase uma sessão do beijo a mão. Escovava uma tigela, escovava outra tigela. Escovava, bagunçava, escovava, bagunçava. “Ai que cabelo lindo, bochechinha rosa. Deixa a Prô apertar.” Vamos supor, uns quinze meninos. Aí ela vinha pra fila das meninas. Aí piorou, né? Aí solta a chuquinha, levanta o rabo, joga a franja, bate o cabelo. Uma frescura que hoje em dia eu acho que não precisava. Mas ela tinha prazer de acariciar aqueles corpinhos carregados de privilégios até o último fio de cabelo. Quando chegou em mim ela falou: “Af, eu nem vou pôr a minha mão nisso (suspiro).” Passou por mim e eu fiquei pensando: “Gente, será que eu estou com piolho? Gente, porque será que minha mãe não penteou o meu cabelo?” Minha mãe fazia a noite aquelas tranças em mim que me deixavam japonesa. A minha mãe trança o meu cabelo desde os vinte dias. A minha mãe fala que eu nasci muito cabeluda. Nas fotos dos vinte dias de idade eu estou com trancinha rasteirinha... e também a coisa de mãe de menina negra. A mãe de menina negra meio que se sente coagida a fazer sempre “a minha filha não pode parecer que não tem mãe.” Isso é uma forma de a mãe marcar o território no corpo da filha negra é mantendo ela sempre muito asseada. Então, assim, ela tem mãe viu. Não é uma forma de... hoje em dia eu entendo aquela loucura da minha mãe pelo meu cabelo, não era porque ela achava que meu cabelo era bom ou ruim, feio ou bonito. Mas é que ela queria mostrar a todo momento que tinha alguém por mim. E a forma dela mostrar que eu não estava sozinha, que não era uma criança que poderia sofrer as mesmas violências que as outras crianças negras sofrem; era me mantendo o mais arrumada que o dinheiro dela pudesse, que a mão dela conseguisse apertar o meu cabelo pra ficar assim. Pra dizer assim: “Ela tem mãe”. Ela tem quem olha por ela. Hoje eu entendo isso. Enfim, minha mãe fazia essa marca no meu corpo de sempre deixar trançado, trança com fita. E minha mãe é muito habilidosa, ela faz uns penteados lindíssimos. Mas enfim, a professora não quis pôr a mão. Sabe assim quando uma comida apodrece na geladeira, que você abre a tampa assim? Era uma comida muito gostosa e aí você abre e tá coberto de bolor. Aquela cara, quando você não espera que aquilo tenha apodrecido. Ela pulou da criança da frente pra mim... e fez aquela cara de “eu não vou por a mão nisso não.” E pulou pra próxima criança imediatamente após. Menina, aquilo acabou

comigo, aquilo ali, até porque eu já tinha oito anos, então eu tava muito mais esperta do que com seis. Eu acho que aquele dia eu senti a dor física do racismo. Não sei se você já sentiu dor física com racismo.

Sabe o que eu lembro que eu senti? Eu senti que meu estômago colou uma parede na outra, e era uma coisa muito ruim assim. Parece que vem subindo do seu pé e aquilo vai te tomando e é um embrulho. E parece que você não cabe no seu corpo, parece que a alma sai da cabeça e bate na ponta do pé e não acha um jeito de sair. Você vai se encolhendo. Parece... eu não sei explicar. Eu já tive cólica de pedra, de vesícula. Você se contorce, parece que você tá de pé, mas a sua alma se contorce dentro de você. Foi o que... você diminui, a pessoa te mata um pouco. É uma coisa horrível, tua boca amarga e eu senti isso. Eu tinha oito anos assim. E aí na foto eu tô acabada, sentada. Que primeiro era uma foto sentadinho, de lado, de cima. Sabe aquela foto que você senta na mesinha? Era uma foto que você sentava na mesinha e punha uma mãozinha em cima da outra, depois meio que virava de ladinho, fazia uma pose mais, sei lá, comercial de pasta de dente e depois uma retinha com as mãozinhas na perna. Eu tô assim nas três fotos acabada, assim, escorada. Com uma cara horrível. E depois a foto de pé lá. A foto de pé parece... aquela foto me parece uma foto de cadeia, que eu parece que acabei de ser presa. Eu tô acabada naquela foto. Essa foi uma passagem ruim, a do cabelo. Aí teve o fatídico Monteiro Lobato. Aí que ódio, que ódio, que ódio. Inclusive a gente está na Biblioteca Monteiro Lobato. Menina, a professora Lia ela vinha vem do ladinho da minha carteira aí lia: “Tia Anastácia, uma negra beijuda... não sei o quê.” E lia aquilo ali. Ela estava lendo a historinha, mas ela não parava do lado da minha carteira no reino das águas claras (risos), entendeu? Aí ela fazia isso. Até aí nada de novo no fronte porque outras coisas ela fazia. Ela nunca carimbou o meu caderno, parece uma coisa boba, mas não é. Aluno de primeira a quarta série tem carimbinho, beijinho, estrelinha, o raio que o parta. Mas... eu acho que joguei o caderno depois de velha. Porque eu fiquei abrindo aquele caderno até o terceiro colegial. Porque eu precisava daquilo pra provar que eu não estava louca. Pra provar que minha letra era bonita, que eu fazia lição, (risos) era uma prova. A mulher não carimbou o meu caderno um dia no ano. Tinha uma menina que eu odiava, a Roberta. Aquela menina era o antagonismo. Vai lá com a Roberta, olha o cabelo da Roberta, aí Roberta vem cá pra te dar um cheiro, aí Roberta você é tão linda, aí Roberta que olhão. “Quem sabe a capital de São Paulo?” As duas levantavam a mão “Fala, Rô”. (risos) Tudo era a Roberta e a Roberta me tratava mal. E as professoras achavam supernatural a Roberta me tratando mal. A Roberta criticava o meu lanche, falava que a minha mãe só mandava coisa ruim. Uma vez a minha mãe me mandou pão com manteiga, minha nossa senhora, acabou comigo. Enfim, aí uma

vez... e a professora botava a Roberta pra sentar do meu lado, então a Roberta sentava à minha direita. A professora pegou o caderno da Roberta e deu várias carimbadas: “Você merece carimbos até a tinta acabar” e carimbou uma folha inteira do caderno da Roberta. E na minha folha ela escreveu “visto”, ela rubricou. Ai que vontade de fazer a Roberta engolir o caderno. (risos) Ai que ódio. Mas não lembrava disso, mas tá bom. Tinha o raio do Monteiro Lobato com a professora Regiane. E aquela professora me tomou... Nossa Senhora... parecia que era o esporte dela e eu era idiota, eu levantava a mão, eu achava que se eu jogasse com as regras dos brancos eu serei premiada, na verdade eu não tava no jogo. Ou na verdade eu tava no jogo, mas eu era aquela lebrezinha que vai passando e eles eram aqueles cavalos que correm, (risos) meu papel no jogo era ser caça. (risos) Mas enfim, aí beleza. Ela trabalhou no Monteiro Lobato o ano inteiro, no raio de um teatrinho do Monteiro Lobato. E eu queria ser... quem que eu queria ser... eu queria ser a Emília, mano. O que a professora fez eu ser? A Tia Anastácia. Só que ela não fez só eu ser a Tia Anastácia, tinha outros grupos e só eu tinha perfil de tia Anastácia. Então o que aconteceu? Eu fui a Tia Anastácia dos quatro, tá... Eu não podia ser a Emília de nenhum, mas podia ser a Tia Anastácia de todo mundo. E além disso, além de amarrar o pano da cabeça e por o avental na cintura e enfim, ficar chamando a menina gordinha de Sinhá Benta. Porque era isso também. Coitada da menina loira gorda (risos) não cabia em outro papel (risos). Ai que horror. Eu queria muito ser Emília e acho que daria uma tese de doutorado a desculpa que eu arrumei pra ser Emília. Que eu falei pra professora. A gente tava começando a ter história, eu sentei lá do lado da professora, tentei ser legal com ela. Falei: “Professora”. Abri o livro de história, olha como eu era idiota. Aí no livro de história tinha aquela, sabe aquela gravura que tem uma menina branca sentada em cima da menina negra como se ela fosse um cavalinho...

M: Sei...

A: Tinha essa aí. Aí eu falei: “Professora, tá vendo essa aí?”...

M: Tinha essa foto no livro de história?

A: Eu acho que tinha essa foto no livro de História ou era uma coisa bem parecida, mas era alguém tipo ali dos brancos dando comida para a criança negra assim no cantinho da mesa, a criança negra igual um cachorro, mas eu tenho quase certeza que era uma menina sentada em cima da outra. Porque... você vai entender porquê. Eu abri essa foto, sentei do lado da Prô. E disse que eu preciso ser a Emília. Ela perguntou o porquê. Crianças negras eram brinquedos das crianças brancas e a Emília foi a Tia Anastácia que fez. Ela era brinquedo da Narizinho. A Emília era filha da Tia Anastácia. Então olha que construção argumentativa (risos)! Tenho mais orgulho desse argumento do que do meu mestrado. Aí eu

falei pra professora. Professora se a Emília era brinquedo da Narizinho, que a Tia Anastácia fez e virou humana, é porque a Emília era filha da Tia Anastácia, logo a única pessoa apta a ser a Emília nessa porcaria sou eu. Aí fui lá e dei meu nome, tentei, né? Aí ela riu na minha cara e falou: “Aí que ridículo, vai sentar”. E eu fiquei dias, juro pra você, dias pensando. Eu fiquei olhando aquela foto, lia o livro, eu olhava aquela foto, relia o livro e ficava pensando “será?”. E lia o livro, olhava a foto, aí passava o Sítio do Picapau Amarelo na Cultura e eu assistia o sítio. E falava: “Gente, a Emília não tem cor no sítio”. Porque na minha época não era esse da Globo, era aquela da Cultura. E aí a moça estava de pano mesmo. Então gente a Emília não tem cor. Se a Emília fosse branca ela ia ter cor (risos) só que eu não conseguia pensar “então a Emília é negra”. Mas eu falava: “Gente, não é possível”. Qualquer pessoa, assim, se a Emília fosse branca qualquer pessoa que tiver a chance de ser branca no Brasil é branca. Não é de pano. A Emília não tem cor. Ela tem uns retalhos... eu ficava assim. Eu assistia o Sítio do Picapau Amarelo. Aí eu dormia com o livro embaixo do travesseiro, eu fiquei, acho que assim, não sei, quanto tempo. Mas acho que fiquei uma semana bem bolada pensando que não é possível. Pra mim fazia todo o sentido. Eu olhava a foto do livro de História, relia o livro, olhava o sítio, falava: “Gente, a Emília é filha da Tia Anastácia” e eu vou ser a Emília. Então eu chamei a professora, pedi licença, perguntei se eu podia sentar e mostrar um negócio pra ela. Ela assim com aquela olhar de (suspiro): “Aí que saco! Fala! O que você quer?”... “Ai Prô” (voz baixa)... “Vai sentar” (tom de voz alterado)... na escola. (risos) E o terceiro fato é que eu chegava da Educação Física suada a professora me mandava sentar mais para o canto porque eu... “vocês tem cheiro de suor”... Aí eu parei de correr na educação física, obviamente. Que a gente sempre acha que você pode fazer alguma coisa para evitar sofrer violência. A questão não era... se eu fazia Educação Física ou não, ela queria falar que a gente fede. Então eu podia voltar da Educação Física, voltar de marte, chegar de um velório, o que que for, né? Mas eu falava... mas eu queria ter argumentos. Sempre tive essa coisa de construir o argumento. Então eu não correr na Educação Física pra quando ela falasse senta pra lá porque vocês tem cheiro de suor, eu falar que eu nem corri. E esse era um outro problema. A outra menina lá, a Sabrina. A Sabrina nem sofria nada com essas professoras. Mas porque a Sabrina... eu não sei... ela conseguia lidar naquele mundo.

Eu converso com ela até hoje, porque ela era prima da moça que era dona da escola que era amiga da minha mãe. E até hoje ela tem um monte de amigo branco, ela... E eu olhava para as pessoas, pra Sabrina e eu não conseguia entender o que tinha de diferente entre eu e a Sabrina. Mas eu acho que ela tinha menos consciência racial. Então é mais fácil. E eu acho,

julgo, pode ser que eu estava errada, mas eu ousou dizer que meu rendimento escolar incomodava.

M: Seu bom rendimento escolar incomodava?

A: Meu bom rendimento escolar, apesar de ficar nas filas de espera com a minha mãe com a minha irmã, morar mais longe, apesar de ter uma trajetória pior. Nessa terceira série foi o ano que meus pais estavam bem sem grana. E aí minha mãe não tinha dinheiro de material e mandou as coisas meio sortidas, pingadinhos assim. Aí a professora botou tudo de volta na mochila e falou: “Fala pra sua mãe que coisa assim, aqui não.” Na frente da sala inteira. Foi bem ruim. Comecei a ter peito e as professoras falavam que eu tinha peito, e riam de mim. Eu era bem magrinha, mas eu tinha bastante peito. Eu tinha nove anos e usava sutiã P de adulto. E eu tinha trinta quilos. E eu era bem magrinha e tinha um monte de peito. E aí as professoras falavam do meu corpo, falavam do meu cabelo... falavam que os meninos tinham que arrumar uma namoradinha. Olha a fulana loirinha, olha a beltrana, beltrana. Isso era no prezinho. Eu era afrontosa desde criança, eu não era uma criança de personalidade meiga, entende? E eu tive esse problema particularmente com as professoras até a quarta série. Elas me tratavam mal. Mas elas me tratavam mal, me davam nota baixa, elas me deixavam de recuperação de 5,8/ 5,9. E diziam que eu era ruim, que minha letra era feia, que meu caderno era bagunçado, que minhas coisas eram um lixo. Que a minha lição parecia um lixo. Que eu era isso, que eu era aquilo. Que eu não era uma criança, que sei lá, elas me tratavam mal. Bem mal. E eu não podia fazer nada. E eu sempre tomava bronca. E eu nem tinha com quem conversar, mas em toda reunião falavam pra minha mãe falava que eu tinha que parar de conversar. Eu até hoje não entendo com quem (risos) que eu não parava de conversar! Então, assim, não era legal. E tá... foi isso.

Aí no início da adolescência de dez pra onze anos, eu fui pra uma outra escola, aí foi legal. Porque como meus pais não tinham mais dinheiro pra pagar essa escola eu fui pra uma escola pública. E aí na escola pública tinha gente pobre e negra. Então eu não era diferente em nada, pelo contrário, eu era mais clara que algumas meninas, eu era mais rica que a média. Então eu tinha bons materiais, eu sabia mais que os outros, eu virei assim uma pessoa que os meninos até paqueravam. E aí foi bom. Foi terapêutico. Eu tive amigos. Eu brinquei. Eu ri. Eu pude fazer arte. Eu pude ser mais uma criança e não a criança negra. Foi bem gostoso assim. A quinta e uma parte da sexta série. Só que era cansativo porque desde a quarta série eu morava perto de Guarulhos e estudava em Alphaville e depois em Jandira. Então eu acordava 4h30 da manhã para estar às 7h na escola. Oito anos...

M: Porque essa escola tão longe assim?

A: Porque eu sai de Carapicuíba. Eu morava em Carapicuíba que era próximo, os meus pais conseguiram comprar em um leilão na caixa um apartamento lá perto de Guarulhos. Então a gente foi pra onde conseguiu comprar. Mas a escola era boa em Barueri, então a gente continuou aproveitando a vaga de Barueri. E minha mãe trabalhava na Prefeitura de Barueri nessa altura. Então todo dia eu acordava 4h30 da manhã e ia pra Barueri, primeiro pra essa escola de Alphaville. Terceira e quarta série que eu contei já era nesse contexto. E depois Jandira foi a parte mais bacana da escola pública. Também nesse contexto de fazer esses quilômetros aí de distância. Mas beleza. Foi bacana essa fase escolar, foi legal. Tenho lembranças agradáveis da época de infância quando convivia com os primos. Então eu e meus primos paternos, a gente ia pra casa da minha avó. Minha avó tampava o ralo do quintal e soltava a espuma da máquina de lavar a gente ficava escorregando de barriga no quintal. Na medida que era possível os meus pais me levavam pra passear. E era isso. Era gostoso sabe? Eventualmente eu ia pra Uberaba visitar a minha avó, aí eu transbordava... minha avó materna, né? Que é essa aqui. (mostrando uma foto) Tá vendo, aqui eu tenho nove anos, olha o tanto de peito que eu tinha. E eu era grande. Eu menstruei com nove anos. Então o meu corpo já estava mais formado. Essa é a minha avó paterna e essa é minha avó materna, e essa é a minha irmãzinha. Olha o cabelo que eu te falei, tá vendo? Bem trançadinho e tal. E aí... O que eu estava falando? E aí eu tinha... Olha a foto que eu te falei que a professora não quis por a mão em mim. Tava vendo...

M: Olhar baixo... Abatido.

A: Não é? ... O fotógrafo falou assim: “Eu só vou bater a foto se você der um sorrisinho.” Aí eu pus os dois dentes da frente pra fora pra acabar logo com isso. (risos) Que não é um sorriso se você for olhar.

M: Não, não é.

A: E o olhar tá fundo, tá vazio. Porque é isso. Parecia que eu tinha tomado uma facada. Então o máximo que eu consegui fazer foi cerrar os dentes (respiração forte) e... sabe. E aí bem difícil. Eu escrevi um texto aqui nesse dia. Porque a minha mãe não sabia disso até... até recentemente. Saiu essa matéria no Geledés: “Professora da creche lavou os cabelos de todas as crianças menos da menina negra.” Aí eu escrevi que isso ativou um gatilho emocional de infância. E, enfim, que eu passei várias situações de racismo. Que eu falo até do cabelo tigelinha. “Fiquei vendo a professora ajeitar e acariciar cada uma das meninas, depois disso ela ajeitou o penteado tigelinha de cada um dos garotos. A dor continuou lá! Voltei pra casa pedindo pra minha mãe passar pente quente nos meus cabelos. Lembro disso nitidamente até hoje, dói bastante.” É verdade, dói bastante. Então, tipo... Eu tive momentos bons de

infância, mas era no meu convívio familiar. Quando eu voltava pra Minas e brincava como uma criança. Não tinha muita preocupação. Quando eu tava na casa da minha avó paterna, quando a minha vida era a minha vida... o meu ambiente negro cheio de ubuntu. Mas no mundo exterior não era gostoso não.

A adolescência foi meio estranha como toda adolescência tem que ser. (risos) Então, sexta série a minha mãe cansou em trabalhar toda aquela distância, em pegar aquele trânsito, ver todos aqueles acidentes. Para você ter uma ideia uma vez... (e acho que talvez eu seja tão desenrolada...) Acabou a gasolina do Twigo 94, nessa época já deveria ser 2004... (risos), no meio da Marginal Tietê na Pista Expressa. Ela jogou o carro no canto com toda força e falou: “Moço, como eu vou pôr gasolina no carro? E agora?” Aí o rapaz falou: “Ué, você tem que subir ali”. O subir ali era uma escada dos trabalhadores da ponte, no meio da ponte na Marginal Tietê. Então a minha mãe de bolsinha subiu aquela escada de pedreiro (risos) lá no topo da escada se abaixou e passou pela grade, andou naquela passarela da ponte pra ir buscar gasolina. E voltou em cima da moto da CET, não sei como ela achou um CET pegou a moto e voltou.

M: E você ficou esperando dentro do carro?

A: E eu fiquei dentro do carro com a minha irmãzinha meio que com a mão pra fora tentando sinalizar (risos) eu acho que eu tinha uns dez anos. E aí...

Então chegou uma hora que a minha mãe cansou de percorrer esses 40/50 quilômetros. Porque era isso. Saia 4h30 da manhã de casa: ela deixava minha irmãzinha em um berçário em Carapicuíba; me deixava em Alphaville e ia trabalhar em Jandira. Tanto que ela conta até hoje com o olho cheio de lágrima que ela me deixava, não tinha nem amanhecido, que ela me deixava na porta da escola. E o pessoal da escola não me deixava entrar na escola. Então eu chegava, vamos supor, 6h00 da manhã ou 6h15 da manhã na porta da escola. A escola abria 7h30. O que eu fazia? Estendia assim a blusa de frio e dormia no chão, na calçada da escola, até a escola abrir. Dos oito até os dez anos. Eu dormi na calçada da escola. E eu adorava estudar. Por isso que essas horas eu vejo que nenhuma dessas crianças aí iam dormir 24 meses na porta da escola esperando a escola abrir pra estudar. E eu dormia na calçada. A minha mãe tinha que me deixar na calçada. E enfim, ela sente muita dor. Eu não sinto não. Eu acho que, não sei, pra mim era muito natural. E é muito natural e não foi uma violência que a minha mãe cometeu contra mim. A escola que não podia acolher uma criança de oito anos simplesmente porque era eu. Eu tenho certeza ABSOLUTA que se fosse o filho de um juiz, filho de um engenheiro ou filho de um branco assalariado de um cargo médio eles fariam “Não! Deixa o Enrico aqui com a gente”. O Enrico ia entrar, ia ficar na sala dos professores,

no raio que o parta. (risos) Mas a criança branca é compromisso dos brancos. A criança negra é repelida por eles. Então eu não era compromisso daquela escola. Muito pelo contrário, eu era um câncer pra eles. E eu ficava dormindo lá na calçada. E aí teve época que Alphaville era tudo mato, né? Nessa época que começaram a fazer uma obra. Porque era perto da Fundação Bradesco, era Rua Andromeda, número 500. Eu lembro até hoje o endereço da escola. (risos) Eu tenho uma memória muito dolorida (ênfase). Aí começaram a fazer uma obra. Meio que recapar a rua, fazer um residencial. Eu não sei. Encheu de pedreiro lá. E eu dormia na calçada e aqueles pedreiros passando e fazendo obra. Então era isso. Era uma criança que dormindo na calçada, com o uniforme da escola, com a cabeça em cima da mochila e coberta com a blusa. E perigos passando e é isso assim... eu estava no meio de uma obra... eu tinha oito anos...e eu ficava lá dormindo na calçada até a escola abrir. Ela abria, eu entrava e estudava, era maltratada e voltava pra casa.

Voltando pra falar da questão da adolescência e tal. Na adolescência eu fui pra escola... Eu estudava em uma escola de bairro particular, mas bem baratinha assim, que era o melhor que meus pais podiam fazer naquele momento. De bairro. E aí eu sofri racismo obviamente. Me doía obviamente. Mas eu já conseguia assim... arrumar mais amigos. Porque eu acho que não eram crianças tão de classe alta, então assim...Tinha umas professoras que não gostavam de mim, mas eu também aprendi a sobreviver. Chegou uma época que eu não queria mais tirar 10, eu só queria sair daquilo ali. Então se eu tirasse seis em todo bimestre, completasse 24 e passasse de ano era um ano a menos. Eu também bati menos de frente com essas pessoas. Talvez o meu potencial foi menos explorado... Eu não fazia a melhor maquete que eu podia fazer, eu fazia a maquete que eu podia passar, que o professor não ia me encher o saco. Eu já sentava no fundo. Então assim... A escola me educou para o racismo também. Tanto que hoje no judiciário eu consigo coisas absurdas porque eu sei exatamente o que o juiz gosta de ouvir, aquele olharzinho de servidão. E eu não me importo em: “Oh, excelência. Ah, olha, minha cliente mora na favela”. Pra que ele sinta que tá sendo assim... não só benevolente..., as pessoas que tem poder eles gostam e tem quase um orgasmo, um prazer, um tesão, naquele exato momento em que a vida do outro depende de um gesto deles. Sabe aquela coisa do Pilates lavar a mão, aquela fala da Isabel assinar a lei áurea? Então é isso que gente racista gosta. Então, eu já não me importo mais. Eu faço aquela cara de: “Ah, se o senhor deferir o senhor será... o primeiro a ter um olhar de compaixão a nós outros que somos...”. Porque é disso que eles gostam em todos os ambientes. Professor gosta de deixar o aluno negro pra ele implorar no final de semestre. Ou pra no momento do conselho ele falar: “Vamos passar esse moreninho aí. Melhor do que ficar com essa praga na sala por mais um

ano”. Sabe, em alguma medida criassem situações em que o nosso corpo está na linha do tiro. Na linha da repetência. Em todas as linhas de vulnerabilidade. Para que as pessoas sintam que “Olha, tá vendo?”

Eu acho que essa coisa do controle social do reforço dos papéis sociais tem muito do prazer e do gozo. Não é só essa de manter um papel social para me manter rico, mas é também um pouco de diversão, sabe? Eu encarcerou ou não encarcerou. Eu dou a aposentadoria ou não dou a aposentadoria. Eu digo se o seu trabalho é insalubre ou não. E eu acho que aprendi isso na escola. Eu não tinha pensando nisso mas, acho que talvez eu advogo assim, porque eu desde sempre aprendi que essas pessoas tem prazer em achar que você vive ou não na exata medida do ar que elas te permitem respirar... E é isso, não sei. Você já entrou em um ambiente que só tinha gente branca e gente que só tinha a antítese do que você é? Ou que você é a antítese do que eles são? Você não respira menos, fala menos, faz menos barulho? Porque eles sabem que a gente respira a quantidade de ar que eles permitem. Eles controlam o nosso ar. E era isso que os professores faziam comigo e era isso que na adolescência eu já sabia lidar, que eu aprendi a fazer. Eu não deixava a minha respiração incomodar... As crianças faziam *bullying*, me chamavam de Tati Quebra Barraco. Essas coisas assim. *Bullying* não, racismo. *Bullying* é diferente de racismo. Então sei lá, eu passava no corredor da escola e todos os meninos da escola iam pra porta da escola e ficavam: “Uh, me chamaram pra orgia. Tati, Tati, Tati”. Que era uma música da Tati Quebra Barraco. E que mais? Eles me tratavam muito mal, falavam que eu era feia. Mas no MSN me chamavam. Porque... Porque eu tinha peito, eu tinha bumbum. Eu era bonitinha, não era feia não. Mas assim, eles nunca iam admitir que uma menina negra era bonita. Mas eles me paqueravam e falavam assim: “Mas depois da aula...” Mas sei lá, eu nem gostava muito. Eu tive um problema também. Por causa dessa terceira e quarta série eu criei uma... eu tenho muito medo de gente branca e é verdade assim. Eu sei lidar com eles, mas o meu corpo reage com os mesmos instintos dos sete anos de idade. Então eu converso com uma pessoa branca, eu lido com uma pessoa branca. Mas eu tenho dificuldade de fazer isso, esse exercício. Eu tenho que fazer uma reunião com um cliente branco, eu vou, mas eu fico um tempo dizendo “eu vou falar com essa pessoa. E eu vou conversar. E eu vou pegar na mão dela e eu vou sair.” Olha, por exemplo. Agora na fase adulta eu tenho amigas brancas, mas a minha amiga branca fala assim (risos): “Porque você abraça a Tainá e não me abraça?”. Eu abraço a Tainá, ponho a mão no cabelo da Tainá, mas eu não aprendi a lidar com gente branca da mesma a maneira. Eu coexistir com gente branca, eu aprendi a coexistir com gente branca. E eu tive sempre muita dificuldade. Então, ainda que esses meninos me procurassem eu nem dizia: “Ah, eu estou me sentindo preferida”. Porque na

adolescência você quer beijar na boca, quer fazer alguma coisa. Mas eu não ia... por que eu tinha muito medo. Esses meninos vão fazer alguma coisa contra a minha vontade. Eles vão passar a mão em mim, vão me zoar, vão me filmar, vão me jogar em um barranco. Eu nunca conseguia pensar que qualquer pessoa branca pudesse ter sobre mim um sentimento que não fosse de me aniquilar. Tanto que eu tenho até dó de alguns meninos brancos que eles me paqueravam. Às vezes chegava um menino que falava assim: “Pedro gosta de você.” Eu tratava esse Pedro supermal. Eu pegava ônibus com ele e morria de vergonha porque o menino gostava de mim mesmo... Depois teve um outro também que eu descobri que gostava de mim. Eles casaram com mulheres negras (risos), com mulheres negras, eles postam fotos. Mas naquele momento ali. Nossa! Quanto gostava mais... mais eu tratava mal. (risos) Não gostava. Não gostava de conviver assim. Eu convivía, tinha amizade. Tinha um amigo branco e tal. Mas era uma amizade que não tocava nele, ele não tocava em mim. Adolescente tem mania de abraçar e beijar, mas eu não tocava nas pessoas não. Nem gostava, nem precisava. Não queria que elas ficassem tocando em mim. Eu não ia na casa de criança branca. Não ia. E as poucas vezes que eu fui esse meu medo se confirmou. Uma vez eu fui fazer um trabalho com uma menina chamada Bruna, antes de entrar na casa dela ela segurou o portão e assim: “Então, só que a minha avó é racista tá? Ela é italiana.”. (risos) Aí eu entrei e realmente a velha me tratou mal. (risos) “Ai Bruna, essa gente estuda na sua escola?” E... Enfim, eu ia na casa dessas crianças pra fazer trabalho e os pais ficavam olhando assim, se entreolhando e eu não gostava. Então eu tinha amizade assim: “Aí, vamos conversar. Vamos ouvir uma musiquinha.” Mas assim na verdade não era uma amizade, né? Eu ainda coexistia e me permitia uma aproximação maior, mas eu não conseguia desenvolver uma relação com essas pessoas. Minhas relações era a minha família, meus primos, os meus. Essas pessoas eu nunca consegui conviver assim ou pelo menos demorei. E aí eu passei a adolescência. Com dezesseis anos eu namorei um rapaz de dezenove, que era negro. Mas eu morava em condomínio, tinha muito branco onde eu vivia. Então o rapaz negro que apareceu e gostou de mim eu namorei. Depois eu namorei outro rapaz também, que era negro, e era uma família negra e eu me sentia mais protegida. Passível de menos violências, sabe? Isso na verdade não é verdade. Porque um homem negro tá inserido nesse mesmo contexto social que os homens brancos. Então ele também vai preferir o cabelo da mulher negra dele alisado muitas vezes, principalmente o adolescente negro. Às vezes ele vai namorar a menina negra porque foi a menina que deu bola pra ele. Mas deve falar: “Porque você não alisa o cabelo, sabe?” “Ai olha como a Sheila Melo é linda!” Então, sabe, eu experimentei ainda essas medidas de violência da adolescência. Mas já tinha a manhã de coexistir nesses espaços e tals.

Aí no ensino médio, eu fiz ensino médio em uma escola particular um pouco melhor. Aí nessa escola um pouco melhor eu tive dificuldades. Uma professora que até hoje ela gosta muito de mim, tudo que eu posto ela curte. No primeiro dia de aula ela falou... Porque assim, essa escola que eu estudava bem baratinha faliu. E aí eles nos mandaram pra essa escola pra evitar processo. Então nós fomos pra essa escola um pouco melhor. Aí quando eu entrei na sala ela falou: “Eu sabia que esse negócio de pegar aluno de escola que faliu não ia dar certo. Que ia pegar esse tipo de gente aqui.” Aí o que eu fiz? Sentei lá no fundo, só que eu já tava mais adolescente. Botei uma blusa de capuz e fiquei ouvindo Racionais. Balançando a cabeça lá no fundo. E ela reafirmando: “Tá vendo! Olha!”. Aí entreguei a lição. Quando entreguei a lição ela falou: “Nossa, foi você que fez?” Aí eu falei: “Foi, a senhora entregou em sala de aula. Quem que ia fazer? Não foi nenhum dos meus colegas, a única que sabe escrever aqui sou eu.” Eu já era mais debochada, estava com quinze, né? E aí ela começou... Me deu outra lição, outra lição. Era geografia, era geopolítica, eu sempre gostei muito. Aí ela começou a me respeitar, me tratar bem, passar a mão em mim. Enfim. E quando eu falo por a mão em mim é porque eu criei... tenho esse problema assim. Eu tento hoje em dia ser mais educada. Nossa, fulano colocou a mão em mim. Eu criei um padrão de coexistência com gente branca. Quando uma pessoa branca põe a mão em mim eu me sinto diretamente atingida, sabe? Porque quando eu precisava de contato físico ninguém queria pôr a mão em mim. Então agora eu até prefiro: Não encostem, sabe? Eu não acho que... que esse seja um protocolo aceitável. E aí foi isso. Eu já sabia lidar melhor. Sofri racismo também. Um monte de gente que falava coisas horrorosas. Mas menos dos professores, porque à medida que eu fui crescendo e fui instrumentalizando o meu discurso ficava mais difícil que eles me... ainda tenho autoestima muito baixa. Mas ficava mais difícil eu acreditar que era eu mesma a questão. Que se eu fosse uma pessoa melhor eles não me tratariam mal. Eu já sabia que qualquer pessoa negra era tratada assim. Então os professores foram sendo menos explícitos. Não digo menos racistas. Porque racistas eles sempre foram. Mas à medida que eu fui crescendo eles foram sendo menos explícitos. E eu fui aprendendo a coexistir com gente branca. Então eu fui, sei lá, eu usava cabelo alisado, eu usava ele esticadinho. Não ficava no caminho deles, não tentava conversar com as meninas brancas populares. Sempre ficava sentada com os gays, com os gordos, e aí eles ficavam confortáveis, sabe? Então eu sabia que os meus amigos eles tinham que ser os gays, os gordos, as lésbicas, enfim, quem tivesse por ventura alguma deficiência intelectual ou deficiência física. Esses eram os meus amigos. “Ai, na nossa sala tem um menino que manca.” Eu achava uma benção, porque eu era amiga do menino que manca. Nunca que o professor ia encher o saco, que era a preta e o menino que manca, e era tranquilo, entendeu? E

eu vivia assim. E eu saí assim, com a baixa autoestima, com marcas de violência. Com a autoestima muito baixa e assim me sentindo... sei lá... eu me sentia melhor entre as últimas opções. Eu acho que ainda me sinto assim. Aí prestei um monte de vestibular. Acho que passei em dez ou doze, acabei não indo pra nenhuma faculdade pública. Meu pai me botou muita pressão, falou que não era bom, enfim. Que eu não ia arrumar emprego, que eu tinha que fazer alguma coisa que me desse carreira. Que a universidade pública não era pra gente preta. Que eu não ia me formar nunca. Que eu ia entrar numa USP e quanto tempo eu ia me formar. Não iam me deixar me formar. E a minha mãe dizia outra coisa: "Não, entra sim. Faz." Eu ia pra segunda fase da Fuvest e minha mãe morrendo de paixão. Meu pai dizendo que eu não ia e eu acreditei nele. Quando ele falou que demorou quase onze anos pra me formar, sua mãe demorou oito anos.

M: Ele também fez universidade pública?

A: Ele e ela fizeram letras e linguística na FFLCH. E aí eu falei: "Pô! Realmente". Eu não fui, porque eu falei: "Meu, o que eu vou fazer na USP? E na Unifesp? – passei na Unifesp – e na Unesp. E na Unicamp ainda longe da minha família? Únicos momentos de estancar os problemas que eu tenho diariamente." Anhembi Morumbi me ligou, porque eu apareci em um jornal no cursinho essas coisas. Aí a Anhembi me ligou e falou que queria oferecer uma bolsa mérito, se eu aceitar eu podia escolher qualquer curso. Aí pensei no que o meu pai falou e vou escolher Medicina. Mas Medicina é muito tempo...

M: Você entrou na Unifesp?

A: Passei na Unifesp, passei na Unesp, passei na USP, passei na Unicamp, passei em outras faculdades federais do Brasil. Mas a Anhembi Morumbi me ligou falando pra fazer Medicina. Muito branco. Não conheço nenhum médico preto. O que eu vou fazer em Medicina? Aí eu falei "Vou fazer Direito". Foi assim que eu escolhi. Eu gosto, gosto de direitos humanos, gosto da ONU. Foi assim. E fui fazer Direito. Não foi fácil. A Anhembi era uma faculdade elitizada de gente que não pegava elevador comigo (pausa). Tinha professor que falava assim: "Eu não te dou nota boa porque os outros são estudantes, você eu tô preparando uma concorrente." Eu não podia pegar DP porque era bolsista e o cara me deixou com DP. Aí eu tive que dar um chique lá e refizeram a minha avaliação. Aí eu tirei dez e a coordenadora corrigiu. Pode fazer qualquer porra aí, só não posso pegar DP. Aí, enfim, eu não peguei essa DP. Mas enfim tinha a galera que não pegava elevador comigo. Não tive essa coisa de faculdade de beber, deve ser por isso que eu não bebo e não fumo. E na faculdade o que eu fiz? Eu estudava. O tempo que eu não estava estudando eu estava na biblioteca. Tinha umas salas na Biblioteca que você podia se trancar sozinho e ficar lá com os livros e DVDs. E

eu ficava lá naquela cabine e tal. Fiz uma amizade ou outra. Que eu trago da faculdade é uma amiga que eu trouxe. Que ela não sabia que era negra. Eu falei pra ela que era negra. A família dela era morena como eu... Seu pai é moreno, eu falei... seu pai é moreno igual eu, ele é negro, sua mãe é morena igual eu, é negra. Se você é filha dos dois, não tem a onde fugir neguinha...(risos) Foi essa amizade que eu fiz. O resto assim. Tive outro amigo que ele era um menino branco, mas ele demorou muito tempo pra me entender. Ele queria muito ser meu amigo, mas gente, ele é um menino branco. Enfim, eu tive dificuldade pra construir uma relação com ele. Mas enfim, foi legal. Depois, hoje em dia a gente é colega. Até trabalhou um tempo juntos como sócios, mas foi... pra gente ter um sócio homem branco... Foi difícil. A gente teve momentos de construção muito profunda. E aí eu estudava. Aí no primeiro ano eu já arrumei um estágio no banco, aí eu não tinha... acho que depois desse momento da infância eu não esperei nada da branquitude. Então eu não tinha aquela coisa de “A faculdade vai ser...” Trote... Eu sempre achei a coisa mais ridícula. Eu vou fazer o que no trote? Esse povo vai cortar o meu cabelo, esse povo vai me mandar comer coisa do chão. Uma menina branca, bonitinha, loirinha, no trote, o trote dela vai ser, sei lá, beijar os garotos, beber uma bebida, que é alguma violência. Mas eles vão me mandar comer comida do chão. Nunca. Nunca. Nem ia. Nunca fui em semana de trote. Se alguém me chamasse pro bar eu não ia. Nunca tive assim... Eu comecei a não participar da vida em sociedade com eles. Trabalho a mesma coisa. Eu esperava todo mundo almoçar e ia almoçar. Sei lá, eu sempre fui muito isolada. E quando tinha outra pessoa negra eu tentava fazer um contato. Mas nem todo negro sabe essa coisa de não deixar outro negro pra trás. Então às vezes você sorri, mas não recebe, não reverbera. Mas eu não desistia dos negros. Aí sorria. Aí, sei lá o quê. Mas porque eu sofri muito na infância. E aí eu meio que construí... E não é que eu não gostasse deles, só fazia um discurso muito próximo. Não é que eu não gostasse das pessoas brancas e etc., só que eu ainda acho isso... Eu falo que isso pra minha amiga branca, porque a gente teve uma situação de trabalho que ela não conseguiu entender o porquê o cliente me tratava mal, impunha algumas pressões, a gente trabalhava juntas. E ela falava que eu tinha que pegar firme com o cliente. Mas alguém pegar mais firme que eu? Você não tá sendo firme, você tá sendo condescendente. Aí eu falei pra ela uma coisa que eu acredito: “No fim do dia, gente branca é gente branca”. Por mais que ela goste de mim e eu goste dela. Por mais que... várias pessoas brancas passem na minha vida, e que gostem de mim; no final do dia, gente branca é gente branca. E por isso eu tenho uma reserva mental em relação à forma que eu estabeleço relações na minha vida. Homens; no final do dia um homem é um homem. E por mais que seja meu companheiro, no final do dia ele é um homem. E em algum momento ele vai achar que alguma coisa aconteceu comigo

porque eu fiz ou me omiti em alguma coisa. Porque ele é homem e as coisas chegam nele diferente. Ainda que um homem negro sofra racismo ele é homem. E ser homem e ser macho nesse mundo é ter privilégio. Ainda que uma mulher branca sofra do machismo, sofra da misoginia, ela é branca. Então, aquele que tá acima de tudo e de todos, o homem branco, tem um elo de ligação com a mulher branca porque é branca. Ele tem um elo de ligação com o homem negro porque ele é homem. Mas ele não tem piedade das mulheres negras. É o que eu falo de ser a antítese da antítese. A minha existência não coaduna com as necessidades dele. O homem branco precisa de homens pretos, ele precisa de uma mulher branca. Mas o homem branco vive perfeitamente sem uma mulher preta... Então eu acho que toda violência, toda mazela que exista embaixo do chão, a gente sofre primeiro. E eu aprendi isso muito cedo. Eu acho que meu processo de sobrevivência, de coexistência, é contraditório muitas vezes desde criança. Eu preferia admitir que a Emília era uma escrava pra viver o sonho de Emília (pausa). Então é uma barganha constante...É barganha! Então eu acho que a gente tem sempre que barganhar nossa existência, nossa vida...

M: Sobre essa relação conflituada com as universidades... agora você faz mestrado em universidade pública, na USP, que inclusive é a universidade pública mais considerada. Alguma coisa mudou na maneira como você se sente? Aliás como você chegou ao mestrado na Universidade de São Paulo?

A: Nem um pouco (risos) nada mudou. (risos) O que aconteceu é que a minha família materna, como eu disse, tem aquela referência de estudo e etc. E minha tia um dia ligou e disse: "Você vai fazer... vai se inscrever no mestrado". Eu disse: "Não quero". Ela disse: "Mas você vai". Aquela tia caçula que fomos criadas juntas. Ela disse: "Eu só desligo o telefone quando você terminar a inscrição". Aí eu fiz a inscrição e mandei pra ela. Aí ela me ligou no dia de pagar a inscrição e disse: "Você vai pagar a inscrição". Falei: "Não quero". Ela falou: "Vai sim". Falei: "Não tenho dinheiro". Ela falou: "Eu depusitei na sua conta".

M: (risos) Ela não te deixou pra trás.

A: Exato! Fui lá e paguei a inscrição. Mas...

M: Mas por que você não queria?

A: Ah, sinceramente eu achei que já tinha passado muita... muita raiva. Eu estava advogando, pensava: "De fome eu não vou morrer". Abri... Pra você ter uma ideia eu não entrei no mercado de trabalho quando eu me formei, eu abri um pequeno escritório no meu bairro e fui ser meu patrão. Aí eu falava: "A minha chefe é boa, minha chefe me deixa ter o cabelo crespo."

M: (risos)

A: Porque em 2014 eu entrei em transição capilar e aí eu falava: "Gente ninguém vai me contratar com esse cabelo não. Cabelo batidinho, Joãozinho, rapado".

M: Porque você decidiu?

A: Na verdade eu sempre achei que meu cabelo não era alisado. Porque eu fazia relaxamento, amaciamento, que eu não era a revolucionária, que meu cabelo não era assim e, principalmente, quando eu sai, né?... eu tinha terminado tudo de escola, na minha cabeça. Eu não precisava mais ser um personagem. Eu não precisava mais daquela coisa "ela já tá mocinha." Eu não precisava mais disso, tinha acabado finalmente a minha pena. (risos) Que eu falei... Eu acabei, tinha cumprido. (risos) Aí eu falei: "Agora eu vou pra rua!" E aí eu cortei o meu cabelo. Agora eu não preciso mais, tipo. Eu usava trança e tal, mas eu colocava trança e tirava. Botava uma trança mais aceitavelzinha. E aí eu falei: "Meu, não preciso mais disso"... Por isso que eu falo que é igual cadeia. Eu tinha cumprido a minha pena, não precisava mais ficar nos moldes da instituição carcerária. Aí eu cortei meu cabelo e abri meu escritório Meu pai tinha um escritório de uma microempresa que ele tem que não usava porque ele tinha outro emprego e tal. Aí eu montei um escritório lá, enfim, tava feliz. Tranquila. Não queria fazer mestrado não. Tanto que eu esqueci. Fiz essa inscrição e falei: "Pronto. Minha tia vai parar de me encher o saco." Eu tava no Rio de Janeiro. Tranquila. Dançando. Tava na escola de samba, eu fui viajar com a minha prima. Sabe assim, finalmente eu tava tendo juventude. Aí um cara que me deu aula na faculdade mandou assim: "Nós vemos lá na prova na terça-feira." Oi, Professor, tudo bem? O cara que me deu aula ia passar pelo mesmo processo seletivo que eu. E aí eu falei "Putz! A prova é terça-feira." Isso eu tava no Rio era sábado. Sábado pra domingo. Aí eu voltei no domingo. Segunda-feira eu passei o dia inteiro estudando, lendo resenha, assistindo vídeo no *youtube*, porque eu tinha que ler a bibliografia inteira pra prova que ia ser terça à tarde. Aí em 24h eu dei uma ripada assim. Peguei firme! Fui e fiz a prova. Passei na primeira fase. Aí eu falei: "Ah, passei na primeira fase" Sei lá, né? Vou tentar direitos humanos, como eu já tenho formação no IBCCRIM

M: O que é o IBCCRIM?

A: IBCCRIM é o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais. Eu entrei aluna e virei coordenadora. Mas eu já estava lá, falando das coisas de Direitos Humanos. Advogando com humanidade. Eu já tava feliz. Aí eu falei: "Bom, passei na primeira fase porque, apesar de ter corrido com a bibliografia, eu já tinha propriedade pra falar de algum dos temas." E a temática que caiu falava sobre território, refugiado. Enfim, não era nada que me fosse distante. Aí eu falei: "Na prova de línguas eu não passo." Aí minha tia me ligou e falou: "Olha, se você vai fazer a prova de línguas tem que fazer a sério, Amarílis. Você não vai fazer

essa várzea que fez na primeira fase.” Aí eu falei assim: “Eu vou me inscrever em três provas de língua: em uma eu tenho que passar!” Aí fui lá e me inscrevi em espanhol, que eu tive aula de espanhol durante a adolescência, no inglês e me inscrevi no italiano, que tudo que eu conheço de italiano é cardápio de cantina na Bela Vista. Não conheço nada de italiano. Passei nas três proficiências. (risos) Aí passei nas três proficiências e falei: “Bom, mas é porque o texto, eu fui por eliminação...”

M: E não dava pra acreditar que você era brilhante, né?

A: Mas até hoje eu acredito que era porque era raiz latina, a prova de italiano...

M: Claro...

A: Raiz latina. E o texto era um texto que falava sobre a questão de sul e norte, área rural e industrializada. Então, assim, dava pra entender o contexto e responder as perguntas. Não era nada de genialidade não.

M: (risos)

A: Aí, tá. Passou... Aí foi pra fase de entrevista. Aí agora...

M: Agora eu não passo. (risos)

A: Não falei agora eu não passo. Falei que agora eu posso relaxar.

M: Ahhhh....

A: Porque assim... A parte que dependia do meu intelecto já foi. Os caras não vão me aprovar, minha família vai falar: “Pelo menos você tentou” e eu tô sossegada. Aí eu fui e a USP estava em greve. E foi a entrevista pro mestrado foi no salão de festas do prédio da professora. Então eu fiquei girando, girando no gira-gira do playground. (risos) Meu, tava assim, sabe? Tranquilona. E olhando... porque o salão de festa era de vidro e eu via ela arguindo o pessoal lá. Meu, e ela levantava a bengala, batia na mesa. Pingava rinosoro no nariz, pingava colírio no olho, apontava o dedo no olho do cara. Jesuuuus! Essa mulher vai acabar comigo! Ela arguindo o cara e ele, sabe... Enérgica assim. E a professora foi ficando vermelha... Gente! Aí não! Nossa Senhora! Mais eu rodava no gira-gira. Fiquei rodando naquele trem e falando: “Ai, que vergonha que eu vou passar. Porque a família da gente põe a gente passar vergonha!” Aí eu entrei e comecei a falar do projeto. Começamos a conversar. Essa moça me tratou tão bem! Tão maravilhosamente bem! Foi tão tranquilo! Tão gostoso! Me ofereceu uma língua de gato. Eu nunca tinha comido Kopenhagen. Tomamos um café. Eu falei : “Pronto! Não passei”. (risos) Porque... é igual desfile de escola de samba!

M: Como assim?

A: Escola de samba quando tá na disputa, quando vem no pavilhão o povo vira a cara, metade canta o enredo e metade não canta. Tem gente que não bate palma. Agora tem escola

de samba que é pobrezinha, que é pequeninha, do coração do povo. Nenê de Vila Matilde. Quando a Nenê passa todo mundo bate palma: “Nenê! Nenê!” Porque todo mundo sabe que a Nenê não vai ganhar. Que a Nenê tá ali assim, sabe? Tradição do samba. Mas ganhar... ganhar a Nenê não vai ganhar. Então eu pensei: “Eu sou a Nenê de Vila Matilde.” Ela pensou: “Coitada da Negrinha, né? Ela tá bem.” Aí eu pensei que como o cara tava na competição ela... chegou junto. Eu não tô tendo o mesmo tratamento simplesmente porque eu não estou apta a competir com essas pessoas aqui. Todo mundo gente mais velha. Passei no mestrado eu tinha 22 anos, né?

M: Uau! É mesmo. Você só tem 25 anos.

A: Eu tava com 22 para 23. Então eu vi todo mundo mais velho, grisalho, de terno. Aí eu falei: “É hoje! Não passei. Ela me tratou bem porque ficou com dó”. Aí tá bom. Eu saí tranquila. Aí minha família me ligou e eu falei: “Ahhh, eu tentei. Não foi dessa vez, mas fica a experiência. Acho que não vai rolar, tia. Mas obrigada.” Bem tranquila. E esqueci. Fui viver a minha vida. Aí um dia a minha tia me liga gritando: “Parabéns! Parabéns! Ehhh. Você passou! Já separou os documentos?” Eu nem tinha visto. Eu nem olhei. Eu nem acompanhei. Nem me dei o trabalho de acompanhar a lista. E eu tinha passado no mestrado. E foi assim que eu cheguei aqui na Universidade de São Paulo. Ah, eu fora isso tinha que apresentar um projeto, né? A minha tia fez o quê? “Ah, vem aqui em casa jantar, fiz uma comida que você gosta.” Falou que ia fazer galinhada. Eu falei: “Vô, né? Galinhada...” E tinha que entregar o projeto antes dessa entrevista, né? Aí fui... a galinhada era cilada! (risos) Aí ela pegou, esperou eu comer a galinhada; muito calmamente ela trancou a porta e pôs o computador na mesa. E falou: “Você só levanta daqui, eu só te destranco, depois que você escrever o projeto.” Bom, aí escrevi o projeto em uma madrugada, tá? O projeto de mestrado. Por isso também que eu achei na entrevista... meu, eu escrevi esse negócio em uma madrugada com a minha tia sentada assim: “Já acabou?” Era aniversário da minha mãe! E aí ela me... tanto que até hoje a minha mãe fala: “Ahh, você não tava no meu aniversário. Foi embora.” Mas não foi, pra mim eu ia lá comer uma galinhadinha e ia embora comer bolo, cantar parabéns. Só porque ela sabe que comida... Eu sou taurina. Falou... Ainda comida de mineiro. Falou que ia ter galinhada eu saí depressinha do trabalho e fui pra lá. Aí menina, ela trancou a porta e falou: “Você só levanta daqui quando você terminar o projeto de mestrado.” Aí quando raiou o dia eu tinha terminado o projeto e ela com o bebê novo. O bebê dela tinha dez dias. E eu escrevi...

M: Que bom que ela não te deixou pra trás...

A: É! Exato! Não fica ninguém pra trás. Aí eu escrevi. Ela foi e imprimiu. Ela que imprimiu. Me levou lá assim, quase empurrada. E eu falei: “Já que estou aqui vou fazer as matérias que eu gosto, que eu quero. Vou pesquisar raça.” Porque é isso que eu faço no mestrado. Senão eu não estaria tranquila. É, mas não significa que seja fácil, que você não vai ter situações chatas. Enfim, é isso. Voltar ao ambiente da Universidade fez com que... A mesma coisa que você sai pra cumprir tempo em liberdade e depois algum juiz fala: “Opa, volta! Tira esse semiaberto”. Estava em pelo menos semiaberto. E aí eu voltei. (risos) Então, pra mim, eu voltei podendo usar meu cabelo crespo! Voltei mais velha, mas voltei. E voltei pra USP. Que é muito próxima à escola de Alphaville. A diferença agora é que eu consigo guerrear.

M: Guerrear...

A: É... por exemplo, o “Preta e acadêmica”. E a página foi assim. Não fui eu que criei, foi primeiro uma página no facebook, mas eu estava ali naquela transição capilar, 2014 para 2015. Falando: “Ninguém me vê, não vou arrumar emprego”. Aí começaram a surgir vários *memes* na internet, várias piadinhas falando sobre essas questões. Sei lá: Daí o professor disse: “Você é uma morena tão inteligente.” Coisas assim. Anedotas do que acontece no nosso dia a dia. Fiquei superfã e mandei um inbox: “Ahhh, gostei de vocês. Se precisar de qualquer coisa conta comigo.” Mas o meu qualquer coisa é que no dia de uma palestra eu sirvo um café, elaboro um e-mail. Sem pretensão nenhuma. Aí as meninas conversaram comigo e gostaram de mim e falaram: “Vem administrar a página. Você é sarcástica, sei lá.” E aí desse processo... A página foi criada um dia, durante a noite ganhou vinte mil seguidores. E aí nesse processo eu criei quatro mil *memes*. E a página saiu desse vinte mil seguidores e atualmente temos quase 180 mil.

M: 180 mil!

A: 180 mil. E a gente dá entrevista pra rádio, pra TV, mídia impressa, colabora com outros projetos. Que nem agora nesse mês a gente vai pro Fórum Social Mundial falar e tal. A página ganhou vários desdobramentos. Eu dei aula magna na medicina da PUC com a Thais Araújo. (risos) Umas coisas assim muito doidas. Falei em diversos espaços, tive oportunidade de conhecer pessoas brilhantes e a página surgiu justamente por isso. Eu falei: “Ah, eu não tenho compromisso com ninguém e vou contar tudo o que aconteceu.” E fui fazendo piadinhas assim, *memes* e trazendo a discussão. E justamente porque eu acredito que o conhecimento é poder. E mais do que o conhecimento, o título é poder. E essa disputa de narrativa é um campo muito difícil pra mulheres negras. Talvez eu faça tanta alusão com o sistema penitenciário, o sistema penal, porque é uma máquina de moer gente negra. A

seletividade penal faz com que exista muita gente preta presa nas cadeias. E eu acho que existe uma seletividade acadêmica, eu nunca ouvi ninguém falar, mas estou falando aqui. E a seletividade acadêmica faz com que exista muita gente branca nas cadeiras das Universidades de referência. E o “Preta e Acadêmica” é justamente isso, discutir e fomentar e tentar ajudar as mulheres negras em se manterem. E verem em que, enfim, hoje, nós somos 180 mil mulheres negras. Por exemplo, eu faço inglês na FESP, somos treze, são treze moças que curtiam a página "Preta e Acadêmica". São mulheres brilhantes, maravilhosas, incríveis. São mulheres incríveis assim. Tem mulheres que... tem cineasta que viajou o mundo inteiro. Que estudou fora. Tem pedagoga. Tem engenheira. Tem enfermeira. Tem professora universitária. Tem estudante de nutrição, estudante de medicina, estudante de física. Mulheres negras brasileiras no mundo inteiro estão fazendo essa conexão conosco. Então eu acho que na verdade o título é disputa de poder. Ele é uma contra narrativa. Enfim, por isso que eu tenho a página, participo do projeto com Natalia Neris, Eliani Oliveira. Elas me chamam de caçulinha e de griô. Elas falam que eu sou griô. Que eu pareço uma pessoa mais velha. Mas é isso. A Eliani... Tem histórias incríveis. A Eliani tem uma história assim de... Também ter estudado já durante a maternidade. Estudado tardiamente. Vem dos rincões do país. Enfim, vem de um relacionamento difícil. É mestre hoje. Foi uma mulher que eu tenho mais profunda admiração. Natalia Neris que é assim incrível, incrível também. Uma menina superjovem, 30 anos, e está no doutorado. E é incrível assim. As coisas que ela escreve eu sento e choro. E acho que ela, enfim, é cirúrgica também nas colocações que ela faz. Tem uma história muito bonita de resistência, de encontro com a ancestralidade. Uma construção racial diferente da minha porque ela tornou-se negra e também é uma experiência válida e tal. Não só válida como de muito de nós. Enfim, uma história que tem que ser contada. Que também vem de uma violência sistemática, uma violência estrutural que faz com que a gente perca inclusive o referencial do espelho e não consegue ver quem você é. São pessoas incríveis! Incríveis, incríveis e incríveis. E eu fico assim olhando pros meus ombros e vejo a Nati de um lado e a Eliani do outro e falo: “Meu Deus! O que eu estou fazendo aqui?” Elas muito generosas e eu aprendi bastante. Tive oportunidades e me coloquei em vários espaços assim. Enfim, fiquei mais corajosa. Foi bem gostoso. É bem gostoso. E é isso.

M: O que você acha que te fez ficar mais corajosa?

A: Ser menos... Ser mais adulta. Envelhecer deixa a gente menos... Mais corajoso. Ter menos compromisso assim com a... Eu tenho menos compromisso com essa construção social. Acho que quando você é criança e adolescente você fica mais afetado pelo mundo, sabe? Porque você precisa se inserir em um espaço. Ter primeiras vivências. Permanecer em

lugares, enfim. Você depende mais das pessoas. E quando você constrói uma vida, uma carreira e conexões, enfim, próximas que sejam fortalecidas você não precisa de muito mais. E eu acho que isso me deixa mais corajosa. Eu tenho uma forma de lidar muito menos combativa do que a maioria das pessoas. Mas porque eu não sou alguém beligerante. Eu acho que a disputa tem que vir através de outros recursos. Sou menos combativa e mais estratégica. Mas... Eu não tenho mais compromisso com o que vão achar, eu não dependo mais do referendo de ninguém. Eu não morro de fome, a minha família tá aí. Eu não preciso aguentar mais desaforo de ninguém, sabe? É meio que isso assim.

M: Se você tivesse que dizer alguma coisa para uma garotinha negra que tá entrando na escola agora.

A: Ah, eu falo várias coisas. A minha família é grande, né? Tenho várias priminhas. A primeira coisa que eu falo é: “As pessoas vão acreditar em você. Pode contar!” E que o adulto não tá sempre certo. Porque eu acho que eu tinha essa noção pela minha mãe ser professora de que o adulto tava certo, que o adulto fazia o melhor pra criança, que o adulto era uma autoridade. Que a professora tava ali como um anjo que te conduz ao conhecimento. Eu descobri da pior forma que não. Então acho que a primeira coisa é se eu tiver uma filha, acho que antes do primeiro dia da escola, eu vou ajoelhar na altura dos olhos dela e dizer assim: “O adulto não tá sempre certo. E eu vou lutar por você sempre que possível e enquanto... E sempre que possível significa enquanto eu viver. Então me fala. Sabe, não existe outro adulto a não ser eu que vá fazer as coisas pra você com pleno e bom coração. Pra você... Se você sentir dor, se você sentir humilhação, se você sentir medo me conta e a gente vai brigar.” Porque eu acho que as outras coisas derivam disso. Se uma criança sabe que ela não tá errada e que ela pode falar quando ela se sentir mal, ela conta. Sei lá, eu acho que se eu não achasse que eu era uma má menina negra, e se eu fosse uma menina negra e boa eu não sofreria essas violências eu teria falado: “Olha, mãe, a professora não pôs a mão no meu cabelo e fez cara de nojo”. Mas eu achava que eu não era uma boa menina negra, que eu deveria ter ido de cabelo alisado, talvez ela fosse pôr a mão em mim. Acho que eu diria isso. Que eu vou dizer isso pra minha filha. Eu digo isso pra minhas priminhas: “Olha, a mão do mundo é muito pesada e você tem que entender a sua existência é motivo de ódio para muitas pessoas. Você não pode acreditar que todo mundo vai te tratar como eu te trato, todo mundo vai querer o bem que eu te quero, que você precisa pedir ajuda. Sempre que possível.” Acho que eu vou dizer isso. “Não guarda e não é normal. Não é você que tá errada, não é algo que vai passar.” Eu acho que eu diria isso. A gente tem também o ímpeto sempre a reação de sempre dizer pra criança assim: “Vai passar! Calma! Vai passar!” e não passa. E eu acho que eu também só

melhorei quando percebi que não ia passar e eu ia ter que passar pela vida apesar disso. Então eu diria essas duas coisas: "Não vai passar e eles... e os outros não estão sempre certos." Acho que é isso (pausa).

M: Quer falar mais alguma coisa?

A: Ah, não sei. Não sei de verdade acho que eu quero falar que... reforçar que apesar de eu ter vivido diversas experiências complicadas o meu lugar é um lugar de muito privilégio. E eu acho que dizer isso, reforçar isso, porque minha história é um conto de fadas perto de boa parte das mulheres negras. Eu tenho uma prima, que, enfim, sofria violência sexual do padrasto e dormia no telhado de casa. Então eu acho que eu não posso me colocar na posição de alguém que só sofreu violações de direito. Eu tive uma rede de proteção muito grande. Eu sempre falo que minha família é como se fosse aquelas redes de pescadores que são bem apertadinhas. A minha família materna. Como eu disse a paterna teve uma estrutura diferente. E é um arrastão que não fica ninguém pra trás. E eu acho que eu só estou aqui por essa força, sabe? Então eu acho que o que fez com que essa população negra não fosse destruída é esse arrastão. Essa coisa de ninguém ficar pra trás. Essa maneira com que as famílias negras se articularam e aprenderam a existir apesar das coisas. E aprendendo e existindo. A minha história de vida, a minha existência é imbricada desde lá da Crispiniana. Pois se ela não tivesse vivido apesar da situação de escravidão e minha avó... Ah, e uma coisa legal. Uma vez eu reclamei de um brinquedo que eu não queria e minha avó falou que "Com oito anos eu ganhei um caixote." Aí eu: "Mas porque, vó?" "Pra encostar no fogão e trabalhar na casa do patrão." Então qualquer brinquedo... Eu penso muito nisso. Qualquer coisa que eu ganhe na minha vida é muito mais à frente que o caixote que minha avó ganhou. Obviamente que eu espero que as minhas filhas ganhem algo diferente do que as coisas que eu ganhei e etc. Mas é isso também, é uma evolução constante acho que... sei lá... A Crispiniana existiu apesar da situação de escravização. A minha avó existiu e resistiu apesar do caixote. Minha mãe existiu e resistiu apesar da professora dizer que a faculdade não era lugar pra ela que ela deveria estar em casa cuidando da família. E eu também existo apesar de todas essas coisas. Eu... não faço nada de diferente. Isso que eu quero dizer. Acho que eu sou o resultado de uma associação de resistências. E talvez a minha existência seja simples dentre as resistências que me antecedem. Então por isso que, de verdade, eu não acho que seja nada... Impressionante. Não acho mesmo. De verdade. De coração. Nada que eu faço ou que eu tenha feito seja tão de destaque. É isso. Foi um trabalho de todo mundo que me antecedeu. Eu não chegaria até aqui se a minha família... Por isso eu comecei lá da senzala. Porque eu acho realmente...

Se a minha avó não tivesse tido a compreensão que o conhecimento e o título é uma forma de disputar narrativa, de ter uma vida menos penosa e perigosa; minha mãe não teria tido uma vida menos penosa e perigosa que a minha avó. E não teria me impulsionado para um voo mais alto. Minha mãe não chegou ao mestrado. Minha mãe... Eu nasci e minha mãe tinha 28 anos. Durante a graduação a minha mãe estava na casa dos 30. Eu entrei no mestrado com 22. Então é isso que eu quero dizer. Não fui eu que passei no mestrado com 22. Nós passamos no mestrado com 22.

Minha trajetória pessoal é carregada de legados culturais e raciais. Descobri Crispiniana, mulher que foi escravizada no triângulo mineiro e que carregava em seu corpo as marcas do sofrimento. Com muito orgulho eu sou sua descendente direta. As mulheres que antecedem a minha existência são como tijolos que construíram uma fortaleza que me protege atualmente. Desde a infância minhas avós necessitaram utilizar caixotes para alcançar o fogão da casa dos seus patrões. De lá para cá a vida da família mudou bastante. Tal qual uma corrida com bastões cada uma das gerações avança um pouco e entrega o objeto para os sucessores na esperança de que a menor distância possível seja percorrida e diferentes marcas sejam alcançadas. Como acontece com todas as famílias negras nossa corrida com bastões é acrescida de obstáculos que, por vezes, parecem intransponíveis. Sou neta de Dona Isabel e Dona Lúcia, a primeira criou cinco filhos e quem mais viesse precisando de seu apoio. Trabalhou incansavelmente e resistiu a toda sorte de condição precária e de vida. A segunda experimentou a perda precoce de pai e mãe, sobreviveu de seu talento. Ela cozinhou pratos sofisticados em verdadeiros palácios para garantir a alimentação básica de suas filhas. Sempre foi extremamente articulada e receptiva. Reforçou a importância de saber resistir através da levada e do sorriso. Minha mãe que por esforço próprio e com apoio de vovó e vovô teve a oportunidade de estudar e ingressou tardiamente, contrariando a regra geral daqueles que experimentam os privilégios sociais e raciais, na universidade. Me lembro de andar pela USP de mãos dadas com a mamãe, nas longas tardes de espera enquanto trabalhava, estudava e preparava as atividades para fazer jus ao valor modesto que recebia. Para ser franca creio que minha história na academia começou justamente nos caminhos de minha mãe lá no hospital universitário da USP onde eu nasci. Nos corredores da FFLCH que era o local de trabalho e estudo dela. E quantas vezes ela pagou o preço por ser ousada. Uma funcionária que ingressa como estudante e carrega a filha para todo lado e ainda apresenta resultados louváveis. Foi ali, tenho certeza, que minha mãe plantou a vontade de ser, existir e persistir em determinados espaços. Às vezes gestos contidos, olhares discretos, fronteiras ocultas são mais impactantes do que palavras. Minha parte da narrativa foi menos sofrida. Tive privilégio de gozar da

proteção da fortaleza que as mais velhas ergueram à minha volta. Frequentei os espaços reservados aos detentores do privilégio, naturalmente fui interpelada, atacada e agredida por ser a única negra dali. Conheci os revezes de ser a única negra e experimentei a doçura de encontrar os nossos em alguns lugares. Ingressei na universidade com dezessete anos cursando bacharelado em Direito. Aos 22 já era advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil. Hoje, aos 25 anos, encontro-me concluindo o mestrado na mesma Universidade de São Paulo que me foi apresentada por mamãe. Falo abertamente do tempo decorrido em minha trajetória, pois as conquistas precoces não são resultados de um mérito nem de brilhantismo meu. São a expressão do sangue, suor e lágrimas das mais velhas. Ainda faço parte de uma rede muito forte. Uma trama bem justinha, aquelas que quando passa na água arrasta tudo. A minha família é assim, nós não deixamos ninguém para trás. E foi esse arrastão que me trouxe até aqui. Foi a fortaleza levantada à minha volta que me fez resistir. Compreendo também que será a minha força que levará os que vieram adiante.

3.4.1 Ubuntu – Ninguém fica pra trás

*Quando o mundo se pôs contra mim com uma cara de reprovação,
foi uma irmã que colocou o chão de volta sob os meus pés*

Canção "Every woman ever loved woman"
Bernice Johnson

Amarílis apresenta-se a partir da história de seus antepassados. A avó materna, órfã com treze anos, trabalhou desde oito anos, numa época em que, nas palavras de Amarílis, existia *Uma lei silenciosa na cidade que não permitia que as crianças negras fizessem nada além do grupo escolar*. Seu avô materno era filho de uma provável filha ilegítima do dono da fazenda e que, após a morte de todos, herdou o que Amarílis chama de “quilombo adquirido”. Este avô também cresceu órfão pois sua mãe morreu no parto. Caçula de muitos irmãos foi poupado do trabalho pesado e se profissionalizou como alfaiate. Seus avós maternos se conheceram, se casaram, tiveram duas filhas e migraram para São Paulo, vindo morar em Carapicuíba.

Ela nos conta que sua avó materna por trabalhar em casas de famílias abastadas observava a forma como os filhos dessas pessoas eram preparados para a vida. E na medida do possível, buscava implementar tudo o que conseguia na criação de suas filhas, incentivando-as sempre a estudar, poupando-as do serviço doméstico, abrindo a elas outras

possibilidades. Amarílis se vê herdeira dessa mentalidade e percebe-se privilegiada comparando-se à realidade da maioria da população negra.

Nossa depoente destaca um modo de vida solidário em sua família, no qual qualquer benefício é sempre partilhado.

A gente não deixa ninguém pra trás, a gente divide. Se for... se eu tiver um pedaço de carne todos nós vamos desfiar essa carne, misturar no angu e todos nós vamos comer esse angu misturado com fiapo de carne, sabe?

Sua linhagem paterna é marcada por grandes dificuldades financeiras. Conta-nos Amarílis que sua avó, órfã aos doze anos, foi “dada aos patrões” para trabalhar como doméstica. Veio de Ribeirão Preto para São Paulo para com eles trabalhar. Contudo, adoecendo aos treze anos, foi dispensada. Morou em uma favela e vivia em condições de extrema pobreza. Criou cinco filhos sozinha e viveu agruras incontáveis.

Seu pai cresceu trabalhando desde cinco anos de idade e tornou-se um perito em táticas de sobrevivência. Buscando segurança financeira seu pai ingressa no Exército e segue carreira militar. Sua mãe pode evitar o trabalho doméstico e passa, após outros empregos, a trabalhar na Universidade de São Paulo.

Na falta dos avós, Amarílis passa a ficar sob os cuidados de vizinhos e começa então a perceber os marcos raciais nas relações, confirmando a afirmação de Franz Fanon (2008): “Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco.” (p. 129).

Era uma coisa ruim. Eu me sentia... eu sentia que minha humanidade era desrespeitada. Eu sentia que eles tentavam demonstrar, em alguma medida, que eu era menos humana.

Mas é na escola particular elitista, na qual ingressa como bolsista, que começa para ela um longo ciclo de experiências de racismo. Racismo expresso de várias maneiras. A escola que deveria ser o local não só de transmissão de conhecimento, mas também de valores humanizadores, se constitui para Amarílis num espaço de agressões e humilhações, um espaço de ataques racistas contínuos.

A revista *Psique e Negritude*, na introdução da entrevistada Eliana Oliveira (2008), afirma:

Mas como não reconhecer o racismo quando um professor desqualifica ou ofende um aluno por sua raça/etnia? Como não ler racismo e sexismo nos livros didáticos que insistem em atribuir papéis sociais subalternos aos negros e às mulheres? Como não se indignar com as aulas de história que são useiras e viseiras em retratar a história da escravidão como uma história de submissão da população negra. Ou nas aulas de geografia que ignoram, solenemente, a complexidade do continente africano? Se todas essas manifestações não forem racistas, são o que? (p. 29)

De todas as manifestações de racismo sofridas direta ou indiretamente, as que mais são ostensivas, as que mais chocam, partem justamente das educadoras. Professoras racistas reatualizam em sua sala de aula a relação escravagista colonial ao designar Amarílis para carregar os livros de toda sala, porque “*seu povo só servia pra isso*”. Associavam os negros ao crime e à inferioridade perguntando a Amarílis se seu pai era bandido ou pagodeiro. Procuravam motivos para depreciá-la ao conferir o pagamento do lanche na cantina. Incitavam os alunos contra Amarílis na intenção de deixá-la excluída. Negavam incentivo e valorização do seu desempenho escolar para mantê-la inferiorizada. Comportamentos criminosos que provocavam um estrago duplo: humilhavam, machucavam, rebaixavam a aluna negra, ao mesmo tempo que educavam as crianças brancas para o racismo. Nas palavras do psicólogo afro-americano Wade W. Nobles: “Reforçar na psique das crianças a mensagem de que ser negro é ser por natureza uma versão inferior e desviante da pessoa humana equivale a abusar das crianças e negligenciá-las” (p. 288).

O tratamento aplicado à pequena aluna vindo das “ditas educadoras” é de uma covardia sem par. Ao atacar a menina, que ainda não tinha construção intelectual e emocional não só para defender-se, mas sequer para compreender o motivo dos maus tratos, colocaram-na numa situação conflitual traumática. Como uma criança pode compreender uma agressão gratuita?

Achava que eu era uma bosta. ... Não contava pra minha mãe e sabia que era porque eu era preta. Mas achava que era porque eu era preta e ruim, se eu fosse uma boa criança negra eles iam gostar de mim.

O tratamento desumanizante é perturbador ao psiquismo especialmente na infância. Na tentativa de elaborar essa questão a criança culpa a si mesma. Experiência que infelizmente não é exclusiva da nossa depoente, ao contrário, é partilhada por muitas crianças negras. Ouçamos Juliana Yade (2015):

Logo no primeiro ano do meu processo educativo, percebi que havia diferença no modo de tratamento entre mim (educanda negra) e minhas colegas não-negras. As sutilezas embutidas nesse processo, fazem-me parecer ressentida e vitimista. Então atribuí tal diferença a cor de minha pele, essa foi a leitura de identificação que a Educação Infantil me proporcionou. E a elaboração que fiz naquele momento era que, eu deveria me esforçar para ser aceita, e este esforço perpassou a negação de meu corpo negro. Era meu corpo de criança negra que me afastava do toque, dos elogios, do olhar acolhedor e carinho do adulto educador. Da escolha espontânea para as danças juninas, brincadeiras ou jogos coletivos. Hoje sabe-se que estes atos são fundamentais para o crescimento emocional saudável de uma criança que está na Educação Infantil e ainda falta à criança negra. (p. 220)

As condutas indisfarçavelmente racistas dirigidas a uma criança parecem não ter nenhuma justificativa a não ser o ódio; ódio ao corpo negro, ao povo negro que era representado por ela. Audre Lorde (2018) fala sobre as vivências infantis: “Racismo e

machismo são palavras de adultos. Crianças negras na América não conseguem evitar essas distorções na sua vida e, frequentemente, não têm palavras para nomeá-las. Mas ambas são percebidas corretamente como ódio.” (p. 57).

A pequena estudante negra catalisava a hostilidade dirigida a todo um povo. Um golpe de rebaixamento que atingia não só a ela como criança negra, mas àqueles que a antecederam, bem como a seus descendentes. Um golpe que visava a inferiorização de todo seu grupo de pertencimento. Um fenômeno que José Moura Gonçalves Filho (2017) nomeia de “humilhação social”. Segundo ele:

O cidadão negro no Brasil, sofre o golpe prolongado do racismo. ... Sofre o racismo contra seus familiares, contra seus companheiros de raça. E sofre o golpe antigo, disparado contra seus ascendentes, o golpe operado contra seus ancestrais e que segue operando, à distância, a partir de um ponto muito distante, lá atrás, que recua e que pode recuar no passado, que volta por herança. (p. 144)

Nossa depoente não conseguia escapar de um lugar inferiorizado que a ela atribuíam. Lugar uma vez mais reiterado na encenação da peça do Sítio do Picapau Amarelo. Em seu desejo de representar a boneca Emília, Amarílis construiu um argumento lógico:

E disse que eu preciso ser a Emília. Ela perguntou o porquê. Crianças negras eram brinquedos das crianças brancas e a Emília foi a Tia Anastácia que fez. Ela era brinquedo da Narizinho.

Mas o papel da serviçal negra já lhe estava destinado. Heloisa Pires Lima (2005) aponta que o perfil dos personagens negros na literatura infanto-juvenil são apresentados repetitivamente em condição de escravidão, ou em condição subalterna, como a tia Anastácia, por exemplo. Desse modo atua naturalizando uma inferioridade historicamente construída. Segundo ela:

A eficácia dessa mensagem, especialmente na formatação brasileira, parece auxiliar no prolongamento de uma dominação social real. O modelo repetido marca a população como perdedora e atrapalha uma ampliação dos papéis sociais pela proximidade com essa caracterização, que embrulha noções de atraso. (p. 103)

As doloridas recordações de cenas de racismo por parte dos professores povoam a mente de Amarílis, mas uma em particular ficou registrada em seu corpo. Ela nos conta do dia da foto, tradicional nas escolas. As crianças eram todas ajeitadas, cuidadas, acarinhadas. Porém o sentimento que foi destinado a Amarílis foi de indisfarçável repulsa.

Mas ela tinha prazer de acariciar aqueles corpinhos carregados de privilégios até o último fio de cabelo. Quando chegou em mim ela falou: “Af, eu nem vou pôr a minha mão nisso (suspiro).”

Mas enfim, a professora não quis pôr a mão. Sabe assim quando uma comida apodrece na geladeira, que você abre a tampa assim? Era uma comida muito gostosa e aí

você abre e tá coberto de bolor. Aquela cara, quando você não espera que aquilo tenha apodrecido.

Essa expressão de repugnância causou tamanho impacto que não pode ser metabolizada emocionalmente. Atingiu Amarílis no corpo. Produziu nela o que chamou de “dor física do racismo”. Dor mortal, dor que parecia reviver ao narrar.

Sabe o que eu lembro que eu senti? Eu senti que meu estômago colou uma parede na outra, e era uma coisa muito ruim assim. Parece que vem subindo do seu pé e aquilo vai te tomando e é um embrulho. E parece que você não cabe no seu corpo, parece que a alma sai da cabeça e bate na ponta do pé e não acha um jeito de sair. Você vai se encolhendo. Parece... eu não sei explicar. Eu já tive cólica de pedra, de vesícula. Você se contorce, parece que você tá de pé, mas a sua alma se contorce dentro de você. Foi o que... você diminui, a pessoa te mata um pouco. É uma coisa horrível, tua boca amarga e eu senti isso. Eu tinha oito anos assim.

De acordo com Grada Kilomba (2019): “A necessidade de transferir a experiência psicológica do racismo para o corpo expressa a ideia de trauma no sentido de uma experiência indizível, um evento desumanizante, para o qual não se tem palavras adequadas ou símbolos que correspondam.” (p. 161).

Amarílis nos diz que seus algozes não tinham nem respeito, nem ao menos misericórdia. Porém, a consciência das dificuldades da família e do esforço dos pais fazia com que ela se calasse sobre seu sofrimento. Assim, suportava tudo sem reclamar, sem pedir ajuda. A escola foi então se constituindo como um lugar de penitência e castigo, tanto que ela compara a escola a prisão e o período escolar a cumprimento de pena. Escolas e cadeias; lugares, conforme o dito popular, “onde o filho chora e a mãe não vê”.

Assim nos fala Audre Lorde (2018): “Nós, mulheres negras, entregamos nossos filhos a um ódio que marcou nossa juventude com um sentimento de perplexidade, esperando termos ensinado a eles algo útil para que possam abrir seus próprios caminhos de sobrevivência” (p. 65).

A memória das manhãs em que dormia na calçada em frente ao portão da escola, mostra o desamparo e a vulnerabilidade a que ficava exposta.

Era uma criança dormindo na calçada, com o uniforme da escola, com a cabeça em cima da mochila e coberta com a blusa. E perigos passando e é isso assim... eu estava no meio de uma obra... eu tinha oito anos... e eu ficava lá dormindo na calçada até a escola abrir. Ela abria, eu entrava e estudava, era maltratada e voltava pra casa.

Uma vez mais a indiferença e a falta de sensibilidade impressionam! Nas palavras de Amarílis:

Mas a criança branca é compromisso dos brancos. A criança negra é repelida por eles. Então eu não era compromisso daquela escola. Muito pelo contrário, eu era um câncer pra eles. E eu ficava dormindo lá na calçada.

Lia Vainer Schucman (2014), ao escrever sobre branquitude, recorda a pichação feita no muro da escola infantil EMEI Guia Lopes no dia 16 de outubro de 2011: “Vamos cuidar do futuro de nossas crianças brancas!” (frase essa emoldurada por duas suásticas). A pichação veio em resposta ao cumprimento da Lei nº 10.639/ 2003, que determina que os conteúdos de História e cultura africanas sejam incluídos nos currículos escolares. Tais reações, segundo a autora, se dão pelo “medo branco”, medo de que os lugares de privilégios materiais e simbólicos historicamente ocupados pelos brancos sejam redistribuídos. Assim diz a autora:

Neste exemplo acima, o que está em questão é a perda dos privilégios simbólicos que os brancos adquirem no sistema educacional brasileiro, pois a escola, por ter uma atuação sistemática durante anos, tem um maior poder ideológico sobre os que nela permanecem, e portanto o ensino eurocêntrico baseado na história das populações europeias, brancas e cristãs privilegiam sistematicamente que sujeitos brancos se sintam inseridos na construção da cultura e do mundo... (p. 134)

Tal reflexão nos remete à fala de Amarílis, quando atribui os maus tratos ao seu bom desempenho escolar:

E eu acho, julgo, pode ser que eu estava errada, mas eu ousou dizer que meu rendimento escolar incomodava.

Parece que a lei silenciosa dos tempos da avó, que não permitia que as crianças negras estudassem, continua tácita e atuante. Uma criança negra brilhante parecia causar desconfortável sensação de ameaça. E brilhante não é uma expressão exagerada para descrever Amarílis: na época do vestibular foi aprovada em mais de dez universidades. Passou na Unifesp, na Unesp, na USP, na Unicamp e em outras faculdades federais do Brasil. A Universidade Anhembi Morumbi lhe ofereceu bolsa integral para cursar Medicina.

Teria o medo branco surgido em seus docentes, pela intuição de que a menina negra não correspondia em nada à imagem inferiorizada que lhe queriam designar? Segundo Lia Vainer Schucman (2014):

os sujeitos brancos sabem que nenhuma situação de privilégios dura para sempre, e que para mantê-la, é preciso atuar diariamente. Esta posição da branquitude é acompanhada do medo e da ameaça, permanente. Isto faz com que brancos atuem consciente e/ou inconscientemente, para não perdê-la (p. 135)

Medo este expresso sem rodeios na fala do professor branco da universidade, que afirmou não lhe dar nota máxima, pois ela não era uma simples estudante e sim uma concorrente.

Segundo Maria Beatriz Costa Carvalho Vanucchi (2017): “Projetar o estranho é uma solução da economia psíquica e o mecanismo do ódio racista tem na estrutura da paranoia o seu modelo” (p. 63).

Sucessivas experiências com a branquitude deixaram evidente para Amarílis que esses lugares de poder e privilégio não serão facilmente abdicados, mesmo em relações de cordialidade. Assim diz ela:

No fim do dia, gente branca é gente branca. Por mais que ela goste de mim e eu goste dela. Por mais que... várias pessoas brancas passem na minha vida, e que gostem de mim; no final do dia, gente branca é gente branca.

Apontando inclusive que a opressão da mulher negra é duplamente imposta, sendo ela golpeada não só pelo racismo mas também pelo sexismo.

Homens; no final do dia um homem é um homem. E por mais que seja meu companheiro, no final do dia ele é um homem. E em algum momento ele vai achar que alguma coisa aconteceu comigo porque eu fiz ou me omiti em alguma coisa. Porque ele é homem e as coisas chegam nele diferente. Ainda que um homem negro sofra racismo ele é homem. E ser homem e ser macho nesse mundo é ter privilégio. Ainda que uma mulher branca sofra do machismo, sofra da misoginia, ela é branca. Então, aquele que tá acima de tudo e de todos, o homem branco, tem um elo de ligação com a mulher branca porque é branca.

Conforme nos fala bell hooks (2003):

Os homens negros podem ser vitimizados pelo racismo, mas o sexismo lhes permitiu atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. (pp. 207- 208)

Os pais de Amarílis estudaram na FFLCH – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E por muitas vezes Amarílis teve que acompanhar sua mãe. Por muitas vezes dormiu nos bancos e corredores, enquanto sua mãe se esforçava para se formar mesmo diante do desestímulo de alguns professores.

O discurso paterno reiterava todo o tempo o caráter excludente das instituições acadêmicas. Insistia dizendo *que a universidade pública não era pra gente preta*. Que se não puderam impedi-la de entrar a impediriam de se formar.

A fala paterna encontrou eco em nossa depoente, que não queria reviver os traumas do período escolar. Exausta de conviver com inúmeros ataques, na tentativa de proteger-se, Amarílis renunciou às vagas das universidades públicas que entrou. Rejeitou ainda o curso de medicina com bolsa integral por ver nesse espaço o domínio massivo da branquitude.

Wade W. Nobles (2009) diz que o desumanizante evento da escravidão provocou no povo africano e em todos os negros da Diáspora o que ele chama de “descarilhamento”. Como um trem que sai dos trilhos, mas continua em movimento, corre, mas não alcança seu destino; os afrodescendentes foram interrompidos em seu processo de desenvolvimento. Amarílis poupa-se da dor impingida pelo racismo “descarilhando”, se invisibilizando, reduzindo suas oportunidades, interrompendo seu desenvolvimento.

Atenta ao desperdício do potencial de sua sobrinha, sua tia decidiu “colocá-la nos trilhos” para que seguisse seu caminho. E agiu tão estrategicamente que bloqueou suas tentativas de boicote, confirmando o maravilhoso lema das mulheres da família: ninguém fica pra trás! Uma vez mais a capacidade de Amarílis se evidencia contra todas suas inseguranças: foi aprovada na seleção de Mestrado na Universidade de São Paulo, com apenas 22 anos de idade! Na metáfora carnavalesca da nossa depoente: “Nenê da Vila Matilde” foi a campeã na avenida!

Questionando os lugares estabelecidos à população negra, nossa depoente passa a colaborar com o blog “Preta e Acadêmica”, que agora já possui 180 mil seguidoras. Um espaço para discutir *a seletividade acadêmica que faz com que exista muita gente branca nas cadeiras das Universidades de referência*. Compreendendo que não é possível resistir sem sororidade, Amarílis busca apoiar mulheres negras para que se mantenham firmes no expulsivo terreno da Academia.

Suas vivências de relações raciais fez com que Amarílis entendesse e previsse as reações oriundas da branquitude, as quais sabe manejar em favor dos seus.

A escola me educou para o racismo também. Tanto que hoje no judiciário eu consigo coisas absurdas porque eu sei exatamente o que o juiz gosta de ouvir, aquele olharzinho de servidão. E eu não me importo em: “Oh, excelência. Ah, olha, minha cliente mora na favela.”...

Patrícia Hill Collins (2015) sobre isto afirma: “Nossa habilidade de sobreviver em cenários hostis determinou nossa habilidade de aprender detalhes complicados sobre o comportamento e o modo de ver dos poderosos e a ajustar nosso comportamento de acordo com isso.” (p. 33).

Mais uma vez vale ouvir a própria Amarílis, nossa advogada com especialização em “quilombagem” existencial:

(...) as pessoas que tem poder eles gostam e tem quase um orgasmo, um prazer, um tesão, naquele exato momento em que a vida do outro depende de um gesto deles. Eu encarcero ou não encarcero. Eu dou a aposentadoria ou não dou a aposentadoria. Eu digo se

o seu trabalho é insalubre ou não. E eu acho que aprendi isso na escola. Eu não tinha pensando nisso mas, acho que talvez eu advogo assim, porque eu desde sempre aprendi que essas pessoas tem prazer em achar que você vive ou não na exata medida do ar que elas te permitem respirar...

A experiência de sobrevivência ao racismo trouxe a Amarílis uma lucidez que pretende passar para as próximas gerações: o racismo não dá trégua, não atenua com o tempo. Não se deve oferecer falsas expectativas, não é possível garantir o bom tratamento por parte do outro. Mas é possível oferecer à criança negra olhos atentos e ouvidos abertos às suas queixas. E sempre garantir-lhe o espaço de fala, a possibilidade de compartilhar o sofrimento, a certeza de que não estará só, que terá alguém para lutar a seu lado na busca pela igualdade.

Amarílis termina seu depoimento como começou: no espírito de Ubuntu. Ela é porque muitas foram! E porque ela é outras serão!

As mulheres que antecedem a minha existência são como tijolos que construíram uma fortaleza que me protege atualmente.

A minha família é assim, nós não deixamos ninguém para trás. E foi esse arrastão que me trouxe até aqui. Foi a fortaleza levantada a minha volta que me fez resistir. Compreendo também que será a minha força que levará os que vieram adiante.

3.5 MARCIA

Então, bom dia. Primeiro agradecer por essa conversa, fiquei pensando que esse momento pra mim é um momento também muito importante. Eu já fiz isso em outros momentos, mas acho que não para uma pesquisa. Eu parei para pensar efetivamente na minha história no mestrado e no doutorado por conta da escrita do memorial. Entre o mestrado e o doutorado tem seis anos de diferença e é muito interessante como mudou. No doutorado falei: “Ah, vou usar o mesmo memorial do o mestrado, né? Já tá pronto. Vou lá e pego.” Aí eu comecei a ler e vi que tem coisas que eu hoje eu já leio diferente. Aí eu refiz a história no doutorado. Que acho que é um pouco o que vai acontecer agora também. Então, eu sou Marcia Campos Eurico. Sou mãe, tenho três filhos. Sou assistente social, venho de uma família grande. Sou a nona filha de dez irmãos que viveram... Porque a minha mãe teve uma gravidez de gêmeos, de gêmeas na verdade, as duas faleceram após o parto, foi a primeira gestação dela. Então ela sempre diz: "Somos dez, mas duas a gente não teve a oportunidade de conhecer." Então dos dez vivos eu sempre fui chamada de nona. Quando eu nasci minha mãe tinha 39 anos. E depois da minha gestação ela ainda teve o meu irmão com 42. E a gente

brinca que ela só não teve mais filhos porque com 42 com dez filhos ela fez uma cirurgia para não ter mais filhos. Uma cesárea porque todos os outros foram parto normal. Aí o último agendou a cesárea aí ela conseguiu fazer a laqueadura. Então onze filhos de parto normal pra mim é uma coisa bastante assustadora. E minha mãe hoje tem 84 anos e meu pai fez 79. Os dois estão vivos. Estão juntos a 61 anos. E aí eu nasci nessa família numerosa numa condição bem simples, mas ao mesmo tempo uma família muito amorosa, principalmente minha mãe pela característica das mães pretas. Minha mãe sempre foi muito do cuidado com todo mundo. E da minha infância eu me lembro muito pouco. Assim eu tenho lembranças de momentos de que a minha infância foi uma infância feliz. Mas eu não tenho muitas memórias de situações específicas. Me lembro muito da gente brincando no quintal. Me lembro de algumas brigas com a minha irmã que é um ano mais velha do que eu. E a gente se engalinhava pelo chão, uma puxava o cabelo da outra e a minha mãe vinha e separava, punha de castigo. Essa é uma das lembranças que eu mais tenho. As outras lembranças são muito brincando no quintal. Brincando todo mundo, brincando com as minhas irmãs. Eu não tenho uma lembrança no colo da minha mãe assim ou coisas desse tipo. Ai, minha mãe... Lembrança dela penteando cabelo. Que aí pra gente é sempre uma lembrança dolorosa. Que a minha mãe sentava a gente no meio das pernas com uma lata de óleo de cozinha. E aí ali ficava horas penteando o cabelo, desembaraçando o cabelo. E a minha mãe não aprendeu a fazer tranças. Então depois de desembaraçar ela fazia um coque, o máximo que ela conseguia fazer era um coque, inclusive minhas irmãs brincam porque como eu sou a última das filhas, no meu caso ela fazia um coque só, e das minhas irmãs tem muita foto de dois coques que elas odeiam porque elas falavam que ficava parecendo o Mickey. Então elas ainda me zoam porque elas falam assim: "Você pelo menos não tinha trança, mas era um coque só..." Uma coisa a menos, elas tem trauma da história dos dois coques. Porque era um cabelo muito preso, não podia ter um fio solto. Naquela coisa daquele coque que realmente... Pra gente hoje soa como estranho. E a gente não aprendeu a fazer trança. Essa é algo que eu comecei a viver com a Mayza que eu comecei a mexer no cabelo. Com a minha mãe sempre foi essa coisa mais objetiva. E hoje eu entendo que é por conta da própria dinâmica. Com dez filhos sentar para fazer trança em cinco filhas... Não rola! Hoje eu consigo entender que não era uma questão... era uma questão objetiva mesmo. Ela tinha que dar conta de várias outras coisas. Então o cuidado era tá sempre penteada. E aí com seis, sete anos. Não, seis, sete não, acho que um pouco mais. Com dez anos começa o processo de alisamento, né? Com a chapinha, com o ferro quente. Que era uma possibilidade também horrorosa, mas era a única possibilidade naquele momento. Horrorosa porque não ficava bom, né? A minha adolescência inteira eu não me reconhecia

muito. Eu não me achava bonita. Era um cabelo que tinha que ser arrumado e levava horas pra ser arrumado. Então final de semana era sempre perder tempo cuidando de um cabelo que depois também não ia pra lugar nenhum. Era uma tradição da família. A iniciação da adolescência era alisar o cabelo. Todas nós alisamos. Minha mãe... E minha mãe tem uma característica que ficou muito presente em todas nós que é minha mãe não é uma pessoa que se cuida fisicamente assim. Então ela não usava maquiagem. O máximo que ela dizia é assim: “Eu gosto de um brinco de pérola.” Até hoje! Então se você quiser dar um acessório pra ela dê um brinco de pérola porque pérola é uma coisa que ela sempre gostou. Mas assim, maquiagem.... Eu aprendi a me maquiar com, sei lá, 35 anos. Foi quando eu usei efetivamente. Eu mesma fui lá e falei: “Eu vou lá comprar um kit de maquiagem e vou mudar essa cara.” E mesmo assim uso muito pouco. Eu sinto que isso tem a ver com essa relação com o feminino mesmo. Porque todas as minhas irmãs eram assim, minha mãe sempre foi assim. E eu acho que isso tinha uma... um sentido de proteção mesmo. Acho que ela, na cabeça dela, quanto menos a gente parecesse bonita, mais estaríamos protegidas no mundo.

Miriam: Dos assédios?

Márcia: Dos assédios mesmo. Porque é muito interessante assim. Minha mãe sempre gostou de dançar, hoje ela não dança mais porque ela tem lá... ela tem varizes que ela não operou e hoje ela não dança. Mas meu pai sempre foi do samba. Então sempre de escola de samba. Meu pai toca vários instrumentos, toca cuíca. Durante muito tempo ele foi mestre de bateria. Então nos períodos de carnaval, que antecediam o carnaval, os blocos, a minha casa era como uma concentração. Então sempre tinha muita gente, sempre tinha muitas mulheres. Mas nenhuma de nós nunca foi incentivada a, por exemplo, desfilar. As filhas. Os filhos iam pra bateria, mas as filhas não. E minha mãe também nunca foi. Então tinha uma coisa assim que a gente gosta de samba, a gente curte, mas esse espaço não é para essas mulheres, dessa família. Isso até hoje eu penso: “Nossa, como eu nunca desfilei?”. Com meu pai organizando os desfiles, organizando alas, minha mãe costurando as roupas ... “Como assim a gente nunca foi convidada?” Porque eu não me lembro de ter sido convidada pra desfilar. Era uma coisa assim “não é para nós”. Embora a gente estivesse naquele espaço.

E aí assim, uma imagem que eu tenho muito forte da minha infância é uma imagem no colo do meu avô. Os meus pais são mineiros e todas as férias a gente ia pra Minas. Era uma coisa assim. Meu pai trabalhava o ano inteiro e aí nas férias de julho a gente ia pra Minas pra casa da minha avó. Minha avó faleceu, eu era pequena, tinha três ou quatro anos, então eu não tenho lembrança da minha avó. Mas tenho lembrança do meu avô que morreu eu estava com oito. E aí quando eu chegava lá, como eu era caçula, e minhas primas moravam lá. Então meu

avô fazia tudo para agradar as netas que chegavam. E eu me lembro sempre de chegar lá e meu avô me pegar no colo e eu ficar fazendo careta pra minhas primas. (risos) “O vô é meu!” Sabe aquelas coisas assim. E meu avô era muito alto. Então a imagem que eu tenho dele comigo no colo é uma imagem da gente indo comprar corda pra fazer um balanço. E assim, é como se ele tivesse três metros de altura. É uma imagem muito protetora assim. Que é uma imagem que eu não tenho com meu pai, interessante. Porque meu pai sempre trabalhou muito, ele sempre trouxe muito doce. Então meu pai era daqueles que batia muito nos meninos, tem essa lógica de que os meninos precisam apanhar pra aprender. E meu pai nunca foi... nunca concordou dos filhos na rua. Não podia tá no bar. Não podia jogar bilhar. Não podia... não podia nada. Porque ele sempre dizia que a gente tinha que beber em casa. Então ele gosta de cervejas, mas é daqueles que ia no mercado comprava e vinha tomar em casa. Então me lembro dos meus irmãos apanharem muito. Nas filhas ele não batia, essa era uma tarefa mais da minha mãe. Ele batia nos meninos e minha mãe batia nas meninas. Mas eu apanhei muito pouco da minha mãe. E meu pai passava muitos períodos fora. Então ele é pintor de paredes, então ele pegava obras pra ficar três, quatro, cinco meses, às vezes anos fora. Então ele vinha, sei lá, a cada vinte dias. A cada um mês, trazia dinheiro pra minha mãe, ficava o final de semana e voltava. Durante uma fase grande da minha infância foi assim. E minha mãe pilotando os dez filhos. E aí quando ele chegava ele trazia doce. Muita bala. Então a imagem que eu tenho é meu pai chegando com uma mão cheia de coisa, cheia de doce, tudo que você imaginar. Mas era isso. Sempre foi uma imagem, foi um cuidado muito a partir de prover mesmo do que propriamente de estar junto. E acho que talvez por isso essa imagem do meu avô seja a imagem que representa a minha infância assim. Nesse momento eu tenho um colo só meu. Era um colo muito precioso. De uma referência masculina pra mim que é muito importante. Na infância e hoje conversando com as minhas irmãs é muito interessante que a gente outro dia tava discutindo e minha irmã falando assim: “Eu acho que hoje se tivesse tido conselho tutelar minha mãe teria sido chamada várias vezes.” Por quê? Porque nós passamos por várias situações de risco. Não que ela não fosse uma mãe cuidadosa, mas dar conta desse monte de criança. Eu, por exemplo, cai num poço. Hoje eu acho que seria algo considerado... eu tinha quatro pra cinco anos. E minha mãe fala que eu tava brincando no quintal, porque no quintal da casa da minha mãe tinha um poço. Porque era um período que não tinha água encanada, enfim. E ela fala que ela se distraiu, eu tava brincando próxima do poço, claro que não tinha nenhuma proteção, e aí caiu uma caneca dentro e eu fui pegar. Cai de cabeça! Alguém viu na hora, também não sei quem foi que deu o alarme, e o vizinho da frente da casa da minha mãe era bombeiro. Então essa é a história que a minha mãe conta. Aí ele veio

correndo, me tirou desacordada, fez reanimação e tal e eu voltei a vida literalmente. E eu tenho pavor de água, de pular na água, enfiar a cabeça debaixo do chuveiro. Minha mãe sempre contou essa história que ela quase me perdeu por conta disso. Eu tinha convulsão por febre na infância, então de repente dela estar fazendo as coisas e ter que ir correndo pra me levar pro médico. Já cai na fogueira e queimei a bunda, porque sempre em festa junina fazia fogueira e a gente... Então a gente aprontou muito. Minha irmã derrubou minha outra irmã recém-nascida na ladeira com carrinho e tudo. Então a gente fala assim: “Onde tava a mãe?” Ta lá tentando dar conta.

Então é muito pesado isso. Acho que ter muitos irmãos foi sempre muito bom, mas essa coisa de durante muitos anos eu cresci com a imagem de que a minha mãe não cuidava de mim. Sempre foi algo muito doloroso. Meu pai não cuidava porque estava trabalhando. E aí essa coisa do masculino que tudo bem. E que minha mãe não gostava de mim porque eu não tinha imagem dela comigo no colo. Eu só consegui reelaborar isso muito recentemente na terapia. Um dia que eu tava muito mal discutindo que a minha mãe superprotege os homens da família e as mulheres meio que cada uma se vira, falei: “Porque ela não gosta de mim, não sei o quê...” Pra Cris, né? E aí não sei porque chegou nessa história que eu falei assim. Meu irmão mais novo ele nasceu um dia depois de mim. Três anos depois um dia... ele faz aniversário dia 28 de maio. E aí eu resolvi contar pra Cris que a minha mãe tava fazendo meu bolo de aniversário, porque isso é uma coisa na nossa família. Todos nós tivemos festa de aniversário a vida inteira. Então ela sempre fazia. Se ela não tivesse dinheiro ela fazia bolinho de chuva. Se ela tivesse dinheiro ela fazia bolo grande. Mas assim, sempre tinha bolo para todos os filhos. E ela estava fazendo o meu bolo de aniversário quando ela se sentiu mal e foi pra maternidade ganhar meu irmão. E aí a Cris parou e fez assim: “Tem noção do que é isso?” “Ela tava batendo bolo...”, “Sua mãe tava parindo e fazendo bolo, outra pessoa não faria isso.” Eu falei: “Não, Cris. Mas ela contou isso a vida inteira, eu ouvi isso a vida inteira. Eu tava fazendo bolo...” E aí ela falou: “Isso é cuidado, né? Porque ela tinha todos os motivos pra falar 'eu tô com dor e vou... dessa vez não vai ter bolo.' ” E aí foi quando eu consegui recentemente entender que é óbvio que não é só um bolo, mas entender que tinha cuidado. Mas que a própria história dela faz com que a possibilidade dela demonstrar afeto seja muito difícil. Minha mãe ficou órfã muito cedo, com sete anos ela já era órfã de pai e mãe, e ela não tem ninguém da família assim. Então com oito ou nove anos ela já foi trabalhar como empregada doméstica. Já foi viver, morar na casa de alguém. Então acho que por isso ela teve tantos filhos. Ela ficou solta no mundo. Então pra ela é essa coisa de que eu também olho, mas é extremo. Porque aí ela precisa cuidar de todo mundo o tempo todo. Ela é como se o

resgate dela fosse, agora eu vou cuidar de todos os filhos que ela cuidou de todos, depois ela cuidou de quase todos os netos. Ela... Nós... Eu tenho vinte e dois sobrinhos. E ela cuidou de pelo menos metade na infância. A casa da minha mãe sempre foi uma casa que teve criança circulando. Então os sobrinhos, meus sobrinhos ficavam, moravam, quando cresciam iam pra casa da mãe. Aquela coisa, né? Ficava na vó e depois voltava pra mãe. E hoje ainda ajuda cuidar dos bisnetos.

Então hoje eu consigo olhar pra ela e pensar que eu tive uma infância protegida. Mas dentro daquilo que é possível para uma mãe negra com todas as dificuldades. Com um marido que era, sempre foi provedor, mas que se ausentava das responsabilidades de pai. Porque ficar fora também acaba sendo muito mais cômodo, eu diria, com esse monte de filhos. E minha mãe nasceu pra parir, né? Que é outra coisa que eu olho pro meu pai e falo: “Nossa, meu pai...”, Às vezes eu tenho raiva dele porque eu falo assim: “Ele ia, ficava fora. Vinha, engravidava minha mãe e ia embora de novo. Ela passou a primeira fase adulta dela tendo filhos, é uma coisa absurda assim.” A forma como ela não tinha domínio sobre o próprio corpo. E eu tinha essa dimensão já com treze/catorze anos. Com catorze anos eu tinha muita raiva do meu pai em alguns aspectos da relação dela com a minha mãe. Meu pai chegava, e até hoje é uma confusão lá, porque ele entra pro banheiro pra tomar banho e ele não precisa pegar toalha, ele não precisa pegar cueca, ele não precisa pegar roupa. Ele vai pro banheiro e aí ele começa a gritar minha mãe. Com catorze anos isso pra mim era uma coisa absurda assim. Que eu não podia dizer pra ele, mas eu também não podia dizer pra ela. Mas que foi com catorze que eu olhei e falei: “Nunca vou ser igual a minha mãe.” Foi assim um momento que... e depois fui, várias coisas. Mas foi um momento que eu olhei e falei: “Eu não vou viver em nenhum relacionamento nesse nível de submissão. Porque a minha mãe só faz aquilo que meu pai permite que ela faça. E é nítido que ela tem muitas mágoas em relação a isso. Porque aí quando extrapola ela fala: “Ah, porque seu pai não me deixa fazer nada. Eu nunca pude escolher nada nessa casa.” Que aí meu pai foi construindo a casa do jeito da cabeça dele. Foi comprando as coisas e até hoje ela fala: “Ah, porque as coisas nunca saíram do meu jeito.” E aí eu falo pra ela: “Então, foi uma escolha sua, né? Não tem como a gente ir lá brigar com ele porque você deixou as coisas chegarem nesse nível.” Mas isso foi algo que marcou a minha adolescência, de olhar e falar: “Não vou ser a minha mãe.” Não vou trilhar o mesmo caminho que ela. E pra não trilhar o mesmo caminho que ela tem que estudar. Então assim com catorze anos eu já tinha uma lucidez de olhar e falar: “Eu vou mudar a minha história e pra mudar a minha história eu vou ter que confrontar a minha imagem do feminino.” Em partes eu consegui, acho que rapidamente. Porque como minha mãe sempre teve muitos filhos, a

educação sempre foi uma responsabilidade de cada filho. Se quisesse estudar, estudava. Se não quisesse, não estudava. Mas se quisesse ela ia fazer tudo. Ia deixar a roupa pronta, ia organizar, ia na reunião. Enfim... Com cinco anos eu comecei no pré. Eu tenho uma imagem muito boa da minha primeira professora do pré. Que como era público tinha muitos espaços. Então eu tenho imagens da escola brincando no tanque de areia. Tenho imagens muito boas nesse sentido. Quando eu... acho que lá pela segunda, terceira série eu já tinha entendido que eu era uma menina negra.

M: Como foi? Você lembra de alguma coisa que te fez entender isso?

Ma: Eu sempre gostei muito de ler e aí com seis anos eu já lia. Sempre fui muito estudiosa tal. E aí lá pela terceira série eu fui ficando frustrada porque eu sempre fui muito boa, mas aí eu falava: "Nossa, eu faço uma pergunta a professora não responde." Eu quero fazer uma leitura e aí se eu me oferecesse pra uma leitura não era considerada. Então foi com nove anos que eu percebi que o meu conhecimento o fato de ser... e aí eu fiz um movimento que foi: ser sempre muito comportada. Então eu não respondia, eu não alterava a voz. Eu só tirava dez. Eu entendi que a forma de sobreviver naquele espaço que não me queria, porque era essa sensação que eu tive por toda a infância, era me tornar invisível. Mas invisível boa! Porque se fosse invisível ruim as pessoas falariam. Então se eu fosse muito boa... E invisível! Mas era invisível que passava porque não precisava falar nada. Nem a favor nem contra. Então era muito boa invisível. E ser boa me tornou invisível. Então eu tinha essa dimensão de que não teria porque reclamar, os professores não teriam porque reclamar. E eu ia guardar o meu reconhecimento pra mim mesma. Então eu fui me fechando muito assim. No final da infância eu era super-retraída. Muito tímida. Eu ainda sou muito tímida. Então aí eu fui guardando as coisas pra mim. E eu não tinha amigas. Acho que essa era uma outra... Eu me lembro com nove anos de ficar muito triste porque eu tinha uma única amiga que era japonesa.

M: Não tinha mais crianças negras na sua sala?

Ma: Tinha uma menina negra, mas que era super-retraída também. Que nunca, eu não me lembro de ter conversado nem brincado com ela assim. Uma outra amiga muito branca e que foi com quem eu mantive contato do pré até a fase adulta. E essa amiga japonesa que os pais tavam trabalhando no Japão. E aí todo início de ano pra mim era uma tortura porque ela chegava, voltava das férias com aquele monte de canetinhas coloridas, essas coisas que a gente encontra nessas lojas japonesa. E ela trazia aquele monte de coisa, eu ficava olhando tudo aquilo e falava: "Nossa, esse mundo não é pra mim. Essas coisas não vão chegar pra mim." Então essa é uma das imagens que eu tenho. Tinha um menino muito pretinho na

minha sala também com quem eu nunca conversei. É uma coisa que depois de adulto eu olho: “Nossa, por que que a gente não conseguiu interagir, né?” Eram três pontos fora da curva. Ele, essa outra menina que tava sempre de trança então, eu me lembro dela de óculos, de trança, a mãe dela fazia várias tranças então ela cada hora ela estava com uma trança diferente, e eu. Em nenhum momento nós estabelecemos relações. E aí eu não consigo... Não sei se nós não éramos autorizados, sabe? É estranho isso, mas é como se não pudéssemos estar juntos pra não formar um bloco. Então acho que de alguma forma isso foi colocado pelos adultos. E aí foi isso, eu passei todo o ensino fundamental sem nunca ter tirado uma nota vermelha assim, nenhuma nota menor do que sete. Mas isso nunca foi pra minha mãe pra dizer algo “Nossa, minha filha é superinteligente.” Era ok. Você é diferente dos seus irmãos, mas isso nunca foi algo diferente que pudesse dizer “nossa que legal que você é assim.” Minha mãe nunca me disse que eu sou bonita. Até hoje isso... inclusive hoje isso é um problema. Porque hoje ela olha e fala: “Mas esse seu cabelo...” Há anos ela fala isso. Ela não dá conta, né? Quando a Mayza nasceu foi uma e ainda é entre as minhas irmãs uma questão do porquê eu não faço alguma coisa pra deixar o cabelo da Mayza mais maleável e pra ela sofrer menos na hora de pentear o cabelo. Eu tenho essa coisa de que eu sempre fui o ponto fora da curva mesmo dentro dessa família, porque a minha mãe vem de uma ideia de que a gente precisa ser o mais comportada possível pra não incomodar o mundo. Foi assim que ela estabeleceu as relações e ela é querida pelo bairro inteiro. Todo mundo adora! Enfim, eu olho isso como uma característica muito ruim nela. As pessoas dizem: “Ah, sua mãe é maravilhosa! Sua mãe é um doce porque ela faz por todo mundo.” Eu olho e falo: “Então, não.” Isso pra mim não é uma característica boa! Nunca foi! E embora ela seja uma pessoa muito boa, mas o preço disso é muito grande. E dentro disso a gente precisava ser assim também. Muito comportada, muito no padrão. Minha mãe não usa roupas coloridas, não usa vermelho de jeito nenhum, nada que remeta a uma coisa mais... não. E ela odeia roupa preta. Não usa vermelho, não usa preto...

M: O que você associa com isso?

Ma: Tem a questão da religião também. Que aí essa é uma questão, um problema na minha infância. Tem alguns silêncios familiares que se mantiveram durante décadas e que a gente não consegue acessar, mas assim... A irmã da minha avó por parte de pai ela era espírita, ela incorporava com muita facilidade. E ela tinha um centro dentro da casa dela. Ela morava no Tremembé e ela tinha um centro de umbanda. E ela é madrinha do meu pai. Então meu pai tem essa coisa das hierarquias. A madrinha é a madrinha. Então você não confronta a mãe, não confronta a madrinha. A madrinha mandou, obedece. Então dentro da minha casa

era uma coisa assim: Não pode ter contato com umbanda e com candomblé porque isso é demoníaco, porque as pessoas não vão pra frente se elas levam essa vida, não sei o quê, não sei o quê lá. Mas a madrinha do meu pai fazia as festas de santo, convidava meu pai, e aí a gente ia. Porque ela tinha convidado e a gente tinha que ir. Só que meu pai sempre odiou. Minha mãe gostava. Então minha mãe ia, fazia as coisas lá com a minha avó, com a minha tia. Minha mãe era mais... acho que se a minha mãe fosse um pouco mais livre nessa relação com meu pai, talvez a gente tivesse tido contato efetivamente com a umbanda que era o que era mais próximo de nós. Até porque a minha mãe é uma pessoa muito destemida em relação a isso. Eu me lembro que nós tínhamos um vizinho que não era da umbanda, mas que incorporava em casa, assim. De vez em quando a vizinha gritava que ele tava lá passando mal, conversando não sei o quê. Aí chamava a dona Jovelina. Aí a minha mãe ia lá, conversava, dizia o que você quer, você tá precisando. Ela conversava, eu me lembro disso assim. Ela conversar com os espíritos resolverem voltar pra casa e falava: “Ah, tá tudo certo.” Eu olhava aquilo e falava: “Gente, como assim?!” Sempre foi assim. Preciso lá fazer um trabalho não sei na onde, ela mandou fazer um trabalho na encruzilhada, tenho medo. Você não vai comigo? Vou! Então não tinha essa coisa dela. Mas tinha essa coisa do meu pai. E aí lá com os quatro anos a gente ia e ficava solto. E aí festa de Cosme e Damião pra mim sempre foi um grande problema. Eu tenho pavor de ter contato com as pessoas incorporando os eres. Porquê? Porque eu tinha muito medo. Eu tenho a imagem nítida da minha tia com a chupeta, com o guaraná querendo me dar bala e eu não pegava ...só que eu não saia. Ela me chamava eu não ia, mas eu não saia do lugar. É uma imagem muito ruim de medo, de pavor de pensar como é que eu ia lidar com isso. Minha mãe na cozinha ajudando a fazer as comidas e todo mundo solto. Minhas irmãs não tinham nenhum problema com isso, mas pra mim sempre foi um grande nó na minha vida e é até hoje. Foi sempre um grande nó. Aí voltava pra casa e ninguém falava sobre o assunto.

M: O que é o nó?

Ma: O nó é o medo. Medo das religiões afro. Não é só medo, é pavor. E aí assim quando minha tia não tava incorporada, que ela tava lá bem eu também não falava. Aí ela ia na casa da minha mãe e eu olhava e falava: “Não chega perto dela não. Que vai que acontece alguma coisa.” Hoje eu falo assim, nossa, porque ela já morreu. Ela morreu tem dez anos. E eu sempre gostei muito dela. Então se tivesse todo mundo junto eu ia lá e sentava no colo dela. Se minha tia ficou sozinha eu corria. E aí hoje eu falo assim: “Nossa, se minha tia tivesse viva eu ia perguntar tanta coisa pra ela. Eu ia pedir tanta orientação.” Porque ela era uma pessoa maravilhosa assim, mas essa relação da minha mãe e do meu pai com a religião e

de estar na minha tia e não poder estar, mas não era pra falar sobre isso, criou na minha cabeça um espaço confuso. Ainda é muito confuso. Eu tenho pânico, assim como eu tenho pânico de água. Falo que são dois traumas. O trauma desse contato com a religião não conversado, jogado. E aí eu fico pensando que com quatro anos eu não tinha a menor condição de entender o que era ela naquele momento, porque não era ela, e ninguém me dizia que não era ela e porque ela estava daquele jeito. Então essa imagem é uma imagem de abandono pra mim. Eu tô frágil diante de uma pessoa que eu conheço, mas não conheço, eu não sei o que fazer com isso. Ainda hoje é dessa mesma forma. Até recentemente a Cris fala pra mim: “Você precisa resolver isso! Precisa conversar com alguém sobre isso.” Depois de adulto eu fui duas vezes e foi pior a sensação. E aí eu falei: “Eu não dou conta disso.” São essas coisas. E aí minha irmã mais velha ela oscila, tem horas que ela vai... porque ela sentiu um contato muito direto com a minha tia. Ela era mais velha e sei lá por que cargas d’água ela sentava com a minha tia pra conversar, mas também nunca conversou muito sobre isso. Ela vai pro kardecismo, hora vai pra umbanda. E minha mãe toda hora fala assim: “Silvana, a vida dela não anda, porque ela fica mexendo com essas coisas”. Então minha mãe tem essa coisa. Aquela que vai lá e pedi a receitinha e o pozinho na hora que o negócio tá pegando fogo, entendeu? Porque é assim! Que se alguém precisar ela vai junto. Mas que ao mesmo tempo ela vive essa dubiedade de que se acontecer qualquer coisa é por conta da religião. E tem a minha irmã depois de mim, que é um ano mais velha, que é da umbanda. Que há uns dois anos, três anos atrás, cismou que eu tinha que ir com ela. Depois eu conto essa história e não deu certo. Que é a pessoa que eu amo e que herdou a minha mãe nessa coisa de não ter medo. Então meu irmão tem um monte de problemas e alguém precisava fazer uma intervenção espiritual, há três anos atrás que ele chegou aqui com a minha cunhada totalmente transtornado. Eu tinha certeza de que era uma questão espiritual muito grave. Não consegui entrar na minha casa. E a minha cunhada desesperada: “Preciso levar ele em algum lugar.” Eu falei: “Eu não vou.” Aí liguei pra minha irmã mais velha e falei: “Tá acontecendo isso, isso e isso. Tem alguma coisa aqui que pegou ele de um jeito e alguém precisa fazer alguma coisa, vem pra cá.” E aí minha irmã falou: “Vamos juntas.” Aí eu: “Não vou!” Então eu tenho uma lucidez do processo, eu intervenho, mas eu não. Aí ela foi, depois a gente acompanhou e tal. Ele não enlouqueceu por... uma fração de segundos. Foi uma coisa muito pesada mesmo. De não reconhecer ninguém, de não comer, de não querer tomar banho. E na hora eu olhei pra minha cunhada e falei: “É espiritual”. Ela disse: “Mas a gente vai fazer o quê?”. “Ele precisa ir pra algum lugar. Só que não sou eu a pessoa que vai levar, né?” E ela veio me procurar porque ela não queria preocupar a minha mãe. E essa minha irmã ela meio que ocupa esse

lugar da minha mãe. Então ela vai, ela faz. Tem que fazer tal coisa, tem que fazer o ebô. Ela é a pessoa da família que todo mundo critica, mas que ela vai lá e resolve. A gente tem uma proximidade com essa questão muito grande. Eu lamento muito o quanto o racismo ele marcou a nossa história de uma maneira muito ruim. Eu não tenho dúvidas que muitas de nós ali tem o canal espiritual muito forte, mas a gente não conseguiu desenvolver.

M: Você vê o racismo através dessa questão da fé.

Ma: Totalmente! Total assim. É uma coisa... isso não é coisa de pessoa boas. E os negros bons não se envolvem com coisas ruins. Então isso pra mim é muito presente assim. Que só não foi pior por conta da hierarquia da madrinha. Porque se não fosse a madrinha do meu pai talvez tivesse sido melhor, eu penso. Então a forma do meu pai lidar com isso foi muito ruim. Acho que nos afeta diretamente e eu não consigo. Se você me falar assim: “Olha, vou jogar búzios...” Quando eu fui jogar búzios, foi a única vez que eu fui porque eu tava num período muito difícil da minha vida e aí eu falei: “Nossa, eu preciso criar coragem para, pelo menos, entender um pouco da minha história.” E aí eu fui, mas eu não fui no terreiro, eu fui na casa. Eu dizia assim: “Eu não vou entrar!” Então tem essa questão da espiritualidade de uma família muito católica, porque por outro lado tinha que ir pra missa todos os domingos. Então eu fui batizada, fiz crisma, primeira comunhão, casei e batizei o Henrique e o Gustavo na mesma igreja. Depois eu rompi e a Mayza não é batizada até hoje. Aí minha mãe é outra guerra porque diz que Mayza com seis anos continua pagã dentro da perspectiva dela. Eu não consigo com a Mayza. A gente entrou na igreja porque o Henrique resolve fazer o encontro de jovens, aí tinha uma missa e eu fui com ela. E ela dizia assim pra mim: “Eu não quero tá nesse lugar, isso aqui é muito ruim. Esse lugar é péssimo.” E as pessoas ouvindo... “Mayza, filha...” “Não aguento ficar nesse lugar.” E aí eu pensava que se minha mãe estivesse aqui do meu lado seria a quarta guerra mundial. Mas a Mayza não suporta, que pra mim isso é um sinal entendeu? E ela tem uma sensibilidade que me preocupa. Eu acho que eu ainda vou... entendeu? Eu acho que eu vou me ver com isso ainda. Essa história ainda não acabou.

A herança tá circulando. (risos) Então pra mim isso é uma questão ainda pra ser resolvida. Porque ela fala... ela fala com uma lucidez “Isso aqui é horrível.” E as pessoas estavam cantando. “Mas o canto é bonito” eu falava. “Isso não é bom, mãe.” “Mas filha você.” “Não, mãe. Isso é horrível. Eu quero sair daqui.” Tanto que eu saí com ela de dentro da igreja, teve uma hora que eu falei: “Tá bom! Vamos sair. Vamos ficar lá fora esperando o seu irmão.” E ela falava: “Não sei como as pessoas conseguem ficar aqui.” “Mas Mayza filha...” Então não sei qual é a questão, mas não sei ainda, em relação a espiritualidade tem essa questão.

Então essa foi assim, basicamente minha infância e adolescência. Não tive namorados até os quinze. Não tive nenhum namorado, não tive nenhuma proposta de namoro. Porque não é só não ter namorado, mas assim, nunca ninguém olhou e falou “Nossa, que legal. Você é bonita.” Isso nunca me aconteceu. Nunca me achei bonita nessa fase. E aí com quinze eu conheci, com quatorze na verdade, eu conheci um amigo do meu irmão mais velho que tem oito anos de diferença, que foi meu primeiro namorado. Que foi um namoro meio que arranjado. Não foi arranjado, mas é aquela coisa, tá na casa e todo mundo fala “Mas vocês fazem um casal bonitinho, não sei o que lá.” E aí comecei a namorar com ele, não me pergunte porquê. A gente namorou seis anos E com dezenove eu casei! Só que ao mesmo tempo...

M: Com ele?

Ma: Com ele. Primeiro namorado. Só que ao mesmo tempo que tinha essa coisa de cumprir as metas familiares, tinha a coisa da transgressão. Eu comecei a namorar com catorze, com dezesseis eu decidi que eu ia transar. Mas eu já tinha a história das minhas irmãs que tinha engravidado. Então eu dizia pra ele: “Se a gente for transar...” Porque eu sempre fui muito racional. “Eu só vou transar com você depois que eu passar no médico”, com dezesseis anos. Então ele marcou a consulta, foi comigo no ginecologista. Chegando lá o ginecologista explicou tudo. Eu fui sozinha com dezesseis e ele junto. Minha mãe até hoje acha que eu casei virgem. Depois eu falei que não ia contar essa história pra ela. Porque ele era o genro ideal. E aí fiz três meses, tinha que ficar dois meses sem transar depois que tinha começado a tomar o anticoncepcional, eu falei pra ele: “Não! Vou tomar três.”. (risos) Vou garantir. Ele comprava o remédio, ele tinha 21/22. E como a minha mãe tinha um monte de filho, uma coisa que ela não fazia era ficar vigiando as nossas coisas. Então tava lá na minha bolsa, eu tomava e aí com dezesseis anos já tava transando. Ele disse que conversou com um amigo que resolveu onde a gente iria, um negócio superarranjado. Foi tudo friamente calculado. A gente transou, foi bom. E a gente ficou junto. Só que com dezessete... dezesseis para dezessete a gente já... era como se nós já fôssemos casados. Porque aí minha mãe incorporou ele na família. Então ele não podia dormir comigo, mas ele dormia no sofá da sala, ele passou a morar na minha casa quando eu tinha dezesseis anos. Essa é uma coisa que eu tenho. Uma crítica que eu tenho em relação a minha mãe que inclusive já falei pra ela. Eu disse pra ela no meu divórcio, eu disse pra ela: “Vocês não podiam ter me deixado viver um casamento com dezesseis anos.” Não, mas a responsabilidade não é minha. “A responsabilidade era dos adultos.” Eu não tinha a menor condição de escolher com quinze anos, com quem eu queria viver pro resto da vida. Porque foi essa cobrança, que é ainda hoje uma cobrança da minha mãe, o meu divórcio. Que

eu não poderia ter me divorciado nunca. E aí eu disse assim: “Eu não podia ter casado nunca sem ter maturidade pra isso.” Então tem umas coisas assim. E aí a gente começou a transar, foi indo, começou a construir a casa... casamos! Com dezenove eu casei. E aí meu casamento foi tudo. Vai escolher vestido, teve festa, foram 200 convites, o bolo maior que essa mesa. Tudo que você imaginava.

M: Você estava entusiasmada? Porque eu tô te ouvindo assim parece que não tava.

Ma: Era assim... era cumprir mais uma tarefa. E aí eu me lembro de chegar no altar. E aí minha sogra me odiava, que já morreu, como diz minha mãe "Que Deus a tenha". Ela sempre me odiou, porque tirei o filho que era quem cuidava das questões dela e ela não foi no casamento. E eu sabia que ela não iria. Porque eu tenho essa coisa da intuição, entendeu? Antes das coisas acontecerem... E aí a gente: “Precisa comprar roupa pra sua mãe.” Porque se a minha família era pobre, a dele muito mais pobre do que a minha. Morava em uma condição muito precária e eu dizia pra ele: “Precisa pegar sua mãe pra comprar uma roupa pro casamento.” E ela: “Ai, eu vou comprar sozinha, não sei o quê.” E aí um dia eu virei pra ele e falei: “Você sabe que sua mãe não vai no seu casamento, né?” “Imagina que minha mãe vai fazer isso!” Porque ele era o filho predileto. “Sua mãe não vai no seu casamento.” E ele ficou muito bravo comigo. E aí eu entro no altar, eu entro na igreja, eu olho pro altar e chego perto dele e falo: “Cadê sua mãe?”, “Não veio.”, “Então te disse.” Aí tá lá o padre: “Não sei o que lá. Que sejam felizes para sempre. Não sei o que, não sei o que lá. Os votos.” E aí eu no altar eu olho pro padre, bem na cara do padre e penso assim comigo: “Quem disse que é pra sempre?” Eu tinha absoluta noção que aquele casamento não tinha... não era pra mim. Era uma coisa assim... é horrível, é horrível dizer isso, eu estava representando ali. Era um caminho que tinha sido colocado pra mim e que eu tava... foi uma grande representação, uma grande encenação. Não que eu não gostasse dele porque aí eu acho que nem teria casado, mas assim, eu tenho hoje dimensão que eu casei pra poder sair dessa família tão grande. Porque a gente não saía da condição de pobreza. Então assim... nessa idade eu já trabalhava. Aí eu comecei a fazer estágio com quinze anos. Eu já fazia estágio na Paulista. Eu estudava na Penha, morava aqui, o metro era só até a Penha. Então eu saía 5h da manhã, pegava ônibus “lotadíssimo” pra chegar na escola as 7h. Estudava até 12h20. Saía da escola 12h20 e tinha que estar 13h na Paulista, no Conjunto Nacional. Sendo que não tinha metrô na Paulista e aí tinha que descer no Paraíso e pegar outro ônibus pra atravessar a Paulista. Dos quinze aos dezoito minha vida foi essa loucura. Porque eu saía de lá 7h da noite e chegava em casa 9h30 da noite. Então eu não tinha vida, eu não saía. Isso não era um problema. Eu acho que a condição de pobreza... trabalhava, fazia estágio, pra ajudar a pagar as contas da casa. Porque

aí foi o período que meu pai, década de 90, período de crise, porque meu pai já não estava ganhando tanto. Nós éramos grandes, então a despesa aumenta muito, né? Alimentar dez crianças... Então hoje eu falo assim: “Eu não tinha como sair de casa pra morar sozinha com dezenove, mas eu precisava me livrar dessa família, do peso de eu não vou conseguir fazer nada enquanto eu tiver nesse grupão enorme.” O casamento foi uma alternativa, péssima por sinal, nesse aspecto porque acabou me prendendo pra outras coisas. E meu ex-marido é a pessoa mais parada do universo. É minha mãe. Uma pessoa que não... que montou um salão de cabelereiro na frente da casa da minha mãe. Ele aprendeu sozinho a cortar cabelo, ele gosta e tal. Fizeram um salão pra ele na frente da casa da minha mãe e eu morava no fundo. Eu me divorciei em 2009, ele continua com o salão lá. Muitas pessoas acham que ele é o filho e que eu sou a nora. Algumas pessoas falam: “Você é a nora da Dona...?”, “Não sou a nora, sou a filha.”, “Você não era casada com o cabelereiro?”. “Sim”, “E ele tá lá.” Então, é isso. E aí a gente casou, eu tinha dezenove. Com essa coisa de que o casamento não seria pra sempre, mas ele era na minha cabeça a alternativa possível naquele momento. Eu nunca acreditei no amor, nessa coisa assim: “Ai, vou ver estrelas.” Essas coisas sempre foi uma grande mentira que as pessoas se apaixonam a ponto de perder o sono. Isso pra mim sempre foi história de livro de romance barato! Sempre fui assim! Sempre cética. Então casar... Já que o amor não existia da forma como eu lia nos contos, casar, com ele ou com qualquer outra pessoa seria a mesma coisa, na minha cabeça com dezenove anos. Eu tava marcada com essa invisibilidade. Não sou bonita, não vou ter ninguém me esperando em lugar nenhum. Se eu não casar com ele agora, acho que eu vou casar daqui a dez anos, então caso de uma vez.

M: Ele é negro?

Ma: Ele é negro. Que tem essa questão também, né? Porque eu nunca me vi olhando para homem branco. Eu nunca achei os homens brancos bonitos pra mim nunca foi uma... Hoje eu penso, se eu nunca achei ou se eu achei que não poderia achar porque eles não me achariam atraente. Mas de fato nunca me relacionei. Mas nunca me relacionei com ninguém, né? Porque eu me relacionei só com o meu marido até quando me divorciei com trinta e quatro, trinta e cinco anos.

Logo depois que me casei eu prestei o concurso da prefeitura de São Paulo com vinte anos, eu entrei na prefeitura e falei: “Vou dar um tempo agora.” Porque eu queria continuar estudando, mas não era possível porque eu ganhava muito pouco. E ele no salão ganhava quase nada, mas pra ele a vida era isso. E ele continua na mesma vida até hoje. Ele não tinha nem o ensino fundamental. Depois que os meninos cresceram que ele fez o EJA e aí terminou, mas também... pra ele isso não faz o menor sentido. E aí eu tinha assim: “Eu quero estudar!”

Aí olhava pro meu casamento e dizia assim: “A hora que eu for estudar esse casamento acaba.” E aí eu falava assim: “Tô no meu momento de estudar.” Eu vivi vários processos assim de olhar e ter clareza que a hora que eu decidisse andar, não teria a menor possibilidade de continuar com ele. Que foi o que aconteceu. E aí com vinte... eu fiquei cinco anos com ele, sem filhos, a gente viajava fazia as coisas que eu queria tal. Com 24 eu decidi que ia engravidar, e aí é isso, eu decidi e engravidei dele. Foi uma coisa assim “Vamos engravidar. Eu quero ter um filho.” Eu fiquei grávida, ele ficou superfeliz. Dois anos depois eu decidi que queria outro, engravidei de novo. Ele ia a rodo, né? Pra ele tava muito tranquilo, porque aí depois que os meninos nasceram eu me dei conta que o negócio tinha ficado complicado, que eu falei: “Nossa, dois filhos. Eu não tenho condição de sustentar dois filhos e eu não tenho um pai que vá sustentar.” E aí eu olhava pra minha história de infância e adolescência falava assim: “Eu não quero que meus filhos passem por todas as privações que eu passei.” Porque embora eu tinha tido muito afeto, não foi o suficiente. A gente em alguns momentos passou fome. Eu falava assim: “Não quero passar fome ou não quero viver como meu pai vivia.” Tinha épocas que a gente tinha muito dinheiro que aí ele comprava... que meu pai a vida dele foi comer; comprava assim, tudo que você imaginar de carne exótica, prato exótico. Que como sempre ele trabalhou em casas de alto padrão ele tentava reproduzir isso. “Ah eu comi carne de carneiro com não sei o que lá.” Aí ia lá e comprava aqueles negócios enormes e minha mãe fazia aqueles banquetes, vinha todo mundo da rua comer. Então para o meu pai trabalhar sempre foi pôr comida na mesa. Tanto que até os dezenove anos a gente morou numa casa feita de tábuas. Não era na favela porque ele tinha conseguido comprar o terreno, um terreno enorme. Eram cinco cômodos, todos de madeira, e vai trazer coisa de obra e vai fazendo. Só com vinte anos a gente ajudou. Os irmãos olharam e falaram: “A gente precisa dar uma casa melhor pra mãe.” E aí a gente comprava os materiais e meu pai fez a casa, nos intervalos entre uma obra e outra que é a casa que eles moram até hoje. Então foi um momento decisivo pra mim. Porque o Henrique tinha dois anos, o Gustavo era bebê. E aí olhei e falei: “Eu preciso mudar de vida. Para isso eu preciso ter nível superior. E eu preciso fazer isso antes deles entrarem na escola, porque depois eu vou ter que dar conta das despesas deles.” Então foi exatamente, dois anos eu olhei e falei: “Quatro anos de faculdade aí, Henrique vai tá com seis, a hora que ele vai pro primeiro ano, eu termino e eles começam a escola.” Foi esse o pensamento, foi esse o cálculo pra faculdade particular, obviamente. E aí comecei fazer faculdade. Trabalhava na prefeitura, ia pra faculdade a noite e eles ficavam com o pai. Porque já que o pai não tinha outra função, ficava lá no salão. Durante o dia eles ficavam com uma moça, que hoje é a madrinha do Gustavo que eu gosto muito dela, e aí eu

pagava pra ficar com eles durante o dia. Que eu entendia que a minha mãe não tinha mais idade pra cuidar o tempo todo e a noite ficava com o pai. E aí eu comecei fazer faculdade. E aí a distância vai aumentando, e aí eu dizia pro meu ex-marido “Você precisa fazer alguma coisa. Não precisa estudar, mas você precisa ter renda, você precisa pensar em alguma coisa pra você porque essa relação tá ficando muito desigual.” Como ele via aquela família e pra minha mãe o casamento é uma coisa indissolúvel, na cabeça dele eu jamais me divorciaria. E eu dizia pra ele: “Vai chegar uma hora que eu vou embora.” Entrava por um ouvido e saia pelo outro. Aí fiz a faculdade, terminei a faculdade, os meninos começaram a estudar e aí um dia eu disse pra ele: “A hora que eles crescerem a gente não vai ter mais o que fazer juntos. Porque a gente ainda conversa, mas vai chegar uma hora que as necessidades serão outras também. A gente não vai ter mais por quê tá junto.” E aí eu olhava pro futuro: “Isso vai acontecer!” Sabe quando você vai indo, isso vai acontecer. E na época eu dizia: “Isso vai acontecer, é só uma questão de tempo. Eu só preciso me organizar pra isso.” Terminei a faculdade. E logo depois que eu terminei abriu um concurso pra prefeitura de São Paulo. Porque eu fiz a faculdade, eu terminei em 2006.

M: Serviço Social?

Ma: Serviço Social! Terminei com 31. Porque eu entrei com 27 para 28.

M: Você escolheu Serviço Social? Porquê?

Ma: Eu escolhi Serviço Social porque quando eu trabalhava... quando entrei na prefeitura entrei na área da saúde e nos quatro primeiros anos eu trabalhei em uma unidade básica de 91 a 96. Tive muito pouco contato com a Assistente Social de lá. Em 96 entrou o PAS em São Paulo, período do Maluf, aquele transtorno. E aí nesse período eu fui transferida para uma unidade de HIV/Aids. E aí todo mundo que não aderiu, que não saiu da saúde que não foi para outras secretarias foi para o serviço de HIV. Então na época que eu fui pra lá tinha dez assistentes sociais no mesmo espaço. E eu sempre gostei de conversar, de atender o público, de ir lá tentar resolver não sei o quê. Então tinha muita gente do administrativo. Sei lá, tinha vinte funcionários do administrativo para uma recepção que cabia quatro. Então atendia e na hora que dava uma folga eu ia pra sala das Assistentes Sociais e ficava lá com elas. E aí eu comecei a participar dos projetos de prevenção, trabalho em rua, fui me envolvendo. E aí eu falei: “Vou fazer Serviço Social.” Fiquei nessa coisa: faço Psicologia, faço Serviço Social. Mas eu gostava mais das Assistentes Sociais do que das Psicólogas, tinham oito Psicólogas lá. Mas eu acho que pela própria natureza do serviço, eu acompanhei o atendimento do Serviço Social. Porque a psicologia atendia individual, então não tinha como eu ficar lá bisbilhotando. Então acho que tem a ver com o trabalho mesmo. E aí fiz Serviço

Social, fiz estágio lá, porque aí não tinha como fazer estágio em outro horário. E aí quando eu terminei a faculdade eu fui ser gerente de uma unidade de saúde. Fui convidada para ser gerente de uma unidade. Fiquei gerente por três anos porque precisava do nível superior, eu já tinha sido chefe administrativo. Enfim, eu fui fazendo um monte de coisa. Porque eu tinha um plano que era “Preciso dobrar minha renda.” No mínimo. Para poder garantir. Era esse o meu motor. Preciso ter o dobro do que eu tenho hoje, pelo menos. Para poder permitir que meus filhos sonhem, porque eu não podia sonhar na idade deles assim. Eu acho que eu voltei a sonhar depois que eu fiz a faculdade. Pra mim isso era uma questão assim. Tinha um monte de coisa que eu queria ter feito, mas que quando eu pensava assim: “Queria tal coisa”, eu parava e falava: “Não, eu não posso querer.” Então isso pra mim sempre foi uma assim, uma mola disparadora. Eu não quero dizer para os meus filhos que eles não vão poder. Aí fiquei três anos como gerente. E aí não saía concurso pra Assistente Social. Fazia vinte anos que não saía concurso pra Assistente Social na prefeitura de São Paulo. E aí abriu concurso. Eu não só queria ser Assistente Social, como eu queria continuar trabalhando no mesmo lugar que eu trabalhava. Então eu estudei muito. Ralei, ralei, ralei. Porque eu falava assim, eram 900 vagas. Eu quero passar entre as primeiras porque eu quero poder escolher e continuar no mesmo lugar. E eu passei! Passei em décimo nono. E aí fui para escolha de vaga e imagina que alguém vai escolher Aids, pra quem não é da Saúde. Então quando eu cheguei, quando eu passei, falei: “Gente, essa vaga é minha!”. Tinham duas vagas e aí a primeira vaga foi minha, e eu voltei para a mesma unidade como Assistente Social. Pra mim foi uma grande vitória assim. Porque as pessoas olhavam e falavam: “Não acredito como você conseguiu sair de alguém que trabalhava no balcão e de repente você volta no mesmo lugar como Assistente Social”. “Mas era isso que eu queria!”

M: Você acha que a tua mola foi teus filhos? O gás para essa guerra foi seus filhos?

Ma: O gás para dobrar a renda foram eles. Agora a mola para querer todas essas coisas era: “Eu não vou ser igual a minha mãe.” Então tinham duas coisas. Tinha por um lado, eles não tem um pai que vai conseguir dar conta de questões. Mas tem uma coisa que é: eu também não vou continuar sendo essa mulher que vai carregar os filhos e o marido. Então tinha essa questão subjetiva muito presente. E como eu nunca tinha sido apaixonada por ele falava assim: “A hora que eu conseguir me organizar esse casamento perde sentido.” E aí quando eu dobrei a renda eu disse pra ele: “Então, você já não conseguia me ajudar financeiramente, agora você não tem mais função nenhuma na minha vida.” Entendeu? Porque... “Ah, mas eu cuido da casa, lavo a roupa...”, “Mas isso qualquer pessoa faz. Não faz mais sentido esse casamento”. Então a faculdade pra mim foi libertadora. Foi assim, foi o

momento que eu falei: “Bom, até aqui eu fiz tudo que queriam que eu fizesse, porque eu dependia de todo mundo, agora eu não dependo de mais ninguém. Dependo só de mim.” Pra mim teve esse sentido de significado assim. Sou livre! Finalmente, eu sou livre para fazer da minha vida o que eu bem quiser. E foi isso...

E aí assim, aí, Miriam... Minha mãe dizia assim: “Mas por que você precisa estudar? Vocês moram aqui, não pagam aluguel.” Então pra minha mãe isso sempre foi um grande espanto. Por um lado ela falava: “Ah, a minha filha tá fazendo faculdade.” Mas por outro ela dizia: “Por que você precisa estudar se você já tem dois filhos pra cuidar e um marido?” Que depois isso se repetiu no mestrado, o doutorado agora foi outro parto que para ela...aí vem a mudança total. Eu terminei a faculdade, voltei como Assistente Social. Quando eu comecei a trabalhar como Assistente Social eles mudaram de escola. Porque eles estavam em uma escola pública, aí eu consegui colocar eles em uma escola particular. Os dois. Porque eu tinha essa coisa, eu não ia colocar enquanto não tivesse certeza que eu conseguiria pagar, porque depois eu não queria tirá-los. Eu sempre fui pessoa da racionalidade. Vou fazer isso, que vai chegar aqui... nada pode sair da curva. Então a minha vida foi isso. E sempre deu certo. Então eu dizia: “Daqui a tanto tempo eu vou fazer tal coisa.” Pode contar que tô fazendo. “Eu vou me separar...” E assim, daqui a pouco eu vou me separar. Isso era uma coisa que vinha. Sabe quando alguém tá conversando com você o tempo todo e tá dizendo: “Olha, essa é a próxima coisa que vai acontecer.” Eu tenho isso muito forte. Aí eu fiz... eu fui convidada para dar aula. Então eu terminei em 2006... em 2000... eu terminei em 2005, no meio de 2006 uma Assistente Social que era do serviço onde eu trabalhava da prefeitura, ela passou a ser coordenadora de um curso de Serviço Social e ela falou: “Eu quero que você dê aula.” Porque eu fiz estágio com ela, eu adorava falar e eu falava: “Mas eu ainda não fiz o mestrado.” Mas ela falava: “Você tem toda capacidade de dar aula. Aí você entra e faz o mestrado.” Aí eu comecei a dar aula sem ter entrado no mestrado. Foi uma coisa meio maluca. E aí era o que eu precisava. Porque eu já tinha melhorado meu salário na prefeitura e peguei todos os dias de aula à noite. Aí eu cheguei pra minha mãe e falei “Então agora eu vou começar a dar aula todas as noites porque eu quero comprar uma casa.” Aí minha mãe: “Mas como você vai dar aula todas as noites, mas e as crianças?”. Aí eu falei: “Então, eles vão entender. Eu preciso!” E fui. E meu marido um bico enorme, mas por outro lado pra ele tava suave porque eu trabalhava durante o dia, trabalhava durante a noite. A gente teve uma mudança significativa na nossa vida material. E ele podia dizer pra todo mundo que os filhos estavam em uma boa escola, então era o cara que assim.... Até hoje eu tenho raiva disso. Então assim fica arrotando: “Nossa, porque o Henrique tá fazendo PUC, o Gustavo não sei o quê.” Eu olho pro

cara e falo: “Você não não paga pensão. Mas tá lá pagando de pai orgulhoso.” Para ele no final das contas também era uma vantagem. E aí eu falei “Agora eu vou comprar uma casa.” Eu vou comprar uma casa... em 2008 eu comprei essa casa e aí foi o momento que eu decidi que ia me separar. Porque a gente foi fazer o contrato da Caixa Econômica, comprei financiada antes do boom da “Minha casa, Minha vida”, que foi a melhor coisa que eu fiz na vida. Porque eu comprei essa casa em janeiro, eu paguei nessa casa 115 mil em 2008. Aí teve a questão do governo Lula do Minha Casa, Minha Vida que os imóveis triplicaram, no final de 2009 essa casa já estava valendo 300 mil. E hoje se for pra vender 380/400 aqui nessa região. Então foi uma coisa assim se eu tivesse levado mais um ano, eu acho que não teria comprado por causa da minha renda. Mas não foi isso. Quando a gente chegou na Caixa Econômica eu e ele, casados... Aí o gerente olhou, pegou meus documentos, pegou o dele e falou assim pra ele: “Não preciso nem dos seus documentos. Porque sua renda é zero.” Porque ele não tinha nem conta no banco. E aí naquela hora eu olhei e pensei: “Meu, ele não teve o menor constrangimento... assim, entendeu?” Como assim, você está numa relação com uma pessoa, você tá comprando uma casa com dois filhos, o gerente viu... porque é uma relação entre homens. Olha pro outro e fala assim: “Você não vai nem entrar porque você não tem nada de renda.” Isso não causa nenhum tipo de desconforto. Eu olhei aquela cena e falei. Isso pra mim é assim... eu vim até aqui... Aqui chega! Só que aí era o ano que a minha mãe tava completando 50 anos de casada. E aí tinha todos os preparativos porque teve uma mega de uma festa de 50 anos de casamento da minha mãe e todos os filhos tinham que entrar na igreja de parzinho, porque nós somos 5 e 5. E eu e meu irmão mais novo iríamos levar as alianças. E aí uma semana antes do casamento da minha mãe eu olhei e falei: “Eu não vou ficar 50 anos casada.” Aquilo que para ela era... eu olhava e falava assim: “É isso que eu não quero.” Eu cheguei pra minha irmã mais velha, chamei ela na minha casa e falei pra ela: “Então, vou me separar, eu não aguento mais.” Minha irmã olhou e fez assim: “Demorou pra você fazer isso, né?” Ela falou: “Eu não sei o que estava te faltando... Mas já que você não se separou até agora sossegue seu facho até as bodas de ouro da mãe. Deixa sair as bodas, porque ela não vai te perdoar nunca se você chegar na semana das bodas e falar pra ela que você tá se separando. Então espera, vai lá.” “Mas eu vou ter que entrar com essas alianças.” Se você vê a minha cara entrando na igreja, a raiva que eu tava. Por que eu olhava para aquelas alianças e falava assim: “Gente, a vida da minha mãe condiz com isso aqui, com esses 50 anos.” Tudo bem que eles tiveram muitos momentos felizes, mas minha mãe teve uma vida ferrada de muita pobreza. Hoje eu entendo que meu pai levava a gente pra Minas, largava a gente lá por trinta dias e ele voltava pra São Paulo. E essa minha irmã mais velha tem uma relação com o meu

pai horrorosa, eles se odeiam. Em um dia, ano passado, a gente tava na praia e eu falei pra ela: “Eu queria entender porque vocês se odeiam tanto.” E aí ela falou: “Porque o pai que você tem não é o pai que eu tive.” E eu falei: “Tá, então me conta qual é o pai que você teve.” Ela falou que com dezesseis/dezessete anos quando a mãe tava parindo, ele ia para os bares, pro samba e ele levava a gente, porque era ela e meu irmão mais velho. E aí ela falava assim: “E aí ele comprava refrigerante, salgadinho, colocava um monte de coisa em cima da mesa e falava assim pra gente: 'eu trago vocês, mas se vocês falarem alguma coisa que eu tô fazendo aqui pra sua mãe vocês nunca mais saem comigo.'” E aí ela falava que ele ia ficar com a mulherada, então meu pai teve com ela uma relação muito violenta nesse sentido. E hoje eu falo pra ela... ela fica tentando defender a minha mãe. Eu falo: “Mas você não tá no lugar dela.” Então é muito difícil assim, é muito duro o quanto ela não conseguiu tirar essa marca em relação ao meu pai. Aí ela... por conta disso ela me falou assim: “Deixa passar o casamento, você já tá casada...” Estava a dezesseis anos casada... “Você tá fazendo dezesseis anos, deixa passar o casamento que você conta.” Aí passou o casamento e tal. “Então, vou me separar.” Fui lá e falei pra minha mãe. Meu pai virou pra mim e falou assim “Eu não vou conversar com você sozinha, você vai chamar o seu marido porque eu quero saber dele o que tá acontecendo.” Aí vou eu lá no salão, porque a criatura estava no salão. “Meu pai quer falar com você.” Aí ele entra, ele fala assim pro meu pai: “O que tá acontecendo?”

M: Você já tinha falado pra ele?

Ma: Já tinha falado pra ele. E ele tinha dito que não. E aí foi um ano difícilíssimo. Porque aí ele dizia que não iria se separar, porque não tinha casado pra se separar. Depois ele entrou numa fase se era eu que queria me separar, a gente já tava morando nessa casa, que era eu que tinha que ir embora deixar ele aqui com os filhos, porque afinal de conta era eu que estava fazendo isso, não era ele. Que ele não ia contar para os meninos, eu tive que contar sozinha. O Henrique que é mais velho quando contei virou e falou assim: “Você não pode se separar do meu pai!”. Eu falei: “Por quê?”. Ele falou: “Porque meu pai não vai sobreviver sem você”. Aí eu falei: “Seu pai tem duas pernas, dois braços, seu pai não é uma pessoa doente.” “Não, ele não vai conseguir ficar sem você.” “Vai, filho. Sabe por quê? Porque eu tenho dois filhos, não três, seu pai não é responsabilidade minha.” Mas foi nesse nível de tensão. Mas eu já tinha elaborado isso. Mas ele falava: “Mãe, mas meu pai é muito frágil.” Eu dizia: “Seu pai se faz de frágil e se ele for frágil esse é um problema dele. E vocês quando forem adultos se quiserem levar ele pra morar na casa de vocês podem. Mas eu não quero mais.” E aí fui conversar com a minha mãe e meu pai. Aí vem ele. Aí meu pai: “O que tá acontecendo?” Aí ele vira pro meu pai e fala assim: “Ela quer se separar de mim porque ela

arrumou outro.” Minha mãe na cozinha, então assim a cena. Meu pai sentado, ele sentado na mesa e eu aqui. Minha mãe na pia, porque não é pra se meter, né? Tem que tá lá só lavando a louça. E aí ele me solta essa. Eu olhei pra ele e falei: “Então, eu tô tentando não te expor, mas se é pra gente ir pra esse nível de baixaria eu vou dizer pra você exatamente tudo que acontece.” Aí foi a primeira vez que eu sentei na frente do meu pai e disse: “Não transo mais com ele, não tenho mais prazer com ele, não sei o que lá, não sei o que lá...” Eu falei pra ele... eu falei pro meu pai: “E eu quero de fato me relacionar com outro homem, eu quero sentir o prazer de ter alguém comigo. Então é melhor que eu me separe se não ele vai ser corno mesmo.” E meu pai assim... Porque ele nunca tinha visto falar dessa forma com ele, que foi absolutamente desrespeitosa. Meu pai ficou dois anos sem falar comigo. E aí meu pai depois de eu despejar um monte de coisa... e minha mãe na pia não respirava.

M: E ficou na pia?

Ma: Na pia ficou.

Depois de tudo, meu pai virou pra ele e falou: “Então, tô tentando te ajudar, mas não tem como te defender. Eu lavo as minhas mãos.” Só que lavou as mãos e não falava comigo, né? Eu falei OK! Aí minha mãe também não, porque que absurdo, coitado dele. Porque a mesma coisa que meu filho disse, foi o que eles disseram e o que a minha família fez. Ele é o genro... E aí minhas irmãs até hoje! Até recentemente eu tive uma briga com uma irmã, que eu fui pra praia com os meus filhos para uma casa que eu aluguei e ela falou: “Eu quero ir pra aí, posso passar o fim de semana?” Pode! Aí ela chama meu ex-marido pra levar ela! Mas qual é o problema? Onde é que vocês não entenderam que eu não quero conviver com ele. Que vocês querem conviver com ele. Vocês não me respeitam em relação a isso. Pra mim é um desrespeito ele há dez anos continuar em um espaço que é meu, eu não vou poder fazer nada mais no meu espaço. “Mas ele não é uma pessoa ruim.” Tá, mas eu não quero que ele esteja comigo. Eu não vim pra praia pra ser vigiada. E minha mãe conta tudo pra ele. Eu vou viajar e ela... eu fui pra praia semana passada com a Mayza, eu cheguei na minha mãe e ele fez assim: “Foi pra praia, né?” Eu olhei pra cara dele e: “Fui, estava muito bom.” Mas a pessoa não tem o menor... e ele tá namorando a cinco anos uma moça igual a ele. Mas mesmo assim minha mãe de vez em quando ela solta essa coisa, de que pra ela foi uma grande decepção o meu divórcio. Aí passou... passou esse período. Ninguém nunca me perguntou como é que eu sobrevivi ao período do divórcio, porque todo mundo fez um movimento de “Não vou te ajudar, porque aí se eu não te ajudar você vai voltar com ele.”

M: Mesmo as suas irmãs? Mesmo as mulheres da família?

Ma: Exceto minha irmã mais velha, que é quem tem todos os confrontos. Todas as outras tiveram uma postura de que eu não deveria ter feito isso. Porque a família era o mais importante. Porque afinal de contas ele sempre gostou de mim. Então elas não entendiam. E minha irmã, uma das minhas irmãs teve a coragem de chegar pra mim... assim porque nós temos muitos sobrinhos, tem sempre aqueles que são mais próximos. Os meus dois com os dois filhos dela, sempre foram muito grudados. Então a vida inteira, passava férias lá, passava férias aqui. Quando eu me separei ela virou pra mim, e meu cunhado é extremamente machista, e ela também... machista, homofóbica, tudo que é avesso de mim. Extremamente moralista e preconceituosa. Se é que a gente pode dizer que uma pessoa negra é racista. Mas reproduz de uma maneira que eu olho e falo: "Meu Deus do céu! Ela das minhas irmãs é que casou com o homem mais escuro e é a que mais reproduz o racismo." Mas enfim, no momento do meu divórcio ela chegou aqui e fez assim pra mim: "Então agora eu não levo mais seus filhos para a minha casa." Eu falei "Por que?" "Porque eu não vou levar seus filhos pra você ficar no desfrute!" Ai, Miriam!!! Eu falei: "Então, deixa eu te contar uma coisa: se eu quiser transar, primeiro que eu não preciso transar de madrugada, posso transar a qualquer hora do dia. Segundo que eu não preciso de você pra nada. Então assim, são os meus filhos que não vão mais pra sua casa. Eles vão agora quando eles crescerem, porque se depender de mim... O Henrique tinha onze, dez para onze. Porque se depender de mim eles não vão nunca mais porque eu não vou levar." "Não mas..." Eu falei: "Não, eu já entendi o que você quis dizer e você não se preocupe porque da minha vida cuido eu." E eu sentei os dois e falei: "Então, a partir de hoje vocês não vão mais dormir na casa da sua tia por isso, por isso e por isso." Eu nunca escondi nada deles. Aí o Henrique: "Nossa, mãe!" "O dia que vocês crescerem e tiverem capacidade para ir sozinhos vocês vão, mas eu não levo mais." Eu fiquei três anos sem levá-los. E até hoje a minha relação com ela é muito assim... Teve um corte... Eu falava: "Eu não acredito o nível de moralismo dela..." Ninguém me perguntou como é que eu sobrevivi ao divórcio, morando sozinha nessa casa com os dois pequenos. Isso não era uma questão, já que eu tinha mandado o pobre pra fora. E aí foi a fase que eu vivi literalmente, com 35 anos.

Aí eu tive uma paixão enlouquecedora que me fez perder completamente o rumo. Foi um professor. Aí eu falei que eu estava errada em relação ao amor. Mas foi um processo assim... eu me divorciei e aí tinha uma relação com o cabelo, né? Porque além de ser liso, meu ex-marido é cabeleireiro. Ele a vida inteira cuidou do meu cabelo. Ele que alisava. E eu falava: "Quero cortar..." "Não, não pode." E aí eu me divorciei e cortei o cabelo muito curto assim. Aí no processo de divórcio falei: "Vou cortar o cabelo." "Não, você não vai cortar, que

eu não vou cortar, não sei o que lá, não sei o que lá." Aí um dia eu saí e falei: "Eu não preciso de você pra nada. Nem pra cortar o cabelo. Tô indo" "Você tá louca!!!" "Não, só estou te dizendo que eu não preciso de você pra mais nada nessa vida." Fui e cortei o cabelo. Voltei com o cabelo desse tamanho. Minha mãe olhava e falava assim: "Mas o que você fez?" Eu falei: "Cortei o cabelo!" Aí eu acho que ela entendeu que não tinha mais... cortei o cabelo, não vou alisar mais, ninguém vai mais mexer no meu cabelo. E aí foi... nesse processo de cortar o cabelo foi quando eu me descobri bonita.

E aí efetivamente foi o momento que eu encontrei um grande amor. Foi uma relação fantástica com uma pessoa que eu gostei muito assim, mas que tinha todas as questões de homem... que tem todas as questões de homem negro, que é filho único e que não teve filhos; que tinha acabado de sair de um divórcio em que a ex-mulher era pediatra, mas detestava criança. Umass coisas malucas, né?... Ela detestava criança e ele criou uma coisa com as crianças. E aí ele dizia assim: "Eu não dou conta disso, eu não quero ter filhos." Eu falei ok! A minha relação com eles é uma relação muito... inegociável, assim. Ou a pessoa vai entrar nessa relação e vai saber que ela não tem todo espaço ou ela não vai conseguir ficar. Então foi muito difícil pra mim porque foi logo depois do divórcio. Hoje eu penso que não sei se mesmo que ele tivesse assumido, acho que não teria dado certo, porque os meninos estavam em uma fase de muita mágoa comigo por conta de eu ter tirado o pai. Depois eu paguei um ano de terapia pros dois e a gente conseguiu reestabelecer algumas coisas, porque esse pai continua se colocando numa posição de vítima. Então eles olham uma mãe superforte que poderia acolher o pai e escolhe não acolher. Com uma família que reforça isso. Então a relação com eles foi uma relação dura por conta disso. E aí a gente viveu uma paixão enlouquecedora que durou dois anos e que acabou. E quando acabou eu fiquei totalmente sem chão. Foi muito difícil. E aí eu tive todas as culpas do mundo. Com essa coisa de eu não deveria ter me divorciado mesmo, né? Essa coisa de que foi castigo. Sabe essas coisas todas, né? Porque afinal de contas... Podia ter ficado só com a minha família. Mas não tinha mais volta, né? Eu olhava e falava: mas por outro lado olha a pessoa que eu me tornei.... Eu levei muito tempo para me refazer desse rompimento. Mas nesse período eu conheci uma outra pessoa, um policial militar altamente machista e bolsonarista. Sabe aquelas coisas horrorosas, muito horrorosas. (risos) Que aliás a gente não se fala, a gente rompeu ano passado. Mas era uma pessoa pra transar, entendeu assim. Foi num momento que eu tava assim muito mal e que eu precisava me sentir viva. E que a gente se encontrou em uma relação que nunca teve crise. "Quero transar! Ótimo, vamos transar!" Ligava pra ele e a gente saía. Ele ligava... ele é solteiro também. Ele dizia assim: "Eu não quero casar", eu falava: "Eu também não." E a

gente tinha uma relação assim. Era uma relação muito objetiva que deu certo por quatro anos. Depois disso eu decidi que eu precisava de uma companhia. Que é quando eu fui jogar búzios. Porque eu dizia: “Gente, não é possível, não é essa pessoa. Vamos lá!” Aí eu fui. E aí no jogo, que até hoje eu não sei qual é meu santo de cabeça porque eu não gravei, não anotei, porque é essa coisa de... entendeu... dessa questão com a religião. Foi um jogo muito bonito que veio muitas coisas e uma das coisas era: “Olha, essa relação com esse homem é uma relação boa, mas assim, vocês não tem futuro juntos porque nenhum dos dois quer estar um com o outro de fato.” E com meu ex-marido tinha uma coisa de assim: “Ele é uma pessoa que não te deixa ir, ele fica por perto, fica te rondando, então seus relacionamentos sempre vão ter esse peso de uma pessoa que tá ali.” Como um peso mesmo nessa história e tal. E aí foi lá no jogo de búzios que saiu que eu ia conhecer uma pessoa e que eu ia viver com ela uma paixão enlouquecedora e que eu teria uma filha. Então era assim, em julho de 2011 eu fui jogar búzios, e aí quando eu tava saindo do jogo veio assim: “No ano que vem, em 2012, em dezembro de 2012 você vai tá com uma filha no colo.” Eu olhei e fiz a conta imediatamente, um ano e meio. Qual é a possibilidade de eu conhecer uma pessoa e dentro de um ano e meio ter uma filha nos braços? Zero. Eu olhei e falei assim: “Isso não vai acontecer.” Aí ele virou pra mim e falou assim: “Eu conheço muitas pessoas igual você que duvidam, mas eu vou esperar o dia que você vai voltar aqui pra trazer essa criança pra eu conhecer.” Claro que eu não voltei lá até hoje por outras questões, né? Mas eu fiz assim: “Ah, tá. Vamos ver.” Aí eu virei muito dona de mim e disse assim: “Mas eu posso escolher não ter.” Ele falou: “Pode, a escolha é sua. Só que eu diria que não vai ser a melhor coisa pra sua vida. Mas você pode e depois a gente conversa.” E aí terminou o jogo assim. Conheci o pai da Mayza. Ele morava em São Carlos na época, ele é engenheiro civil e ele... na época ele tava no Brasil a vinte e poucos anos. Porque ele veio pra fazer veio pra fazer a graduação... Ele é camaronês. Tá no Brasil a 28 anos. Morava ele e o filho e ele veio pra fazer a graduação em engenharia civil, acabou ficando. Fez mestrado, doutorado e pós-doutorado. Uma pessoa ótima a primeira vista. E aí parecia que estava tudo certo. Porque a gente faz aniversário no mesmo dia, tínhamos filhos da mesma idade, ele estava sozinho a mais de quinze anos. Parecia que ele ia ser uma coisa, né? Tudo certo! Aí ele veio pra cá conheceu os meus filhos, conheci o filho dele. Começou a dar aula em São Paulo, se mudou pra São Paulo. Isso tudo assim, em quatro meses. Em janeiro do ano seguinte ele tava morando aqui já, que pra mim já era totalmente fora do padrão. Aí ele começou a morar aqui e você começa a morar junto você se dá conta da merda, né? Por que? Porque eu sou uma pessoa que tem uma relação, uma ideia de educação totalmente diferente daquela que ele tinha. Então dentro dessa casa não tem nenhum tipo de

hierarquia. Tem responsabilidade, tem o papel, mas não tem essa coisa de criança faz isso, adulto faz aquilo. E aí ele veio nessa coisa do homem africano, que enquanto patriarca reina absoluto e que todo mundo tá a serviço dele, inclusive as crianças. E aí o negócio desandou. Aí eu dizia assim: “Mas os meus filhos não são obrigados a lavar o seu prato.” E aí ele brigava porque eu fazia. Ele dizia assim: “Você tem que chegar em casa e não fazer nada.” E eu falava pra ele: “Isso é trabalho infantil.” Se eu chegar na minha casa, não tirar um copo da mesa e deixar tudo isso na responsabilidade dos meninos eu considero isso trabalho infantil. Porque eu também sujo a casa, também como. Não é essa relação. E a gente começou a ter altas brigas por conta disso. E aí dois meses depois eu já tinha decidido que ia mandar ele embora. Então no final de fevereiro eu falei: “Chega dessa relação, eu não quero mais.” E aí comecei nessa coisa: “Essa relação não vai dar certo.” Eu nem lembrava da história da gravidez mais. Não lembrava mais. Aí foi quando falei: “Não vou engravidar desse homem.” E aí eu comecei a fazer meio que tabelinha. Não vou transar sem preservativo. E aí não transava mais. Aí menstruei. Última dia da menstruação transei. Terminei de transar com ele e fiz assim: “Então a gente vai ter que conversar agora. Não quero engravidar de você, a gente já entendeu que essa relação não vai dar certo, não pode transar sem preservativo. Foi uma bobeadada que não vai acontecer de novo e que obviamente não vou engravidar porque acabei de acabar a menstruação.” Tá bom. Quinze dias depois eu comecei com enjoô... Tava grávida. Aí eu falava assim: “Gente, não é possível que eu tenha ficado grávida. Não é possível! Meu Deus do céu!” Tinha certeza que eu não podia ter ficado grávida dele. Qual a data do parto? 27 de dezembro. Aí eu falava assim: “Gente, esse búzios errou, não é possível. Essa relação tá péssima.” Aí depois um dia aquela coisa... mas a mensagem foi: te vejo com uma criança no colo, não te vejo casada com filho. Aí eu falei tá certo. Como então essa história não deu certo? “Eu quero muito ter uma filha, mas eu não vou dar conta de ter uma filha desse homem porque vai ser muito difícil.” Eu já sabia! Eu olhava e falava assim: “Vai ser muito duro, vai ser muito difícil pra mim, vai ser muito difícil pra ela”. E aí eu lembrei do jogo. Uma amiga muito querida veio, ela sentou no sofá e falou pra mim: “Eu estou do seu lado para fazer o que você quiser”. Eu comecei a chorar e falei: “Mas eu não sei o que vou fazer com esse homem.” Aí ela falou assim: “Mas a gente cuida da criança, não precisa dele.” Seis meses depois que ela nasceu eu falei pra ele: “Basta, você vai embora.” No dia que ele foi embora ele falou: “Já entendi que essa filha não vai ser minha que você vai criar sozinha.” E na hora eu não entendi essa frase e hoje eu olho e vejo que ele abriu mão mesmo. Ele olhou e falou: “Eu não vou conseguir dar conta de controlar você, eu vou embora.” E foi um momento de reconciliação com os meus filhos. Porque assim, tinham passado por uma série de questões, eles tiveram

muita dificuldade com ele e eles ganharam uma irmã, né? Então assim quando ela nasceu eles super se aproximaram de mim. E quando o pai foi embora, eu voltei do trabalho e senti eu chorava, chorava, chorava desesperadamente. E aí o Henrique e o Gustavo chegaram perto de mim e falaram: “Você não precisa chorar, você não tá sozinha porque a gente vai cuidar dela.” E aí foi o momento que a gente, que eles entenderam, sei lá, que eles me perdoaram do divórcio e a gente reestabeleceu uma relação que a gente tinha muito bonita. E a relação deles com ela é maravilhosa.

Mas eu saí dessa relação muito destruída. Porque aí ele tinha uma coisa de dizer que eu não era boa o suficiente pra ele, que eu não era atraente... Então assim, o meu lado feminino foi totalmente afetado. No final da relação ele foi a pessoa mais perversa do mundo. Ele foi muito... eu sabia que aquilo não era verdade, mas o nível de violência psicológica foi tão grande que eu fiquei destruída. E aí eu reatei... Porque assim, eu tinha encerrado a relação com o policial, eu tinha dito pra ele que já que ele não queria algo mais sério, eu ia me envolver com outra pessoa e a gente nunca mais ia se ver. Quando eu terminei, a Mayza tinha, sei lá, um ano e meio. Falei: sei lá, vou ligar pra ele de novo. Sabe aqueles momentos que você fala assim “Preciso voltar pra vida.” Vou ligar pra ele de novo. Aí liguei e aí ele... a gente saiu. Eu falei pra ele que eu tinha tido a Mayza. Aí o lado masculino machista veio à tona. Ele disse pra mim: “Mas você me traiu e agora você tem uma filha. Porque essa filha podia ser minha.” “Mas a gente nunca teve um contrato de namoro, eu não te traí porque a gente terminou.” Mas na cabeça dele... E aí a gente não conseguiu nem reatar a relação porque na cabeça dele ele foi ferido de morte, porque eu tive outro homem e dessa relação eu tive uma filha. Eu sempre enfrentando patriarcado, né? E aí eu falei: “Então tá. Se você não quer azar o seu, eu tô indo embora. Fica aí.” A gente saiu ainda algumas vezes, mas isso pra ele foi uma coisa que ficou muito pesada de olhar e falar “eu não vou suportar porque essa filha poderia ter sido minha.” “Mas quem disse que eu teria uma filha sua?” Porque eu achava que o outro era diferente. Na verdade o outro tinha um discurso mais rebuscado por conta de falar várias línguas, por conta do conhecimento acadêmico. Mas se você comparar os dois tiveram comportamento completamente idêntico. Eu que me enganei com os processos. Me enganei ok! Vou enfrentar. E aí ele dizia, o pai da Mayza dizia assim: “Mas como é que você vai ficar com uma criança de seis meses?” Eu falei: “Como eu fiquei com meus dois filhos. Sozinha, não faz diferença. Você não precisa ficar comigo por conta dela. Eu não preciso de ninguém pra isso.” E aí me separei.

Nesse meio tempo me voltei pra questão acadêmica, fiz o mestrado, o mestrado foi ótimo. Depois do mestrado tive várias possibilidades de trabalho e tinha uma coisa aqui que

era assim; tive possibilidades de ficar só na universidade privada, mas aí eu não podia, porque eu não podia colocar em risco a estabilidade financeira. Emprego público nós dá essa possibilidade de dizer: “Meus filhos não vão passar fome nunca.” Mas isso é um peso também, não ter alguém com quem dividir significa não poder em nenhum momento alçar voos maiores, porque com o mestrado eu já tinha entendido que eu queria carreira acadêmica. É o meu lugar de felicidade a sala de aula, mas pela questão objetiva esse não pode ser um caminho único. Numa universidade privada a gente não tem segurança salarial, tem essa coisa com os contratos a cada seis meses. Um semestre eu tenho carga horária de vinte, um semestre eu tenho dez. Isso é possível em um contrato. Então nunca foi uma possibilidade. Aí eu fui me adequando a essa vida maluca que é ter um emprego público e conciliar com a sala de aula e ainda dar conta da casa e três filhos. Que é algo que cansa às vezes. Em alguns momentos eu falo: “Nossa, eu só queria uma vida mais tranquila. Só queria alguém pra dividir as despesas e falar hoje eu não vou trabalhar, se me descontar não tem problema.” Isso nunca foi uma realidade. Eu trabalho desde os catorze, nunca parei de trabalhar. Com a reforma da previdência, isso é uma dor maior porque eu tenho hoje 28 anos trabalhados, vou fazer 28 agora e tenho 45. Então não tenho idade pra ter trabalhado tanto, né? Mas é isso assim. Toda minha trajetória acadêmica foi muito prejudicada porque eu nunca pude só estudar. E sempre foi meu grande sonho, falar assim... sentar e ficar doze horas brisando, estudando, lendo... isso nunca foi uma realidade. Então ter feito mestrado e depois ter feito o doutorado tem um significado muito grande que é resistir num espaço que até hoje não é meu, ele continua não sendo. Eu continuo enfrentando as mesmas limitações. Então se eu falo assim: “Eu queria tá lá no Pará hoje e não posso” não é nem porque eu não tenho convite, mas porque a vida material não me permite mandar o INSS pro espaço. Então ser negra nessa trajetória... então pensando na minha trajetória me colocou muitas barreiras, que eu fui derrubando, mas que marcam, né? Eu poderia hoje estar fazendo muitas outras coisas que eu gostaria, eu ainda quero fazer. No doutorado eu não pude fazer bolsa sanduíche porque eu não podia viajar e deixar os meus filhos, né? “Ah, por que você não vai?” “Porque eu não posso! Não é só uma questão...” “Mas tem a bolsa e tals.” “Tá. Mas quem vai sustentar meus filhos nesse período? Vai ficar com quem?” Então essa minha escolha acadêmica e ao mesmo tempo a escolha da maternidade, porque pra mim foi uma escolha muito boa e prazerosa, sempre me coloca nesse meio fio que é: eu vivo a maternidade integralmente, mas isso me coloca travas porque eu não tenho com quem dividir isso. Eu não posso falar: “eu vou pagar uma babá por seis meses...” Não posso fazer isso, não tenho condições financeiras pra isso. Tinha uma meta que era dobrar o meu rendimento lá quando eu entrei na graduação. Se comparado com o ensino

médio, hoje eu posso dizer que tripliquei a renda. Mas isso não me deixa numa condição confortável, né? Porque os desafios de lidar com ter dois trabalhos, casa, todas essas coisas não me coloca como alguém que tem conseguido esse salto, que sem dúvidas é um salto muito grande, não me traz o conforto de falar: “Nossa, eu posso descansar no final de semana.” Não posso, né? Porque tem sempre mil tarefas, né?

Eu acho que da minha trajetória como mulher negra, o que eu vejo é eu sempre tive muita lucidez do meu lugar, mas eu sempre questioneei esse lugar. O meu marco é aos catorze anos quando eu disse pra minha mãe: “Não vou cuidar de filho de ninguém.” Porque foi a época que ela dizia: “A vizinha precisa de babá, porque você não vai?”, “Não vou.”, “Você precisa...”, “Não vou.” Eu tive muitas brigas com a minha mãe nesse período porque ela dizia: “Mas é um absurdo, você precisa trabalhar.”, “Sim, mas eu não vou limpar casa de ninguém.” E aí ela dizia assim: “Mas não é nenhuma vergonha.”, “Não tô dizendo que é vergonha, mas eu tô dizendo que isso não é pra mim. Eu vou fazer outras coisas.” Ali pra mim foi momento de... é engraçado porque eu penso assim, eu não consegui enfrentar o patriarcado porque eu poderia ter dito “Eu não vou ter esse namorado, eu não vou ter esse casamento.” Mas isso me parecia algo. É estranho, mas assim, esse era o caminho para uma mulher negra naquele momento na minha... É a história da minha irmã, é a história das minhas outras irmãs, é a história da minha mãe. É a história das mulheres com as quais eu convivi. O casamento eu poderia... a ideia é que eu poderia enfrentar todas as outras coisas, menos essa relação patriarcal. Então, e aí eu me divorciei depois de dezesseis anos, né? O que foi pra mim uma grande libertação, mas eu ainda carrego um peso porque recentemente minha mãe falou assim: “Pelo menos uma coisa boa desse divórcio teve.” A gente estava em um almoço de família e eu: “O que que foi mãe?”, “Pelo menos você me deu a Mayza.” Nesse nível. Nossa, você escuta e fala... Ok, né? Porque é o máximo que ela consegue enxergar desse processo de ter feito mestrado, doutorado. Nada disso... Nada disso... comprado a casa, sustentado os filhos. Ter um filho hoje no quarto ano de direito da PUC, outro filho na Psicologia na São Judas. Ter um filho que vai se formar com 23 anos. Um jovem negro de uma mãe... isso pra minha família não significa nada assim. É tão duro quanto o racismo cega, porque assim eu olho pra ele e falo que eu nunca imaginei nem nos meus mais profundos devaneios que eu teria um filho formado com 23 anos em Direito na PUC. E essa história da PUC tem a ver com ele, porque quando ele terminou o ensino médio e decidiu que ia fazer direito, porque a vida inteira ele disse que seria jogador de futebol, fez vários testes... eu nunca incentivei, mas nunca destruí o sonho. No final do ensino médio eu cheguei, sentei e falei: “A vida é assim, a maioria dos jogadores de futebol ganham menos que um salário mínimo, não tem salário o

ano inteiro. Você não sabe o que é a vida, você não sabe quanto custa sustentar uma casa. Então assim, a escolha será sempre sua, mas se você quiser continuar com esse sonho saiba que no futuro você não terá o mínimo de condição de vida. Senão tá na hora de você parar e pensar em outra coisa. Eu te dou seis meses pra você decidir o que quer da vida.”

M: Quantos anos ele tinha?

Ma: Dezessete. Então até aqui eu esperei porque era seu sonho, mas você já está com dezessete e não jogou em nenhum time que você queria, pode ser que você jogue, é um risco. Mas mesmo que você jogue você não vai ter condições econômicas para ter o padrão que eu te dou hoje. Mas isso vai ser uma escolha sua porque eu não vou te sustentar para o resto da vida. E aí depois de seis meses ele chega e fala assim: “Decidi que eu vou fazer Direito.” Aí fez vestibular, fez a Fuvest e não passou. Aí ele virou pra mim e falou: “Eu quero fazer PUC.” Eu olhei pra ele e falei: “A gente não tem a menor condição de pagar. Eu não tenho condições de pagar PUC.” Mas eu tinha acabado de entrar no INSS. Mas essa é uma outra história que eu não contei. Tinha essa coisa e tal. Tinha melhorado a renda, dobrado a renda, mas eu dizia: “Preciso melhorar mais.” Aí prestei outro concurso que foi o concurso do INSS. Aí eu entrei no INSS grávida da Mayza. Eu estava grávida de oito meses quando fui nomeada no concurso. Ainda tinha coisa de que o pai dela ajudaria a sustentá-la. Eu com a Mayza tinha uma ideia de que eu não viveria o mesmo abandono que eu vivi com o pai deles, porque não é uma pessoa que não tem escolaridade, que não tem trabalho. O cara fala cinco línguas, entendeu? Ele tem uma empresa de tradução de textos acadêmicos. Ele tem grana. Essa questão nesse momento não era por ter mais um filho, depois foi uma grande falácia, porque eu entrei com o processo de pensão alimentícia e tá se arrastando até hoje porque ele não paga, ele alega que não tem condições de pagar. Então, mas não era isso. Era aquela coisa “Olha, agora eu vou aproveitar a vida e se eu puder ganhar mais eu vou ganhar mais, e se não for esse trabalho, esse outro eu vou ganhar mais.” Acho que tinha essa coisa e tinha também a questão de que a fase mais difícil com os meus filhos eu já tinha passado. Arriscar um outro emprego não me colocaria numa condição de “eles vão passar fome.” Porque se nada desse certo, eu já tinha a docência como um lugar que me traria outras possibilidades de trabalho. Então acho que tem mais isso que hoje eu falo, hoje eu posso dizer “Não vou ser mais funcionária pública e vou me aventurar no mundo.” Porque os dois são adultos e daqui mais três anos estão os dois formados e com a Mayza eu me viro sozinha. E tem a casa... Acho que hoje tem uma outra condição objetiva que vai me permitir sonhar outras coisas que estão por vir. Mas eu tinha entrado no INSS quando o Henrique terminou o ensino médio e aí eu falei: “Mas por que você quer fazer PUC, Henrique? Você pode fazer São Judas, você pode fazer,

sei lá, Uninove. Pode fazer um monte de lugares.” E aí o Henrique viveu de maneira dolorosa a permanência na escola particular. O Gustavo que é o do meio ele é o “cara”. Porque todo mundo gosta dele, as meninas vem contar suas histórias. Então ele é requisitado o tempo inteiro e não tem amigas negras na escola. Só tinha amigas brancas. O Henrique fez o caminho inverso. “Eu sou negro em uma escola de brancos e não vou fazer a mínima questão de ter amigos.” Então ele tem um único amigo que é do ensino médio. Então acho que pra ele a vivência em uma escola particular, e olha que a gente tá num bairro superperiférico de São Paulo da Zona Leste, mas a escola é uma escola que tem uma presença negra muito pequena. Então o Henrique fez um caminho muito parecido com o meu. Eu vou ser o melhor aluno, não vou dar trabalho, porque eu nunca tive trabalho com ele na escola, mas eu sei exatamente o que eu passo. Porque era isso na minha infância e adolescência, né? E aí ele usava dread, e a escola teve todo aquele movimento por conta do dread, ele ficou de dread no ensino médio. Ele entrou na faculdade de dread, depois que ele tirou. Então ele tem uma coisa de enfrentar mais o mundo. Vou incomodar mais. Aí ele virou e falou: “Então, porque eu vou continuar sendo um homem negro, não basta ser um advogado, eu tenho que ser formado em uma das melhores universidades, porque a minha meta é ser juiz. Então qualquer lugar não me serve porque eu vou continuar sendo negro.” Quando ele me falou isso eu olhei e pensei: e agora faço o que dá vida, né? Porque eu nunca imaginei que ele pudesse chegar um dia pra mim e falar: “Eu quero ser juiz.” Nem sei o que vai ser, porque a vida dá tantas voltas e eu não sei, mas eu olhava pra ele e me vinha aquela coisa: “Então, se ele está me dizendo isso é porque eu permiti que ele sonhasse, como é que agora eu digo pra ele: então, o sonho não é possível.” Então foi pra mim um momento muito difícil. Porque eu falava: “Tô fudida, literalmente, vou ter que trabalhar mais. Isso vai ser um peso pra todo mundo. Mas eu não posso negar isso pra ele, nesse momento eu não posso.” Até porque isso é algo que eu jamais falaria para os meus pais assim. Na idade dele eu queria fazer faculdade, eu olhei pra minha mãe e pensei “eu não posso dizer isso pra ela porque ela não vai conseguir me ajudar, então eu não vou falar.” Nem sei se eu tivesse falado se ela teria dado algum jeito, talvez ela tivesse dado. Meu pai... Talvez eles tivessem, mas eu olhei e achei que não tivesse o direito de falar e fui fazer faculdade com 30. Então quando ele me falou isso, eu olhei e veio na hora assim, eu abri um canal que agora não posso fechar mais, né? E aí foi esse processo, um processo difícil também ver ele entrando na PUC, todos os medos que eu tive e que são reais, ver que lá também ele não tem amigos. Então assim, e aí pra alguém que é introvertido, ele é cada vez mais introvertido, ele é cada vez mais o melhor aluno, os professores reconhecem, dão livros, estão sempre requisitando. Mas ele é sempre o aluno que tá lá no cantinho dele, porque agora é a questão da

cor, mas muito mais acentuada pela condição socioeconômica. Porque fazer Direito na PUC e não ter conta bancária boa é a realidade de uma minoria que, sei lá, menos de 5% dos alunos de Direito. Porque o Direito naquele lugar é um mundo à parte com o valor daquela mensalidade. Então, ao mesmo tempo que eu fico feliz, eu tenho uma preocupação muito grande, porque eu tenho certeza que ele já deve ter vivido várias situações de racismo que ele não me conta. Às vezes ele solta alguma coisa, mas por outro lado ele enfrenta, né? Eu sei que ele enfrenta de uma forma muito aberta assim. Ele vai pra cima. Ele fala. E ele tem sido respeitado, porque os professores respeitam por ele ser um dos melhores alunos, ele é representante de classe, ele que é responsável às vezes por corrigir junto com os monitores algumas atividades. Então, ele tem um espaço que ele foi cavando e ele continua dizendo que ele vai... Aí ele foi pra um, ele tá fazendo estágio no Tribunal de Justiça, porque claro que ele foi pra todas as seleções de estagiário em escritório de advocacia no Itaim Bibi, na Berrini, não sei o que lá, não sei o que lá e nunca passou em nenhum processo seletivo. Até o dia que eu sentei e falei: “Então, de novo, vamos lá de novo, você não vai passar, filho. Eu te deixei fazer, sei lá, acho que ele fez uns trinta processos seletivos...” E um dia eu falei: “Então chega. Vamos conversar de novo: você não vai passar. Você não vai passar porque você é negro, você não vai passar porque você mora na zona leste, você não vai passar porque você é pobre, você não vai passar por isso, por isso, por isso. Eles não estão medindo a sua capacidade intelectual.” Porque ele ficava assim: “Mas o advogado gostou muito do currículo.” Ele escreve superbem, ele tem uma escrita impecável. “E aí eu fiquei em segundo lugar.” O próximo que te disser isso você manda pra puta que pariu, fala que não te interessa, que “eu sou ótimo e você me coloca em segundo lugar. Não faz diferença na minha vida”. Aí eu falei: “Tá na hora de você pensar em um concurso público. Você tem que entender que você só vai entrar em um estágio se for medir a sua capacidade, não vai ser nesses escritórios.” E aí ele fez o concurso pro Tribunal, pra estagiário do Tribunal, claro que ele passou, né? Aí ele tá lá, vai renovar agora o contrato, dois anos. Aí ele entrou no Tribunal e o professor dele é desembargador. Aí depois que ele entrou o professor falou: “Depois que você entrar você me fala que eu vou levar você para trabalhar no meu gabinete.” Claro que é ótimo. Então eu tava falando do doutorado. Dessa coisa de ter feito as projeções e delas irem acontecendo. Então quando eu fui pro INSS... Aí em 2012 quando a Mayza nasceu e na sequência o Henrique foi pra faculdade, eu tinha essa coisa de falar: “Nossa, consegui.” Pra mim foi, a entrada dele na PUC... primeiro que eu demorei pra entender que eu tinha um filho na PUC, né? Acho que essa é a primeira coisa. Eu não quis contar pra minha família inicialmente isso, o que isso demandava financeiramente, porque objetivamente parece muito

maluco alguém pagar o que eu pago. Se você fizer a conta, eu nem faço a conta do ano, porque se eu fizer a conta anual eu enlouqueço. Mas pensando o que ele quer pra vida dele... eu pra mim quando vi que de fato ele estava lá, que ele estava bem, que ele gosta do curso, que ele é apaixonado, que ele é superaplicado... Tinha aquela coisa assim: “Eu consegui o que eu queria, que era permitir que meus filhos sonhassem.” Que pra mim isso foi uma coisa que eu sinto que me foi negada. Não deliberadamente. Não digo que meus pais fizeram isso deliberadamente, mas a condição financeira me colocou muitas barreiras. De na hora que o sonho vinha falar: “Opa, isso não é pra mim porque sou uma criança negra e pobre.” A gente continua sendo pobre, né? Porque eu brinco com a Mayza. “Mãe, como que a gente é...” “Não, a gente continua sendo pobre, se eu não tiver trabalho a gente morre de fome.” Mas é uma outra situação hoje de pensar que a gente pode mudar essa condição. Então do ponto de vista da maternidade as coisas caminharam com os filhos que eu quis ter, que eu tive. Tem uma coisa que eu não te falei, mas assim, logo depois que eu tive os meninos o pai resolveu fazer vasectomia, eu dizia que não queria mais ter filhos e tinha certeza que não queria mais ter filhos com ele. Mas eu não me imaginava em uma outra relação. Eu não me imaginava tendo filho de uma outra pessoa. Então desde muito pequenos os meus filhos cresceram sabendo que eles teriam uma irmã, que ela seria adotada e se chamaria Sofia. Porque na minha cabeça eu sabia que teria uma filha. Só que racionalmente como eu imaginava que eu não transaria com outra pessoa, já que eu não queria casar de novo, e que dessa relação sairia uma filha, eu construí uma ideia de que essa criança viria por adoção. Hoje eu tenho essa leitura. Então eles cresceram sabendo que eles teriam uma irmã, porque eu sempre disse que ela chegaria. Quando eu engravidei dela eu tinha certeza que seria uma menina. E aí eu... não só por conta dos búzios. Mas tinha essa lembrança de alguns momentos eu estar me vendo grávida. Eu sonhei que estava grávida. Seis meses antes eu sonhei que estava grávida. Um pouco antes de eu engravidar eu sonhei que estava amamentando uma criança. Eu lembro de ter conversado com uma amiga dois meses antes de eu ficar grávida, e ela disse pra mim: “Então, você tá sendo preparada pra receber um bebê.” Eu falei: “Imagina! Tá louca. Não vou ter bebê agora.” Primeiro que eu tava com 39 anos já. Porque a coincidência que a Mayza nasceu, eu tenho a idade que a minha mãe teve quando eu nasci, quando a Mayza nasceu, é a mesma idade. Então tinha essa coisa de falar: “Eu já tô velha, não vou engravidar agora. Vai ser adotada, eu vou ter uma filha que vai ser adotada.” E quando eu fiquei grávida eu entendi. Eu falei: “Então ela não é a Sofia, porque ela não vai vir pela adoção.” Então por isso que eu brinco com essa coisa de que pode ser que a Sofia venha ainda. Então eu tive os filhos que eu quis, da maneira que eu quis. E com todas as dificuldades. Essa é uma questão pra mim muito

bem colocada. A questão profissional é a mesma coisa. Quero ser professora, eu vou fazer mestrado, vou fazer doutorado. Quero dar aula... vou fazer tal coisa, vou e vou fazer. E deu certo! E aí tem o lado emocional, né? Que aí é o que pega, né? Acho que enquanto nesse processo da infância e da adolescência, o racismo é o que mais me prejudica. Porque esse desejo orientado, se é que eu posso dizer que é orientado, pela atração por homens negros sempre me colocou em uma condição muito desfavorável. Porque os homens negros ao meu redor são homens marcados pelo racismo que também não avançam. E que aí eu não consigo me vincular porque eu olho e falo: “Nossa, tá muito distante de mim.” Não só do ponto de vista intelectual, mas do ponto de vista da vida material mesmo. Eu não quero alguém que não consiga dividir comigo. Eu viajei a primeira vez de avião depois do divórcio, depois que eu entendi que não ia mais sustentar meu ex-marido. Pegar meus filhos e passar trinta dias em Maceió foi depois do divórcio. Então eu falo assim, eu queria alguém que pudesse dividir comigo a vida. A possibilidade desse alguém ser um homem negro e periférico é quase zero. Dividir a vida significa eu ter que ficar em casa, porque vai ser isso, dividir o sofá. Porque o meu espírito aventureiro não me permite ficar presa no mesmo lugar. Então isso pra mim sempre foi mesmo uma grande questão. De olhar e falar assim, eu não vou ter um companheiro mais. Os homens negros estão precarizados. E o que não estão precarizados estão cagando e andando para as mulheres negras. Tem essa coisa de que eles precisam estar em um espaço melhor e a ideia de que as mulheres negras não são dignas ou não combinam com esse espaço. De ficar irritada, de sair pra festas e olhar para aqueles homens que passam com as mulheres loiras desfilando como se carregassem um troféu. Então isso pra mim é uma coisa que me irrita profundamente em alguns homens negros. Eu olho e falo: “Essa mulher também não tá sendo bem cuidada.” Mas é aquela que permite que ele desfile e fique com ela. Isso também me irrita, tem uma coisa de olhar os homens e falar, os homens que passaram pela minha vida foram muito fracos, no sentido de assumir as responsabilidades que lhes cabiam. E ao mesmo tempo não tiveram a capacidade de me deixar ir. Acho difícil encontrar um homem que me permita continuar fazendo todas as coisas que eu faço. Me permita não no sentido de autorização, mas que eu possa me desenvolver e que ainda ele queira estar comigo. Isso tem sido o debate da terapia, e a ideia de que um homem branco reproduziria o racismo. Porque eu não sei de onde vem isso, mas vem de algum lugar do meu inconsciente de que eu não poderia me vincular a um homem branco, que isso seria sofrer. Muito recentemente, há uns dois anos atrás na terapia, foi um período muito difícil de dizer ninguém me ama, ninguém me quer. E aí eu tenho isso até hoje, então pelo menos duas situações eu já vivi que foram assim. Uma foi durante o mestrado eu tava um dia indo pra PUC. Fui pra PUC de

metrô, pegar ônibus, toda aquela loucura, porque o título não me coloca em uma outra condição em ser uma mulher precarizada que vai continuar utilizando transporte público mesmo pra ir pra aula do doutorado, mesmo pra dar uma palestra do doutorado. Era um dia de rodízio eu fui de metrô. E esse dia foi muito absurdo, porque eu tava subindo, e aí Miriam tinha um moço atrás de mim subindo a escada rolante e falou: “Nossa, que moça linda!” A escada rolante tava vazia. Eu olhei para um lado, olhei para outro, olhei pra frente e fiz assim: “Com quem será que ele tá falando?” Sai da escada rolante. Aí eu olhei, olhei, olhei. Saí da escada rolante pensando: “Esse moço tá louco. Não tem ninguém aqui.” Aí ele apertou o passo, parou do meu lado e falou assim: “Você não vai falar comigo?” Eu olhei pra ele e falei “Eu?” Ele falou: “Tô falando com você, não é possível que você não tenha percebido.” “Eu ainda parei no meio...” Eu tava correndo porque eu ia... “Mas você tá falando comigo? Tem certeza que você tá falando comigo?” E aí ele começou a rir e falou: “Por que eu não posso estar falando com você?” Eu falei: “Porque você falou de uma moça bonita.” “Sim, eu tô falando de você.” Eu não sabia se eu abria um buraco e me enfiava dentro, não sabia o que fazer com aquela informação. A única coisa que eu consegui dizer foi: “Não posso falar com você, estou atrasada.” Eu tava mesmo, mas não era só isso, né? Aí ele falou: “Mas você pode pelo menos me dar seu telefone?” Aí eu dei o telefone pra ele e fui pra PUC. Aí eu cheguei na PUC e falava assim: “Gente, não é possível.” Aí depois ele me ligou, a gente saiu. Depois eu fui contar essa história pra Cris falei: “Eu não acredito nisso.” Falei: “Cris, ele não podia tá falando de mim.” “Por que ele não podia?” “Não podia porque era um homem branco. Entre outras coisas era um homem branco.” E aí ela, foi uma sessão muito difícil por que ela disse pra mim: “Qual o seu medo dos homens brancos?” “De que eles vão me fazer mal!” E ela falou: “E quem foram os homens que te fizeram mal até hoje?” Aí eu comecei a chorar. “Foram homens negros...” “Então não sei, não tô dizendo que isso não possa acontecer, mas de onde você tirou isso?” “Não sei! De algum... de algum lugar da minha vida isso ficou marcado.” Eu também não confio nos homens negros, falei pra ela, porque eu não olho meu pai como um homem de confiança, principalmente depois do rompimento que eu tive com ele. Olha que eu amo meu pai de paixão, mas eu tenho muita raiva dele em alguns momentos, por essa coisa da condição que ele deixou a minha mãe, porque pra mim ele sempre deixou ela abandonada. Embora ela não se veja abandonada, eu vejo um abandono. Agora que eles estão mais velhos ele não tem um pingão de paciência com ela. E aí ele grita, ele xinga. E minha mãe se magoa muito. Ela fala: “Seu pai não gosta de mim, tudo que eu faço pra ele não adianta.” Ele tem uma coisa que agora ele perdeu a autoridade, que ele não tem mais capacidade provedora. E aí ele fala que não presta pra nada, que ele vai embora, que ele vai

largar ela. Então ele tem umas coisas que eu falo que são muito perversas. Os homens no geral são pra mim um grande problema, tirando os meus filhos. Que eu imagino que eu tenha estabelecido uma relação diferente. Esse processo com a Cris foi um processo difícilíssimo. Algum tempo depois eu me envolvi com um amigo branco que foi uma coisa assim... eu acho que vai abrindo alguns canais. E aí de repente de novo foi a mesma história, ele me ligou, ele é uma pessoa que eu gosto muito, a gente tem uma amizade de muitos anos, um belo dia ele me ligou e falou: “Faz tempo que a gente não tem uma conversa, você anda muito calada e tal.” Tinha essas questões da Mayza, tava num processo muito difícil e ele falou: “A gente pode sair pra tomar um vinho?” E eu achando que ele era gay. Na minha cabeça me convidou para tomar um vinho. Eu falei pra uma amiga: “Ah, vou tomar um vinho.” Aí ela fez assim: “Ele tá te paquerando.” Eu falei: “Paquerando?” Ela falou: “Quem convida uma amiga pra tomar vinho?” Eu falei: “A gente é amigo há anos, tem nada a ver.” Ela falou: “Eu não te convidaria pra ir em uma adega, te convidaria para toma uma cerveja no boteco.” Eu brigando com ela falando: “Vocês com essas mentes poluídas. Imagina! Meu amigo há tanto tempo. Nada a ver.” Quebrei a cara de novo porque realmente a adega era um pretexto, a gente acabou se relacionando. Mas foi muito curto, foram três meses porque aí ele entrou numa coisa de que ele não podia se vincular. Então tem essa coisa que “Ah, porque aí você é muito independente, cuida dos seus filhos sozinha, não sei como vai ser essa história.” E aí eu me encho com muita facilidade. Então é melhor não, muito obrigada, foi ótimo, mas... se você não dá conta é melhor que você me deixe quieta no meu canto. Chega, não vou mais me relacionar...

M: A questão racial não perpassou essa relação?

Ma: Essa relação não. Porque eu acho que já tinha conseguido elaborar um pouco melhor com a Cris. Acho que tem o fato de ser uma pessoa amiga, sei lá.. Acho que já tinha uma vinculação anterior. Tem uma questão de confiança, uma pessoa que eu confiava. Tá tudo certo na minha vida, não vou conhecer mais ninguém agora. Não quero mais, não vou mais me envolver emocionalmente. E não é porque eu não queira, mas porque eu já entendi que eu não vou ter ninguém que dê conta disso. Aí agora em janeiro eu passei por uma situação inusitada de novo. Eu passei por uma situação complicada de novo que foi... Eu tenho uma amiga que um belo dia... que vivia me mandando mensagem dizendo que eu não respondia, porque eu sou uma pessoa péssima para responder WhatsApp. E um dia ela falou: “Eu te mando mensagem e você não responde.” Muito brava e tal. E eu falei: “Gente, que coisa mais estranha!” Aí um dia eu resolvi responder, um sábado de manhã. Ela mandou uma mensagem eu resolvi responder e a gente começou a conversar o sábado inteiro, eu

conversando normalmente. E no sábado a noite ela manda assim: “Quem é que vai te acordar de manhã?” No meio da conversa. Aí eu muito brava já, estava irritada já: “Obvio que é o celular. Já que eu não tenho ninguém, só pode ser o celular.” E passou. Eu fui dormir e fiz as outras coisas de manhã. O Henrique chegou com a namorada e eu falei: “Henrique, cê acredita...” Porque aí ela mandou mensagem no outro dia de novo “Que coisa mais esquisita.” Eu estava na cozinha resmungando e ele chegou “O que foi, mãe?” “A fulana lá me mandando mensagem, ontem esquisita perguntando quem ia me acordar de manhã.” O Henrique começou a rir, ele falou: “Mãe, eu não acredito.” Eu falei: “O que foi, Henrique?” “Mãe, você é muito lerda.” Eu falei: “Ah, não Henrique. O que é agora?” Ele falou: “Mãe, isso é uma cantada. Mas é uma cantada daquelas de pedreiro de obra, é uma coisa muito grosseira.” (risos) Aí eu falei: “Você tá louco, Henrique?” Aí ele fez: “Olha, só vou te dizer uma coisa, se ela resolver te acordar, você me avisa que eu não quero estar em casa.” E saiu com a namorada rindo. A namorada falando assim: “Não acredito que você não pegou essa.” Falei: “Gente, vocês estão malucos? Não tem nada a ver.” Passou. No outro dia ela me manda uma mensagem não sei o quê. Umas conversas totalmente sem sentido e eu a pessoa mais racional do mundo tratando tudo na racionalidade. Aí ela disse assim: “Você conhece alguém que faz feitiço?” Eu falei: “Por que você tá com algum problema?” (risos) “Não, não conheço ninguém que faça feitiço, minha mãe tem lá uma benzedeira.” E eu levando a conversa na coisa minha. Absurdo isso. Eu olho e falo como é ridículo que eu consigo não ver esse processo. Depois de um tempo ela falou: “Eu tô cansada, você não vai me entender mesmo.” Eu falei: “Então explica o que você quer dizer porque eu não tô entendendo bulufas. Você tá me pedindo uma pessoa que faz feitiço, desfaz feitiço. Sei lá do que você está falando.” Porque também não tenho muita paciência. Ela falou: “Então, tô falando de você.” Aí foi uma confusão... “De onde você tirou essa ideia?” “Não, faz tempo. Você não presta atenção. Eu faço alguns movimentos e você finge que não tá vendo.” “Não, eu não finjo que não estou vendo, eu não estou vendo mesmo.” “Mas é por que eu sou mulher?” “Não, é porque eu não me vejo uma mulher atraente, se alguém me olha essa pessoa tá perdendo tempo, eu não vou olhar de volta, porque tem uma questão que tem a ver comigo. Não me sinto desejável. Questão que eu já tentei, acho que eu melhorei um pouco na terapia, mas que continua.” A gente saiu e aí foi uma crise pra ela porque...

M: Ela é branca, ela é preta?

Ma: Branca, loira de olhos azuis. Mas ela não é branca, ela é cor-de-rosa de tão branca. Isso pra mim foi uma questão de cara assim além de tudo...

M: Mais do que ela ser mulher?

Ma: Mais do que ser mulher, muito mais. E aí... só que pra ela foi um nó. Ela jurava que eu já tinha me relacionado com mulheres. Eu disse: “Eu nunca me relacionei com uma mulher.” E aí assim eu fui muito tranquila em relação a isso. E pra ela isso foi uma crise. Como assim você foi tão disponível. Falei: “Gente, eu não consigo entender o ser humano.” Porque eu sou assim na vida, se alguma coisa me chamar a atenção eu vou até o fim, então não preciso ficar dizendo. “Ah, porque...” No fundo ela queria que tivesse sido uma coisa. Ela disse que “Queria que tivesse sido uma coisa mais lenta.” Falei: “Então, comigo as coisas não funcionam assim.” Ou eu vou lá e vou ver que é bom e eu gosto. Ou eu vou ver que é péssimo e eu não quero mais. Eu sou essa pessoa, então... Era uma questão porque a gente começou a se relacionar no final de fevereiro, ela veio aqui algumas vezes. E eu tenho uma questão com os meninos que é: tudo a gente conversa, negocia e combina nessa casa. Ela veio três vezes, na quarta vez eu sentei com eles e falei: “Olha, aconteceu uma coisa muito inesperada na minha vida, foi muito difícil pra mim admitir isso porque eu nunca me imaginei desejando outra mulher, nunca me imaginei falando isso pra vocês, mas é uma coisa que eu vou precisar falar porque ela tá aqui e tal.” Um dos momentos mais difíceis. Porque eu falava: “Gente, eu preciso falar isso.” Porque não dá pra uma pessoa ficar circulando aqui e eu não quero ser pega em uma situação sei lá. Tenho medo de chegar alguém: “O que tá acontecendo aqui?” Na minha cabeça isso é inconcebível. E aí eu sentei pra conversar com os dois. Com a Mayza não. É outro processo. Sentei pra conversar com eles e aí comecei a chorar porque vem a coisa da mãe de novo. Essa coisa da mãe que precisa cuidar dos filhos e uma confusão de papéis. Porque aí como é que vocês vão me ver enquanto mãe. E foram eles que deram o tom da conversa, porque o Gustavo falou pra mim: “Deixa eu te explicar uma coisa. Mãe, faz isso, isso, isso.” Ele falou: “É tudo isso que você está fazendo, tem a ver com a questão da mãe”. Aí o Henrique falou: “Mãe, não estou entendendo essa sua crise.” Que eu falava assim: “Agora como é que vocês vão me ver?” Pra mim essa era uma questão muito séria assim. Uma coisa é eu dizer que ok, uma coisa é diante deles, da relação que a gente estabeleceu. Pra mim foi muito difícil. E aí o Henrique falou pra mim: “Você criou a gente pra não ser preconceituoso. A vida inteira eu ouvi que as pessoas podem se relacionar independente do sexo, então não sei porque você acha que a gente vai ter algum tipo de tratamento hostil com você. Isso não condiz com o que a gente aprendeu. Não tem o menor problema.” E aí pra mim isso foi um momento muito mágico assim, de olhar para os dois e falar: “Nossa, dei conta!” Dei conta de... Falei: “Bom, exposto isso está tudo resolvido, né?” Não, porque aí tem a questão... volta de novo a questão com ela. Que é uma coisa que eu vivo reproduzindo nas relações. Que é o fato das pessoas entrarem na minha vida e acharem que elas podem ocupar

o meu espaço. Dominar! Que é uma coisa que eu achei que dessa vez eu não viveria. Da pessoa entrar, invadir e falar: “Agora vai ser do meu jeito.” Gente, eu já vivi isso com homens e eu imaginei que seria diferente. Só que rolou muito ciúmes. Ela dizia: “É muito difícil essa relação com você.” “Por quê?” “Porque a Mayza é uma criança que acha que o mundo é dela.” Aí eu falei: “Fale-me mais sobre isso.” Aí você começa vamos lá, vamos dar corda. Aí ela fez assim: “É porque a gente tá conversando e quando os adultos estão conversando a criança tem que esperar a vez dela. Aí ela chega perto de você e falou: 'Oh mãe.' Ela fez com a cabeça, ela fez assim, aí você vira pra ela e fala: 'O que foi, filha?' E começa a conversar com ela como se eu não existisse.” Aí eu falei: “Então a gente vai ter que discutir uma concepção de educação. Não é uma questão do meu comportamento em relação a ela. Eu preciso te dizer que pra mim a fala dela tem tanta importância quanto a sua. Aliás, a fala dela é mais importante do que a sua. Então a gente não tá numa relação de hierarquia. Se você não tem horário estabelecido pra falar comigo dentro da minha casa ela também não vai ter.” E aí a conversa desandou. Porque eu falei “Nossa, gente!” “Porque do jeito que você tá tratando ela vai achar que qualquer lugar ela pode interromper as pessoas e que ela tem que ser ouvida.” Aí eu falei: “Então, primeiro que a forma como que eu eduquei meus filhos foi sempre assim. Dentro da minha casa, que é a casa deles, podem fazer o que você quiser. Se tiver algum problema a gente vai conversar, vai negociar. O espaço do outro a gente vai respeitar o espaço do outro. Isso não é uma coisa que acontece na minha casa. Em segundo que estou falando de uma criança que tem um comportamento muito introvertido. Ela é por natureza e eu acho que isso tem muita relação com a figura ausente do pai que pra ela ia ser um peso, de alguém que é muito tímida. Então, pelo contrário, eu tenho feitos movimentos com ela, tipo assim 'Transgrida!' " Porque eu vejo nela a criança que eu fui na escola, por exemplo. De dizer assim pra ela, um dia ela me ligou dizendo assim: “Mãe, a Helena queria que eu fugisse da sala na hora que a professora saiu, e a professora disse que não podia sair.” E aí ela com aquela vontade de... Eu falei: “Por que você não saiu?” “Mas mãe é errado!” “Mas vai fazer mal a alguém? Machucar alguém?” Mas a professora disse que não podia. E aí ela com aquela vontade de... eu falei: “Por que você não saiu? Por que é errado? Mas aí fazer mal a alguém? Machucar alguém?” “Mas a professora disse que não podia.” Eu falei: “Mas você queria sair?” “Querida!” “Então por que você não saiu?” “Porque ela iria brigar.” “Então você ia pedir desculpa, mas é bom fazer isso de vez em quando.” Aí o Henrique falou “Mãe, olha o que você tá falando pra Mayza!” “Sim, tô falando pra ela que ela tem que experimentar. Questionar!” Porque ela é muito certinha. E nesse aspecto ela é parecida comigo também. E ela já me falou várias vezes “eu queria uma escola com mais crianças

negras, eu preciso ter mais amigas negras.” Ela tem uma percepção que tem a ver com a gente, porque hoje eu não tenho dúvida que eu sou uma mãe muito diferente daquela de quando eles eram pequenos. Ela fala: “Aquela minha amiga branca, aquela minha amiga negra.” Na primeira semana de aula ela veio muito feliz porque ela falou: “Mãe, na minha sala não só tem uma menina negra como eu, como ela é da cor do meu pai, porque ela é bem escura.” E ela falou: “ E ela é linda! Tem um cabelo lindo, solto.” Então assim tem uma coisa que a gente tem fortalecido na Mayza, que aí nesse momento eu olhei pra fala dela e depois eu falei: “Não havia naquele momento como não discutir branquitude.” Entendeu? Isso pra mim pegou muito de olhar e falar mais do que dizer que a criança tá interrompendo, mas como é que eu uma mulher negra, que deveria me submeter, dou mais atenção para uma criança negra do que pra ela. Tem uma coisa que eu acho que pode ser inconsciente que eu acho que é inconsciente que é isso assim: não dá pra comparar. Que aí eu disse assim: “Não dá pra comparar!” Na minha cabeça não há nível de comparação, de competição com uma criança. Não haveria em nenhum contexto. “Então nesse nível de discussão primeiro que a gente não vai chegar a lugar nenhum, mas tem algumas coisas na minha vida que eu coloquei como inegociáveis, uma delas é a relação com os meus filhos. Se pra você tá insuportável...” Ela disse: “Porque me irrita essa sua relação com ela.” “Então se te irrita significa que você não pode estar na minha casa, então minha casa não é mais um espaço... você não é mais bem vinda na minha casa.” E aí ela: “Não, mas não é assim.” Eu falei: “É assim sim! Porque a gente tá falando de uma criança de seis anos. A gente tá falando de uma dinâmica da casa em que ela vem e me pede alguma coisa e volta pra brincar. Se isso te incomoda nesse nível em dois meses de relacionamento você não serve pra tá dentro da minha casa.” E aí ela chorou, disse que não, que eu não tenho paciência, que não sei o quê. Falei: “Então, eu posso até tentar te entender, mas tem uma coisa que é assim, tem um limite, minha casa não está mais disponível. O que vai acontecer com essa relação diante disso, porque eu sei que isso é uma questão com a minha vida corrida, com um monte... isso não é pouca coisa. Dizer que a gente não vai ser encontrar aqui, então eu não sei se essa relação vai se manter. Mas isso pra mim não é uma coisa que está em negociação. Primeiro que não tem negociação se meter na educação dos meus filhos, segundo que não teve nenhuma situação que justificasse esse tipo de ressalva. E terceiro que a minha vida particular não vai ser controlada por ninguém, se ela não foi controlada por todos os homens que tentaram fazer isso, nessa relação também não vai ser. E não é pelo fato de ser mulher, é pelo fato de que a minha vida, eu demorei anos pra entender que a direção da minha vida é minha. Se alguém tiver que ficar por perto vai ter que lidar com isso. E aí eu acho que é o grande nó. Por que onde é que está esse ser ? Eu tenho pra

mim que ele não existe. Independentemente de ser homem ou ser mulher, todas as tentativas foram absolutamente frustradas. Porque a minha cabeça tá muito lá na frente, querendo fazer um monte de coisas que em geral as pessoas não estão disponíveis pra suportar. Porque é isso. E aí a grande questão foi: você precisa ter tempo pra mim. Mas eu preciso ter tempo pra mim! Acho que tem uma característica que me fez avançar que foi um determinado momento olhar e falar: tenho filhos, tenho casa, tenho não sei o que lá, mas tenho a mim mesma. Tenho mãe, tenho pai que não concordam com um monte de coisa que eu faço, mas que há muito tempo eu entendi que isso não é um problema meu. Isso é um problema deles! Que me afeta e em alguns momentos eu fico muito irritada. Mas que eu entendi que era um problema deles. Eu não vou mais deixar de fazer as minhas coisas por ninguém, acho que nem pelos meus próprios filhos. Quando eu penso “Ah, eu vou pra outro lugar.” Penso que pode ser um prejuízo a medida que eles não queiram ir junto, mas as pessoas fazem escolhas na vida. E eu levei muito tempo pra poder escolher. Então acho que tem um pouco disso assim de ter de novo experimentar uma relação totalmente fora do comum, que acho que isso tem a ver com esse processo de poder me reconhecer um pouco mais. Há dez anos atrás essa possibilidade não seria nem aventada por mim, seria assim: “Não, eu não dou conta disso.” Mas na minha vida nada foi a qualquer preço. Acho que algumas coisas eu suportei por algum tempo porque elas eram necessárias para um objetivo que eu tinha futuro. Porque eu tinha um norte. Se não tiver norte a necessidade não existe, então acho que é um pouco disso da questão de como eu me constituo hoje. Mas tem essa marca do alguém vai ter que me olhar, né? E mesmo que as pessoas me olhem eu continuo achando que elas olharam errado. E olha que são anos e anos de terapia, né? Quer dizer que já melhorou muito, mas ainda sim me causa espanto quando alguém olha e fala: “Nossa, como você é bonita!” Isso me causa muito espanto. E não há o que as pessoas me digam que me faz mudar essa ideia. Eu acho que isso tem a ver com a minha mãe. Eu digo isso sempre. Eu acho que nunca ouvi dela isso. E eu acho que tem uma coisa de eu nunca tive essa aprovação dela. E eu acho que as outras pessoas não tem a mesma autoridade pra falar em nome dela. Eu fico imaginando que isso deveria ter vindo dela. Que aí é o contrário com a Mayza, né? Dela olhar e falar: “Nossa, mãe. você é linda! E eu sou linda igual você.” Então acho que a gente vai construindo outro... e eu melhorei muito a minha relação com o feminino com a vinda da Mayza também. Porque ela me cobra isso. Do cuidado, do batom, perfume, colocar o brinco, de não sei o quê. De colocar... então ela faz esse movimento me dizer “Olha, eu quero me ver em você, mas pra eu me ver você precisa estar bem.” Então, acho que foi muito legal essa troca que eu tenho com ela hoje que me transformou completamente. Muito mais que os meninos. É igual menino e menina. Eu não

estou falando da questão do machismo, de que eu criei eles. Mas tem algumas... alguns... alguns acordos. Não são acordos! Não é um acordo. Mas têm algumas vinculações, identificações que são diferentes, né? Com eles eu me identifico com uma outra perspectiva. Com ela eu tive de dar conta do meu feminino negro. É isso assim. Eu tive que me olhar e dizer “Como é que eu vou dizer pra ela da beleza dela se eu não consigo ver nenhuma beleza em mim?” Então eu melhorei muito, mas aí eu posso me ver bonita, mas ainda não autorizo o outro a me ver bonita. É como se eu dissesse assim: “Você não tem essa liberdade.”

É um ponto do processo, mas que hoje não me causa... acho que não me causa sofrimento porque eu canalizei isso para outras coisas. Então eu não tenho a menor dificuldade de receber um elogio profissional e de achar que ele é legítimo. É engraçado isso! Então se alguém me diz “Você é maravilhosa, é inteligente.” “Verdade. Eu sou mesmo. Obrigada!” É duro isso. Esse peso de... porque aí eu consigo provar. Eu comigo mesma consigo provar que eu estudei, não sei o que lá, que eu falo e que isso é verdade. Agora o meu corpo eu não consigo provar. Não faz muito sentido. E nessa história tem o #marciafica, né? Me colocou... a vida inteira invisível e vem o processo da PUC e me joga pro mundo, né?

M: Então você pode contar como foi essa da PUC, o #marciafica?

Ma: A PUC! A minha entrada na PUC está diretamente ligada ao Henrique. Porque assim ele já estava no segundo ano do curso de Direito e assim no período difícil economicamente, porque a gente já estava chegando a um limite das despesas pra manutenção dele lá. E a PUC tem muitas poucas bolsas sociais e tem um corte de renda muito alto. Você precisa ser muito pobre pra conseguir a bolsa e quem é muito pobre não tá na PUC. E aí da primeira vez que o Henrique fez, logo que ele entrou teve um edital, ele fez e não passou “Ah, porque a minha renda é alta.” Dois anos depois saiu o edital e a gente estava naquele dilema de objetivamente pensar assim “Vamos.” Porque aí algumas pessoas já disseram assim “Ah, coloca o Henrique morando com o pai dele, já que o pai dele tem renda zero. Põe ele com o pai.” Primeiro que isso não é tão tranquilo porque até os 24 anos eles consideram os pais solidários mesmo estando separados. Então de qualquer forma eu teria que apresentar a minha declaração. E segundo que eu dizia assim “Não é uma coisa que eu quero pra minha vida, uma situação. Forjar uma história.” Porque a gente discute sobre cotas, direitos, enfim... Falei não sei o que vai dar. E aí a gente sentou um dia e falei: “Henrique, você vai ter que mudar de faculdade.” A gente chegou a ver algumas faculdades, a gente foi ver a federal do ABC. A gente acabou olhando alguns lugares, mas tinha uma coisa assim “Você não pode sair de lá.” Aí ele preparou toda a documentação e eu falei: “A gente vai colocar a minha renda, vai colocar a despesa, se der certo deu, se não der não deu. Tá bom?” “Tá bom!” Preparamos toda

a documentação. E aí no último dia da inscrição ele falou: “Mãe, hoje é dia de mandar os documentos.” E aí já tinha fechado o prazo para transferência, que no terceiro ano se não transfere no terceiro ano não consegue transferir mais para outro lugar no Direito. Então a gente já tinha perdido a chance dele sair de lá. Aí eu virei pra ele e falei: “Você não vai mandar.” Ele: “Mas como assim não vou mandar?” Falei: “Você não vai mandar!” “Mas como você vai pagar?” “Não sei como, mas a gente vai pagar.” Aí ele olhou e pensou: “A minha mãe tá louca, né? De pedra.” “Você não vai mandar Henrique essa documentação. A gente não vai ficar pedindo esmola e a gente vai pagar essa PUC. Não sei como, mas a gente vai.” Ele me obedeceu, né? Não tem muito o que fazer, coitado. Aí tá. Passou uns quinze dias eu sonhei com meu irmão. Eu tenho um irmão que faleceu. Essa história eu não te contei. Eu tenho um irmão que faleceu em 2006. A história do nascimento do Henrique tem tudo a ver com a história do meu irmão, porque assim... Meu irmão... em 96 quando eu fui trabalhar no Programa de HIV/Aids, na mesma semana que ele descobriu que ele estava com o vírus. Só que ele estava começando a fazer tratamento no Emílio Ribas e decidiu que ele ia continuar o tratamento lá. Então ele nunca fez tratamento onde eu trabalhava. Eu fiquei lá por quinze anos nesse serviço. Então quando meu irmão adoeceu foi muito difícil pra mim porque a gente sempre teve uma ligação muito próxima. Eu sempre gostei muito dele. Meu irmão trabalhava com pintura, com designer. Essa é uma coisa que eu digo sempre, se ele estivesse vivo essa casa seria uma casa impecável. Em termo de decoração, pintura... Ele era a pessoa que vinha e fazia assim. Uma referência que eu perdi masculina muito importante pra mim. Mas enfim, quando ele adoeceu foi a primeira vez que eu me dei conta que eu podia perder alguém. Tinha perdido os meus avós, mas depois ninguém próximo tinha morrido. Muito próximo. Então a morte era uma coisa muito distante. Então quando ele adoeceu, em 96 que as pessoas morriam muito de HIV, naquele momento eu me dei conta de que a morte estava ali me rondando. E aí me remeteu aos meus pais. Eu olhava e falava assim... eu dizia que não queria ter filho logo. E nesse período eu olhei e falei: “Nossa, mas se eu demorar muito pra ter filho, os meus filhos não vão conviver com os avós, como eu não convivi.” E aí o adoecimento do meu irmão me fez engravidar. Porque aí olhava e falava: “Tá na hora de eu ter um filho.” Nasceu o Henrique. Engravidei nesse processo. E aí eles eram muito ligados os dois. Em 2006 meu irmão faleceu, dez anos depois. Meu irmão faleceu quando eu terminei a faculdade. E aí foi superdifícil contar pro Henrique, contar pro Gustavo. Mas a gente fez todo o processo. Ele teve um câncer cerebral e morreu em 21 dias. Foi uma coisa muito rápida assim. ele ficou totalmente paralisado. Em 21 dias ele morreu. Que foi a melhor coisa pra vida dele. Pra quem trabalhava com as mãos, toda essa coisa de... eu não conseguia imaginar ele voltando pra casa

naquele condição de não poder fazer nada. Foi muito difícil a perda dele, mas eu entendi muito de cara que era melhor pra ele. Eu nunca tinha sonhado com o meu irmão. E aí nesse processo do Henrique eu sonhei com ele. E aí foi um sonho muito interessante porque ele... ele estava em um campo, num lugar aberto assim. E aí eu chegava perto dele e dizia assim: “Eu vim aqui... o Luiz me mandou buscar 100 reais com você.” Luiz é meu irmão mais velho. E aí ele tira o dinheiro 100 reais e dá na minha mão. Aí ele fala assim: “Espera um pouquinho.” Aí ele entra no cano assim, desce e volta com uma caixa de madeira. Ele dá essa caixa na minha mão. Uma caixinha igual aquela ali... parecida. E aí eu abri a caixa e tinha muito dinheiro dentro da caixa. Aí eu virei pra ele e falei assim: “Mas ele te pediu 100 reais. Eu não vou levar todo esse dinheiro. Eu vim aqui pra buscar 100 reais que ele te pediu emprestado e vai te devolver.” E aí ele diz assim: “Mas esse dinheiro não é dele, essa caixinha é sua.” Eu acordei do sonho! Atrasada. Telefone tocando. Mayza tinha que ir pra escola. Perdi a hora. Sabe aquele negócio que... aí eu atendo o telefone, era a professora da PUC. Porque eu tinha feito... vou voltar na história. Porque assim, eu tinha feito uma seleção em 2017 para professora substituta. Porque eu disse pro Henrique assim: “Henrique, vou fazer seleção para professora substituta porque o período que eu ficar como professora substituta você tem bolsa, então a gente dá uma aliviada.” Fiz a seleção. Acho que eram 19 candidatos. Eu fiquei em terceiro lugar. Uma amiga ficou muito brava: “É um absurdo você ter ficado em terceiro lugar, isso é racismo!” E aí eu me lembro de ter dito pra ela assim: “As coisas acontecem na hora certa. A hora pra ir pra PUC não é agora.” Porque eu tinha certeza que eu iria. Isso foi em setembro. Aí chamaram a primeira candidata para substituir uma outra professora que voltou em dezembro. Então ela substituiu até dezembro, acabou o contrato e pronto esse processo, já era. Aí em março... nesse dia sonhei. Aí de manhã a professora diz assim: “Tô te ligando desde ontem, tô te ligando várias vezes e você não atende. Eu quero que você venha fazer entrevista pra vaga porque uma outra professora se acidentou.” Ela tinha ido pra Espanha um congresso caiu e quebrou o ombro. Uma coisa totalmente inesperada. Que tinha sido a professora que me entrevistou. E que depois no processo disse pra mim: “Ah, queria que você entendesse que eu não sou uma pessoa racista.” Porque aí vem uma outra parte da história que é que todo preto faz um quilombo, né? A gente faz mesmo, mas nessa história não era. Porque assim, ela tinha sido... essa professora que é coordenadora do curso, ela fez parte de uma banca que foi cancelada porque a candidata entrou com um processo contra a banca dizendo que a banca tinha sido racista. Eu sabia da história da banca que tinha sido suspensa, mas eu nunca perguntei pra candidata, que eu sabia quem era, quem tinha sido a banca. Bom, a entrevista era para substituir essa professora. Eu tô pensando na bolsa do

Henrique. As pessoas que são muito próximas de mim sabiam porque eu dizia assim: “bolsa do Henrique, bolsa do Henrique.” O processo da entrevista foi extremamente complicado, elas me perguntando como eu iria conseguir chegar daqui pra PUC. Porque elas me ofereceram várias aulas. “Mas como você vai dar conta. Você mora na periferia, não é difícil chegar em Perdizes?” Se a gente disser que isso é racismo vão dizer que é “mimimi”. Eu olhava e pensava assim: “Mas porque elas me chamaram com tanto senão.” Fui e aí passei por uma nova seleção.

M: Era a única negra?

Ma: Era a única negra. E passei por uma nova banca. E aí o Gustavo falava assim: “Se eu fosse você não ia, passar de novo por isso, você já fez uma...” “Eu vou! Qual é o problema? Eu vou lá.” Fui, passei de novo, me entrevistaram de novo, um monte de pergunta e eu na boa. Saí de lá e falei: “Não vou passar.” Porque a segunda candidata eu conheço, não estava trabalhando e tinha todos os requisitos suficientes, a vaga é dela. Fizeram isso porque talvez precisam chamar três pessoas no edital. Não sei por que cargas d’água, até hoje eu não entendo, que elas não chamaram a segunda candidata e me chamaram. E aí eu fui e assumi. Nunca condição absolutamente desfavorável. E aí eu só conseguia lembrar do sonho. O que me fez aceitar foi o sonho porque objetivamente eu não tinha a menor condição. Racionalmente “Você tá maluca, você não vai conseguir dar conta.” Eu cheguei a pensar em dizer não, mas na hora me veio meu irmão e o sonho. E aí eu falei: “Gente, isso não é por acaso.” Não é por acaso que eu sonhei com ele, não é por acaso que eu recebi. Isso é uma mensagem dele. E aí assumi, organizei minha vida e eu fiquei até dezembro. E a bolsa ficou até março desse ano. Esse ano voltei a pagar. Então efetivamente foi um grande alívio. Mas a minha ida era assim: eu vou pela bolsa. Não vou porque eu quero dar aula na PUC, não vou porque é referência, não vou por nada dessas coisas. Eu vou porque eu vou dar aula e a aula vai me garantir a bolsa. Porque inicialmente era uma substituição de três meses como tinha sido a da primeira candidata. E eu entendi que se eu tivesse ido teria ficado só três meses. Nessa mudança do universo eu não fui, e aí quando fui fiquei um ano. Então entre três meses e um ano que bom, né? Um ano. Eu tinha certeza que ia ser isso, só que aí no dia que eu entrei, no primeiro dia de aula... Só que assim elas não contaram para os alunos quem era a professora que ia começar a dar aula. E o racismo faz com que as pessoas não queiram te conhecer. Porque assim eu já tinha estado na PUC, porque lá tem o coletivo “NegraSô” que é um coletivo que discute as questões raciais, faz as denúncias dentro do Serviço Social e na área de humanas do racismo que os alunos sofrem. E as alunas tinham me convidado pra uma mesa um ano antes, pra “Semana Preta” para falar sobre racismo. Estava no meu currículo,

elas não olharam. Tinha várias coisas no meu currículo que elas não olharam. E aí no processo do #marciafica eu fui saber que no ano anterior, em dezembro do ano anterior... novembro... tinha tido uma audiência com a reitora por conta das denúncias de atos racistas dos professores nas faculdades. E que a reitoria tinha se comprometido primeiro a oferecer melhor condições para os alunos, uma das coisas era ampliar o bandeirão para que eles pudessem comer lá, cota de xerox. E tinha no planejamento a contratação de professores negros. Eu não sabia de nada disso quando eu fui pra seleção. Ninguém me falou nada. Ninguém olhou e ninguém viu o que eu fazia e que inclusive já tinha estado lá com esses grupos. Só que não sei porque também elas não contaram para os alunos que seria eu a professora. O que aconteceu? No dia que eu ia iniciar a aula foi a quarta-feira do julgamento do Lula. E aí iria ter uma manifestação na Paulista e a PUC cancelou as aulas. Eu tava chegando na faculdade pra dar aula e a faculdade estava fechada. Aí voltei pra casa, peguei aquele trânsito infernal, porque todo mundo estava voltando para casa por causa da mobilização. Só que os alunos na quarta já sabiam quem seria a professora porque era no dia da aula, não tinha como. E aí uma aluna, porque eles tem um grupo de WhastApp, uma aluna do primeiro ano disse assim “A gente ia ter aula hoje com a Professora Marcia Eurico, mas a gente não teve por conta de que a PUC fechou.” Aí o que acontece? Quando ela colocou isso as alunas disseram assim: “Você tá brincando que a gente vai ter aula com ela?” “É ela, vocês conhecem?” “Claro que a gente conhece, ela já veio aqui.” Os alunos se articularam de quarta para quinta de manhã porque aí já sabiam quem eu era. Eu não tô sabendo de nada, vou dar aula, certo. Quando eu chego elas tinham feito um café da manhã pra mim. Eu cheguei no horário fui para sala das professoras e a aula não começava e a coordenadora disse assim: “É, atrasaram um pouquinho.” Chegou uma hora que eu falei: “Gente, mas eu vim pra dar aula 7h30, são 8h30 vocês não me levam para sala o que os alunos vão pensar de mim?” “Ai não calma que a gente já tá indo.” Quando a gente chegou na sala tavam todas as turmas na mesma sala com café da manhã, com flores pra me receber e com um manifesto que elas tinham escrito, que dizia que a PUC nunca tinha tido uma professora negra no curso de Serviço Social. Elas leram, foi superlindo e eu falei: “Fizeram um café da manhã.” Aí terminada a aula eu pego as minhas flores, estou indo pro estacionamento pegar o carro. Aí uma professora do curso vira pra mim e diz assim: “Ah, quer dizer então se eu quiser ganhar flores eu tenho que tomar muito sol, muito sol.” Eu olhei pra ela e disse assim “Então, você pode até tentar, mas eu acho que você não vai conseguir.”

M: Vai pegar câncer de pele...

Ma: Só não falei isso. (risos)

Fui embora. E aí eu sabia que a minha vida seria um combate. Mas eu dizia assim, eu tenho uma meta aqui, como na minha vida inteira. E a minha meta nesse lugar é o Henrique, não é outra coisa. Meu filho! O que vai me sustentar aqui é ele. E os alunos. Então assim, eu não preciso de outras pessoas. Aí começa o processo... Um comentário aqui, uma hostilização aqui.

M: Por parte de quem?

Ma: Dos professores. Das professoras, porque são todas mulheres.

Aquela coisa muito velada, muito que a gente sabe. Ninguém precisa me dizer o que é racismo, eu sei. Mas eu fiz opção de que eu ia enfrentar aquilo à altura, porque aí eu discutindo com a Cris eu... A Cris um dia me disse assim: “Sabe qual é a sua vantagem? É que elas não te conhecem de fato. Não conhecem a sua força. Mas você sabe que elas são racistas, você está um passo à frente. Você vai conseguir se sustentar lá.” Esse foi o meu lema. Eu ouvi algumas coisas. Eu não me vinculei. Eu ia dar aula, dava aula e ia embora. Eu sei que não faço parte desse grupo, elas fizeram questão de me dizer que eu não faço parte daquele grupo e eu não queria fazer parte daquele grupo. E a vida seguiu. Os alunos começaram a trazer várias situações de racismo, conversando com as alunas eu falei: “Vocês não podem ouvir esse tipo de coisa e ficar quieto.” Do tipo assim: “Você... Não é possível que você tenha feito esse trabalho. Você copiou isso de alguém.” Nesse nível para as alunas negras. Coisas que a gente sabe a base que elas tem. O que aconteceu pra isso? Tem uma questão que eu esqueci. No ano anterior eu tinha sido convidada a fazer a fala sobre racismo no Seminário Anual de Serviço Social da Editora Cortez que foi dia 7 de maio. Seminário da Cortez do Serviço Social é um seminário anual que é organizado com muita antecedência. Foi antes de entrar na PUC. Eu tinha sido convidada pro seminário pra mesa sobre racismo institucional. Eu comecei na PUC em março, em maio já tava lá. Aí fui pro TUCA porque o seminário era no TUCA, fiz a minha fala sobre racismo institucional. Só que... e a minha mesa foi à tarde. Na mesa da manhã uma aluna resolveu levantar uma placa que dizia: “Viva Sapatão!” E aí é um evento que é filmado, e aí o câmara começou a filmar ela com a placa. Eu não tô sabendo de nada, tô lá assistindo o seminário, não sei o quê. Fui saber depois o que elas fizeram... Elas na hora perceberam, sacaram a história. Elas sacaram que elas podiam fazer ali um movimento. E aí elas fizeram as plaquinhas, conversando com algumas alunas, algumas participantes do evento que estavam em alguns lugares X da plateia... eu vou pra... aí me chamam eu subo pra mesa, quando eu subo pra mesa sento, porque o telão está atrás de nós, eu tô vendo aquelas pessoas levantando alguns papéis. Eu não tô enxergando porque eu tô lá no palco. E eu demorei pra perceber o que era porque não via o telão. Até que uma

professora... E o câmara filmando, todo mundo da plateia já tinha visto. A professora que estava coordenando a mesa que também não sabia o que tinha acontecido virou e falou assim pra mim: “Os alunos estão com uma placa #marciafica. Você pode explicar o que é isso?” Eu tô totalmente fora da cena, não sei o que tá acontecendo, não tinha visto a placa nem pra processar uma resposta. Ela pega no microfone e fala isso pra plateia. Qual foi a minha reação? Eu virei pra ela e falei: “Acho que não é nada demais. Os alunos estão dizendo... eu tô substituindo uma professora e eles estão dizendo que gostariam que ficasse, é só isso.” Miriam, isso foi o estopim. Eu fui tachada por várias professoras: “Essa professora é uma professora oportunista porque ela não podia ter tido essa fala na mesa!” Aí minha amiga disse assim: “Ela não foi oportunista, a mediadora da mesa que não deveria ter perguntado.”

Então assim ela que tinha que perceber que ali tinha uma questão séria. Ela perguntou... o que eu ela ia dizer “eu não posso falar sobre esse assunto.” Qualquer coisa que eu dissesse seria que eu tinha sido oportunista, que eu não era uma pessoa séria. Eu quieta! No dia seguinte eu cheguei de manhã e falei assim: “Olha, eu acho que vocês não me conhecem...” Falei pra coordenadora. “Vocês não me conhecem, então eu vou dar só um recado, se vocês quiserem falar mal de mim vejam onde vocês estão falando, porque assim como vocês eu tenho os meus conhecimentos. Então se vocês quiserem falar mal de mim falem na minha cara.” Essa professora me odiava. “Não, veja bem, a gente não falou nada, mas ficou muito esquisito aquele evento.” “Que os alunos façam uma mobilização isso não me espanta, agora que vocês comecem a falar mal de mim isso é absolutamente inadmissível. Então chega e fala na minha cara.” Ninguém nunca teve coragem de falar pessoalmente, nenhuma delas. Até porque elas sabiam que eu processaria todas. Então foi... E aí esta professora se dizendo amiga dos alunos abre a conversa do WhatsApp onde elas estão metendo o pau no evento, em mim e dizendo que eu não ficaria de jeito nenhum, só por cima do cadáver delas. Aí vem as alunas... “Não, ela é uma professora muito bacana! Porque ela é nossa aliada.” Eu falei: “Olha, eu sinto em dizer pra vocês que ela tem algum interesse nisso. Porque assim, ela faz parte do grupo, se ela não concorda ela tinha que sair do grupo e não abrir um grupo privado de professoras para os alunos. Isso não tem nenhuma ética e olha que vocês estão falando de mim. Olhando objetivamente a conduta dela foi uma conduta absolutamente inadequada.” E aí foi o estopim o que os alunos fizeram. E aí foi quando os alunos perceberam que estavam sendo manipulados e aí eles se organizaram e ocuparam a PUC. E aí eu tô em casa e me ligam: “Os alunos ocuparam a PUC por sua causa.” Por minha causa? E foi a semana mais difícil da vida. Por que? Primeiro que as pessoas... Primeiro que as professoras em nenhum momento falaram comigo diretamente. Elas me chamaram para

uma reunião onde disseram assim: “Tá sabendo que os alunos ocuparam por sua causa e a gente não tem nada a ver com isso, porque você não pode ficar aqui. E não é porque a gente tem alguma coisa contra você, mas é porque você não é uma professora efetiva.” Meio que tentando me dizer que eu tinha que falar isso para os alunos. Eu virei e disse: “Não sei porque vocês me chamaram, porque disso eu sei desde o início.” “Mas é porque tem uma situação que aconteceu ano passado com a reitoria e os alunos estão reivindicando...” E aí Miriam, na reunião, eu virei e falei assim: “Olha, eu vou falar uma coisa pra vocês. Vocês são muito ruins de análise de conjuntura porque eu nessa situação que...” Porque aí elas foram me contar o processo. “Nessa situação eu jamais me contrataria. Por que vocês me contrataram? Porque eu não me contrataria. Vocês tinham um problema, vocês não resolveram esse problema e vocês trouxeram uma professora que era a professora que os alunos tinham pedido por questão racial. Vocês achavam que isso não ia dar em nada ou vocês acharam que iam me contratar e os alunos iam falar: olha elas tentaram, então tá tudo certo? Então vocês erraram duas vezes, quando me contrataram, não deveriam ter me contratado e quando não me contaram o que estava acontecendo. Agora eu não posso fazer mais nada. Se quando eu entrei vocês tivessem me dito talvez a gente pudesse ter caminhado de uma outra forma. Eu não ia impedir os alunos. Mas vocês até poderiam me pedir alguma coisa. Vocês não me falaram nada, vocês me deixaram no escuro. Então agora eu não tenho nada pra fazer.” Sai da reunião. Aí eu falei: “Mas antes de sair eu quero que vocês me digam por que vocês me contrataram. É só isso que me interessa. Porque não faz sentido vocês terem me contratado.” Aí a coordenadora vira e diz: “A gente te contratou porque você tinha o melhor currículo.” Falei: “Obrigada.” “Porque das três candidatas você é que daria conta da disciplina do jeito que aconteceu.” “Então vocês me contrataram pela minha competência, porque eu não entrei aqui por cota. Então não venha me dizer que o problema sou eu porque eu não tô reivindicando nada pra mim. Eu entrei por uma seleção, vocês me selecionaram em terceiro lugar e vocês escolheram me contratar. E se eu decidir... porque se eu me encher muito eu posso pedir demissão... mas se eu sair daqui nesse momento vocês vão ter mais um problema. Então eu não sei como posso ajudar vocês. Eu posso não atrapalhar que é o que eu tenho feito até hoje. Venho dar as minhas aulas, faço o melhor que eu posso, porque eu sempre assumo os meus compromissos de maneira séria. Isso eu vou continuar fazendo. E o resto não depende de mim.” E aí todo mundo me tratou superbem, mas não tenho dúvidas que nos bastidores desceram a lenha. Aí foi... não me chamaram pra conversar, os alunos não queriam dialogar com as professoras. A reitoria ocupada, prédio ocupado. Aí me liga uma pessoa da reitoria três dias depois da ocupação e diz assim: “A gente precisa que você converse com algum aluno.” Eu falei: “Tá, eu tenho contato

com alguns alunos, mas eu não sei se eles vão me atender, mas eu posso conversar.” Porque eles não queriam conversar com ninguém. Porque elas não tinham... Elas não tinham nenhum aluno disposto a conversar com elas. Turmas que eu nem dei aula. Então, o que acontece? Qual era ideia delas. Esse coletivo é muito agressivo. Essas alunas negras. Eu cheguei a ouvir que: “Então esse povo vem da periferia querendo holofote e aí se junta nesse coletivo pra ter visibilidade e acham que vão ganhar o mundo.” E aí em uma das reuniões de colegiado uma das professoras disse assim: “Então, é só a gente desarticular o movimento. Porque os alunos não gostam delas porque elas são muito hostis. Porque tudo elas falam que é racismo. Aí a gente desarticula essas meninas, desbanca essas meninas rapidinho e aí os alunos voltam para o nosso lado”.

Aí os alunos criaram um abaixo-assinado online que foi o #marciafica, naquele site que faz abaixo-assinado. Aí vou pra reunião de novo a pedido das professoras. Aí eu disse assim: “Olha, eu acho que vocês não estão de novo querendo olhar a realidade. Eu tô dizendo pra vocês que isso não tem a ver com a minha permanência. Mas tem a ver com uma questão do colegiado”. Terminou a reunião... Graduação e pós-graduação. Aí uma professora da pós-graduação virou e falou pra mim: “Por que você não dialoga com as professoras? Por que você tem condições de ajudar. Você tem conhecimento e não contribuiu com nada.” Falei: “Então, se tem uma coisa que eu aprendi na vida é que eu só vou falar quando eu for solicitada. Ninguém me pediu para contribuir, eu não tô aqui pra fazer favor pra ninguém.” Sai da reunião. Fui embora pra casa.

M: Mas que diálogo ela queria que vocês tivessem?

Ma: Ela queria... porque aí uma outra professora da pós-graduação disse assim: “A gente precisa chamar um especialista em questão racial, (risos) pra poder dialogar com os alunos e fazer os alunos se redimirem da ideia.” Eu achei que elas iam chamar alguém de nome, mas eu descobri quem foi a pessoa que eles chamaram: “Ah, elas me chamaram, mas eu não me senti a vontade, não tinha sentido eu ir.” Falei: “Então tá, né?” Chamaram inclusive uma pessoa que elas queriam porque elas achavam que não podiam falar comigo. Como assim eu podia ser alguém pra contribuir? Eu ia pra reunião e ficava lá olhando elas se digladiando... morrendo de medo porque tinha já a questão do mandado de segurança, de entrar na PUC. Que a polícia nunca entrou... Então tinha assim uma situação tensa e ninguém me dizia assim: “Você pode auxiliar?” “Não posso!” E também não poderia, no sentido de dialogar, tentar fazer elas perceberem que a pauta dos alunos era legítima, que não tinha a ver comigo, mas que eles tinham entendido que eu seria uma pessoa de referência. Na quarta-feira, começou na segunda e a minha defesa do doutorado era na sexta. Tudo bem. PUC tá ocupada. Minha

defesa era na sexta, a ocupação tinha acontecido na segunda e foi a semana da greve dos caminhoneiros que tava o caos no mundo. E eu calma! Calma! Fui pra orientação na casa dela. Chego na casa dela, ela me diz assim: “Eu te chamei aqui por dois motivos” Superarrogante. “Primeiro porque eu quero saber por que você continua calada em relação a tudo que está acontecendo no curso de Serviço Social?” E ela falou assim: “E segundo por que você não parou esse movimento até agora.” Depois de ter passado quatro anos fazendo doutorado com ela. Aí, Miriam, eu virei pra ela e falei: “Primeiro que você nunca me perguntou. Então não venha me dizer que eu não tenho falado sobre o assunto, porque as pessoas que me conhecem, que estão próximas de mim, que me ligam eu digo exatamente o que está acontecendo. As pessoas que se preocupam comigo sabem o que eu tô passando. Segundo que se você não entendeu que não tem a ver comigo tudo que tá acontecendo, isso não é problema meu. Terceiro quem disse pra você que eu não concordo com a pauta dos alunos?” Ela respondeu: “Eles são equivocados, porque eles estão dizendo que as professoras são racistas, porque eles estão dizendo que elas são velhas, eu também sou velha, você também quer que eu saia?” Aí eu virei pra ela e falei: “Todo movimento social tem equívocos. Não estou dizendo que eles são perfeitos, mas a pauta dos alunos é legítima. Aliás, eu se fosse você não me pediria pra falar. Pra vocês professoras desse lugar, o meu silêncio é muito mais valioso do que a minha fala. Porque se eu tiver que falar não pense que eu vou falar o que vocês querem ouvir. Então me deixa quieta.” Aí ela vira e fala assim: “Eu estou muito preocupada..” Muda o tom, né? “Estou muito preocupada com você. Você está vivendo uma pressão psicológica muito grande e eu acho que você não tem condições de defender na sexta. Vou suspender sua banca.” Eu respirei fundo e falei: “Não, eu não tô ouvindo isso.” Eu virei pra ela com toda a tranquilidade do mundo, porque eu sabia que naquele momento ela podia de fato suspender a minha banca temporariamente pelo tempo que ela quisesse. Eu olhei e pensei “eu vou ter que de novo ser absolutamente fria porque é isso que a gente precisa ser diante de práticas desse nível.” Virei pra ela e falei: “Você tá me vendo aqui. Você tá me vendo nervosa? Eu algum momento eu disse pra você que eu tô descontrolada? Que eu fui no psiquiatra? Eu não tenho nenhum problema. Eu estou a pessoa mais tranquila do mundo. Porque o problema da ocupação da PUC não é meu. Você não precisa se preocupar com meu psicológico. Dele eu dou conta! E eu tô ótima. A minha banca vai ser sexta-feira.” “Ah, mas eu tenho medo do que os alunos possam fazer para te prejudicar.” Eu falei: “Os alunos nunca me prejudicaram nesse lugar. Se eu fui prejudicada não foi por conta dos alunos. E eles sabem que a minha banca é muito importante. Ela tem um valor pra mim... ela tem um valor simbólico muito grande. Você não precisa se preocupar com os alunos. Que se eles forem pra minha banca o respeito que eles

tem por mim vai fazer com que eles não me atrapalhem. Minha banca vai acontecer.” Vim embora pra casa atordoada, né? Vim embora! E a Cris estava viajando. Não tive nem terapia que a Cris tava... tava na Alemanha. Não tinha nem Cris para correr para o consultório. Aí vim pra casa e recebo uma ligação da reitoria de novo, recebo uma ligação de manhã na quinta, tipo 10h da manhã da reitoria dizendo assim... “eu preciso que você venha para uma reunião meio-dia.” Vou pra reunião. Nunca tinha entrado na reitoria, uma mesa enorme, sei lá quantas cadeiras tem naquele lugar, lotado de gente branca. Professor, professora, coordenador de curso, todas as professoras, o vice-reitor, todo mundo lá na mesa. Eu entro e sento, tipo assim. Tô aqui, me apresentei, me levaram lá na sala, abriram a porta. Entrei e sentei, eu tô vendo o povo lá... Aí o reitor, vice-reitor. Acho que era o vice. Nem lembro quem era na hora, vira pra coordenadora de Serviço Social e fala assim: “Então, vocês não resolveram essa questão até agora”. Porque os alunos da FEA ameaçaram invadir porque eles queriam ter aula ... “Se algum aluno sofrer algum tipo de dano físico a responsabilidade vai ser de vocês porque vocês não tiveram competência de resolver esse negócio e não chegar na ocupação.” Nesse nível a discussão deles.

M: Na ocupação não teve aula para as outras faculdades?

Ma: Fechou tudo! Fechou todos, tudo. Ninguém entrava, ninguém saía. Aí ele vira e fala assim: “Então a gente vai fazer uma proposta pra ela, se ela aceitar...” “Qual é a proposta?” “A proposta é que você tenha uma aula de disciplina optativa, uma disciplina que a gente tá criando em relações internacionais. Vai ser no segundo semestre, pra você ter mais um semestre de aula, para conseguir que os alunos negociem a desocupação” Tá bom! E aí a professora que tinha dito que as duas mil assinaturas não eram nada vira e fala assim: “Eu não concordo com isso. Não é ético ela entrar dessa forma. O colegiado entende que essa forma que você tá propondo pra ela não é ética. Fere todos os princípios da razoabilidade”. O professor vira pra ela e fala assim: “Então, não me importa, vocês não resolveram, quem vai resolver sou eu, se você concorda ou não concorda eu não tenho nada a ver com isso.” Aí a minha orientadora tava sentada do meu lado, ela virou pra mim: “Não vai ter condições de você defender amanhã que a PUC continua ocupada.” Tá o representante da reitoria do outro lado. Eu viro pra ele e falo assim: “Como foi que aconteceram as defesas de ontem e hoje?” “Aconteceram no Campus Consolação. Você tá preocupada com a ocupação?” Eu falei: “A ocupação não me diz respeito. Eu só quero saber onde eu vou defender, é isso que me importa. Porque eu tenho um doutorado pra defender amanhã e a ocupação não é problema meu.” Aí ele virou pra mim e falou: “Você vai defender tranquilamente porque se continuar ocupado você vai defender na Consolação.” Eu virei pra ela e falei: “Viu!” Aí ela... terminou

a reunião, todo mundo saiu. A coordenadora das Ciências Sociais começou a conversar comigo, ela fez: “Você não vai descer?” “ Não, vou ficar aqui mais um pouco”. Tipo assim, não vou descer com vocês. Aí fiquei mais um pouco e tal, aí bom... os alunos não desocuparam, aquela confusão... Me liga o povo da reitoria, disseram que os alunos não iam desocupar. Marca uma bendita de uma reunião, uma assembleia com os alunos na ocupação, a gente entra no pátio e elas queriam entrar na ocupação. Os alunos falaram: “Vocês não vão entrar na ocupação. Isso é uma ocupação, se vocês entrarem acabou a ocupação.” Entra o segurança “vocês não vão entrar, vão ficar do lado de fora.” Um frio que tava, todo mundo sentado na calçadinha lá. Aí uma professora vira e fala assim... “Você tá lá naquele negócio pra poder acalmar os ânimos”, a professora da pós-graduação vira e fala assim: “Se a carne mais barata do mercado é a carne negra, a carne mais barata da PUC é das professoras velhas.” Uma aluna pega e fala assim pra ela: “E continua sendo das professoras brancas. Porque nessa PUC não tem professor preto, então a carne mais barata continua sendo da população preta, que nem tá aqui pra ser explorada.” Nesse nível. Aí depois elas me pediram pra falar. Eu falei com os alunos. Falei que eu agradecia pela referência, que eu entendia que eles tinham me colocado como referência pelo trabalho que eu desenvolvo. Mas que tinha uma questão que era minha, que eu ia decidir se ia ficar na PUC ou não. Que eu não ficaria lá a qualquer preço. Tive uma fala superbonita. Uma professora da pós-graduação disse para uma aluna assim: “É engraçado quando ela fala que parece uma entidade falando os alunos ficam tudo assim...” Ela usou um termo hipnotizados. Não é normal que ela fale e os alunos fiquem desse jeito. Agora me diz se não é racismo, Miriam? Elas não conseguem entender que elas não tem com os alunos o tipo de respeito que eu tenho. Não é porque eu tô lá possuindo ninguém, sei lá o que passou pela cabeça dessa criatura. “É porque quando a gente fala os alunos retrucam, quando ela fala fica todo mundo assim como se ela fosse uma entidade.” Entenderam nada do processo e não entenderam até hoje porque já teve várias outras situações depois. Aí fomos embora. Os alunos falaram: “Nós vamos conversar, negociar e vamos ver se vai desocupar ou não.” A minha defesa tinha sido marcada em um auditório, porque já tinha essa ideia de que seria grande por causa dos alunos. Com a ocupação, a defesa foi para Consolação, e aí a orientadora reservou uma sala com trinta lugares. Eu acordei na sexta de manhã... Na sexta de manhã foi o único momento que eu entrei em pânico antes da defesa, que a defesa estava marcada pra 13h. Por quê? Porque tinha uma coisa que talvez não tivesse combustível para os aviões e eu tinha uma professora que vinha... As professoras pretas. Vinha uma do Rio e outra da Bahia. Foi a hora que eu entrei em pânico. ”Se as professoras não chegarem eu tô ferrada.” Era só o que eu pensava. E aí

depois... uma amiga falou: “Eu vou ver.” Ligou e falou: “Elas estão aqui.” Quando ela disse “Elas estão aqui.” Ok. Liguei para uma outra amiga e falei: “Eu vou chegar lá cedo, ver se precisa de alguma coisa.” Falei: “Eu tô só preocupada porque a sala tem trinta lugares e não vai dar, vai ser uma confusão. Mas eu não vou pensar mais nisso, eu vou só defender.” Essa minha amiga chegou lá e fez assim pra moça, foi lá no setor que organiza sala e falou assim: “Olha, eu acho que deve ter tido algum engano, porque lá no outro prédio tinha sido reservado um auditório e aqui vocês colocaram numa sala com trinta lugares que não vai caber ninguém”. Aí a moça disse assim: “Ah, tudo bem, a gente troca.” Trocou por um auditório enorme. Quando eu cheguei já estava a placa lá no auditório, eu olhei e nem lembrei mais de nada. Fui almoçar com a minha mãe, meu pai e a Mayza lá no restaurante da PUC. Almocei tranquilamente lá. Agora acabou, né? Volto pra sala. Quando eu volto a minha orientadora está entrando. Aí ela faz assim: “Venha cá.” Eu: “Hã?” “Quero saber quem foi que te mandou trocar a sala?” Aí eu falei: “Quê?” E eu calma, Miriam. Uma serenidade que não era minha. E eu falei: “Você tá vendo esse papel aqui? Banca, meu nome e a sala. Quando eu cheguei esse papel já estava grudado aqui. Você acha que eu fui perguntar quem colocou esse papel aqui? Eu não sei quem colocou esse papel aí. Eu só sei que tá aí.” Aí ela falou: “Eu só quero saber quem foi que colocou, quem foi que mudou.” “Vamos até a outra sala que eu quero ver a sala que eu tinha reservado.” E fui com ela. Chegou na sala que tinha reservado e obviamente eles tinham realocado outra defesa. Já tinha outra pessoa falando e ela começou a falar na porta que era um absurdo que não podia ter trocado. Eu virei pra ela e falei: “Você percebeu que está atrapalhando? Porque tem uma pessoa defendendo. Não sei se é mestrado ou doutorado, mas tem uma pessoa aqui defendendo e você está atrapalhando.” Aí ela voltou reclamando, reclamando, reclamando. Eu falei: “Eu só vou te dizer uma coisa: essa sala não caberia todo mundo que vem pra minha defesa.” Mas isso também não é problema meu. Quando a gente tá voltando, tá entrando um monte de aluno preto. Aí eu falei pra ela: “Você tá entendendo que não adianta você querer colocar em uma sala menor?” Aí ela entrou, resmungando: “Eu não vou ficar lá em cima!” Porque era uma sala lá que tem um palco e a mesa estava no palco. “Ah, porque nós vamos ficar no palco como se fosse diferentes, você vai ficar embaixo. Defesa tá todo mundo na mesma posição.” Eu falei: “Não seja por isso, as minhas amigas já estão descendo as mesas.” O povo se organizou, desceu as mesas, arrumou. Estava todo mundo muito coordenado, entendeu. Organizado! Agora eu vou sentar! Vem a professora da banca, que discute movimento social, vira pra mim assim: “É um absurdo isso que tá acontecendo! Ou você acha que as professoras velhas são obrigadas a dar o lugar delas pra vocês? Pra você? O que você pensa da vida?” Na hora da defesa! Eu olhei pra ela antes de

começar e falei: “Que parte que você não entendeu que eu não tô pedindo nada pra vocês? Que parte que você não entendeu que o movimento não tem a ver comigo e que eu não tenho o poder de fechar uma universidade inteira!? Que poder é esse que vocês estão me dando que não conseguem olhar? Não aguento mais isso.” “Não, porque os alunos ficam dizendo que você precisa ficar!” “Diga isso pra eles! Eu sei que não vou ficar nesse lugar. Aliás eu nem sei o que eu quero da minha vida nesse momento. Eu sei que não vou ficar nesse lugar. Não é comigo que vocês tem que falar.” Miriam, a fala dela... A mesa, todo mundo, auditório lotado. Ela começa a falar... A fala dela, que é a pessoa que discute movimento social, que é referência no Serviço Social de movimento, foi o tempo todo de arguição e de ataque a mim e ao movimento, ela não falou da tese. Ela só falou da tese no final. Teve uma hora da fala que ela estava tão transtornada que ela disse pra mim: “Você sabia que eu ocupei a PUC também na década de 70. Só que quando eu ocupei a PUC foi por um direito legítimo. Foi no período da ditadura militar.” E eu olhando, porque ela estava fazendo arguição. Olhando! E o povo na plateia olhando pra ela e assim.. E assim... vexatória. Assim, não sei se algum dia ela parou pra pensar o papel ridículo que ela fez. Porque assim...eu sabia! Eu tinha dito isso para algumas pessoas. “Elas vão tentar me atacar, para que alguém destempere ou eu destempere e elas suspendam a banca.” Eu tinha isso na minha cabeça, porque assim qualquer movimento em falso seria justificativa pra dizer: “Não tem condições de continuar a banca.” E aí eu disse pra pessoas: “Então gente eu vou ter que ter sangue frio.” Mas eu tava tão tranquila... aí ela falou, falou, falou. E aí tem um momento da tese que eu falo que os trabalhadores da assistência que cuidam de abrigos são altamente precarizados e são negros. E que o racismo que os atravessa, impacta na forma que eles conseguem perceber o racismo no cotidiano das crianças. Ela usou essa fala descontextualizada e disse pra mim: “Você disse que a gente não pode culpabilizar os trabalhadores pelo racismo, então a gente também não pode responsabilizar as professoras pelo que está acontecendo nesse momento na PUC. Eu queria que você me falasse mais sobre isso.” Aí eu na hora de responder falei assim: “Pra te responder isso, professora, primeiro preciso contar pra essa plateia do que é que eu estava falando. Então vamos lá, porque você não contou, você só trouxe uma fala e não dá pra te responder sem contar. Então na tese eu tô falando isso, isso, isso.” Eu tô dizendo de uma situação de racismo que foi grave, que um adolescente sofreu e que eu perguntei pra pessoa: “Você presenciou, por que é que você não tomou providências!” “Porque se eu denunciar minha colega hoje, pode ser que amanhã, talvez eu tenha o mesmo ato e quem é que vai me defender.” Então eu estava falando de uma situação grave de racismo em que o profissional foi conivente, porque ele tá partindo do pressuposto que a hora que ele for racista, alguém vai

ter que defendê-lo. Eu falei pra ela: “Então eu não vou defender racista, eu tô dizendo que a gente precisa discutir racismo. Mas antes disso você precisa dizer que está falando da precarização das professoras da PUC. Discutir precarização de professor da PUC e discutir precarização de trabalhador de ONG na assistência é altamente diferente. A precarização de vocês nada tem a ver com a precarização dos trabalhadores que eu entrevistei. E nada é justificativa pra gente fingir que uma pessoa racista não foi racista. Então não há nenhuma relação com os dois fatos. Então o que eu preciso dizer é que não dá pra ser conivente com racista. Seja lá ou seja aqui.” Aí outra professora. Quieta! Todo mundo em silêncio absoluto. A minha defesa foi a coisa mais absurda do mundo. As duas professoras de fora que discutem questões raciais e que não sabiam do processo, sabiam da ocupação, mas que não faziam ideia do que eu tinha passado, eu fiz a opção de não contar porque eu não queria que elas chegassem inflamadas na minha defesa, não estavam entendendo nada. Uma das professoras precisou sair antes do final e aí ela levantou... ela é da Bahia... ela levantou pra descer: “Eu preciso ir embora antes de terminar pra pegar o voo, mas quero e agradecer e preciso dizer que '#marciafica'.” E jogou o microfone. Sabe rapper que faz assim e sai. E todo mundo continuou em silêncio. Ela foi embora, depois no outro dia ela falou pra mim: “Eu não entendi aquilo.” Eu falei: “Porque você não sabia da missa um terço.” (risos)

Na hora que ela fez isso eu falei: “Bom, agora acabou, essa plateia.” E todo mundo assim congelado, ninguém respirou... E aí terminou a banca. Quando terminou a banca foi o horário que os alunos tinham... os alunos desocuparam e foram pra Consolação, uma parte. Quando eles entraram na sala foi quando terminou a banca. Aí entrou aquele bando de alunos, elas tiraram uma foto porque alguém me disse: “Você não vai tirar uma foto?” Porque eu não ia tirar foto com elas. E aí alguém veio: “Você não vai tirar foto com a banca?” Falei: “Eu?” “É de bom tom você tirar uma foto.” Aí fui lá tirei a foto. Não sei por onde elas saíram porque quando olhei de novo não tinha nenhuma delas, desapareceram. Foi uma coisa assim... que quando terminou eu não tinha energia pra comemorar. Sabe quando você fala assim “não tenho nem como dizer acabei de defender uma tese.” Porque foi tensão do começo ao fim. Foi um teste de resistência aquela semana. Por isso que eu falo essa força não é minha. Uma pessoa sozinha, só um corpo não teria suportado toda pressão que eu suportei sem ter surtado, sem ter vomitado um monte de coisa que eu vi naqueles corredores nesses processos e que falei “não sou eu que vou ter que mexer nessa muvuca.” Eu vou auxiliar os alunos, fortalecer, mas essa é uma questão de décadas. Isso que me assusta. Porque eu não fiz PUC na graduação, eu fiz Unicsul. Mas aí eu encontro pessoas que estudaram na década de 90 e dizem “elas já eram assim lá.” Gente, como é que pode uma estrutura de uma universidade que os

alunos já fizeram movimentos, em vários momentos contra várias professoras e a universidade simplesmente silencia. Ela é racista também! Então não é um problema de agora. E assim... vocês não vão colocar sobre as minhas costas uma responsabilidade que não é minha. O que eu entendo é que a minha entrada foi o que faltava para os alunos terem força pra dizer “agora vai!” Eles foram até onde eles conseguiram ir. Teve alunos que foram... três alunos que foram processados e que aí... por danos contra o patrimônio. E aí espertamente não são alunos negros. A universidade precisa, os padres precisam impor a ordem, mas eles escolheram a dedo alunos não negros pra não dizer que perseguiram os alunos do coletivo.

M: Alunos brancos também se juntaram com os alunos do coletivo?

Ma: Sim! De todos os cursos. Psicologia, Sociologia, Direito... todos os cursos. Alguns professores estavam juntos, né? Foi geral. Foi uma coisa de falar de outros cursos porque aí extrapolou falar do Serviço Social. Porque não é só não tem professores negros, que já é grave, não ter professores negros e além disso você ter professores não negros que se sentem no direito de praticar ações discriminatórias em sala de aula, como se estivessem em outro patamar! É mais do que não ter professor, é você entender que com a cota você tem um perfil de aluno na universidade que é o aluno trabalhador. É o aluno negro que a mãe é doméstica e aí o professor faz uma fala extremamente preconceituosa e racista sobre empregadas domésticas, sem se dar conta que ele está falando da pessoa que está ali. Quando ele faz um comentário de quem mora na favela como se fosse um observatório de zoológico. Sem entender que você tem ali alunos que vêm da favela. Então você tem uma série de coisas que a universidade não tá pronta pra repensar, porque continua vivendo em outro lugar. E esse debate das precarizações das professoras que é um debate de privilégio. Você está falando de um professor que tá lá com oitenta anos, mas que já tá aposentado e que não dá pra dizer que é tão precarizado quanto uma empregada doméstica, entendeu? Isso não cola para um aluno que é um pouco mais descolado. É legítimo estar lá o quanto eles quiserem sim, mas não venham dizer que são precarizados nesse nível de precarização que é o nível de precarização da população brasileira. E de dizer que não pode... porque na verdade não é isso, na verdade é você chegar em um patamar em que você não precisa mais repensar a sua prática. Porque se você já tem tantos movimentos pra tentar quebrar essa barreira e não quebrou, você dá pra esse grupo a ideia de que ele é inquebrável. E o movimento abalou totalmente essa estrutura. Elas se mantêm, mas têm medo dos alunos negros. A história da suspensão da minha banca é “tenho medo do que esse povo preto pode fazer.” Que é racista também na medida que imagina que na hora que entrar é pra fazer confusão, fazer balburdia.

M: Onda negra, medo branco.

Ma: Onda negra, medo branco. Exatamente! E aí assim...O que pra mim ficou do movimento é... eu coloquei uma coisa na minha cabeça: eu não vou me expor diante dessas professoras brancas. O racismo que as atravessa não é problema meu. Porque hoje pra mim o que é mais importante é fortalecer o povo preto pra enfrentar o racismo do que ficar ensinando branco de que ele é racista. Então isso não é um problema meu. Elas não vão me ver frágil. Porque se eu tiver que chorar eu vou chorar com os meus. Diante delas... elas não me viram derramar nenhuma lágrima. Em alguns momentos eu estava totalmente destruída por dentro. Mas eu olhava pra elas e dizia assim: “Essas mulheres não são dignas de ver o meu choro. Isso elas não terão. Se elas querem me ver no chão, esse prazer eu não vou dar pra elas.” E assim elas vão viver o resto da vida com medo de que algum dia eu chegue pra elas e diga exatamente tudo que eu sei. Mas eu não vou fazer isso. Porque é esse o meu prazer, sabe? Porque é o medo que vai fazer com que eu continue bem. Da minha boca... Mas elas vão sempre ter essa sensação de que em algum momento... outro dia encontrei uma professora e ela fez :“Nossa, o que você está fazendo aqui?” Eu falei “O mesmo que você, vim para uma banca. Vim para uma defesa de tese.” “Ah tá.” Então assim o medo hoje não é mais meu entendeu. O medo é delas. Então pra mim isso é fantástico. Agora eu tive durante todo esse meu período lá uma professora maravilhosa. Uma professora da Ciências Sociais que eu tinha feito uma disciplina com ela, que é totalmente perseguida lá, uma professora branca. Mas que é uma parceira. E foi uma pessoa que durante todo o período disse assim pra mim: “Isso que está acontecendo não é com você individualmente. Você foi... você representa um processo que é um processo da PUC.” Foi alguém que me auxiliou muito e que hoje é uma grande amiga. E que era a única pessoa que quando eu chegava pra dar aula dizia assim: “Como é que você está?” Porque as professoras de Serviço Social nunca me perguntaram se eu estava bem, se eu entendia o que estava acontecendo. Nunca pediram minha opinião. Tanto que o dia que eu saí de lá nunca mais voltei pra falar com elas.

Fiquei até dezembro. O contrato encerrou em dezembro porque a professora voltou e pra mim desde o início era isso. Não era uma questão pra mim. Eu sabia que estava em um contrato temporário. Os alunos tem tensionado porque eles querem que abram um concurso com cotas.

M: Mas certamente essa PUC não é mais a mesma depois disso.

Ma: Não é! Não é porque os alunos se fortaleceram. Alguns alunos não acreditam que eles fizeram... porque assim... na história da PUC ela nunca tinha sido ocupada inteira. Todas as outras ocupações foram no prédio da reitoria que é um prédio menor e todos os outros cursos, os outros campus continuaram funcionando. Dessa vez eles fecharam todo o

quarteirão, foi a primeira vez que eles fizeram isso. Com as placas, as denúncias. Tem um impacto sobre a imagem da universidade. E de outro lado o que elas mais tentaram fazer que era fazer com que o movimento se voltasse contra mim, elas não conseguiram, porque em nenhum momento eu cedi às provocações. Então assim essa é outra questão. Como é que ela não se deixou abalar, como é que ela não fraquejou diante de toda a pressão da branquitude. Isso deve ser uma dor até hoje.

M: E o que você acha que te fez não fraquejar diante das pressões da branquitude?

Ma: Primeiro já ter passado por outros processos de racismo que foram muito dolorosos e que me fizeram entender que é esse o caminho, que isso vai acontecer mesmo porque as pessoas não querem abrir mão do seu privilégio, da sua arrogância. Então assim o que aconteceu lá não é não é novo pra mim. Segundo por entender que a minha passagem por lá foi muito significativa pras alunas, principalmente... eu falo pras alunas negras principalmente porque pela primeira vez a gente conseguiu estabelecer relações de afeto. De sentar, de conversar, de dar colo. De falar das nossas dores. O que me fortaleceu... hoje eu já disse isso... o que me fortaleceu foram as alunas e os alunos, principalmente as alunas negras. Porque ver a mudança delas do dia que eu entrei pro dia que eu sai... não, e tem um detalhe que fecha com chave de ouro. Porque aí eu saí sete de dezembro, na semana seguinte foi a colação de grau da turma... que foi a turma que mais teve impacto no movimento e que eu não fui convidada pelas professoras. Eu não fui informada da colação. Mas eu fui convidada pelas alunas para ser paraninfa da turma. E claro que eu também não falei para as professoras. Ué? Se ninguém me diz porque eu... eu acho que é isso que eu aprendi. Eu aprendi que eu não vou dar pro outro todas as informações. Porque ele vai entender se ele me subestimou ele vai ter troco. E elas me convidaram e eu aceitei! Chego lá na hora da colação de grau, as professoras olharam e assim... tipo assim... quem foi que convidou? As alunas me receberam, tirei fotos com os alunos... Os alunos não quiseram que cantassem o hino nacional, foi logo depois do governo Bolsonaro. “Não vai cantar o hino...” “Mas tem que cantar...” “Não vai...” E não cantaram o hino nacional. Elas fizeram uma colação totalmente subversiva. Tocaram Djonga. Você não tem noção! Teve apresentação, teve poema falando do racismo e da branquitude. Teve de tudo que você imaginar nessa colação de grau. Miriam, a colação de grau foi linda e na colação de grau elas leram o manifesto pela minha permanência, de agradecimento pela minha permanência e que a história não tinha acabado, que a PUC ainda vai ter que responder sobre o racismo que a atravessa. Foi uma fala lindíssima! E eu olhava e falava “não acredito nessas alunas.” Passaram imagens do #marciafica pra dizer que eu fiquei sim. Que pra elas essa história não acabou. A colação de grau foi uma coisa fantástica! Então acabou assim a

minha passagem pela PUC, com a colação de grau em que eu não fui convidada oficialmente pelo colegiado de professores. E aí eu fico pensando assim: elas não perguntaram para as alunas quem seria a professora homenageada, gente? Porque elas ficaram muito surpresas quando me viram e também não me perguntaram o que eu ia falar. Porque na outra universidade que eu estou é assim: colação de grau você recebe do coordenador: “Olha, você é a professora homenageada, tem tanto tempo de fala.” Será que elas acharam mesmo que seria uma delas? Entendeu? O que ficou pra mim desse processo, o que me manteve lá foi essa força coletiva... Isso mudou a vida delas de alguma forma, das alunas mudou de alguma forma. E das professoras... fez elas entenderem que não estão mais nesse lugar tão tranquilo. Pode ser que as coisas demorem pra mudar, mas já não é como antes, eu tenho certeza. Então acho que é isso. O #marciafica é isso. Pra mim fica uma gratidão por ter sido a pessoa escolhida para dar nome ao movimento que não tem nada a ver comigo, eu não teria a força dessas alunas pra fazer o que elas fizeram, pra ocupar, eu sou a pessoa mais humilde quando falo do movimento. Humilde no sentido de dizer que fui eu que recebi o presente. Que os racistas jamais entenderão. Não ter cavado nenhum espaço. Não ter forjado a minha presença. De ter entrado de uma maneira legítima e de ter todo reconhecimento que eu tive de alunos que eu não dei aula e que provavelmente nunca daria. E de alunos que hoje me encontram e falam: “Você é a professora! Nossa, que legal. Participei da ocupação e não te conhecia pessoalmente.” Depois eu tive alguns encontros com os alunos; muitos alunos que estiveram lá não conhecem o meu rosto, porque eu entrava e dava aula, entrada e dava aula. Eu não ficava lá circulando. Então eu dizia pra elas: “Não é comigo individualmente”, Mas elas não entenderam. E aí digo que se para nós o racismo é uma perversidade muito grande, pra branquitude ele é sinônimo de emburrecimento. As pessoas perdem a capacidade de análise do real. Que é como eu falei... me contratar. Você me contrataria?

M: Eu sim! (risos)

Ma: Pra fazer estopim, né! (risos)

Então é isso. Acho que foi um grande presente. Pra mim eu falo: “Nossa, eu saio muito mais forte desse processo.” E como coletivamente a gente é forte! E a Cris me disse isso uma vez, ela falou: “Naquele momento você tinha com você uma legião! Uma legião.” Porque não foi uma escolha individual. Foi algo totalmente inusitado. Eu dizia assim, era o meu mantra: “Bolsa do Henrique, bolsa do Henrique.” Ganhei a bolsa do Henrique? Sim! Mas ganhei muito mais coisas que eu jamais poderia supor num processo de menos de um ano, o quanto de coisas boas eu recebi daquele lugar, né? E do quanto eu consegui superar tudo de ruim que tentaram me jogar.

M: E eu fico pensando que pra fortalecer o seu filho foi fantástico. Que ele tá sendo herdeiro de todo o empoderamento. Ele ganhou muito mais do que a bolsa também.

Ma: Acho que sim. Que todos nós ganhamos.

M: Quer falar mais alguma coisa?

Ma: Acho que não...

3.5.1 # Marcia fica

*Trago esse mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída no chão!”
Esmeralda Ribeiro*

Márcia, a nona de onze filhos gerados, nos conta que em sua grande família os papéis atribuídos a homens e mulheres eram fortemente definidos. O pai, responsável pelo sustento, se ausentava com frequência, cabendo à sua mãe as funções domésticas e o cuidado solitário de dez filhos. A referência materna de nossa depoente foi de submissão e ausência de vida própria. A gravidez de onze filhos demonstrava a ela que as decisões sobre o corpo materno não pertenciam à própria mãe. Assim como todas as outras decisões, nem mesmo as do ambiente doméstico, que seria de seu domínio. Ainda adolescente via como a docilidade e a solicitude da mãe, tidas por virtudes, lhe custavam caro. Já aos catorze anos, notava a liberdade que se outorgava aos homens em detrimento a submissão e repressão das mulheres. Essa percepção enraíza em Márcia uma decisão que norteará toda sua vida.

“Não vou ser a minha mãe.” Não vou trilhar o mesmo caminho que ela. E pra não trilhar o mesmo caminho que ela, tem que estudar.

Embora no ambiente escolar tenha percebido a diferença de tratamento oferecido às crianças negras, mesmo precisando se invisibilizar para sobreviver ao racismo escolar, mesmo tendo que “guardar seu reconhecimento pra si mesma”, Márcia via no estudo um caminho para barrar a repetição do modelo materno.

Como a maior parte da população negra, ela começa trabalhar cedo, aos quinze anos. E preferia enfrentar o desafio de conciliar trabalho e estudos numa longa travessia pela cidade a ocupar os lugares que a mãe lhe indicava. Maria da Consolação André (2007) nos fala sobre esses lugares já demarcados:

a inferiorização dada pela cor, a qual, por ser uma marca, um estigma faz com que essa população não tenha um lugar garantido na sociedade, porque é a partir dessa característica de marca visível que foi simbolizada historicamente, que se aponta, ainda hoje, quem é o negro no Brasil e qual é/não é o seu lugar. (p. 159)

Historicamente os lugares sociais são designados a partir da inferiorização da cor, desse modo apenas os lugares hierarquicamente tidos como subalternos podem ser ocupados por afrodescendentes. Mas nossa depoente, ainda adolescente, percebia que precisava resistir àquilo que foi ditado pela branquitude, mesmo que a branquitude tivesse a mãe como porta-voz. Seu comportamento expressava o que Wade E. Nobles (2009) chama de “pulsão palmarina”, um desejo tão intenso e irresistível de libertar-se quanto a necessidade de comida ou bebida.

Ela constatava que o tipo de trabalho que se esperava que ela desenvolvesse não produziria autonomia, ao contrário, serviria à reprodução da subalternização já há muito conhecida. A relação que a mulher negra tem com o trabalho não tende à emancipação como discursa o movimento feminista eurocentrado. As feministas brancas, ao reivindicarem direito de trabalhar fora, não imaginavam para si a exploração voraz de sua mão de obra, nem se viam em funções mal remuneradas. Hudson-Weems (1997, p. 84, citada por Katherine Bankole, 2009) afirmou: “Quando a feminista tiver concretizado todas as suas demandas, quando ela estiver no topo, a mulher negra continuará negra, pobre e lá embaixo” (p. 256).

Márcia sabia que não bastava trabalhar, era preciso subverter o que lhe fora destinado. Porém, se por um lado o *reconhecimento* que Márcia *guardara para si mesma* a fortalecia para ver mais adiante o que lhe era oferecido no campo de trabalho, o mesmo não ocorria no campo amoroso.

O racismo atua de maneira perversa sobre a autoestima da mulher negra, que desde a infância sofre com os olhares de reprovação. As mães negras, ao tratarem do cabelo de suas filhas numa tentativa de preservá-las dos ataques racistas, muitas vezes transmitem a elas a mensagem de que precisam ser consertadas de um defeito. Atravessadas pelo desejo de embranquecimento, muitas não conseguem libidinizar o corpo negro de seus filhos e filhas, como também não conseguem ensiná-los a amar sua negritude. Isildinha Nogueira (1988) assim nos diz: “A criança do projeto e do desejo da mãe certamente não está representada no pequeno corpo negro, que o olhar materno, inconscientemente, tende a negar. A mãe negra deseja o bebê branco, como deseja, para si, a brancura” (p.108).

Nossa depoente sentiu essa falta de apreciação no espelho do olhar materno. Somaram-se a isso as experiências de discriminação no ambiente escolar e a ditadura estética imposta pela mídia, formando um ambiente propício a desvalorizações. Assim, não conseguindo ver para si perspectivas amorosas profundas, Márcia pensa a vida afetiva pragmaticamente: era preciso separar-se de uma família tão numerosa para sair do estado de pobreza. Decide então casar-se aos dezenove anos de idade.

Mesmo trilhando o conhecido caminho do casamento, Márcia não esperou que dele viesse sua provisão; ao contrário, continuou trabalhando, especialmente ao perceber a passividade de seu cônjuge. E seguiu determinada, sem desperdiçar oportunidades, foi aprovada na Prefeitura e, com os filhos ainda pequenos, antes da idade escolar, vislumbrou o momento de voltar a estudar, ainda que isso fosse desestimulado pela mãe e pelo esposo.

Ao escolher aprimorar seus estudos, aumentar sua renda e suas possibilidades, mais uma vez firmava a escolha de um modelo feminino diferente do modelo materno. Mesmo tendo a clareza de que suas conquistas iriam levá-la a uma incompatibilidade crescente com o marido, Márcia manteve-se decidida a construir uma estrutura que desse a seus filhos a possibilidade de sonhar.

Coerente com seu propósito ingressou na faculdade de Serviço Social e após se formar foi aprovada em concurso. Seu esforço garantiu uma colocação que lhe permitiu permanecer no local de trabalho desejado.

À medida que se edificava como profissional e aumentava suas possibilidades materiais e sua visão de mundo, confirmava aquilo que intuía: a assimetria entre ela e o marido, a falta de comunhão de propósitos, a falta de sentido daquele casamento. Toma então decisão já há muito maturada: iria se divorciar.

A decisão do divórcio foi marcada por um ato bastante significativo: cortar os cabelos. Márcia até então tinha seus cabelos periodicamente alisados pelo esposo cabeleireiro. Esposo que exercia a função de dominar, controlar, adequar, conformar sua “rebelia capilar” às boas maneiras da branquitude. Será que ao fazê-lo não percebia que confirmava um padrão de beleza que seria inalcançável para sua esposa? Que dizia a ela indiretamente que não era bela sendo quem era? Nilma Gomes (2008) afirma:

Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (p. 09)

Ao divorciar-se rompe com as expectativas impostas, com uma relação sem significado e também com a mentira da beleza branca tida como ideal. Liberta, Márcia se vê bonita!

José Moura Gonçalves Filho (2008), em entrevista à revista *Psique e Negritude* diz:

O mercado das imagens confunde beleza e aparência padronizada. A beleza sempre está associada à liberdade de manifestação. A beleza das pessoas é ligada de perto à liberdade de agir; de falar, de movimentar-se no meio dos outros. Também a liberdade de sossegar no meio dos outros. Pessoas livres são necessariamente muito bonitas. (p. 58)

O divórcio acirra o comportamento sexista ao redor de Márcia, sendo inclusive protagonizado pelas mulheres da família. Assim como o racismo se subjetiva e se internaliza transmutando-se no desejo de branqueamento, de igual forma o machismo é uma ideologia que pode ser reproduzida também na mentalidade feminina. Nessa perspectiva convém lembrar que o feminismo não se propõe a combater os homens e sim o sexismo, podendo e devendo, inclusive, ter os homens como partícipes dessa luta. Segundo bell hooks (2003), a ênfase no combate ao patriarcado deve ser: “...a melhoria das relações entre homens e mulheres, o trabalho conjunto de mulheres e homens no combate à educação sexista” (p. 124).

A opressão da mulher sempre perpassa pela repressão sexual e isso fica muito evidente no comentário da irmã:

*“Então agora eu não levo mais seus filhos para a minha casa.” Eu falei: “Porquê?”
“Porque eu não vou levar seus filhos pra você ficar no desfrute!”*

A irmã associa liberdade a prazer sexual e imediatamente comunica: “Se não posso impedir sua liberdade, posso impedi-la de *desfrutá-la*”.

A feminista bell hooks (2019) faz considerações interessantes sobre a opressão sexual da mulher. Segundo ela, no início do movimento feminista a libertação da mulher era equiparada a libertação sexual. Libertação sexual que tomava por referência o comportamento masculino. As mulheres se dispuseram a experiências sexuais variadas: monogâmicas, grupais, sadomasoquistas, sem que, contudo, se alterassem as relações de poder entre homens e mulheres na esfera sexual. E assim, desenvolveu-se a rejeição aos padrões masculinos. Mulheres heterossexuais e lésbicas passaram a denunciar a ideia da liberdade sexual e até mesmo do contato sexual com homens como um tipo de exploração sexual. A argumentação de bell hooks enfatiza que o que realmente deve se buscar não é a libertação sexual, mas o fim da opressão sexual, pois a ideia de libertação sexual traz em si a obrigatoriedade do exercício da sexualidade, a prática compulsória da atividade sexual, o que também é opressor. Segundo a autora:

Enquanto o estigma não for removido, homens e mulheres não se sentirão livres para participar da atividade sexual quando assim o desejarem. Continuarão a responder à coerção, seja coerção sexista que empurra os jovens do sexo masculino para a atividade sexual, de modo que eles possam provar sua “masculinidade” (isto é, sua heterossexualidade), seja a coerção sexual que compele as mulheres jovens a responder às investidas masculinas, de modo a provar sua “feminilidade” (isto é, sua disponibilidade para servir os homens como objetos sexuais)”. (p. 219)

Algumas feministas lésbicas argumentam que a homossexualidade é a expressão maior das políticas pró-sexo, pois não está ligada a obrigação de reprodução. Contudo, mais uma vez convém ressaltar que a ênfase no fim da opressão sexual diz respeito ao heterossexismo e não a heterossexualidade. Vale mais uma vez ouvirmos bell hooks (2009):

E assim como a luta para acabar com a opressão sexual almeja eliminar o heterossexismo, ela não deveria endossar nenhuma opção sexual, quer seja o celibato, a bissexualidade, a homossexualidade ou a heterossexualidade. As feministas precisam se lembrar de que as escolhas políticas não são determinadas por aqueles com quem escolhemos ter contato sexual genital. (p. 222)

O racismo, como monstro de vários braços, ataca inúmeras áreas da vida de pessoas negras; atravessa as macroestruturas econômicas, chegando até a intimidade da vida amorosa. A construção de vínculos afetivos é um dos capítulos mais doloridos na vida das mulheres negras, não só pelas feridas narcísicas produzidas pelos padrões estéticos eurocentrados, mas também pela maneira como a masculinidade dos homens negros é construída. A sociedade patriarcal impõe dois critérios de valor aos homens: a capacidade de provisão e a virilidade. Uma vez que a supremacia branca tem historicamente mantido os homens negros em lugares social e economicamente subordinados, a virilidade fica como seu grande ponto de afirmação. A imagem do homem negro é construída então sobre o clichê racial da potência sexual. Porém, se é imaginado como “super” no sexo, é igualmente imaginado como “infra” no intelecto, e dessa forma é associado ao animalesco. O sociólogo Henrique Restier da Costa Souza, em seu artigo “O mal estar da masculinidade negra contemporânea”, assim afirma: “Existimos entre diagnósticos essencializantes e prescrições de como devemos ser. Como ser alguém fora da lógica racista e sexista?”

Márcia nos fala sobre como a vida afetiva das mulheres negras fica presa entre o patriarcado e as ciladas das relações raciais. E esse “patriarca” muitas vezes, ao não conseguir uma relação de controle, prefere não ter relação alguma.

“Eu não vou conseguir dar conta de controlar você, eu vou embora.”

Os homens negros, segundo ela, ou estão precarizados ou se apoiam na mulher branca para acessar de algum modo a branquitude, rechaçando as mulheres negras. A este respeito nos fala Franz Fanon (2008):

Da parte mais negra de minha alma, através da zona de meias-tintas, me vem este desejo repentino de ser branco. (...) quem pode proporcioná-lo senão a branca? Amando-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como branco. Sou um branco. (p. 69)

E devido à herança colonial do uso sexual do corpo negro feminino, sem intenção de compromisso e vínculo afetivos, os homens brancos são sentidos como potencialmente perigosos.

O desafio das relações amorosas também passa pelo crivo da maternidade, pois para ela os *filhos são inegociáveis*. E se seus dois primeiros filhos chegam de maneira racionalmente planejada, sua filha vem de forma surpreendentemente profetizada! Uma menina que traz a possibilidade de cura do olhar de Márcia sobre si mesma.

“Nossa mãe você é linda! E eu sou linda igual você.” Então acho que a gente vai construindo outro... e eu melhorei muito a minha relação com o feminino com a vinda da Mayza também.

De várias maneiras sua pequena faz uma reconexão com sua ancestralidade e com sua beleza negra, das quais Márcia foi apartada pelo racismo. Viver a maternidade solo traz a nossa depoente grandes responsabilidades, mas também a move para grandes desenvolturas. Criando seus filhos, fez mestrado, passou no concorrido concurso do INSS e concluiu o doutorado.

O movimento feminista eurocêntrico e universalizante concebeu a maternidade como instrumento da dominação sexista, pois ela atrelaria as mulheres à vida doméstica, condenando-as à dependência econômica e conseqüentemente à falta de liberdade. Porém não se pode fazer essa leitura da maternidade no que diz respeito à mulher negra. Nas palavras de bell hooks (2019):

Se as mulheres negras tivessem expressado sua visão sobre a maternidade, esta certamente não teria sido definida como um sério obstáculo à nossa liberdade como mulheres. Racismo, falta de emprego, falta de habilidades ou de formação e várias outras questões estariam no topo da lista – menos a maternidade. As mulheres negras não diriam que a maternidade nos impede de ingressar no mercado de trabalho, porque sempre trabalhamos. (p. 195)

Ao longo dos anos a maternidade tanto foi atacada como idealizada, vista como uma fonte de opressão ou romantizada como a função primordial da mulher. Muitas vezes a maternidade também é vista como uma esfera de poder da qual algumas mulheres não desejariam abrir mão. Os contornos da maternidade, contudo, estão se ampliando, ela já não está ligada obrigatoriamente ao casamento, não se restringe a casais heterossexuais, pode ser pensada fora dos moldes de uma experiência restritiva e compulsória, pode ser exercida para além da biologia do corpo feminino. Porém, e quanto à paternidade?

Nossa depoente sabe como ninguém como ela é conflituosa... O patriarcado afinal dá o tom da parentalidade masculina. A educação sexista cria um fosso entre o pai e seus filhos, enfatizando a esfera de provisão material e comprometendo o desenvolvimento da intimidade. A ênfase na autoridade patriarcal se pôs como grande empecilho na construção de novos vínculos familiares. Márcia assim assinalava ao novo companheiro que *reinava absoluto*:

Mas os meus filhos não são obrigados a lavar o seu prato.

Ela continuava fiel ao lema de não repetir o enredo materno, e assim não aceita manter vínculos pagando o preço da opressão em nenhum de seus relacionamentos, seja ele qual for. Porém a família coesa e solidária que construiu apoia, acompanha, motiva e empurra a novas

conquistas. Como ensinou seus filhos a sonhar, precisa sonhar com eles. Seus filhos se põem como vento sob suas asas e ela, sem possibilidade de medir a altura, tem que alçar voos.

Seu filho mais velho decide estudar Direito e já apropriado da capacidade de sonhar informa-lhe seu desejo: quer a magistratura. E lembra a ela que como homem negro precisa de forma contundente provar seu valor, precisa apresentar em seu currículo uma universidade conceituada. A dificuldade em abrir os caminhos em meio ao racismo já fazia parte de sua trajetória, agora se apresentava para ele no mundo do trabalho. Ao acompanhar o filho sendo frustrado após quase trinta processos seletivos, Márcia percebe que não havia uma maneira sutil de orientação; para que ele pudesse combater o racismo, precisava olhá-lo nos olhos:

“Então chega. Vamos conversar de novo: você não vai passar. Você não vai passar porque você é negro, você não vai passar porque você mora na zona leste, você não vai passar porque você é pobre, você não vai passar por isso, por isso, por isso. Eles não estão medindo a sua capacidade intelectual.” Porque ele ficava assim: *“Mas o advogado gostou muito do currículo.”* Ele escreve superbem, ele tem uma escrita impecável. *“E aí eu fiquei em segundo lugar.”* O próximo que te disser isso você manda pra puta que pariu, fala que não te interessa, que *“eu sou ótimo e você me coloca em segundo lugar. Não faz diferença na minha vida”*. Aí eu falei: *“Tá na hora de você pensar em um concurso público. Você tem que entender que você só vai entrar em um estágio se for medir a sua capacidade, não vai ser nesses escritórios.”* E aí ele fez o concurso pro Tribunal, pra estagiário do Tribunal, claro que ele passou, né?

A atitude de Márcia nos remete à afirmação de Franz Fanon (2008):

(...) se a sociedade lhe cria dificuldades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter distâncias”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais. (p. 95)

Frente ao desafio de manter seu filho na elitizada Pontifícia Universidade Católica, a PUC, abre-se para ela a possibilidade de uma seleção para docência nessa instituição. Imediatamente Márcia percebe a oportunidade: a bolsa do Henrique! Mal sabia nossa depoente que seu ingresso na PUC não seria só providencial, mas também disruptivo! Para ela e para muitas seu ingresso na universidade deflagraria um intenso confronto com a branquitude.

Silvio Almeida (2019) aponta que sendo as instituições parte da sociedade, estas padecem igualmente das problemáticas sociais, ou seja, o racismo não está presente apenas nas relações interpessoais, mas também é mantido pelas instituições que se mostram expulsivas, de modo ativo ou passivo, às pessoas não-brancas.

Antes da contratação de Márcia, alunas negras já haviam tido inclusive audiência junto à Reitoria para denunciar práticas racistas e reivindicar mudanças.

É o aluno negro que a mãe é doméstica e aí o professor faz uma fala extremamente preconceituosa e racista sobre empregadas domésticas, sem se dar conta que ele está falando da pessoa que está ali. Quando ele faz um comentário de quem mora na favela como se fosse um observatório de zoológico. Sem entender que você tem ali alunos que vêm da favela.

A voz das estudantes caiu no vazio, a instituição não tomou nenhum posicionamento. Maria Aparecida da Silva Bento (2018) já alertara sobre o caráter conservador das instituições:

Uma instituição tem como objetivo definir um modo de regulamentação, manter um estado, fazê-lo durar e assegurar a sua transmissão. Essa característica conservadora das instituições restringe o resultado os esforços de democratização de suas estruturas, via políticas de promoção da igualdade. (p. 120)

O ingresso de Márcia recrudesce a questão silenciada. Ingresso este que desde o princípio foi hostilizado. Questionamentos singulares, de um racismo maquiado, já apareciam na entrevista da seleção, racismo evidente para Márcia:

“Mas como você vai dar conta? Você mora na periferia, não é difícil chegar em Perdizes?” Se a gente disser que isso é racismo vão dizer que é “mimimi”.

Márcia ao ser contratada é recebida com entusiasmo pelas alunas que finalmente se viram representadas. Numa atitude de boas-vindas organizaram um café da manhã, entregaram-lhe flores e leram um manifesto na qual destacavam que ela seria a primeira professora negra do curso de Serviço Social! A partir daí inicia-se um processo de reconhecimento por parte das alunas negras e de hostilização por parte das docentes brancas. Vejamos o comentário inaugural:

Ah, quer dizer então se eu quiser ganhar flores eu tenho que tomar muito sol, muito sol.

A fala infantil e invejosa da professora nos remete à afirmação de Grada Kilomba (2019):

Então, quando o *sujeito negro* denuncia o racismo, o *sujeito branco*, como uma criança, regride a um comportamento imaturo, tornando-se novamente a personagem central que precisa de atenção, enquanto o sujeito negro é colocado como secundário. A dinâmica entre ambos é virada de cabeça para baixo. Na psicanálise clássica isso é chamado de regressão. (p. 123)

Entre manifestações racistas, ora sutis, ora ostensivas, das professoras brancas que se sentiam ameaçadas, Márcia seguia, já ciente de seu desligamento da universidade que se daria em breve, até o disruptivo ato no Seminário Anual de Serviço Social da Editora Cortez. As alunas decididas a manter a representatividade negra no curso de Serviço Social

posicionaram-se estrategicamente frente às câmeras com cartazes com os dizeres “# Marcia Fica”. Iniciaram assim um movimento que não só reivindicava a permanência de uma professora negra, mas também, e principalmente, denunciava o racismo institucional.

Segundo Silvio Luiz de Almeida (2019), o racismo institucional:

(...) depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (p. 41)

O posicionamento das alunas trouxe à tona a omissão da instituição no enfrentamento da desigualdade racial e a ausência de mecanismos de correção das consequências do racismo. O protesto se tornou movimento, “# Marcia Fica” alcançou as redes sociais com abaixo-assinado *online* e tomou concretamente a universidade com a ocupação da PUC pelos alunos. As pressões e hostilidades se multiplicaram sobre Márcia, que nesse momento já era vista como a causadora do conflito. De acordo com Maria Aparecida da Silva Bento (2018):

Instituições que não chegam a resolver seus problemas conhecerão, neste contexto, a tentação de achar um bode expiatório, justamente nos novos atores sociais que reivindicam seu direito de participação, como o segmento que o grupo dominante pode sacrificar alegremente no altar dos seus problemas. (p.120)

Como “jogo de corpo” de uma capoeirista, Márcia se desviava e se defendia dos ataques do hermético grupo de professoras brancas. Grupo que, perigosamente ameaçado, protegia com intensidade, na expressão de Maria Aparecida Bento, seu “pacto narcísico”.

Diante de toda pressão vivida desde seu ingresso na instituição, um importante recurso é apontado a Márcia por sua terapeuta:

“Sabe qual é a sua vantagem? É que elas não te conhecem de fato. Não conhecem a sua força. Mas você sabe que elas são racistas, você está um passo a frente. Você vai conseguir se sustentar lá.”

Sua afirmação nos remete ao pensamento de Patricia Hill Collins (2016) no texto “Aprendendo com a Outsider Within”. O termo “outsider within” não possui um correspondente em português, ele traz a ideia de estar fora e dentro ao mesmo tempo, algo que ao mesmo tempo pertence e não pertence, uma “estrangeira de dentro”. Essa posição que é simultaneamente próxima e distanciada foi aprimorada pelas mulheres negras por conhecerem a intimidade da branquitude devido ao trabalho doméstico. A convivência íntima com o grupo branco dava-lhes a noção que o status não era devido a excelência intelectual, ao talento ou à humanidade inerentes a brancura, mas sim ao racismo. Essa postura aprendida e transmitida às gerações de mulheres negras leva ao desenvolvimento de um ponto de vista diferenciado sobre o “comportamento branco”. Segundo Patricia Hill Collins, as mulheres negras

intelectuais que estão na Academia fazem uso estratégico de seu “outsider within” para trabalhar com criatividade perante os posicionamentos da supremacia branca patriarcal, a partir de um ponto de vista “marginal”.

Assim agiu nossa depoente diante da hostilidade indisfarçável presente nas relações e da pressão da instituição que a culpabilizava. Ciente que apenas um momento de desequilíbrio seu seria usado contra ela, Márcia resiste. Especialmente porque a data da defesa de sua tese foi posta em risco. A proposta de adiamento da defesa não era motivada pela preocupação com o seu bem-estar psicológico, mas sim pelo temor do protesto. A expressão “onda negra, medo branco”⁸ se fazia tão atual quanto na época pós- abolição.

Eu olhei e pensei: “eu vou ter que de novo ser absolutamente fria porque é isso que a gente precisa ser diante de práticas desse nível.” Virei pra ela e falei: “Você tá me vendo aqui. Você tá me vendo nervosa? Eu algum momento eu disse pra você que eu tô descontrolada? Que eu fui no psiquiatra? Eu não tenho nenhum problema. Eu estou a pessoa mais tranquila do mundo. Porque o problema da ocupação da PUC não é meu. Você não precisa se preocupar com meu psicológico. Dele eu dou conta! E eu tô ótima. A minha banca vai ser sexta-feira”.

Um dia antes da defesa a instituição se posiciona, a Reitoria a convoca para uma reunião.

Vou pra reunião. Nunca tinha entrado na Reitoria, uma mesa enorme, sei lá quantas cadeiras tem naquele lugar, lotado de gente branca.

Esta fala de Márcia confirma o pensamento de Maria Aparecida da Silva Bento (2018): a sub-representação de negros e mulheres em postos de comando e decisão das instituições favorece a indiferença quanto a programas e políticas de incentivo à igualdade racial.

Porém, pressionada pela ocupação, a Reitoria decide criar uma matéria interdisciplinar com a temática étnico-racial, que seria ministrada por Márcia. Mais uma vez fica evidente que apenas diante do conflito a hegemonia da branquitude se desloca. Segundo Silvio Almeida (2019): “Os conflitos intra e interinstitucionais podem levar a alterações no modo de funcionamento da instituição, que para continuar estável, precisa contemplar as demandas e os interesses dos grupos sociais que não estão no controle” (p. 44). Assim, mesmo sob o descontentamento de algumas, Márcia fica.

⁸ Referência ao livro de Célia Maria Azevedo "Onda negra, medo branco: O negro no imaginário das elites no século XIX".

Nossa depoente todo o tempo apontava que a questão não era personalista. Não era ela pessoalmente a responsável pelo movimento, como queriam fazer parecer alguns. Seu papel foi se colocar ali como representante da luta contra o domínio da branquitude. Apoiadas na sua postura consciente e assertiva as estudantes negras foram fortalecidas para continuar a lutar contra condutas racistas. Sua presença ali já era em si política e fortalecedora, era em si uma referência de resistência à supremacia branca. Quanta realização nessa resistência, quanta beleza nesse reconhecimento!

Miriam, a colação de grau foi linda e na colação de grau elas leram o manifesto pela minha permanência, de agradecimento pela minha permanência e que a história não tinha acabado, que a PUC ainda vai ter que responder sobre o racismo que a atravessa. Foi uma fala lindíssima!

E de maneira recíproca Márcia se viu apoiada, sustentada pela força de muitas.

E como coletivamente a gente é forte! E a Cris me disse isso uma vez, ela falou: “Naquele momento você tinha com você uma legião! Uma legião!”

Apoiada por uma legião ela cumpriu um importantíssimo papel: fazer com que a voz de mulheres negras fosse ouvida. Lembrando que, como diz Djamila Ribeiro (2019),“(…) quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito a própria vida” (p. 42).

3.6 JULIANA

Bom, meu nome é Juliana Oliveira Gonçalves dos Santos e tenho 32 anos, e sou nascida no Peruche, Zona Norte de São Paulo. Um bairro com uma tradição de famílias negras. Um bairro que fica localizado no centro de cinco escolas de samba, então acho que isso é muito significativo para pensar a constituição das pessoas que vivem nesse lugar. Então, acho que eu sou fruto disso, né? Acho que se eu fosse começar a conceituar a negritude a partir de onde eu nasci começaria por aí. Um bairro que era um quilombo há muitos anos atrás e uma das primeiras periferias de São Paulo no século XX. Que é quando a população negra sai da baixada do Glicério, sai do Bixiga, sai dos Campos Elísios. E vai começar a comprar suas roças do outro lado do Rio Tietê. Então é nesse bairro que eu fui nascida e criada. Então cresci envolta desse processo de escola de samba. Meus tios... Meu tio era percussionista, meu outro tio carnavalesco. Minha mãe também desfilava nas escolas, Mocidade Alegre, Unidos do Peruche, Camisa Verde e Branco. Fui criada no Morro da Casa Verde, que é uma escola que fica atrás de mim. Império da Casa Verde. Então acho que isso é

... Sempre. Ficou explícito pra mim esse lugar, sabe? De uma especificidade assim... de ser negro a partir dessa relação com o bairro. E eu lembro que pra mim era muito forte pra mim olhar os álbuns de família e ver as fotos da minha mãe quando era nova, ela e os meus tios todos de Black Power! Na década de setenta, né? Que eles iam aos bares...

Eu não cresci numa família muito consciente, muito intelectualizada sobre negritude. Eu tenho muitas amigas que são filhas de militantes do movimento negro. Eu não cresci nesse contexto. Mas eu cresci de família negra e que se constituiu enquanto negra na vida. Sem condições de teorizar muito o que é ser negro, mas vivendo a negritude, pessoas que não conseguiram acessar a universidade. Minha mãe até entrou na faculdade e fez... O sonho dela era ser engenheira na época, ela ia pra Mogi estudar. E ela falava um pouco dessa experiência dos estudantes negros da faculdade de Mogi, que ia no último vagão, que era um navio negreiro. Então acho que muito do que foi me constituindo com interesse pra seguir uma vida com certa militância vem desses relatos da minha mãe. De ver, de olhar as fotos. De ver que tinha uma pulsão ali assim, uma energia mesmo que não objetivamente... tinha uma afirmação de negritude aquele Black Power. E ao mesmo tempo em ver minha mãe na década de 90 com o cabelo alisado. Mas eu acho que uma coisa muito marcante pra mim foi quando eu percebi que... Minha mãe nunca tinha deixado eu alisar o meu cabelo. Eu nunca alisei o cabelo. Então eu via todas as minhas amigas negras com o cabelo alisado. A minha irmã com o cabelo alisado. Minhas tias com o cabelo alisado. Eu era a única na minha família, tanto materna quanto paterna que não tinha o cabelo alisado. Eu queria alisar o cabelo porque todo mundo tinha o cabelo alisado. Minha mãe nunca deixou eu alisar o cabelo: “Enquanto você for menor de dezoito anos, eu que cuido do seu cabelo e você não vai alisar”. O máximo que ela fazia era passar uma vez ou outra, que ela sempre se arrependia, uma química pra relaxar ou amaciar. Mas ela sempre se arrependeu. Então esse ato da minha mãe, dela deixar eu sentir o meu cabelo... Eu acho que isso foi muito importante para mim enquanto mulher e pra eu entender quem eu sou. É muito engraçado... Hoje eu elaboro isso com mais clareza, mas na época não. Foi importante sentir o meu cabelo. Eu sempre tive acesso ao meu cabelo do jeito que ele é. Então para eu deixar ele Black Power depois não foi um problema. Porque eu sempre usava trança. Comecei a soltar a trança e... E aí enquanto as minhas amigas tinham muitas crises em ser negras... E um dos jeitos delas negarem a negritude era alisando o cabelo, eu nunca tive isso, sabe? Usava trança, não tinha como alisar trança, então não tive muito tempo pra negar a minha negritude. Eu lembro... eu lembro que na primeira infância tive umas situações muito fortes... que quando entrei, não sei se era prezinho se era educação infantil, eu lembro que tava na hora do recreio e aí tinha uma balança que você podia balançar de três...

quatro pessoas, né? Eu queria brincar com todo mundo. Aí todo mundo parou de brincar e começou a gritar: “Neguinha, neguinha, neguinha, neguinha.” E tinha um menino negro no meio também e tava gritando, eu não entendia. Aí lembro que a professora saiu disparada nervosa, brigando com todo mundo, mandou todo mundo sair da balança, xingou todo mundo. “Vamos parar com essa palhaçada! Todo mundo! O que vocês estão fazendo com a amiguinha de vocês!” E começou a acabar com todo mundo, colocou todo mundo pra sentar ajoelhado no chão e falou pra mim: “Agora você vai escolher com quem você vai brincar. A balança vai ser só sua Juliana. Você vai poder escolher com quem você vai brincar. Se você quiser brincar sozinha, vai brincar sozinha. Se você escolher brincar com alguém, vai escolher com quem vai brincar.” Aí eu fiquei que nem uma idiota, não queria que as pessoas brincassem comigo forçadas pela professora, sabe? Queria que elas brincassem comigo porque queriam brincar. Aí eu não quis brincar mais e falei: “Ah, eles podem voltar pra balança, eu não quero brincar mais”. Lembro que isso foi muito marcante assim, foi na primeira infância. Acho que foi ali que me senti apontada como negra, a primeira experiência de racialização que eu senti. É externa, sabe? Acho que eu quero dizer... O primeiro momento que gritaram-me negra. Foi esse processo da primeira infância.

Aí lembro que depois disso eu comecei com umas conversas, minha tia ficou brava comigo porque eu queria ser branca, que eu queria ter o cabelo liso. Que eu colocava toalha no cabelo para parecer a Angélica. Queria a boneca da Angélica. Eu achava que meu pai era parecido com o Gugu. Eu tinha certeza que meu pai parecia com o Gugu e eu achava que era parecida com a Angélica! Tinha umas fantasias assim da minha cabeça... Eu queria ser... Eu não queria esse corpo, né? Isso foi na minha primeira infância.

Mas depois a minha mãe me colocou em um colégio particular, de freiras, eu era bolsista. E aí eu percebi que nesse colégio eu tinha que ter algum lugar de destaque. Se eu não me destacasse... eu tinha medo de voltar naquela situação lá da educação infantil. Então eu lembro de um esforço muito grande no colégio, como aluna negra e bolsista. Eu era muito legal, muito disponível, muito solícita. Então... eu lembro que eu tinha uma postura assim muito dócil e muito prestativa com as professoras. Que na verdade era um medo de ser rechaçada, sabe? Então eu fiquei nesse colégio onze anos, dos meus sete aos dezoito anos... E foi um período muito forte da minha vida porque eu... Era um colégio de freiras, daquelas de hábito mesmo, sabe? eu bolsista. Mas eu não me lembro de nenhuma violência racista efetivamente. Eu ficava muito confortável, e, por incrível que pareça, eu tinha professores que gostavam muito de mim. E eu tinha uma professora de artes que ela era loira, olho azul, toda extravagante assim e bem padrãozinha. E ela se apaixonou por mim, porque eu desenhava. Eu

gostava muito de desenhar. Eu desenhava bem e aí ela me escolheu para ser a aluna eleita da sala. Então, eu lembro o quanto isso mexia com a minha autoestima. Lembro que ela falava “Nós temos um Picasso nessa sala de aula. Vem aqui Juliana mostrar...” E ela pegava o meu desenho e mostrava pra sala. “Olha, é pra vocês fazerem assim.” Pegava meu desenho como modelo para a sala. Então eu virei a aluna que era o exemplo da aula de artes. Era a aula que eu ia bem, o resto era tudo recuperação. Mas eu lembro que era ela que me salvava no conselho de classe. Ela. E eu lembro que ela me abraçava muito, era uma pessoa que me abraçava muito. Que me beijava muito. Que demonstrava muito carinho. Eu lembro que isso era muito importante pra mim assim. Eu lembro que foi a primeira experiência de um professor que eu me senti acolhida. Foi com essa professora de artes. Com os outros professores nem tanto. E ela já me chamava de artista... Acho que era na sétima série isso. E eu lembro que foi ali que eu decidi que queria ser artista. Então, foi muito interessante isso. Na época, oitava série, eu já sabia que eu ia ser artista porque a professora de artes falou que eu era uma artista e porque meu trabalho era uma referência e eu tinha ganhado um concurso na época. Eu já sai da escola sabendo que eu ia ser uma artista. E hoje eu entendo como foi importante essa professora ter olhado pra mim e visto um talento em mim e ter colocado aquilo de forma exagerada. Que ela beijava com batom os meus desenhos, aí o batom vazava pra frente nos desenhos. (risos) Umas coisas bem exageradas. Mas hoje, essa minha escolha de fazer artes e ser professora de artes, vem muito desse lugar de entender que o professor, o educador precisa ser sensível também e amoroso com os alunos. Eu lembro disso.

Quando eu comecei a frequentar as discussões raciais, os movimentos todos, ouvindo os relatos, vi que as minhas experiências não se enquadram muito dentro de um padrão das experiências de crianças negras com a escola. A grande maioria dessas experiências negras da infância passam por um lugar de rejeição e negatividade. Pra mim na verdade a dificuldade com a negritude foi a minha família paterna. As minhas grandes conflitivas de ter que enfrentar racismo, foi na família paterna. A família do meu pai é mais preta, a família da minha mãe é uma família mestiça. Minha avó é filha de português com negro, mas tem uma cara de moura. A família do meu pai é mais preta. Só que na família paterna, desde pequena tinha uma campanha para alisar o meu cabelo. Minha avó paterna sempre quis alisar o meu cabelo: “Seu cabelo é muito duro, seu cabelo é muito ruim.” Já vinha com uma negatividade. E eu lembro que a minha avó paterna sempre falava que tinha que casar com branco para melhorar a família. Que na verdade isso já era uma fala da avó dela, da minha bisavó. Que era mais clara, inclusive.

A minha mãe é mais clara e eu sempre ouvi a minha mãe falando que não gostava de branco. E eu chegava na casa da mãe do meu pai e o povo falando que não gostava de preto. Então eu fui crescendo nessa polarização, sabe? Nesses dois lugares. E eu lembro que teve uma vez que eu decidi deixar meu cabelo Black Power, que foi um momento marcante, foi com vinte e um anos... Não foi com vinte anos, dezenove pra vinte anos... Quando eu entrei no cursinho da psicologia da USP, isso foi em 2005/2006, e vi uma mulher LINDA! Ela era professora lá, tinha um cabelo enorme e era linda. E ela falava muito bem e era uma pessoa superinteligente. E eu fiquei encantada com ela e falei: “Gente, queria ser que nem essa mulher.” E aquele cabelo maravilhoso. E ela levava a gente, as alunas pretas, em tudo quanto é coisa de movimento negro. Então eu lembro que já no cursinho, era um cursinho popular com cunho político, tava enfiada em tudo quanto é coisa. Tem um debate LGBT da galera preta, eu nem sabia o que significava LGBT; mas ela botava a gente lá pra ver o debate. Ah, vai ter viagem para o quilombo da Caçandoca; já botava a gente pra ir nesse quilombo. Ah, precisa de voluntários na feira preta; botava a gente, botava a gente no meio dessa discussão. E quando eu vi já estava no meio de todo um debate participando e... me empoderando de um discurso de negritude, um processo de tornar-me negra conscientemente. Eu nunca tive dúvidas de que eu era negra, mas quando eu tive essa experiência no cursinho lá na USP, entendi que existiam pautas, que existia um movimento coletivo. Pra mim foi muito importante. E aí eu volto pra casa da família do meu pai muito... muito reativa, sabe? Já discordando, entendeu? Como assim tem que casar com branco? Por que tem que casar com branco? Ah, mas por que vocês querem alisar o meu cabelo? E meu pai uma vez me pegou a força pra me levar pra alisar o cabelo no cabeleleiro. Eu tive que dar escândalo no meio da rua.

Se a minha mãe soubesse ela não deixava eu voltar pra casa dele. E aí eu já voltei desse processo pra casa do meu pai muito reativa, questionando a minha avó, questionando os meus tios. Porque era a família mais preta, mas com dizeres mais racistas. Piadas horrorosas. E quase todos os meus tios casaram com brancas. Um processo meio de redenção de Cam, sabe? Meu pai foi o único que teve relacionamento com duas mulheres negras, então eu e minha irmã somos as netas mais pretas da minha avó. E eu também me sentia um pouco preterida pela minha avó paterna, porque eu lembro que eu ia viajar, a gente ficava dois meses nas férias em julho e que eu voltava com o cabelo todo cheio de piolho; do jeito que a minha mãe mandava ele voltava. Imagina dois meses com trança, sem desfazer a trança. Tinha um lugar aí de negligência com esse cabelo e quando eu voltava sofria muito, porque a minha mãe tinha que quebrar meu cabelo pra desembaraçar. Então eu sentia que tinha uma coisa

assim que era diferente em relação a mim e a minha irmã com os netos que eram um pouco mais claros. Então nesse sentido eu tenho uma memória de criança; eu já sentia que havia dentro da família uma diferenciação de tratativa. E que tinha a ver com o meu cabelo, que chamavam duro e ruim de pentear. Ninguém queria pentear aquele cabelo. E pra criança isso é muito... Nossa...

Eu volto pra minha família na adolescência questionando as coisas. E brigava muito com meu pai: “Ah, vocês são racistas.” E eu me interessando cada vez mais, entendendo como é que o racismo funcionava. E aí quando eu entrei na faculdade, eu comecei a entrar em contato com outros estudantes negros e aí comecei a questionar: “Cadê os negros na faculdade pública?” Particpei do diretório acadêmico. Fui fazer minha pesquisa sobre História e Cultura Afro-Brasileira, fui pegar lá na USP, na História. Visitei um quilombo. E aí foi indo assim. E nesse processo de estudo eu fui me dando conta e me apropriando mais sobre esse processo de negritude, de uma forma mais racional. E perdendo mais a minha família, porque eu tinha muita mágoa. Depois desse processo de estudo, eu fui entender que a minha avó estava reproduzindo um discurso higienista, ainda mais sendo kardecista. Aí fui entender também como a religião opera nesse lugar.

Miriam: Qual a relação que você faz do Kardecismo com o negro?

Juliana: Porque a minha avó me ensinou que pro Kardecismo, a escravidão na África era, na verdade, uma resposta ao que os africanos fizeram no passado. Então era justificável. É como se fosse um processo de karma. E eu sentia uma confusão nisso da minha avó; como se o bom fosse o branco, como se o branco fosse a evolução. Então tinha uma dimensão evolucionista que é muito kardecista. Ela não me falava desse jeito, mas soava desse jeito, como se pudesse cruzar as duas coisas. E eu peguei uma aversão ao kardecismo, não suporto aquele negócio, me dá um desespero de ficar falando com gente morta. Não gosto. E também comecei a entender que o que a minha avó... na verdade não era que ela não gostava de pessoas negras, mas era o registro dela, da experiência do que era ser uma mulher negra na década de 40. Ela deve ter sofrido muito, o que ela estava dizendo era real na experiência dela. Que se de fato ela tivesse um filho com a pele mais clara, de fato ele sofreria menos problemas do que um filho com a pele escura.

Só depois da faculdade, do mestrado, que eu comecei a entender que não precisava ter raiva da minha avó e nem dos meus tios. Precisava entender que aquilo correspondia a um fenômeno dessa estrutura racista que a gente vive na sociedade. Então a grande conquista que eu tive foi de ver a minha irmã e minha sobrinha parando de alisar o cabelo, deixando o cabelo crespo igual o meu. Fui entendendo que a minha presença e a minha insistência de

deixar o cabelo crespo e estar sempre causando no natal e no ano novo, de ficar incomodando ali, estava reverberando também no processo delas. Porque pra minha avó jamais. Toda vez que eu ia lá ela pegava meu cabelo e falava: “Não, tá muito ressecado. Vai alisar esse cabelo. Vai pentear esse cabelo.” Tava sempre ruim. Então, como negra, minha maior dificuldade tem a ver com esse ramo familiar paterno, sabe? Até hoje...

E aí é muito engraçado ouvir a minha mãe falar: “Ah, seus tios eram os maior branqueiro. Só iam em baile de branquinho. O único que ia em baile de preto era o seu pai. Seu pai que sempre foi maloqueiro e ia com a gente em baile de preto. Mas sua tia... Ela nunca gostou de preto. Eles são muito branqueiro.” É muito engraçado, sabe? Perceber essa relação. Porque o que eu entendia era que a família do meu pai era uma família negra, mas de uma certa classe média baixa, porque meu avô era militar do Exército. Então você pensa em uma família negra na década de 60/70 com uma casa própria, num bairro relativamente bom, tipo Casa Verde, e que já tinha carro. E todos os meus tios conseguiram fazer faculdade. O que era você conseguir estudar na FMU na década de 60/70! Então, era uma família preta classe média baixa, um pouquinho melhorzinha do que o pessoal que morava no Peruche, que conseguia acessar outros lugares porque tinha um pouco mais de dinheiro, mas não se identificava como negro. Depois ela falava pra mim: “Ah, mas sempre quis ir em baile de negro, mas minha avó não deixou.” E minha tia falou que ela foi apaixonada por um cara negro, mas minha avó não deixou ela namorar com ele e ela teve que casar com meu tio Lopes, que era um cara branco. Então, depois que eu comecei esse processo elas começaram a relatar as experiências, os sofrimentos delas enquanto mulheres negras. E elas têm a pele mais escura do que eu, têm a pele mais retinta. Minhas tias são negras e altas, aquelas de pele bem retinta, aquelas negonas que calçam quarenta, com 1,80 ou um metro e oitenta e pouco.... Então é o medo de ficar encalhada, porque ninguém ia querer casar, entendeu? Aquelas pretas do cabelo duro, pele retinta, daquele tamanho. Primeiro achar um homem alto (risos)...

Elas foram relatando como foi esse processo delas e eu fui entendendo. Sai desse lugar combativo de ficar colocando na parede e falando: “Ah, vocês são tudo racista.” E comecei a entender que elas tiveram aquele processo de sofrimento da construção da negritude delas. Que só é possível eu ter essa postura hoje porque a geração delas passou por tudo isso. Então assim... E aí foi muito interessante começar a ouvir a história delas, entender a história da minha avó. O que foi ser uma mulher negra morando em Ribeirão Preto com um monte de filhos. Entender a história do meu avô. Então isso tem sido assim muito importante até pra entender os limites, né? Conversando com as minhas tias pude entender qual lugar é esse que

elas tiveram que casar com branco. Ou a minha tia Marta que nunca conseguiu casar ou nunca quis casar. Enfim, essas histórias todas, né?

Um dia a minha Tia Regina me contou uma coisa que eu fiquei chocada: “Olha, eu lembro que quando eu entrei na faculdade fiquei muito feliz. E aí divulgaram que ia ter um evento para comemorar os negros que entraram na universidade, uma confraternização. Eu namorava o Lopes e fui toda feliz na confraternização com o Lopes. Eu lembro até hoje que quando cheguei no local que eu fui subir as escadas e eles me viram com o Lopes todo mundo começou a me olhar feio. Todo mundo começou a me tratar mal porque ele era branco. Aí fui embora e nunca mais voltei pra nenhum evento.” E ela é muito ressentida com isso.

E foi daí que ela criou um discurso de aversão ao movimento negro, entendeu? Então esses discursos: “Ah, os pretos são mais racistas que os próprios brancos. Os pretos é que são racistas.” A minha família paterna era assim. “Porque os pretos não estuda porque não quer. Porque os pretos não querem chegar. Porque eu batalhei e consegui...” Mas sem ter uma consciência de classe, sem ver que de fato eles tiveram outra estrutura social, diferente da família da minha mãe, por exemplo. Para conseguir chegar onde chegaram, né? Simplesmente porque... Não foi uma questão só de mérito.

Então, eu não consigo pensar na construção da minha negritude sem associar todos esses fatores assim. Eu acho que a minha família é o lugar mais importante pra entender como pra mim foi se conformando esse lugar de negritude. Hoje já é uma coisa que eu entendo assim, que é importante. Mas ao mesmo tempo tem uma hora que cansa, né? Tem dia que eu falo: “Ai, gente, mas todo dia tem que ser negra!”

M: Como é que é isso?

J: Tem dia que eu só queria ir na padaria! (risos) Sem ter que toda hora dar atestado de negritude, sabe? Eu fico... Tem hora que você não aguenta, né? Por exemplo quando eu faço os meus trabalhos artísticos, isso é muito chato porque as pessoas sempre esperam que eu vou trazer alguma coisa, que meu trabalho vai ter que falar sobre racismo ou que eu vou dar conta de uma discussão política. E, às vezes, eu só quero falar do amarelo, entendeu? Ou fazer uma poesia de uma flor. E isso é visto como algo menor, algo desinteressado ou como algo de uma pessoa que não tem consciência política. É algo que eu tenho refletido muito com outros artistas negros. Até encontrei uma poesia do Cruz e Souza, de 1895. Chama "O Emparedado". Ele faz um texto sobre o que é ser artista negro. Sobre as angústias dele como artista negro em 1895. Aí ele tem um trecho que ele fala assim: “Posso eu ser artista se sou herdeiro de Cam? Posso eu ser artista? Posso eu abstrair? Posso eu falar em abstrações? Posso eu falar de espiritualidade? Posso eu falar de questões celestiais?” Quando li essa poesia falei: “Nossa é

isso mesmo! Será que é possível para um artista negro ser artista? Ou o artista negro vai ser sempre o artista negro?” Então é nesse sentido que eu falo também que cansa ser negro. Que nem quando eu estava lá na Áustria fazendo residência, eu queria pesquisar outras coisas, mas quando eu saía na rua: “Nossa, seu cabelo! Nossa, sua pele!” Elas estavam o tempo todo me dizendo e devolvendo meu corpo negro. Então é assim: eu tinha esquecido que era negra, só estava indo na padaria comprar um pão, porque queria comer um pão. Mas aí chego na padaria e alguém vem me lembrar que eu tenho um corpo racializado, que eu tenho um cabelo “assim, assado.” E é quando eu começo a pensar no meu trabalho, sobre o azul e o que eu não consigo esquecer por mais que eu queira. Queria simplesmente andar na rua sem ter que estar o tempo todo me pautando pela minha racialidade, as pessoas me apontando nesse lugar. Um sujeito branco nunca vai ser apontado nessa dimensão de racialidade. A não ser que entre num campo em que a racialidade esteja posta. Ele consegue escolher. Se um branco não quiser se deparar com as questões de branquitude ele não precisa, mas se ele quiser ele sabe onde vai. Ele pode escolher. A gente não, o tempo todo vai ser colocado diante de alguma... alguma dimensão racial. Por isso que eu queria ter uma experiência no continente africano ou num país só de pessoas negras. Pra ver como é que é isso. Porque ali pode ser que eu tenha uma outra experiência.

M: Você falou que já sabia que ia ser artista. Como foi esse caminho? Você quer contar um pouco disso?

J: Sim. Eu acho que foi muito importante a figura do meu tio, irmão da minha mãe. Sou muito família, né?. Meu mapa astral todinho é família, sabia? Eu tenho um tio que chama Jorge e ele é artista, ele é baterista. E ele é daquele tio assim, sabe? Doido e legal.

Então eu cresci, por exemplo, minha mãe que fala isso, com meu tio Jorge tocando bateria pra mim na barriga da minha mãe. E quando eu nasci, tinha um mês, ele colocava o carrinho do lado e ficava tocando pra mim. Tanto que às vezes tem música que eu escuto e falo: “Nossa, nunca ouvi essa música, mas sei toda a melodia.” Ah, seu tio tocava essa música pra você quando você nasceu. E eu lembro que era muito apaixonada... ainda sou... Muito apaixonada pelo meu tio. Porque ele era muito legal. Ele era um artista doido. Eu chegava na casa dele e pintava porcelana. Chegava na casa dele tinha tinta, tinha pincel. Ele me dava canetinha, ele me dava lápis de cor e me dava jogo de giz de cera, me ensinava a desenhar. Ele me sentava na bateria pra tocar e a gente brincava de show, aí ele tocava guitarra e eu tocava bateria. Então, assim, lembro que esse tio me estimulava muito em tudo que era processo criativo, ele inventava histórias... E eu lembro que eu via nele um corpo muito livre. Ele usava roupa colorida. Usava perna... usava calça de uma perna de uma cor outra perna de

outra cor. Então, assim, eu consegui... Por esse tio eu tive a oportunidade de conviver próximo de artistas e ter uma experiência deslocada do que a gente pensa do que seria o padrão, do que a gente pode falar de uma experiência comum de uma criança negra da periferia. Então esse tio era baterista, fez muito sucesso, tocou no começo da carreira Djavan. Aí ele foi pro Japão morar, ficou seis meses no Japão. Ele voltou do Japão com uma máquina fotográfica rolleiflex. E aí eu lembro dessa máquina. Aí eu lembro que eu ia na festa dele e tava lá o Arnaldo Antunes, o pessoal dos Mutantes, todos esses artistas assim tavam na casa dele. Aí eu lembro que toda vez que tinha festa eu tava na casa dele no meio daquele povo. Eu achava divertido, era gente divertida com uma roupa estranha, gente com roupa colorida. Eu achava legal e queria ser assim também. Eu lembro que tinha essa sensação: “Ai, quero ser que nem eles.” Ele era o meu grande tio herói. E aí meu tio foi embora pra Alemanha, ele me mandava carta com um monte de adesivos coloridos. Continuava essa coisa. Aí ele foi embora pra Alemanha e ficou quinze anos lá. E nisso eu sempre desenhei. Eu lembro que na escola quando chegou no prezinho a professora chamou a minha mãe e falou: “Mãe, é o seguinte: A Juliana desenha muito bem, ela tem um traço muito desenvolvido para a idade dela. Seria muito interessante se você conseguisse colocar ela em uma escola de desenho.” Minha mãe foi e me colocou em uma escola de desenho quando eu tinha seis anos. Eu lembro que fiquei nessa escola um tempo, só que ela me tirou porque eu estava brincando, não desenhando. Desenhava rapidinho pra ir brincar com o cachorro... (risos)

Mas eu lembro de nessa escola ter uma primeira experiência de uma certa formação em artes. Eu lembro que eu tinha aula de desenho... Uma professora muito severa. Eu tinha uns seis anos e tinha que fazer desenho de observação. Então ela botava um ovo na frente e eu tinha que ficar ali desenhando o ovo do jeito que eu via. Então, eu acho que foi muito marcante ter tido essa possibilidade, essa oportunidade da minha mãe ter a sensibilidade de investir nesse meu fazer. Dali quando eu entrei no colégio eu já fui me desenvolvendo muito no desenho, já pintava, desenhava... Desenhava com meu tio. Então quando essa professora disse: “Olha, você é muito boa nisso. Desenha assim!” Eu fazia. “Desenha assado.” Eu fazia. Eu lembro que os alunos pediam para fazer desenhos para eles em troca das colas para as provas ou dos trabalhos de matemática. Então eu comecei a fazer trabalho pra galera. E aí só que quando o trabalho voltava minha amiga tirava sete e eu tirava 10. E ficava todo mundo puto comigo. Porque eu fazia o desenho para eles e tiravam uma nota menor que a minha. Porque ela sabia que era eu que fazia (risos) então ela dava nota pra mim e tirava nota deles.

Eu era uma criança sozinha, porque meu pai separou da minha mãe quando tinha seis anos. Minha mãe trabalhava muito e eu ficava com a minha avó e minha avó também

trabalhava muito. Então eu lembro que a minha infância era indo trabalhar com as pessoas. Então eu ia trabalhar com a minha avó, quando eu era grandinha já fazia faxina com ela. Ou eu ia trabalhar com a minha mãe ou eu ia trabalhar com meu pai. Então eu tava sempre indo trabalhar com alguém. E aí quando ia trabalhar com alguém eu levava meus desenhos. Então eu ficava horas desenhando. Também tinha a ver com a saudade do meu pai. Então eu desenhava muito o mar, meu pai morava na praia e às vezes ele não vinha... Então o desenho era um lugar que eu conseguia estabelecer o meu mundo, sabe? Então acho que foi muito isso pra mim na escola. Como era um colégio de freiras, de gente branca e eu era bolsista, era o único lugar que tinha ali pra minha expressão. Então eu via que era a forma de me expressar através do desenho. E aí na hora de pensar na faculdade eu queria fazer artes, né? Ah, teve uma outra passagem nesse colégio que foi importante. Entrei no ensino médio e eu queria fazer artes, e era um colégio de freira e tinha uma freira negra. E na sala eram quinze alunos e só dois negros, eu e Mussum. O Mussum não tinha nome, era o Mussum. Que era o Guilherme. Eu ficava brava com o Guilherme porque eu achava errado ele deixar as pessoas chamar ele de Mussum. Então eu brigava muito com o Guilherme, brigava muito. Éramos os únicos negros. Mas ao mesmo tempo era um brigar de se cuidar, né? E aí eu lembro que no segundo ano a irmã Lenice chamou a gente no corredor porque queria falar com a gente. E a gente foi... Lembro que ela foi entregar o papel da faculdade Zumbi dos Palmares. Que era pra gente já ir se preparando pra entrar nessa faculdade, que era uma faculdade só para negros. E eu fiquei extremamente ofendida. Fiquei extremamente ofendida. Aí eu falei assim: “Tá, mas essa faculdade tem Artes? Não! Essa faculdade tem administração e tem uns cursos lá, Direito.” Eu falei: “Irmã, você não tá entendendo. Eu quero fazer Artes.” Ela falou: “Não. Não. Você não vai conseguir. Você já tem que entrar. Você não pode sair daqui sem entrar na faculdade. Você já tem que ir pra Zumbi dos Palmares.” Eu fiquei puta. Mas hoje entendi que ela foi supercuidadosa encaminhando a gente. Eu fiquei puta, achei que ela estava subestimando a minha capacidade. Eu não, eu vou entrar na USP, eu vou entrar na faculdade pública, eu vou fazer Artes. Eu não quero essa faculdade que tem esses cursos só para negros. Fiquei puta com a irmã Lenice. E eu sou muito da raiva, né? Se você me desafia... Ah, agora você vai ver. Ah, você tá achando que eu não consigo. O Mussa..., Guilherme, foi pra Zumbi. Se deu superbem. Foi ótimo pra ele. Trabalha no Bradesco. Fez a vida dele. E eu fui pro cursinho. E nisso tinha a Glaucia que era uma aluna negra que também que era dois anos acima de mim. Fizeram uma faixa: “Parabéns, Glaucia pela Faculdade de Artes na USP.” Ela tinha conseguido entrar na ECA. Afinal, se a Glaucia conseguiu eu também consigo, ela estudou aqui. Aí eu entrei no cursinho e fiquei estudando. Uma vez eu encontrei a Glaucia lá

na USP e falou: “Não, continua. Você vai conseguir! A prova é assim, assim, assado.” Mas eu nunca passava na prova, porque é uma prova muito elitizada. E por mais que eu desenhasse bem, por mais que a professora falasse que eu desenhava bem, não era bem o suficiente para entrar numa USP. Porque eu fui ver que quem entrava na USP já era de família elitista, quem fazia curso na Panamericana de Artes, né?

Mas eu digo muito que eu consigo, só consigo porque não sabia que era impossível... Porque a minha mãe e meu pai sempre foram muito assim: “Ah, eu quero fazer tal coisa.” “Vai, filha, faz.” “Ah, mas é muito difícil, tem poucas vagas.” Aí meu pai sempre falou: “Mas você precisa de uma vaga só.” Minha mãe também. Então eu acho que tem muito do incentivo que eu tive. Acho que eu tive uma família saudável, assim, sabe? para entender isso. Eu vejo que muitas amigas minhas do mesmo bairro, da mesma rua, negras também, com dificuldade, também já não tiveram tanta oportunidade de ter uma família que apoiassem elas no que elas quisessem fazer, até por não ter uma estrutura emocional. Então eu vejo que me tornar artista é um projeto da minha família. Acho que tem a ver com um projeto de investimento. Minha avó me coloca em... em... minha avó tinha um bar. Enquanto ela estava no bar trabalhando, pra eu não ficar perdida na rua, ela me botava naqueles cursos de pintura em gesso, não sei se você lembra disso? Do outro lado da rua tinha aquelas casas de gesso, decoração. Era o artesanato na época. Cada época tem uma moda. Uma hora biscuit, uma hora crochê. Nessa época era pintura em gesso. Botava eu lá na aula de pintura de gesso e ela ficava no bar. Ficava a tarde inteira pintando a Mônica, o símbolo do Corinthians. “Ah, vó eu fiz pra você.” Aí eu ia dando pra ela, chegou uma hora que tinha um monte (risos). A outra vó me levava pra pintura de pano de prato no centro espírita. Minha tia Marta pintava tela e me dava tela pra pintar. Então é nesse sentido que eu acho que minha família... É um projeto coletivo. É um projeto coletivo sim. Porque eles foram me dando coisas assim, sabe? Pra me sentir... E foram me incentivando. “Nossa, que desenho bonito, vamos pôr aqui na geladeira.” Era o evento com o desenho bonito. Minha avó tinha tudo guardado. Por isso que eu acho que foi um projeto. Meu tio foi fundamental. Por que ele era uma pessoa... Ele um corpo livre que ele podia tudo. Então ele sempre falava: “Quê!!! Que negócio de ficar no bairro, você tem que conhecer a Avenida Paulista, andar pela cidade. Tem que ir nos museus. Daqui a pouco você vai pra Europa, daqui a pouco você vai viajar, daqui a pouco você vai falar inglês.” Então ele era essa pessoa que trazia pra mim essas palavras de que era possível. Do mesmo jeito que a minha mãe falava pra mim que queria que eu fizesse faculdade pública. Então assim ... Então de alguma medida entrar na universidade pública era um desejo da minha mãe. Ir pro mundo ganhar... Ir pra Europa falar inglês era meu tio falando pra mim “Você tem que ir pra

Europa." Então por isso que eu digo... Claro que a gente vai escolhendo, mas essas escolhas vem quando você também tem a oportunidade de se apresentar a um campo de possibilidades. Então, meus tios apresentaram esse campo. Minha família mesmo com condição muito difícil, minha família materna... Minha avó dita mãe solteira com três filhos, enfim. Um tio meu é ladrão de banco. Aquela coisa, né?. Mulher solteira, muita dificuldade financeira. Esse meu tio que foi pra Alemanha caiu em depressão. Hoje ele é uma pessoa que eu me preocupo muito, mas mesmo que eles não tenham conseguido se estabilizar eles me deram a oportunidade de construir esse caminho. Então eu sinto que estar onde eu estou hoje, doutorado com Artes tem a ver com todas as apostas deles. Eles sempre apostaram muito assim.

Eu fiz Unesp. Instituto de Artes da Unesp. Aí tem um outro dado muito interessante que é... Porque a prova de Artes tem quatro fases. Tem a prova específica, teórica e prática. E caia uns textos superdifíceis de História da Arte, de Crítica da Arte que eu nunca tinha lido aquilo. Depois eu descobri que nem na graduação você vê aquilo, só fazem isso pra ninguém entrar. E aí eu tava... E nessa época eu queria fazer teatro, meu sonho era fazer teatro, queria fazer dança.

Eu fiz um técnico em design de interiores. Minha mãe tinha feito design de interiores na época que ela era nova, era o sonho dela fazer. Como eu sabia desenhar, ela falou que seria um bom curso pra eu fazer, esse técnico de design de interiores. E foi um curso muito bom, que eu fui superbem. E aí eu lembro que nesse curso tinha um ingresso para visitar a Casa Cor que ia ser sorteado. Mas a diretora me escolheu porque eu era uma aluna muito dedicada e eu ganhei o ingresso. Aí fiquei superfeliz. Era o maior evento de design a Casa Cor naquelas mansões. Cheguei lá e achei tudo brega. (risos)

Então assim... Já eram coisinhas pequenas que iam me dizendo que eu tinha que seguir. Aí eu fui conhecendo a Islaine que trabalha na Psicologia da USP. Ela trabalha não sei se na sessão de pós, ela tá no administrativo da Psicologia. Ela falou: "Ah, você não vai fazer cursinho? Não vai fazer vestibular?" "Ah, eu quero fazer, mas eu preciso ver." "Vai lá na Psicologia da USP. Vai abrir uma vaga, eles têm bolsa." Ela que me passou o contato do cursinho da Psicologia e ela me avisou que ia ter um curso de teatro gratuito no teatro da USP, o TUSP. E aí eu tava superfeliz: "Nossa, vou fazer cursinho na USP e fazer teatro na USP. Já sou estudante da USP!" Então eu fui fazer teatro na USP e conheci várias pessoas que já estudavam na USP. Porque eu achava a USP um lugar muito distante e aí quando eu conheci essas pessoas... Ah, não é tão difícil. Então, sei lá, se você consegue eu também consigo. E aí eu fui fazer teatro e conheci uma outra amiga mais velha que é a Noemia e eu

costurava naquela época. Eu fazia curso de corte e costura no SESI com a minha mãe e eu fazia as minhas roupas. E eu levava...

M: Talento para todas as áreas...

J: É, eu costurava minhas roupas! E elas falavam: “Nossa, você costura muito bem.” E a Noemia era mais velha, ela já tinha uns vinte e poucos anos. Ela: “Nossa, Juju, você é muito talentosa, você tem que trabalhar com isso.” Aí eu fiz design de moda na Sigbol. Um dia ela falou: “Tem um amigo meu que esta precisando de costureira. Ele trabalha com cenografia para teatro, você não tem interesse?” Aí eu falei: “Ah, não vai rolar, eu estou trabalhando em um telemarketing.” Tinha conseguido um telemarketing, trabalhava de manhã e conseguia pagar o meu cursinho. “Ah, mas tenta ir lá trabalhar no final de semana, talvez você pegue um bico. Entra um dinheiro a mais, né?” Aí eu fui falar com esse cara que era o Jorge. “Oi Jorge, tudo bem?” Eu fui com a camisa que eu fiz. E ele: “Ah, a Noemia falou que você costura bem, preciso de alguém pra costurar. Aqui a gente trabalha com cenário. Cenário para espetáculo de teatro, a gente cria umas coisas e eu preciso de alguém para costurar comigo. Você não tem interesse?” “Ah, não tenho interesse não, porque eu não sou costureira. Imagina! Eu costureira? Eu vou fazer Artes, aquela coisa assim. Eu tô trabalhando já, vou prestar o vestibular e tenho que estudar.” “Você trabalha com o quê? “Ah, eu tô no telemarketing.” Aí ele parou assim e ficou olhando a minha blusa. “Posso olhar essa blusa?” Aí ele pegou a gola olhou do lado, olhou o avesso e falou: “Nossa, que camisa bonita! Onde você comprou?” Aí eu falei: “Fui eu que fiz.” “Você que fez essa camisa?” Falei: “É, fui eu que fiz.” Aí ele falou: “Nossa, preciso muito de você trabalhando comigo. Você tem certeza que não quer trabalhar comigo? Não quer vir fazer um teste? Vem aqui no final de semana. Aí você sente.” Aí eu falei: “Tá bom, eu venho no sábado.” Fui no final de semana e foi muito legal, porque é num ateliê que a gente criava cenário pra espetáculo. A gente fez o cenário do Arnaldo Antunes, a gente fazia pássaro de saquinho... Fazia um inflável de pássaro de cinco metros de altura com saquinho plástico, sabe? Eu ficava costurando e criando, ele deixava criar coisa, sabe? E eu me apaixonei, falei: “Nossa, que legal.” Aí “Quanto você ganha no telemarketing? “Eu ganho 450,00 reais.” “Quantas horas você trabalha?” “Eu trabalho seis horas por dia e tem uma folga na semana.” Ele: “Então vem pra cá! E se eu te pagar 600,00 reais pra você trabalhar cinco horas por dia de segunda a sexta pra mim?” Se você precisar estudar pode pegar uma hora aqui, tem uns livros aqui. Aí eu falei: “Então tá bom.” E fui trabalhar com ele. Homem branco, classe média, fazia História na USP na época. Mas ele foi um bom mentor. Eu falo que eu tive bons mestres, ele foi um deles. Ele percebia que eu queria muito fazer Artes, ele me levou pra trabalhar com ele e ele ia mostrando os livros que

tinha de Artes. Na hora do almoço eu lia uns livros. Ele mandava eu desenhar algumas coisas, eu desenhava e ele falava: “Nossa, que desenho bonito. Você desenha muito bem.” Então ele ia me incentivando assim. Aí eu descobri que tinha Unesp em Bauru, tinha curso de Artes e era menos concorrido. Porque o curso de Artes aqui em São Paulo ele tem um grau de concorrência próximo a medicina. E como você tem uma prova específica antes, são mil e trezentos candidatos para trinta vagas. Então dá quarenta por vaga. Medicina deve estar uns cinquenta. Aí eu vi que na Unesp de Bauru era sete por vaga. Aí eu falei: “Quer saber, vou prestar essa Unesp”. Mas não queria ir pra Bauru, né? Aí ele falou: “Vai lá pra Bauru. Presta essa prova.” Ele me incentivava. E era um lugar que eu trabalhava que ele cozinhava pra gente, ele era meio vegano, natureba. Uma vez ele desceu as caixas de vinil e eu fui descobrindo Itamar Assunção, ficava ouvindo dos vinis assim. Então foi um processo de muito aprendizado. E aí eu prestei a Unesp de Bauru, só que já estava desencanando de fazer Artes. Quer saber? Acho que eu vou fazer letras com habilitação em francês. Chega! Chega de querer ser artista! Aí só sei que eu fui prestar essa prova de Bauru só por descargo de consciência e um belo dia eu tô lá no ateliê dele, primeiro de abril, toca o telefone e ele: “Ah, Juliana dos Santos?” “Sim, trabalha aqui. Vaga na Unesp, claro que ela vai querer. Vou passar pra ela. Juliana, é da Unesp e tem uma vaga remanescente pra você lá em Bauru.” Só que era primeiro de abril e ele era um palhaço. Aí eu falei: “Aí, Jorge, cê tá brincadeira, né? Primeiro de abril e você acha que eu vou acreditar? Para de ser bobo, Jorge.” “Eu tô falando sério. A mulher tá no telefone.” “Eu não vou atender. Desliga então, pega o telefone que eu ligo de volta.” Aí começou a falar: “Juliana é sério, a mulher tá ligando aqui pra vaga. Você para de palhaçada.” E eu não atendia o telefone. Falei: “É mentira, você tá brincando de dia da mentira.” Aí ele desligou o telefone bravo e falou: “Se você não pegar esse telefone agora, você está desempregada e sem faculdade. Eu vou te demitir.” Aí eu vi que era sério e liguei e a moça “Olha, você teve sorte viu. Porque eu tava passando pro próximo da lista.” Ela tinha ligado na minha casa e eu não tava. Pegou o telefone do meu serviço, ligou no meu serviço...

Aí foi isso. Você está despedida, ele disse. Eu estava com medo, não queria ir. Que como assim vou morar em outra cidade? Estava morrendo de medo, não queria ir.

M: Quantos anos você tinha?

J: Tinha vinte e um. E eu estava lá com ele aprendendo um monte de coisas, já tava fazendo um monte de coisa, já tava muito legal, já tava trabalhando com Arte. A gente fazia sofá, fazia tudo. Aí eu falei: “Ah, não, Jorge. Eu estou gostando de trabalhar aqui, não vou largar.” Ele: “Não, você vai. Fica um ano e se você não gostar você volta e eu te dou um

emprego de novo.” Aí foi isso. Fiquei um ano e não gostei. Voltei e consegui o emprego de novo. Fiquei dois anos trabalhando com ele com cenografia.

Achei Bauru uma cidade muito cara, muito racista, me senti muito racializada lá. Fui perseguida na rua, fiquei lá um ano, todo mundo namorando, beijando na boca, comigo não acontecia nada. Ia no forró ninguém te chamava pra dançar. Era muito esquisita aquela cidade. Uma cidade cara. Aí eu falei: “Não vou ficar aqui pagando de independente.” Minha mãe se matando para conseguir me manter. Minha mãe mandava artesanato para mim, para vender lá para conseguir sobreviver. Então eu ficava vendendo bolsa, carteira, colcha, para conseguir dinheiro pra estar lá. Então eu voltei... Transferi pra São Paulo... Fiz a prova e passei. Aí eu vim pra Barra Funda que é do lado da minha casa.

Mas é isso, nesse processo de me tornar artista também eu tive boas... Eu consegui ter pessoas que me orientassem, familiares tanto quanto amigos. O Jorge foi uma figura muito interessante. Era um homem branco que tinha uma sensibilidade às questões raciais. Então ele percebia que eu era uma garota negra com uma autoestima muito baixa. Que eu lembro que uma vez eu falei: “Ah, eu sou muito desorganizada. Eu me acho muito devagar para costurar. Eu acho que eu quero ir embora. Acho que eu não tô acertando, tô fazendo as coisas erradas.” “Não! Você tá fazendo tudo certo. Seu trabalho é perfeito, você costura bem.” Eu lembro que o tempo todo ele falava, ele reiterava pra mim todas as qualidades do meu trabalho. Eu lembro que isso era muito recorrente, ele sempre reiterando a qualidade do meu trabalho, me indicando para outras pessoas... E aí hoje que eu tenho consciência do quanto que foi importante, ter trabalhado com uma pessoa que reconheceu o meu trabalho e teve a sensibilidade de perceber que eu tinha uma autoestima muito baixa e tinha medo de errar. E aí ele percebeu isso. E me apoiar pra ir pra faculdade, ele sabia que isso seria importante pra mim. Um dia ele até brincou: “Você quer ser artista? Então não vai pra faculdade. Porque a faculdade acaba com a vida do artista. Na faculdade você vai parar de desenhar, vai parar de pintar”. Ele brincava comigo. Mas ele foi uma figura muito importante e até uma figura muito interessante pra mim também, repensar essa relação entre branquitude e negritude. E conseguir ... acreditar em uma possibilidade de parceria entre brancos e negros. O Jorge me ensinou muito sobre isso, né? É possível eu ter uma pessoa branca que me ajudava também. Me mostrou que não é impossível ser uma pessoa branca e se relacionar com uma pessoa negra de uma maneira saudável assim. O Jorge foi essa pessoa. Era tão legal trabalhar lá que às vezes eu trabalhava demais. Trabalhava muito, tinha dia que eu... O Jorge me explorou um pouquinho, porque tinha final de semana que chegava em casa duas horas da manhã. (risos) Mas foi um lugar que eu aprendi muito. E essa foi uma escola pra eu entrar na faculdade. E

ele ajudou muito a lidar com o racismo na universidade. Porque eu chegava pra ele relatando o racismo nas aulas e ele me dava orientação: “Cuidado com esse professor! Não mostra todos os trabalhos que ele é um professor racista”. Como ele já tinha vivido a universidade, eu falava pra ele, ele conseguia me dar um cuidado: “Faz isso, faz aquilo. Não apresenta isso, não fala isso.”

M: O que, por exemplo, você lembra que ele te orientava?

J: Porque é o seguinte, quando eu vim estudar em São Paulo, na Unesp, encontrei um corpo docente muito conservador. E tinha um professor que era muito racista, extremamente racista e ele começou a me perseguir. Quando apresentava os trabalhos ele não acreditava que era eu que fazia. Ele era homofóbico, transfóbico, racista! Era tudo! Se tinha um aluno gay, ele expunha a pessoa na sala, se a menina não tinha peito ele mandava colocar silicone. Um cara totalmente descompensado! Então eu achava que o que ele estava fazendo comigo era normal, era o que ele fazia com todo mundo. E quando eu relatava pro Jorge o que ele fazia dizia: “Não, isso é racismo. Ele não pode fazer isso.” Ele chamava o japonês de Hiroshima e Nagasaki. Chamava chinês de Xing Ling. Chamava loira de alemã e me chamava de morena de Angola, que traz o chocalho na canela. E aí eu achava que era normal. Tinha um trabalho de fotografia que era pra entregar que eu não sabia. Ele passou um trabalho de fotografia “pinhole”, uma técnica de fotografia com uma caixinha. Você não sabe fazer uma “pinhole” do nada se você nunca viu, né? E ele queria que a gente fizesse um ensaio fotográfico com “pinhole”. Só que eu não sabia o que era aquilo. Aí eu vi que ia ter um curso no Sesc Pompeia, num feriado. Eu fui, me matriculei e fiz o curso. E a professora: “Nossa, você se deu bem nisso aí.” E ela até pegou a minha maquininha, minha caixinha como modelo. Eu fiz mais de sessenta fotos, ficaram incríveis! Primeira vez que eu fiz um trabalho que eu gostei. Eu cheguei no ateliê do Jorge e ele falou: “Nossa, ficaram incríveis.” Mas ele falou: “Oh, se eu fosse você não levava todas. Pega assim: sete boas e três ruins. Mostra só dez. Porque se não ele vai achar que não foi você que fez.” Olhei pra cara do Jorge e ignorei, levei todas. O que eu fiz? Levei só as bonitas, não levei os erros. Lógico, é minha nota. Ele olhou as minhas fotografias e falou: “Tô de olho em você.” Só falou assim: “Tô de olho em você.” Ele só olhou assim: “Próximo!” E já chamou a outra pessoa. Uma menina com a fotografia toda borrada: “Nossa que pinhole maravilhosa, olha isso desfocado.” Aí no final do semestre ele falou que me deu seis porque eu afrontava ele. Porque eu chegava na aula dele atrasada e com as minhas roupas coloridas, que eu achava que eu era a morena de Angola que tinha um chocalho amarrado na canela. E ele me deu seis. Sendo que eu tinha feito todos os trabalhos, eu tinha que tirar dez. Mas as fotos que eu tinha feito... o Jorge tinha falado que: “Não leva

tudo, leve só metade.” Por causa disso. Não pode mostrar muito brilho, muita competência, não pode. Você tem que performar... Eu entendi isso... Você tem que performar a mediocridade.

Uma coisa que eu aprendi sendo uma pessoa negra em um mundo corporativo profissional é que em alguns lugares você tem que performar mediocridade. É como diz minha avó: você tem que se fingir de morto, dar uma de “sonsiane” e não pode ficar falando muito. Tem que ser só. E aí é horrível, né? E na faculdade... nesse primeiro momento de faculdade tinha que lidar com isso. Com professores muito racistas, professores muito classistas dizendo que aquela faculdade não era pra quem trabalhava. E eu sempre trabalhei. Ou melhor, eu trabalho... Falando que o que eu criava não era bom o suficiente, era muito africano. E aí eu fui entendendo que eu precisava achar um meio de sobreviver naquele lugar. Se eu ficasse só falando de racismo e pensando a questão de violência eu não ia me formar. Então eu criei um plano estratégico pros trabalhos que eu tinha que fazer: fazia um para o professor e outro pra mim. Do professor eram trabalhos totalmente formais, discutindo cor, discutindo questões da arte contemporânea como eles queriam. E trabalhos que eram importantes para me entender como negra no mundo, eu percebi que não podia ficar mostrando pros professores, porque eles tinham assim opiniões muito negativas e me desmotivavam. Teve professor que falou assim: “Cuidado você tá falando muito de mulher, pode perder a poética.” “Aí olha, você colocou esse búzio, muito africano, pode ser algo universal.” Ou falava: “Nossa, você fala só de coisas de negros, não tem outro assunto.” Então foram coisas que eu fui ouvindo ao longo da faculdade que eu fui me ligando, que eu ou tinha uma estratégia pra me formar ali ou eu ia sucumbir. Foi isso que aconteceu. Eu consegui separar as coisas e aí na licenciatura que eu fui conseguir de fato pesquisar sobre o negro. Que foi fazer um levantamento sobre a Lei 10.639 em Artes Visuais. Aí que eu fui analisar o meu curso, fazer uma crítica à universidade que eu estudava. Fui discutir sobre o conteúdo da grade curricular e sobre a presença de alunos negros nos cursos de Artes Visuais. Com a Professora Regiane que eu consegui de fato, ela me chamou atenção: “Eu acho que você tem que fazer um TCC sobre você, sobre a sua História de vida.” Porque ela tinha uma disciplina sobre História de vida e Educação, em que ela faz todos os alunos apresentarem sua trajetória de vida pela Arte até chegar à universidade. Foi muito importante isso. Você tinha que escolher objetos, imagens, músicas, pra se apresentar. Pode ser uma performance, pode ser uma exposição, o que for. E eu lembro que esse dia eu preparei todo um processo... uma espécie de cartografia familiar, em que eu consegui ver porque eu estava ali fazendo Artes e porque eu tinha escolhido pesquisar o negro na Arte. Porque eu queria entender quem era eu

ali, né? E essa professora foi fundamental também. Ela falou: “Você tem que falar sobre isso. Assume esse lugar. É importante você se colocar na pesquisa.” Fiz meu TCC de licenciatura sobre o racismo lá na Unesp e ela me motivou também a seguir pro mestrado.

Aí eu entrei no mestrado pesquisando a Lei 10.639. Mas o mestrado foi muito adoecedor porque eu peguei uma orientadora que não era muito companheira. Enfim, só depois que eu fui elaborar que estava sofrendo racismo durante a minha orientação, que ela subestimava muito a minha capacidade, que ela tinha uma leitura da minha perspectiva muito deturpada. No final da minha qualificação pré-defesa ela veio dizer que eu era muito militante, que meu texto era muito militante, que eu não podia citar o Lula no meu mestrado. Aí eu falei: “Mas foi o Lula que assinou a Lei, como eu não vou citar a lei, isso é uma lei. Ela foi assinada por ele!” Depois ela falou que eu era muito “Poliana”, que eu era muito romântica, era muito legalista. Como é que eu tinha tanta certeza que a lei ia mudar tanto assim a estrutura do país? E aí foi muito dolorido ter que lidar com isso porque se eu não acreditasse, se eu não fosse muito Poliana, eu não ia conseguir fazer aquele trabalho, entende?

M: Você não ia conseguir nem chegar aonde você estava...

J: Exatamente. E aí foi um processo muito dolorido fazer o mestrado em Arte-Educação com uma orientadora supercastradora. Mas ao mesmo tempo foi no mestrado em Arte-Educação que eu descobri a minha produção artística. Também estava trabalhando no Museu Afro Brasil, que foi um lugar muito importante, uma plataforma muito importante de amadurecimento de conteúdo e um lugar onde consegui fazer amigos que estão até hoje comigo. O Museu Afro foi muito importante pra mim como espaço de negritude e um lugar muito importante para entender muitas contradições na experiência de ser negro também. Entender as contradições da própria instituição, entender como cada discurso é um discurso e não tem como a gente essencializar, achar que existe apenas uma forma de ser negro. Isso ficou claro durante os três anos no Museu Afro, atendendo os grupos de escola de tudo quanto é lugar e dentro daquele acervo, O acervo é supercomplexo, mas que também tem um discurso superdirecionado, um discurso fácil de negritude. Mas quando eu chegava com um grupo de escola pública, por exemplo, da periferia, eu tinha certeza que todo mundo ia gostar do museu. E quando eu entrava com aqueles meninos de quinze e dezesseis naquele acervo onde tinha o altar de Xangô, eles queriam quebrar aquilo; aquilo não representava nada de positivo, muito pelo contrário; era todo mundo evangélico e o que acontecia era o inverso. – “quê, professora ser negro é isso?! Tô fora não sou negro não, esse negocio é do capeta, esse negócio é do diabo, é do capiroto e meu negócio é Jesus.” E aí?

M: Boa pergunta. E aí?

J: E aí é uma saia justa! Eu tinha que criar outra narrativa, porque eu não podia desconsiderar essa experiência dele, pelo contrário, eu tinha que acolher essa experiência que ele estava trazendo, mas também dizer que aquela era uma possibilidade de experiência de negritude. Então essa minha figura como educadora, foi muito importante também no processo de me entender como negra também nas minhas contradições e nas minhas limitações, sabe? E meu ensinou também a parar de essencializar as pessoas a partir dos seus pertencimentos étnico-raciais. Então essa experiência do Museu foi muito, muito marcante.

Então Miriam, foi esse processo de formação de artista que eu comecei na faculdade, fazendo os trabalhos como eu tinha te falado: trabalhos que tinham uma linguagem mais direcionada para aquilo que os professores queriam ouvir, arte contemporânea, aquela arte europeia, sabe? A roupa do rei que só os inteligentes veem... é isso arte contemporânea...

Eu precisava de um orientador pro meu TCC de bacharelado e eu queria pesquisar arte africana ou artistas negros no Brasil, e não tinha ninguém pra me orientar porque ninguém ali, a maioria dos professores eram brancos. Eu tava superchateada, supermagoada pensava em até abandonar o curso de artes e fazer História na USP, estudar História da África. Aí eu decidi que eu não ia encanar com isso. Pensei: "quer saber? vou fazer o que eu tenho vontade, porque eu tô tentando agradar a gregos e troianos e eu mesma estou ficando pra trás."

O Instituto de Artes da Unesp é um prédio que foi construído em 2009 e é uma caixa horrorosa que ele tem poucos espaços de sociabilidade. E eu sempre pensei muito as interações do espaço, sempre me interessei muito por arte relacional, por obras interativas. Sempre me incomodou esse lugar da arte como um lugar muito difícil de acessar, um discurso muito prolixo, muito conceitual que você tem que ler uma bula pra entender. Pra mim não fazia sentido aquele modelo de artista, eu não me enquadrava. Então eu entendi que eu não era artista, eu era arte educadora, eu era pesquisadora, eu não era artista. Então nesse entendimento meu, nessa ideia que eu compreendi de que eu não era artista, porque eu não era assim, assim assado, eu comecei a fazer as minhas vontades. E aí me incomodava a escadaria daquele prédio porque era muito escura e não tinha janela, lá uma fresta, um retângulo de 10 centímetros por 50 de altura que entra um fio de luz. E eu ficava: gente como é que um arquiteto pensa um prédio sem luz natural! Porque fica essa lâmpada acesa o dia inteiro gastando energia. E é um prédio que não tem onde as pessoas sentarem pra conversar, sem ser na cantina consumindo alguma coisa, ou sem ser na sala de aula. Ou seja, falta espaço de sociabilidade, espaço de se esbarrar, falta espaço de encontro. E essa escadaria era o lugar que a galera se encontrava pra namorar, pra ler livro, pra conversar, pra ensaiar uma peça de teatro, pra estudar violão; só que é um lugar frio que tinha uma parede azul escura, a porta

vermelha de corta-fogo e no meio uma parede cinza. Aí eu falei: “Quer saber? Vou pintar de amarelo, porque o amarelo é uma cor luz e aqui são cores primárias vermelho, azul e amarelo. Vou pintar aqui de amarelo como se fosse uma metáfora pra iluminar esse espaço.” Só que eu não poderia fazer isso ilegalmente, porque isso seria dano ao patrimônio público. Aí pensei: já sei vou fazer na semana de ocupação artística. Porque é assim: uma semana eles loteiam todo o prédio e cada aluno tem um lote, um pedaço do prédio pra pensar uma intervenção artística. Aí eu loteei essa parede a frente à porta como desculpa para fazer essa intervenção. Então pros professores eu estava fazendo aquele trabalho ali que eram aqueles sapatos dourados na escadaria, só que depois quando eu acabava, de noite quando era umas nove horas e estava quase fechando o prédio, eu ia lá e pintava um pouco de amarelo. Um dia chegou um professor do nada, eu levei um susto quase caí da escada. E ele parou e ficou olhando, aí ele falou: “Nossa, que incrível, que maravilhoso esse trabalho! Você trouxe luz para esse espaço, você ressignificou a interação entre os corpos, é impressionante porque como de fato nunca ninguém pensou isso! Tinha que ser amarelo porque pintaram aqui de cinza?” Aí, eu: “Nossa, Agnus você gostou, mas eu não estou fazendo uma coisa ilegal?” “Não tem problema depois a gente vê como isso fica legal. Eu só te oriento no seu bacharelado se você fizer o seu TCC sobre esse trabalho.” E foi assim que eu consegui um orientador de TCC e no bacharelado eu discuti o amarelo... Então eu falei: “Essa é a fórmula de ser um artista contemporâneo, é a sacadinha. Então o nome do trabalho vai ser assim Necessidade Primária, amarelo é uma cor primária e porque luz é uma necessidade primária pra vida no mundo.” Esse trabalho virou uma grande referência na faculdade, inclusive foi utilizado como elemento pra defender que a cor da semana de arte seria amarelo, e pra justificar a importância daquela semana de artes no campus; porque fazia com que os alunos conseguissem repensar as próprias relações do corpo no espaço. E aí foi muito legal. Minha epígrafe foi Paulo Leminski: “Existe um elo entre o azul e o amarelo”. Ele é um professor muito legal, ele era do estilo do meu tio assim, sabe? Então eu pude pirar ! Não tinha que ter muito argumento teórico, só tinha que ficar fazendo as relações e associações com o que eu gostava, entendeu? Peguei várias artistas que falavam do amarelo, aí comecei a fazer fotos das minhas derivas pela cidade onde tinha amarelo... E aí eu me diverti e eu escrevi esse TCC de 100 páginas em 15 dias!(risos) E foi muito divertido. Fui defender esse TCC e tirei 10 com distinção e louvor.

A banca gostou muito desse trabalho e falou: “Olha você precisa ir para o mestrado com esse trabalho.” Só que eu não sentia que aquilo era legítimo, eu achava que os meus trabalhos que falavam sobre o racismo eram mais importante para a sociedade e que aquilo ali

era insignificante. Até que um dia uma professora de Cênicas veio falar em uma reunião e me disse: "Por que você percebe Juliana que só uma mulher negra teria a capacidade de sentir a falta do amarelo naquele espaço?" Eu fiquei puta com ela porque achei que ela estava racializando, depois ela explicou, ou seja, a mudança não vai vir de corpos que estão confortáveis no espaço, a mudança vai vir de corpos que não têm conforto no espaço e você não tem conforto nesse espaço, você é o corpo dissidente nesse espaço. E esse corpo dissidente que tá propondo uma resposta de possibilidade de mudança desse espaço! E foi aí que eu percebi a potência desse trabalho.

Só que eu cismeiei que eu não era artista... Até que um belo dia eu fui fazer uma performance que foi um marco na minha produção, uma performance com a minha avó, a mãe da minha mãe. Eu queria convidar essa minha avó a realizar um desejo dela, que era alisar o meu cabelo. E eu convidei ela pra alisar o meu cabelo num seminário que teve na Unesp, o "Quilombo Mulheres Negras", que a Mirela estava organizando. Eu convidei a minha avó pra realizar o desejo dela de alisar o meu cabelo, num espaço público, durante um evento de arte e a minha avó aceitou! E falei: "Vó, a senhora vai alisar o meu cabelo", "Então vamos lá!", "Vó é uma apresentação na faculdade..." "Então vamos lá!" E lá vai eu e a minha avó, num espaço público, na entrada do Instituto de Artes, primeiro andar, todo mundo chegando para o seminário e ela alisando o meu cabelo... E era isso a performance: ela começava a alisar o meu cabelo, normal, como se estivesse na cozinha de casa e nada acontecendo. Quando ela terminava de alisar o meu cabelo, eu tentava entender o que era essa nova pessoa, com esse cabelo alisado. E pra finalizar esse alisamento, eu jogava um banho de chá de Carqueja, que era um banho que desde pequena a minha avó dava no cabelo pra ele crescer. Então a mesma mulher que tinha o desejo de alisar, também tinha a cura pra que aquele cabelo se fortalecesse... Então o banho final, que era o chá de carqueja, era a quebra desse alisamento. E eu fiz aquela performance na faculdade...

E eu não tinha dimensão de que aquilo ia ganhar à proporção que ganhou. E foi justo quando foi a Djamila Ribeiro a Jeniffer Nascimento foram. E saiu todo mundo falando daquela performance. E aí me convidaram pra fazer de novo essa performance no Sesc Santana, na amostra "Degeneradas" que era de Arte Feminista. E fui fazer no Sesc Santana e a minha avó não queria ir mais, cansou, não queria mais alisar... Aí eu botei a minha mãe no lugar, e a Rosana Paulino, não sei se você conhece a Rosana Paulino?

M: Conheço.

J: Que é a grande referência e a maior artista negra do Brasil...

M: Lindo o trabalho dela...

J: Estava lá e ela viu a performance acontecer, e eu fiquei desesperada, falei: “Gente, que medo!”. Quando acabou a performance ela veio atrás de mim no camarim. E veio dizer que meu trabalho era muito bom, que eu tinha que continuar, que tinha muita potência, que era um trabalho muito sério, muito bom e que eu devia dar mais atenção e desdobrar ele em projetos maiores. Aí eu ganhei o meu dia! E o que aconteceu foi que a Rosana depois falou para a Fabiana Lopes em Nova Iorque.

Passou alguns meses e isso tudo eu no mestrado em Arte Educação, eu dizendo: não sou artista, trabalho no Museu Afro como educadora... Passou alguns meses eu recebi um e-mail de uma tal Fabiana Lopes que era uma curadora e pesquisadora negra, que morava em Nova Iorque e que queria uma reunião no meu ateliê. E eu virei e falei: “Olha, eu não tenho ateliê... (risos). Você pode vir na minha faculdade.” Ela chegou lá na faculdade e eu não tinha nem portfólio, eu não tinha nem obra... E veio conversar comigo, dizer que tinha falado com a Rosana Paulino... E a Rosana, eu lembro que nesse meio de tempo, tinha pedido meu portfólio e eu tinha enviado o meu portfólio pra ela. Eu criei meu portfólio na hora, juntei umas imagens aleatórias e ela veio conversar comigo assim... E foi uma conversa muito legal, ela já tinha visto os meus trabalhos e ela falava com uma propriedade sobre eles. Até assustei. E eu falei: “Nossa, mas como você sabe disso?” “Ah é que a Rosana me mandou seu material.” Aí eu falei: “É que eu não tenho mais, eu joguei fora, era na época da faculdade...” “Você jogou fora???” “Eu joguei fora. Joguei fora, aquilo não era trabalho era um exercício...” Ela chegou crente de que ia chegar em um ateliê cheio de coisa, e não tinha nada. Então ela começou a falar comigo da importância que era eu retomar meus processos, que eu era uma artista sim, e como isso ia trazer um monte de relação do meu trabalho com artistas negros dos Estados Unidos, e que ela tinha mostrado o meu trabalho para os professores dela, lá nos Estados Unidos, na New York University e que eles tinham gostado muito do meu trabalho. Meu trabalho tinha um diálogo muito grande com experiência de artistas negros diáspóricos e que eu tinha que retomar. Ela foi embora, passou um mês ela me colocou em contato com uma outra curadora que estava vindo pesquisar artistas negros aqui no Brasil, a Patrícia Gomes. Ela foi no Museu Afro me conhecer, queria saber do meu trabalho, e me contou que fez o TCC dela e me incluiu no TCC dela lá em Nova Iorque. Depois me colocou em contato com a Rebeca, que era uma outra pesquisadora de Nova Iorque que veio ver o meu trabalho e de outro artistas negros; depois me colocou em contato com uma outra curadora de Copenhagen... E quando eu vi eu já estava recebendo mensagem todo mês com curadores querendo o meu trabalho, e eu falava: “Gente, mas eu não tenho trabalho...” Nesse meio tempo eu trabalhava com o Thiago de Paula, que é um grande amigo no Museu Afro, e ele

estava no processo de querer ser curador. Ele tinha mandado um edital, mandado um projeto pra concorrer um edital, de jovens curadores na Áustria e ele queria que eu fosse uma das artistas que participassem dessa exposição. E aí ele ganhou esse edital junto com essa amiga dele, e ia rolar essa exposição e ele queria que eu fizesse essa performance do cabelo. Só que a gente chegou à conclusão de que não fazia sentido fazer essa performance de novo, porque estava me machucando muito e as pessoas estavam lendo essa performance de um jeito muito perverso, como se eu estivesse fazendo panfletagem contra as pessoas que alisavam o cabelo. E não! Aquilo era um trabalho, estava mais discutindo sobre a diferença de gerações e o que é essa mulher negra da geração da minha avó e a da minha e as possibilidades do encontro e desencontro, mais do que se você vai alisar ou não o cabelo. Então eu optei por não fazer mais essa performance porque tava rolando uma coisa do tipo: aí Juliana, vai ter uma semana aqui, um sarau você não quer vir alisar o cabelo com a sua avó... a galera não entendeu era um trabalho que tinha muita dor, tinha gente que saia chorando. Então também comecei a falar: "Não quero um trabalho que as pessoas saiam chorando, sabe? A gente já chora tanto na vida, não quero fazer as pessoas chorarem, quero fazer coisa bonita, quero fazer coisa gostosa." Eu entrei em crise com esse trabalho e não queria fazer mais. E aí ele falou: "Vamos gravar um vídeo." Eu falei que não tinha dinheiro e ele: "Não ó, tem um dinheiro de um projeto aqui do negócio Queer", e eu falei: "Thiago, mas eu não sou queer, eu nunca nem beijei a boca de mulher meu... (risos). Como é que eu vou virar Queer?" E ele: "Não, você tem que entender que o Queer são corpos, narrativas não hegemônicas. Então o Queer também tem que ter experiências negras, a mulher negra também é um corpo dissidente. Então nós temos que questionar o que é esse Queer, então você é uma mulher negra que também tem as suas experiências. Porque é fácil falar Queer quando você é branco, burguês e faz compras na Oscar Freire!" E começou um discurso todo de que eu tinha que estar nesse projeto Queer, que tinha um dinheiro de uns gringo aí, e que eles iam financiar a produção do meu vídeo. E foi assim que participei de um projeto muito legal. Convivi com mulheres trans, pessoas trans que eu nunca tinha convivido, sabe? Me abriu para um novo léxico de entender. Esse vídeo foi pra Viena e aí foi que eu consegui ir para Viena. Foi uma loucura porque até então não ia ter dinheiro pra eu ir, porque a curadora lá pegou o dinheiro que era pra eu ir e aí chegou na hora do vamos ver não tinha mais dinheiro! Só que a gente não anda sozinha nesse mundo não é mesmo?!

M: Não!

J: Aí eu chego na Faculdade e a minha professora comentou: "Você vai pra Áustria!" E eu falei: "Vou, mas não sei com que dinheiro!" Ela me encaminhou pra pós-graduação e

disse que tinha um dinheiro lá que sobrou, que ninguém usou. E aí fizeram um combinado com a professora da academia de Bela Artes de Viena para eu dar um workshop para os alunos, fazer uma fala em no museu pra gente justificar o dinheiro acadêmico. Aí eu consegui 5 mil reais pra ir viajar pra Viena. Eu chego em Viena desesperada, não sabia falar inglês! E eu falei: "Gente, vou para Áustria e agora quem sou eu?" E o Thiago já tinha tido viagens internacionais, então ele já tinha uma autoestima, uma postura, ele já era quase austríaco. (risos)

E eu assim meu, sem dinheiro... Era muito contraditório, foi uma escolha muito dura querer ser artista e querer fazer o mestrado, porque significava apertar mais a minha família! Eu tô estudando desde os cinco anos de idade e é um investimento. E minha família precisa de mim pra complementar a renda de casa, então não dá pra ficar metendo o louco de querer ser artista, de ficar viajando pra lá e pra cá e que na hora do vamo vê tá quase cortando a luz, tá quase cortando a água, a gente tá sempre num limite, entendeu?! Então pra mim era muito difícil lidar com isso, sabe? Até por ver a trajetória do meu tio, que tinha sido um artista bem sucedido e depois entrou em um declínio horroroso. Eu sempre fico com esse medo, sabe? De ir pra essa loucura... Bom, minha mãe falou: "Você tem que ir lá, você não pode só mandar a sua obra, você tem que tá lá, nem que a gente faça vaquinha você tem que ir."

M: Bem que você diz que é um projeto coletivo...

J: É um projeto coletivo! A Fabiana Lopes que é essa curadora de Nova Iorque, ela era a pessoa que estava sempre ali comigo: "Olha, você vai pra essa Viena eu tô te mandando 200 dólares e você vai pra essa Viena nem que seja pra você chegar no dia da abertura, dormir lá, acordar, ver a abertura e voltar no final, mas você tem que estar lá, seu corpo precisa se deslocar, as pessoas precisam te ver, seu trabalho é você, seu trabalho não existe sem você." E aí foi essa mobilização de energia! Eu consegui dinheiro da faculdade e fui. Cheguei na Áustria, foi muito interessante porque eu cheguei em uma exposição com uma baita estrutura, dentro da Academia Nacional de Belas Artes e que eu descobri que foi naquela Academia de Belas Artes que Hitler foi negado... que Hitler queria ser artista. Uma Academia de 625 anos, uma das Academias mais antigas da Europa. E aí eu chego lá meu trabalho montado, naquela Academia, naquele prédio antigo, com aquela estrutura, o supassumo da intelectualidade e do campo da arte austríaco... E aí meu trabalho montado numa sala, bonito, e eu sem fazer nada. E os curadores me levando para conhecer outros artistas, reunião com outras pessoas e eu com meu inglês difícil, meu amigo me ajudando a traduzir... E eu pensava: gente o que esse povo da Áustria quer saber do meu cabelo, quer saber de racismo ? Hitler era austríaco..., a Áustria tem fama de ser um país muito racista, nazista até hoje.

E aí quando eu cheguei em Viena eu fui recebida por um grande amigo que estava lá já, Daniel Lie que estudou comigo na faculdade, ele é um artista que já está no circuito mundial e por coincidência ele estaria lá. E aí ele falou: "Não vai gastar com estadia fica aqui comigo." Quando tinha reunião com os curadores ele me levava. "Essa é a Juliana dos Santos, ela é uma artista importante, viemos da mesma escola. Tem um trabalho muito importante que fala sobre racismo". E eu descobri que ali em Viena estava tendo um terreno muito forte de discussão sobre deconolianidade. E eu descobri que a maior parte dos estudantes de Arte na maior medida são imigrantes e que os europeus não precisam fazer faculdade para ter uma mobilidade, ascensão de social. Eles fazem tecnólogo e já estão vivendo bem. Quem fica nessa vida eterna de mestrado, doutorado é quem quer virar pesquisador. Até porque o salário do professor universitário não é muito diferente de um técnico. Então eu percebi que tem uma comunidade negra imigrante muito forte, ansiosa por espaços de discussão da experiência da diáspora, da negritude. E foi muito emocionante pra mim além de ver meu trabalho numa exposição, de ver meu nome num catálogo, entrar numa sala de aula pra falar sobre o meu trabalho de Arte-Educação com os alunos de pós-graduação da Academia de Belas Artes. E aí eu estava lá, quarenta pessoas me ouvindo, eles nem sabiam o que era o trabalho, mas eu percebo que o trabalho se constituiu justamente no falar sobre o trabalho. E foi muito importante pra mim falar sobre o trabalho com pessoas que me escutavam e perguntavam coisas que eu nunca tinha parado para pensar, falando sobre racismo, comparando experiências, as sensibilidades dos outros professores austríacos pra me ouvir. Isso foi muito legal, eu comecei a juntar a minha prática como educadora, a minha prática como artista e fui conhecendo outras pessoas, outras curadoras que já me chamaram pra voltar depois pra fazer uma exposição. Então foi muito maluco porque eu sem falar inglês consegui mobilizar uma série de coisas e criar oportunidades de voltar pra lá quatro vezes. E isso foi um processo muito importante de empoderamento.

É muito louco essa hegemonia do Ocidente Europeu porque quando eles falam que são o mundo, eles são o mundo. Você chega lá e conhece gente que você nunca conheceria. Eu conheci mulheres negras da Somália, a gente ficou amigas, conheci pessoas da Índia, conheci pessoas da Guiné, conheci japonês, conheci chinês, conheci gente das Filipinas e a gente compartilhava experiências muito próximas desse corpo diaspórico. Foi uma situação muito maluca porque ir pra Europa foi perceber uma confusão de ser racializado e perceber que ser racializado não bastava. Foi muito maluco, porque se aqui no Brasil o tempo todo era muito importante afirmar minha negritude, o tempo todo ter muita clareza de que eu sou negra e quais são os limites e as possibilidades e vantagens, se é que existem; lá isso era muito dúvida,

muito confuso, muito delicado. Porque ao mesmo tempo esse discurso de negritude não bastava, porque lá tinha negros da Somália, tinha negros do Quênia e não havia um consenso. Esse discurso pronto de um corpo negro, de uma racialidade negra, eu percebi que era uma ansiedade minha e aí eu entendi o que era diáspora! Eu entendi que um negro africano não necessariamente ia partilhar do mesmo processo de identidade que eu! Eu me percebi na Europa desconstruindo todas as minhas carapaças, todas as minhas defensivas e as minhas certezas de quem eu era. Eu não era a Juliana neta, a Juliana filha, eu não era a Juliana de Artes do Instituto da Unesp, Juliana do Museu Afro, Juliana negra, não era a Juliana artista do movimento negro, eu não era nada. Ali eu era eu nas possibilidades minhas reais de negociação, de diálogos com o outro. Eu tinha que me virar, eu tinha que aprender a falar inglês, eu tinha que me comunicar, eu tinha que entender. Entender o que era esse corpo migrante que vai ser o tempo todo um corpo distinto, mas era um outro lugar de distinção. E aí entender que é um outro racismo.

Num segundo momento que eu cheguei na Europa, eu conheci uma curadora que gostou muito do meu trabalho e falou: “Oh, eu quero muito que você volte pra cá no verão pra participar de uma exposição coletiva com trinta artistas brasileiros.” Meu, isso aí era... porque até quando eu fui a primeira vez, eu achei que eu só iria uma vez. Só que aí essa curadora me convidou para voltar. Só que aí eu ia expor junto com Jaime Lauriano, sabe o Jaime? Vou te mostrar a obra dele. Famoso. Expor junto com Daniel Lira. Artistas que estão... Já são artistas. E eu naquela coisa, eu não sou artista, sou arte-educadora. E tudo isso no meio do meu mestrado, tudo isso com uma orientadora que falava: “Uma coisa é você ser artista e outra coisa ser arte-educadora. Você tem que escolher. Não pode ser as duas coisas.” E eu nessa crise. Escolhi pagar o preço de não ter o mestrado que eu queria, ter um certo rigor que eu não queria e consegui levar junto a minha carreira artística. Sofri no final? Sofri. Fiquei doente? Fiquei. Mas foi uma escolha. Eu não tenho possibilidade de negar nenhuma oportunidade. Eu vou ter que dar conta de tudo. Dar conta da reforma da minha casa, dar conta da minha viagem pra Europa, dar conta desse mestrado. Por isso que eu não transava, né? (risos)

Só sei que rolou isso. Quando eu vi que ia rolar a oportunidade de voltar... Só que essa curadora assim me falou pra voltar, mas não me falou em dinheiro, em condições de trabalho. E meu amigo Daniel Lee já tinha sido chamado e ela tinha combinado tudo com ele. Condições de trabalho e dinheiro. E ela me falou que queria que eu fosse mas que não tinha dinheiro pra me pagar para eu ir. Que só podia me pagar 300 euros de cachê. Olha, 300 euros eu trabalho pro Sesc. “Não, eu quero muito que você venha. Tenta vir. Tenta vir.” Olha, mas eu não tenho dinheiro. Aí ela veio pro Brasil. Fui encontrar com ela no Rio de Janeiro, ela

expos meu vídeo lá no Rio de Janeiro sem pagar nada. Falei tudo bem. Olha, o negócio é o seguinte, sem falar inglês, lembro até hoje desse dia. “I dont have money for... for travel... I dont have Money for hostel... I need Money to go, to food... dont have Money.” E ela “Ah, ok, I understand. No problem. I can try. I can try.” Eu posso tentar, entendi isso. Mas ela foi me enrolando, enrolando. Eu só sei que foi chegando a hora da exposição e na véspera da defesa de mestrado de novo eu falei: “Quer saber! Essa mulher está me enrolando e eu não vou mais.” E aí nessa onda aí ela pegou um e-mail pra mim, da instituição, do museu: “Olá, Juliana. Estamos aguardando a foto da sua obra, o texto da sua obra.” Eu falei: “Oi? Me desculpa. Acho que tem algum engano. A Ursula não combinou nada comigo.” “Não, seu nome já está no catálogo. Estamos imprimindo o catálogo.” Falei: “Oi?” Aí que eu fui descobrir que ela já tinha fechado tudo e não tinha falado nada em dinheiro. Na festa da minha defesa de mestrado. Foi uma correria. Esse meu amigo ficou nervoso e falou: “Olha, se Juliana não chegar eu saio da exposição. Porque vocês estão numa exposição falando de decoloniedade, falando de Europa anticolonial, mas olha o que vocês estão fazendo com uma artista negra.” E ele começou a mobilizar outros artistas pra mudar. Pra me apoiar. Mas os artistas... ninguém queria se queimar. Foi depois de muita briga. Porque Dan ameaçou: se ela não chegar eu saio da exposição, mas ninguém apoiou ele. Os artistas ficaram com medo. Só que Dan era o artista mais cotado, era o artista que tinha acabado de fazer um trabalho que foi comissionado em sessenta mil euros. Meu amigo valia isso. E era meu amigo de faculdade, as pessoas não sabiam que a gente já vinha estudando juntos. Enfim, aí com muito custo ela falou: “Compra passagem por aí que a gente te manda o dinheiro.” Comprar como? Cadê o limite do cartão? Porque com os europeus é assim... Lá vai a minha mãe caçar um cartão de 4 mil e conseguiu o limite. Só que eu achei que podia parcelar em dez vezes. Vai que esse dinheiro não vai chega..., pensei. O máximo que dava pra parcelar era em quatro. Lá vai eu sem dinheiro, com uma bolsa de 1500,00 reais e uma parcela de 1200,00 reais, pagando esse negócio. Quando eu fui ver o meu voo estava com escala em Nova Iorque e eu não sabia que precisava de visto. Faltava uma semana: “Juliana, já venceu sua visa?” “Visa? Oi?” Véspera da defesa. Fechando meu texto pra enviar pra correção. “É, você vai ter escala em Nova Jersey, você precisa de um visto pra fazer escala.” Falei: “Eu não sabia.” E ela: “Como é que você não sabia?” E lá vai eu desesperada conseguir de urgência... Ela me ligou na segunda pra que eu viajasse na terça seguinte. Eu consegui R\$ 540,00 para o visto, eu não tinha dinheiro pra condução, pra colocar crédito no celular e tirei esse visto. Só sei que foi por Deus, meus amigos me ajudaram. Consegui ligar lá no negócio e falei: “Olha é urgente!” “Olha, consegui um encaixe pra você amanhã. Vai lá e chora pra tentar fazer o oficial conseguir uma entrevista

na segunda, ficar pronto na terça e você viajar na terça à noite.” E foi isso. Consegui. Meu visto saiu três e meia da tarde e meu voo era as sete.

M: Haja coração. Acho que quando você sentou no avião... (som de alívio e risos)

J: Eu não tinha dinheiro, minha mãe me deu 200 reais que era da água, pra pagar a água. O que dava 50 dólares. Chego na Áustria depois de dez horas de voo, cansadíssima, menstruada e minha mala, toda a minha bagagem extraviada, com a minha obra dentro. Ninguém me buscou no aeroporto, me perco no aeroporto, fico duas horas no aeroporto pra conseguir chegar no lugar e, detalhe, eu tinha 50 dólares e 30 dólares era o ônibus do aeroporto. Sobrava 20 dólares e eu tava com fome, uma rosquinha era 5 dólares. Aí falando, sem querer soltei a mão caiu o meu ticket de volta do ônibus e só tinha 5 dólares no bolso. A sorte que encontrei a Fabiana Lopes e ela pagou a comida e pagou meu metrô e meu ônibus de volta! Não sabia que eu tinha direito a um seguro, que eu poderia ter gastado e depois eles me reembolsavam pelo meu seguro viagem, entendeu? Chego lá, todo mundo me olhando torto querendo saber, quem que é essa daí? Chego lá, era a fala de uma feminista fodona, feminista marxista europeia... falando sobre a condição da mulher, sobre os direitos do trabalho, sobre doméstico como um trabalho não remunerado, sobre o projeto dela que o Estado pagasse a todas as mulheres donas de casa um salário, porque também era um trabalho e aí eu ouvindo aquela falação, já começou a me dar um negócio... E eu falei: "Daniel, traduz aí: Então o negócio é o seguinte: eu quero saber como é que isso fica para as mulheres negras, para mulheres indígenas, porque aqui na Europa a gente consegue pensar isso, é possível ser anticapitalista e conseguir ainda usufruir do capital. Agora nos países pobres? No capitalismo subdesenvolvido as mulheres negras nem conseguem usufruir do capital, a gente esta abaixo do capital." E o Daniel traduzindo... A menina negra que estava do meu lado, que se dizia minha amiga, começou a fechar a cara, começou a ficar incomodada... Chego no meu primeiro dia no meu quarto, toca meu telefone, uma outra artista negra que era amiga dessa aí, me liga pra falar pra eu não andar com homem branco oportunista, que o Daniel queria se apropriar de mim, que estava se apropriando do meu discurso de mulher negra pra ganhar vantagem, pra ganhar mais dinheiro, que era pra eu tomar cuidado porque ele era muito perverso e que não era pra eu fazer nada com ele, por que a fulana viu ele falando por mim! Que eu tinha que falar por mim mesma, que nenhum homem branco tinha que me traduzir, que o que tinha que falar era o meu inglês. "My english is broken". Começou a acabar comigo, que fulano é racista, que sicrano é racista, que eu não podia ir jantar com ninguém... E aí começou a me dar um medo, um medo, um medo e eu acreditei nela, né? Porque ela não era racista, né? É preta, preta brasileira e eu acreditei comecei a me afastar do cara e fiquei meio

assim. Mas eu pensei: eu não vou afastar de todo mundo nem dali e nem daqui. Sorte que eu conversei com a minha mãe, com meu pai e com todo mundo. E eles me disseram: "Tá estranho, cuidado, essa menina nem te conhece como que ela te liga falando tudo isso?" E ele deu a cara pra bater pra eu estar lá. Então comecei a observar essa e outra menina negra, me vendo desesperada com meu inglês na montagem da exposição, porque eu não conseguia falar a onde colocar um prego, e na delas... O trabalho dela no lugar mais bonito. A curadora me jogou em uma parede com um monte de artista discutindo o racismo, sendo que eu falei: eu não vou levar uma obra sobre racismo, vou levar uma obra que discuta arte relacional; era a construção de um tricô com o corpo das pessoas. E eu falei que meu trabalho só ia acontecer se os europeus participassem, porque eu tô cansada de ser o corpo a ser observado, quero que os europeus se coloquem nessa trama! Era uma performance que a gente construiu uma malha de tricô com o corpo do público. Eu tinha feito um vídeo com as minhas amigas pra que aquele vídeo fosse um tutorial, pra que as pessoas ativassem a obra. Esse era o trabalho a curadora mas ela pegou o vídeo e jogou do lado de uma parede que só falava sobre racismo. E eu com o meu inglês ruim não conseguia dizer pra ela que o trabalho não era sobre o racismo, que o trabalho muito pelo contrário tinha conexão com arte relacional, com construtivismo brasileiro, era um trabalho extremamente formalista, pensando a arte concreta a partir da arte relacional. Era o corpo no espaço, como se fosse uma escultura social. Aí eu falei: "Não é que eu não fale sobre racismo, claro que você pode ler como racismo mas, se fossem corpos brancos estava em uma outra e não nessa parede, entende.." E eu precisava de uma ajuda de alguém para me traduzir nisso e essa menina falou que ia me ajudar, simplesmente viu eu me ferrando e disse: "Não amiga, vai lá você consegue." E eu não tinha inglês, eu estava nervosa, eu estava em pânico, as pessoas estavam me olhando feio, as pessoas estavam me questionando se eu era boa o suficiente, porque ninguém sabia quem é Juliana do Santos que chegou aqui. E aí que eu fui descobrir que eu consegui a passagem e ela não tinha conseguido passagem. E eles pagaram a minha estadia, pagaram a produção da minha obra. Mas não pagaram isso pra todo mundo e só pagaram isso tudo pra mim porque o Daniel falou: "Se vocês não pagarem tudo isso pra ela eu vou sair. Então a história era que eu era a pretinha que eu tinha um conchavo. E aí quando a menina me ligou pra falar mal dele, eu fiquei me sentindo muito mal, como se eu não tivesse capacidade de negociação, como se eu fosse uma presa fácil, uma ingênua, uma bobona. Foi tão violento que eu fiquei perdida e eu comecei a entrar em depressão, eu queria ir embora, chorava todo dia... não queria mais participar de nada, não queria mais falar de nada. Só sei que a minha mãe foi falando comigo, foi me acalmando, meu pai foi falando comigo e eu fui acalmando. Meu trabalho ele teve uma boa

repercussão, ele funcionou na abertura, sabe? E no fim, na hora de montar quem me ajudou foram os homens brancos e a Mavi Veloso que é uma mulher trans que se aproximou: "Você está chorando?" "Ai, eu não estou conseguindo." "Não! Calma! Please!" E começou a me ajudar, entendeu? E os homens brancos me ajudaram, não foi a antirracista que me ajudou. Então foi mais uma experiência pra mim, eu precisava rever o meu olhar sobre essa relação de irmandade. Numa certa perspectiva essencializada de negritude, eu tava muito romântica, tinha certeza que elas eram minhas amigas e que elas iam me ajudar e não, muito pelo contrário. Depois eu descobri que essas duas começaram a falar tão mal de mim, que começaram a falar para as outras pessoas me queimar como se eu fosse a preta vendida, porque eu fui convidada de novo a voltar pra Áustria no final do ano. Uma outra moça negra brasileira muito articulada lá, artista também que queria que eu participasse de um projeto com ela. Nessa exposição essa mulher veio falar comigo e disse: "mas antes eu queria te perguntar uma coisa, como é a sua relação com o fulano?" Eu falei: "A gente é muito amigo, estudamos juntos, a gente sempre aprendeu muito um com o outro, ele me ajuda muito." E ela respondeu: "Bem que eu percebi que era fofoca. Porque vieram me falar de maneira muito maldosa sobre a sua relação com ele, e eu não gostei do jeito que elas falaram e eu já tinha desconfiado que tinha alguma coisa estranha ali, porque em nenhum momento eu vi ele assim com você, muito pelo contrário, ele é muito companheiro, diferente da sicrana." E elas tentaram me queimar pra essa mulher. E a mulher me chamou pra voltar pra Áustria mais duas vezes!

Aí eu confirmei que eu tinha que entender nem toda mulher negra é minha irmã e nem todo homem branco é um filho da puta.

Essa experiência na Áustria foi muito importante também pra ver como é que o outro me vê, porque essa curadora queria também ver meu trabalho fechado em uma caixa do racismo e ela não esperava que meu trabalho não se encaixasse naquilo. Então foi um momento importante. Não é que eu não vou falar mais de racismo. Mas eu vou falar do que eu quiser, na hora que eu quiser. A minha luta é por emancipação. Luto pra que eu não seja pautada por outrem e pra que eu tenha direito a minhas escolhas e pra que eu tenha inclusive direito ao erro! Foi a partir disso foi que eu aprendi que eu era artista mesmo. E como disse o Daniel: "Não deixa ninguém tirar isso de você. É artista sim, não interessa se você tem 1000 trabalhos ou se você só tem 2." Essas viagens pro exterior me fortaleceram muito e me ajudaram inclusive a não ter uma experiência vislumbrada com a Europa, que era muito recorrente na minha família. Na minha família tenho muitas primas que casaram com europeu e que foram embora pra Europa. E aí você vê aquelas historias trágicas por trás dos contos de

fadas, entendeu? Eu consegui ir pra Europa já com uma construção crítica bem consolidada. Então toda vez que eu estava na Europa, eu sabia muito bem que o que eu estava usufruindo ali também era um direito meu, porque eles expropriaram tudo que era nosso! Então assim, isso me ajudou a criar um jogo de cintura.

E ao mesmo tempo também quando eu fui tentar me aproximar dos negros austríacos, afro-alemães e também dos negros africanos, foi um choque cultural muito grande. Porque era uma certeza pra mim que a gente ia se entender, que a gente ia ser superamigos, a gente era black, o pan-africanismo... E aí quando eu chego lá em uma festa que era só da galera preta e todo mundo LGBTQI+, uma menina negra superfeliz se aproximou: "Que legal, muito prazer, você veio da Etiópia?", e aí eu falei: "Não, eu sou brasileira." Aí tchau, ela saiu e me deixou lá falando sozinha. Como eu não falava inglês muito bem, me tratavam mal, me olhavam mal, como inferior, não tinham paciência de me ouvir. Ao mesmo tempo tinham pessoas austríacas brancas que eram o contrário, que se esforçavam pra se comunicar comigo, que tentavam falar em espanhol, que pediam desculpas por não falar português. E na hora que eu tava no sufoco que tinha que dar uma aula, a amiga brasileira que tinha se disposto a traduzir pra mim disse: "Eu não vou atrapalhar meu cronograma de estudo por causa de você, sinto muito mas eu tenho que voltar pro meu doutorado, eu preciso ler um livro hoje, vê se tem outra pessoa pra te ajudar." O Thiago tinha me posto em contato com uma rede de amigos austríacos, não é bom você ficar sozinha lá, ele disse. Então vai lá visitar o Suco. Fui visitar esse tal de Suco que era o apelido dele, um fofo, ele era austríaco, um *gentleman*. Ele falou: "Vem aqui em casa eu estou com as crianças hoje, porque a minha mulher esta trabalhando. Fui na casa dele, a gente conversou, queria saber quem eu era, o que eu fazia, como é que ele podia me ajudar, me deu café,"Vamos marcar de você conhecer o meu trabalho com crianças imigrantes". Fui no trabalho dele. conheci, me levou pra conhecer Viena, todos os lugares que ele gostava de comer... Não tenho como falar que todo branco é filho da puta, não posso falar que todo austríaco é nazista, eu não posso falar, eu não posso dizer, eu não vivi isso só. E aí ele falou: "Você vai dar uma aula, né? Eu vou lá ver a sua aula, eu vou estar com a bebê, mas eu vou lá ver a sua aula." E esse dia que a menina falou que ia me ajudar e foi embora eu fiquei desesperada, e aí falei pronto fudeu! Meia hora antes de começar a minha aula esse cara aparece na porta com a criança de onze meses no colo. E ele: "O que você tem? Você esta nervosa?" E eu: "Suco, pelo amor de Deus! Eu vou ter que fazer uma fala..." E ele: "Calma eu vou tentar te ajudar, mas assim eu só consigo traduzir para o alemão, eu não consigo traduzir para o inglês." E a classe tinha gente que não falava alemão, mas assim foi. Então ele traduzia

para o alemão e outra pessoa fazia do alemão para o inglês. Uma outra amiga que ficava com a bebê no colo, quando a bebê chorava, ele levantava, parava de traduzir... E meu, foi assim...

Então foi muito interessante perceber um processo que foi muito contraditório, mas foi um processo muito humanizador. Ficar três meses na Áustria foi me perceber como imigrante e quando você é imigrante você é invisível, e quando você é invisível, você passa a olhar as outras pessoas que também são invisíveis e a pensar que quem é invisível e quem não é. Cara, agora eu entendi o que é ser boliviano, agora eu entendi o que é ser haitiano. Que merda, que mundo cão, entendeu?! E ao mesmo tempo eu percebi uma outra coisa: que os negros que olhavam pra mim na rua, que se conectavam comigo na rua, não eram negros acadêmicos, eram negros chão de fábrica, era a galera pião, lavador de chão, era trabalhador. Não era a galera preta que já estava inserida no sistema acadêmico. Então isso me fez ver nessa galera que tava com discurso decolonial, muito intelectualizada, uma distância entre o discurso e a prática. Fiquei muito amiga do cara que arrumava o meu quarto, ele não falava inglês, ele falava alemão e a língua dele e eu fui aprendendo alemão com ele. Tinha uma cumplicidade, eu podia contar com ele de manhã. Sabe que foi a primeira experiência que eu tive na minha vida de individuação assim? A primeira vez na minha vida que eu tive um quarto só pra mim, porque eu sempre dividi o quarto com o meu irmão. Então eu fiquei três meses na Europa eu não queria sair de casa. O pessoal ficava só três meses e viajava o mundo inteiro, eu só fiquei lá dentro do quarto. Eu tinha uma cama, eu tinha uma cozinha, sabe?... Eu podia cozinhar pra mim, eu tinha espaço e eu podia entender como eu me organizava. Então assim, ao mesmo tempo foi muito dolorido porque é uma solidão aquele inverno e temperatura ela mexe mesmo com o corpo... A gente é bicho ali, na Europa você entende o que é ter instinto animal, você hiberna, né? Era uma sensação de ter descido ao meu próprio inferno, porque era horrível ficar só comigo naquele inverno, mas também pela primeira vez me permiti entrar em depressão, eu nunca tinha me permitido entrar em depressão, entender o que é lidar com a sombra, lidar com o inverno, lidar com a noite... Muita coisa muito forte junto e um amadurecimento muito grande em pouco tempo. Mas o que mais me marca é isso uma coisa que o meu pai fala pra mim, você antes de ser negra você é ser humano; quando eu fui pra Europa eu entendi isso. Lá eu aprendi isso, não adianta eu ter discurso de negritude, de movimento, de feminista, não adianta eu ter bandeira, se eu não tenho proceder. E eu percebi o poder o que tava dentro de mim, o quanto que eu consegui mobilizar sem ter acesso a uma língua, ou seja, eu mobilizei a partir da minha capacidade de escuta e de tentar estar ali com o outro. Foi muito importante conviver com mulheres trans e quando eu me vi transfóbica eu

senti como é constrangedor..., provavelmente é muito próximo do que uma pessoa branca sente quando ela se percebe racista, é horrível.

Eu descobri que a Europa não é binária, você não pode falar de "black or white" não tem negros e brancos, lá eu descobri o que era "people of color". Por exemplo, eu conheci a Assunanda, que pra mim ela parecia você, que já morava há algum tempo lá. E aí eu perguntei: "Assunanda eu gostaria de saber como é ser negra aqui, como é ser black people aqui?" E aí ela virou pra minha cara e disse: "Então, eu não sou 'black people', 'I am people of color'. Eu não sou da África eu sou da Índia." Porque não era a questão fenotípica que estava em jogo só, porque ela não dá conta nessa Europa contemporânea, nesses processos migratórios, a cor da pele não é suficiente pra definir o pertencimento étnico racial. E aí me deu um "bug" na cabeça e eu falei caramba; "people of color" que é o chinês, é o japonês, é o indiano, é tudo aquilo que não cabe no black ou no europeu, que não cabe no black e nem no White. Foi muito maluco assim porque as pessoas me viam na rua e achavam que eu era etíope, tinha gente que achava que eu era angolana, tinha gente que achava que eu era da Somália, a última coisa que eu podia ser na Áustria era brasileira. Foi muito interessante perceber isso. E o processo de entender que ninguém migra porque quer, as pessoas só migram porque elas não têm condições dignas de viver de onde elas nasceram, quem migra porque quer é europeu, que tem condição, tem capital, e decidi morar em tal lugar, vou morar na Tailândia...

Quem tá alimentando toda base da pirâmide social, dos trabalhos, do meio de produção, a galera que tá no chão de fábrica não migra porque ela quer; e eu me vi nessa condição também. Mas foi interessante encontrar com a Marísia, que é uma mulher negra que está na Europa a mais de 20 anos, e ela falar assim: "Eu fico muito feliz de ver você aqui, eu fico muito feliz de ver você aqui nessa condição que você está, uma condição de dignidade e sem precisar ser empregada doméstica, sem precisar ter que casar com europeu. Você vindo como uma artista e uma intelectual convidada pra dar uma aula, pra ser artista residente com dinheiro e com dignidade pra estar aqui. A gente não precisa mais estar aqui nesse lugar que eu tive há 20 anos atrás." Eu não tinha essa dimensão, sabe? Entender que às vezes os nossos espelhos internos eles são falsos. Eu percebi que tava me pautando num lugar de ser negro imigrante brasileiro na Europa, de uma maneira que não era a minha condição, era a condição da minha prima que foi pra lá quinze anos atrás. Era a condição do meu tio, era a condição da minha outra prima. Mas teve um avanço, entende? Eu já não estou nesse lugar. Então isso também me deu uma consciência que a gente tá podendo caminhar de uma outra forma e que se eu não olhar pra isso eu vou voltar pra um lugar que não é meu. Eu vou querer viver uma coisa que já viveram por mim, que não preciso mais viver.

Claro que isso eu só elaboro agora, né Mi. Depois desse processo. Essa experiência ela reverbera muito. E foi muito interessante essa experiência de estar na Europa e me sentir no mundo. Aí eu vi o quanto eu já sabia. Foi bom pra saber o quanto eu era boa e o quanto eu fui bem formada, como a minha faculdade era foda, meu país era foda, a minha família é foda! Porque eu via o quanto aquela galera não tinha uma coisa que era crucial que era a alegria. E aí teve um processo muito forte com uma amiga minha que vivia lá, que é a Vivi, que é cubana e que vinha passando por um processo de violência, de abuso e violência com o marido austríaco. Existe um padrão lá das mulheres migrantes que vão morar lá casadas com europeus, e depois de um certo tempo começam a ter agressões, depois os abusos, aí eles largam essas mulheres, voltam e pegam as mulheres mais novas. Aí é um ciclo, né? Eles casam três, quatro vezes, cinco vezes. É um processo bem recorrente. E as pessoas que eu estava junto eram pessoas que eram militantes dessa rede de apoio a mulheres imigrantes que sofriam relações abusivas.

Um dia me convidaram pra fazer uma aula no museu etnológico de Viena. O museu etnológico tinha fechado e, cheguei na reabertura do museu. O nome desse museu em alemão significava museu do mundo, era um museu multicultural e iriam inaugurar uma sala pro Brasil. Quando eu chego nessa sala do Brasil tem um corredor, com uma mesa com vídeos sobre a Imperatriz Leopoldina, que era austríaca, e sobre a missão austríaca no Brasil em 1917. Antes da Imperatriz vir pro Brasil mandaram uma missão austríaca com cientistas e artistas pra estudar o que tinha aqui e criar condições pra essa imperatriz chegar. Na passagem imagem de Debret, uma aquarela de pessoa negra escravizada, não fala nada sobre escravidão. Quando você entra na sala você dá de cara com uma vitrine com um monte de cultura indígena e uma cabeça indígena empalhada, uma múmia. Uma cabeça troféu...

E naquela semana estava tendo em Viena uma discussão sobre qual é o sentido da exibição sobre restos mortais de povos que tinham sido colonizados. Uma discussão sobre a ética dos museus, qual o sentido de um museu etnológico, já que ele se configura com o saqueamento, o roubo desses povos. E o museu optou por reabrir com essa cabeça como grande novidade. E aí eu entrei nessa sala... Do lado esquerdo um vídeo da curadora da sala brasileira conversando com um indígena Muduruku. Por que o que era essa cabeça troféu? Era a maneira... Os Mudurukus lutavam em guerra com outro etnia cortava a cabeça e essa cabeça com uma tecnologia de mumificação virava um troféu. Esses viajantes compraram essa cabeça em 1917, roubaram, sei lá como que foi a negociação. E aí a curadora gravou um vídeo com um índio Muduruku. E era um vídeo mal feito porque era uma entrevista que se cortava a pergunta, só aparecia a resposta. Sabe uma entrevista induzida. E o foco da

entrevista era ele dizendo que sentia saudade do sabor da carne humana. Ou seja, olha como vocês são canibais, olha como vocês são primitivos. Era um terror aquela sala, depois um altar de umbanda mal feito, depois brasileiros em Viena. Era época de impeachment da Dilma, as pessoas vestidas de verde e amarelo. A sala encerrava com um discurso da Imperatriz Leopoldina, grande intelectual do Brasil, salvadora do Brasil...

M: Meu pai!

J: Eu sai da sala indignada. E aí quando voltei pra academia eu no meu inglês pouco falei: "I hate this room because this very rude is not true." Falei assim. Aí a professora: "Yes, I like your opinion. You take a class for us." Eu quero que você dê uma aula para nós. E lá fui eu dar uma aula sobre estrutura racial desde a eugenia, falando como a eugenia também configurou a arte como um lugar de plataforma de reprodução dessas perspectivas racistas. E aí foi surreal.

Então foi ali na Europa que eu percebi o quanto a minha base de pesquisa era a coletiva. Porque eu vim de processos muito coletivizados. Vou até reiterar, Miriam. Tem esse lugar da minha família, tem um lugar também dessas minhas redes de amigos que me fortaleceram muito. Trabalhar no museu e conhecer o Marcio Faria, trabalhar com o Marcio Faria, trabalhar com Renata Sans, trabalhar com Rafael Domingo, Mirela Maria dos Santos, todos nós éramos educadores do núcleo de educação. Chão de fábrica. Só que a gente tinha um desejo de montar um grupo de estudos independentes. Formamos o Nepafa - Núcleo de Estudos e Pesquisa Afro-Americanos, todo mundo presunçoso, com vinte e três, vinte dois, vinte quatro. E a gente começou a se ajudar. Hoje eu tenho a dimensão do quanto isso foi grandioso. A gente começava o grupo de estudos de leitura conjunta. E aí percebi que não bastava a gente ficar só estudando, mas a gente devia partilhar o que a gente estava aprendendo. Então a gente fazia roda de conversa, chamava alguém mais velho que tinha experiência pra falar sobre determinado tema, organizava mesas e rodas. A gente ia pra zona leste, a gente ia com o pessoal do Quilombaki, a gente começou a ir para vários lugares, desde periferias até espaços acadêmicos pra falar um pouco. E aí eu descobri que eu tinha condições de falar... De olhar pra história da arte a partir do viés racial, descobri a potência do meu trabalho também. Quando eu digo eu não quero só falar sobre racismo, foi entender minha condição enquanto negra e conseguir elaborar intelectualmente essa condição que me deu inclusive chances de falar: "Olha, não quero falar sobre isso." Isso foi muito junto com eles. Então eu lembro que até hoje o Marcio disse: "Meu, hoje você vai dar uma palestra comigo." "Eu? Palestra? Vou falar o quê?" "Não, você vai apresentar os artistas que a gente fala aqui no museu e eu vou falar sobre racismo e vocês vão trazer o exemplo do que eu tô falando na

arte." Aí ele jogava, se vira, escolha umas obras aí e depois a gente vê qual o sentido. E era isso, era o desafio. E foi com esse processo que as coisas foram criando corpo. Então eu falo assim que meu entendimento como artista vem da minha prática como arte-educadora, da necessidade de comunicar. Não adianta eu tá ali na academia e saber um monte de coisa e chegar na minha casa e não conseguir falar pra minha avó, não conseguir falar com a minha mãe.

Então a gente se coorientou e coorganizou. É nesse sentido que eu falo que essa meritocracia ela não se consolida por isso. Porque a meritocracia se aplica a um individuo uno, e quando eu falo dessas experiências, não só minhas, na verdade é uma rede. Você tá conectado em uma rede. Claro que tem uma organização sua, mas ela depende de uma série de interconexões. Então eu digo isso, que eu tive a sorte e a oportunidade de estar em volta de uma rede de pessoas que me ajudaram a me constituir enquanto um ser, sabe? E que me incentivassem a ser um ser desejante. Porque pra mim é um desejo. Eu sempre fui um ser desejosa, sempre quis muita coisa, sabe? E quando eu fui pra Europa eu percebi que, meu, o céu não era meu limite. Ah, agora eu que já tô aqui. Agora eu quero ir pra Índia, pra Tailândia, pra África, quero ir pra tudo quanto é lugar. Foi muito importante assim todo esse processo. E quando eu cheguei na Europa e as pessoas assim me olhavam, outra pessoa negra que também era negra, fenotipicamente a gente era irmão, né? Mas como eu vinha da linha debaixo do Equador ela me subestimava. Eu falava: "Cara, você não sabe os caminhos que eu percorri pra chegar até aqui."

E aí foi isso que me deu um corpo, chegar nessa exposição hoje, conseguir ser selecionada no edital do Paço das Artes. Porque o Paço das Artes ele é um edital para jovens artistas contemporâneos. Um edital de oito vagas, selecionou 250 projetos. E meu projeto foi selecionado. Foi muito emocionante.

E rolou a experiência de ser chamada para um trabalho na Bélgica. A quinta vez na Europa, na Bélgica, com tudo pago. Uma puta produção. Aí uma outra curadora me chamou pra ir "Ah, Juliana, gostei do seu trabalho. Eu queria que você fizesse um trabalho." "Ah, ótimo, tenho um trabalho sobre o azul, quero fazer para começar a mostrar que eu também posso ter trabalhos mais abstratos." Eu também tenho vontade de trabalhar com pintura, também tenho vontade de trabalhar com aspectos formais. Não quero só ficar falando sobre violência.

Numa época tava muito deprimida, aí eu fui em um centro budista ali na Vila Madalena, minha amiga falou: "Vamos lá! Vai ter uma meditação de cura dos cinco chakras sagrados." Aí eu falei: "Vamos lá!" Aí eu sentei lá e aquele povo falando uma língua tibetana,

eu fechei o olho e consegui visualizar meu chakra da cabeça, que era um feixe de luz azul. Que saía aqui e ia lá pro fundo e conectava com o universo. Foi uma experiência transcendental, foi surreal. Nunca tinha tido isso na minha vida. E aí eu tinha lembrado da minha experiência com meu trabalho do amarelo. Porque quando eu fiz minha defesa TCC o professor falou: "Olha, você tá falando do amarelo, mas eu tô achando que essa pesquisa do amarelo vai se desdobrar em cores primárias e com certeza você vai falar do azul e do vermelho. E melhor ainda, você deve guardar esse trabalho, esse trabalho é muito bom e vai render outros trabalhos." Eu guardei na minha cabeça e fui ser arte-educadora. Eu sempre gostei de cor, eu sempre gostei de tinta. Eu tinha esquecido que eu gostava disso porque eu estava o tempo todo falando de racismo, não tinha espaço para o meu desejo. Só tinha espaço para atender uma demanda do outro. E aí eu falei "Nossa, que legal o azul!" E comecei a ficar muito sensível ao azul, muito perceptiva ao azul depois dessa experiência. Mas era uma percepção do azul que não era física, era uma experiência de percepção sensorial. E aí eu encontrei com uma amiga de muitos anos que ela falou: "Juliana, você tem sinestesia. É, acho que você é meio sinestésica. Pesquisa isso aí." São pessoas que atribuem cor a cheiro, que mudam os sentidos. Que tem uma percepção que cruza os sentidos. Você sente um cheiro e lembra de uma cor e eu comecei a lembrar da minha infância que realmente era assim mesmo. A cada número pra mim tinha uma cor, não podia mudar. E aí comecei a pensar no azul, pensar no azul. Falei: "Ai, gente. Acho que eu queria pesquisar o azul, acho que eu vou seguir no azul." Fui na casa de um amigo e eu abri um livro de plantas comestíveis e saiu uma flor, uma flor azul linda chamava Clitória. Em formato de clitóris, parecia uma vaginona. Falei: "Gente, que flor abusada, chamada clitória, de um azul lindo, era um azul índigo, que ia do índigo até o violeta, era maravilhosa. Eu fiquei encantada. Comecei a ler as qualidades da flor e descobri que era de origem asiática, mas ela já está aqui no Brasil há muito tempo e em tupi-guarani ela significa Cunhã, que significa mulher. E é uma flor que é muito boa para todo tipo de problemas menstruais e também era muito boa para depressão e ansiedade. E eu estava num processo de depressão e ansiedade. Que eu comecei a perceber o processo de depressão e ansiedade era esse lugar de não conseguir dar vazão ao meu poder criativo, não acreditar que eu podia ser artista. Somada a todas as experiências com curadores dizendo que eu não era artista, que meu trabalho não era bom, me colocando pra baixo. E aí eu falei que de repente a cura vem da flor, de repente a gente tem que beber o azul. Aí comecei a entrar na pira de que eu queria fazer um trabalho de beber e comer o azul. Que eu descobri que essa flor dá pra fazer um chá, dá pra fazer comida azul. Aí comecei a entrar numa pira que: "Nossa, o azul talvez seja a cor mais intangível, a cor da intangibilidade, porque o céu é azul, mas o ar é

translúcido, o mar é azul... E o chakra mais elevado que tá com o céu. E o azul dos mantos dos santos católicos, o azul dos tecidos iorubas que cobrem os corpos fúnebres." E eu comecei a entrar nessa pira do azul e encontrei um artista francês Yves Klein que só falava disso, que quis criar um azul dele, que ele quis materializar o azul. Eu falei: "Não, mas eu não quero materializar o azul porque o azul é de todos. Eu quero um azul universal porque o céu está pra todo mundo." E eu comecei a entrar num pira do azul! De percepção. E aí eu fui pra Europa nesses três meses falando: "Quero nem saber! Eu vou pesquisar o azul. Eu vim aqui pra pesquisar o azul. Eu vou ter três meses sabáticos, com tudo pago, cinco mil euros na minha conta. Vou pesquisa o azul." Cheguei na Europa com essa ideia. Vou só ficar falando de cor, de pintura, vou só fazer desenho. Que nem os brancos que ficam só desenhando olho. Também quero fazer flor. Vou nas lojas de tinta e gastar todo meu dinheiro com tinta. Eu fiz isso, peguei mil euros, entrei numa loja de tinta, meti o louco, comprei papel e depois não conseguia trazer. (risos) Só que aconteceu alguma coisa que quando eu andava na rua o tempo todo acontecia coisas muito estranhas. Estava aquela situação daquele museu etimológico e eu fiquei com aquela coisa na cabeça e eu falei: "Gente, qual é o interesse de uma pessoa, qual a graça de olhar pra cabeça de uma pessoa morta como se fosse um objeto estético. Quem consegue gozar, consegue ter estesia com cadáver. Isso é muito fúnebre." Aí eu falei: "Cara, faz todo sentido, aqui são as trevas, eles inventaram as trevas." Porque era um lugar que três horas da tarde era noite, eles são as trevas. Eles precisavam inventar porque eles vivem as trevas. É um frio infernal, não tem luz na cidade, você fica sem vitamina D, você fica depressivo, as pessoas mudam, elas viram lobisomens. Eu vivia assustada ali, eu morria de medo. Eu falava que tinha mais medo de ficar na Europa andando à tarde na rua do que no Brasil lá no Pelourinho meia-noite sozinha. E eu comecei a entrar nessa pira, eles cultuam a morte. Eles cultuam a morte alheia. Meu, eles gostam de egum, uma cidade de egum, uma cidade de mortos. Aí eu fui pra Berlim, aqueles lápides do nazismo e dos judeus, tudo era arte. Eu tinha medo daquelas portonas que abriam. E aí eu fui descobrindo... Teve um dia que acordei e falei: "Ai, eu vou fazer compra. Vou comprar roupa pra mim." Acordei toda empolgada, quando fui ver era cinco horas da tarde achando que era oito horas da manhã. Você perde o referencial nesses sentidos também, acordei cinco horas da tarde e falei: "Ah, vou comprar roupa", tudo fechado as lojas, era feriado. Eu não sabia que era feriado, a única coisa aberta era o McDonald's, comi um lanche, estava triste. Escutei o sino da igreja e falei: "Ah, vou na Igreja." Lá estava eu no dia dos mortos dentro da missa com um canto gregoriano.

Foi tão bonita a missa. Que eu vi duas missas. Teve uma das seis a sete, eu fiquei até as nove horas na igreja. Aqueles cantos gregorianos. Aí eu entendi. Falei: "Ah, eu cheguei na alma deles. Aqui está o espiritual do europeu. Aqui a gente se humaniza, é a morte. No dia da morte deles." Aí o que aconteceu, eu fui na missa, estava do lado das pessoas austríacas. Aí tinha a hora do aperto de mão, aí venho todo mundo na hora da oração apertar a minha mão, apertou a mão de todo mundo. Eu estava ali na missa em alemão: "Nossa, essas vozes." E aí foi muito louco. Eu falei: "Eles também tem morte, né? É um povo muito sofrido. Para ter tanta treva no mundo e subir tanta treva no mundo é porque você tem dentro de si." E foi muito louco entender essa dimensão da morte pra eles. E aí eu entendi porque eles confinam no museu um monte de gente morta, porque eles não conseguem lidar com a morte eles mesmos. A morte... Eles têm medo da morte. Quem não tem medo da morte não cultua a morte, cultua a vida. Quem conversa com seus ancestrais não precisa cultuar um corpo, entende? É um outro lugar de culto também. E aí eu estava lá querendo pesquisar o azul. E aí lembrando dessa dimensão do chakra.

Eu ia no mercado todo dia, todo dia, principalmente mulheres austríacas de meia-idade falavam alguma coisa comigo e eu respondia: "Eu não falo alemão" (risos) e a resposta era sempre a mesma: "Ah, I'am sorry! I love you hair." Todos os dias. "I love your hair." E eu fui tentando entender o que era esse "I love your hair" e essa obsessão com o meu cabelo. Eu lembrava também de ver no museu as pessoas com essa obsessão na cabeça indígena. Eu falava que esses europeus tinham uma obsessão pela cabeça humana. Aí eu falei: "O que é a cabeça?" O Ori, o Ori é a nossa capacidade de inteligência. É a nossa racionalidade. Dentro de um mundo racionalista a nossa humanidade. Então eles confinam cabeças para tirar a nossa humanidade, então esse "I love your hair" era dizendo "Você não era daqui." "I love your hair" você é diferente. Nossa como você é exótica. Era como se eu fosse um bibelô, como se eu fosse um objeto a ser admirado, como se eu fosse a cabeça morta em um museu. Ia ser que nem a Vênus negra. Depois que eu morresse iam pegar a minha cabeça, mumificar e botar num museu, entendeu? Eles estão ainda nesse pensamento de século XIX. Eles ainda não saíram dos gabinetes de curiosidades, eles continuam cultuando os gabinetes de curiosidade. Aí o que aconteceu... Um dia eu estava andando em uma tarde fria, falei: "Vou dar uma volta na cidade." Passei em uma loja de joias. Em um rua bem antiga, com casas do século XIII, século XII. E tinha uma loja de joias. Eu gosto muito de joias. Aí eu estava olhando a vitrine, daqui a pouco eu olho bem, miro assim e não vou acreditar. Um brinco lindo com a cabeça de uma pessoa negra. Outro brinco de 2500 euros, uma cabeça de uma pessoa negra. Um colar de trinta cabeças de pessoas negras, um monte de joias caríssimas de ouro e safira, diamante com

cabeças de pessoas negras à venda. Aí eu falei: "Gente, vou fotografar." Fotografei. Fui tomar café em uma cafeteria famosa, quando eu olho a embalagem a cabeça de uma pessoa negra. Aí estava lá, um café tradicional desde 1815, ou seja, um café colonial, cabeça de pessoas negras. Estava andando na rua entrei numa loja, tinha roupa no manequim e do lado tinha uma escultura de uma criança negra com a mão assim e as roupas em cima. Uma criança negra servindo. Comecei a olhar as lojas de antiguidade. Um monte de corpos e objetos, utensílios de cabeças de negros, castiçal de cabeça de negro, açucareiro de cabeça de negro. E eu entendi nesse negócio. Cabeça, cabeça, cabeça. Aí eu comecei a fazer umas frases: "You love my hair?" Eu fiz uma frase assim: "You love my hair but you love my had on museum". Você ama... Você ama minha cabeça no seu museu, confinada no seu museu. Eu comecei a criar uma discussão, fazer uns trabalhos sobre isso. Comecei a fazer uma exposição individual sobre isso, sobre minhas derivas...

E mais uma vez percebendo como um corpo racializado. Cheguei à conclusão que por mais que eu queira falar do azul eles não me deixam esquecer. Sejam as pessoas no mercado, me distinguindo pelo meu cabelo, seja no museu vendo os meus ancestrais sendo expostos como objetos de arte, desconectado, sem direito a... sem direito a ao enterro. Sendo eles se adornando, comprando joias caríssimas com cabeças de formato de pessoas tipo negro. Ou seja, sobre o azul passou a ser entre o azul e o que não me deixo/deixam esquecer.

Ou seja, é possível escolha? E aí eu vou discutir isso... e aí eu começo a pensar no azul e vou descobrir que na verdade a eleição do azul não é à toa. Não é simplesmente porque a cor é transcendental. Mas porque o azul é a cor, por exemplo, que os pretos estadunidenses elegem pra significar o banzo, que é o blues. O azul é a calunga, ele é a travessia, ele é o mar. E é a cor espiritual. Talvez seja a cor mesmo dessa transcendência celeste com esses ancestrais também. E talvez seja a cor que nos faça acreditar, porque o céu é o limite. O céu não tem teto. O azul é o universo. Então eu comecei a pensar assim, sabe? Como o azul como uma metáfora para pensar a resiliência das experiências diásporas. O azul como memória, o azul como tudo. O azul como... O texto que eu falo lá... O azul como é a cor mais... mais... etérea... A cor mais intangível. A gente não come azul. Mas talvez seja o azul que nos faça nos manter vivos, respirando, olhando o horizonte, olhando o universo, a seguir. É o azul do blues, o azul da travessia, mas é o azul dos do rosário dos homens pretos. Que tá na capa dos reis e rainhas é o azul que está ali na capa deles. Todos de capa azul. Há duzentos anos cantando pra São Benedito, né? É o azul do oásis, da limpeza, da cura. Aí eu vou fazer edições. Mas é azul também do uniforme dos funcionários terceirizados. É também o azul da escola pública. É nesse sentido que... entre o azul e não me deixe esquecer. Nesse sentido que

esse trabalho se ressignifica de fato assim, por mais que eu queria falar do azul tinha um cotidiano imediato que me atravessa o tempo todo. Pra me lembrar que eu não posso. Ou que vai ter limite. Então essa dialética assim. Posso eu abstrair, como diz Cruz e Souza, posso eu abstrair sendo eu herdeiro de Cã, falar sobre inspirações espirituais, falar em abstrações? Será que eu tenho essa autonomia? Eu sou um ser emancipado. Eu posso ser um artista que não seja pautado por ser negro. Posso ter um trabalho voluntário meu, um trabalho gratuito meu. É possível? Em contrapartida também sendo pautada por outros artistas, pela galera dos movimentos sociais de ser a artista que também vai dar conta sobre a discussão do sofrimento da mulher negra. Então são essas coisas assim, sabe? que tenho percebido. Que só foi possível pra mim conseguir sair daqui e me ver daqui e voltar. E eu preciso muito mais. Preciso sair muito mais. Sempre vai ter um curador que vai querer me dizer que eu não posso falar. E que meu maior desafio é ignorar. A gente só resiste porque não acredita. Eu comecei aprender que se eu tenho que acreditar em algo, tem que ser nas minhas certezas. Foi a duras penas.

3.6.1 Entre o azul e o que não me deixam esquecer

É preciso não carregar a pele como um fardo
Alberto Guerreiro Ramos

Juliana apresenta-se a partir do território: conta-nos que nasceu e cresceu no Parque Peruche, uma das primeiras periferias de São Paulo, um bairro de tradições negras, localizado entre cinco escolas de samba. A partir da vivência desse território definiu sua relação com a negritude. O território contém nossas identidade e as trocas materiais e espirituais de quem nele habita.

O Parque Peruche, bem como os bairros ao redor, são territórios marcados pela africanidade. E segundo Henrique Cunha Jr. (2007):

As africanidades são reflexo dos princípios sociais de matriz africana, amparados pelos aspectos filosóficos africanos como a diversidade e a integração, a ancestralidade e a tradição, que norteiam e orientam as vidas dos povos africanos e também de seus descendentes na diáspora. (p. 189)

Dentre as marcas de africanidade nada é mais expressivo do que o samba. Nele estão incorporadas as matrizes africanas de sociabilidade que explicam em parte a identidade afrodescendente brasileira. Juliana Yade, discorrendo sobre o pensamento de Sodré (1998), nos diz: “Havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano.” (p. 198).

O samba traz em si, portanto, a mensagem de resistência contra a desumanização do corpo negro, mensagem de liberdade, força, alegria e beleza. Foi sobre essas bases que a família de Juliana construiu sua negritude, a partir do referencial da pungente cultura negra. Mensagem transmitida a ela, por exemplo, nas fotos antigas dos parentes com cabelo Black Power. Mensagem confirmada pela decisão da mãe em não permitir o alisamento de seu cabelo.

Apesar dessa atitude de afirmação, a força da mídia provocava fantasias infantis de negação da corporeidade negra. E, como quase toda criança negra, viveu uma experiência de racismo na escola. Contudo essa experiência, apesar de trazer uma memória de dor pela atitude das crianças, também é acompanhada da intervenção de um adulto que reprovou o comportamento racista. A boa referência da professora de Artes, que, além de oferecer apoio e acolhimento contra atitudes racistas, via e valorizava suas habilidades artísticas, foi um dos olhares de afirmação que a nortearia em sua trajetória.

Todavia, se na escola e na família materna a apreciação de si era confirmada, o mesmo não acontecia na família paterna, que insistia ferrenha e continuamente em enquadrá-la no padrão estético da branquitude, criticando seu cabelo afro e reiterando a necessidade de domá-lo, desfigurá-lo através do alisamento. Justamente o lado mais retinto da família, confirmando que o ideal de branqueamento lança raízes profundas na subjetividade negra, raízes difíceis de serem extirpadas. Segundo Freire Costa (1983):

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. (p. 7)

Providencialmente mais uma forte referência positiva de negritude surge para fortalecer Juliana: a professora do cursinho, ligada ao Movimento Negro, que nas palavras enfáticas de Juliana era *Black Power*, *LINDA*, *inteligente*, *politizada*. E mais do que informações para o vestibular, a professora transmitiu consciência política, colaborando na ressignificação do seu corpo negro.

Nilma Lino Gomes (2017) afirma que o Movimento Negro é antes de tudo um grande educador. Segundo ela:

Esse movimento social trouxe discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidade, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para ao cerne das discussões teóricas e epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico. (p. 17)

A formação dessa consciência emancipatória levou Juliana inicialmente ao confronto com as atitudes racistas da família. Contudo, posteriormente, a compreensão da força perversa da ideologia do embranquecimento que atravessa o afrodescendente promoveu uma nova forma de vinculação com seus familiares: menos acusatória e de maior influência.

Sai desse lugar combativo de ficar colocando na parede e falando: “Ah, vocês são tudo racista.” E comecei a entender que elas tiveram aquele processo de sofrimento da construção da negritude delas.

Entre as referências importantes para ela estava também a figura do tio artista, um *corpo muito livre* e que a instigava a transcender seus limites do território: vá a Paulista, vá aos museus, logo você vai pra Europa, dizia. E nossa depoente, que tinha na infância a arte como um refúgio contra a solidão, vai delineando seu desejo: vou ser artista!

Desejo esse que seria confrontado muitas vezes ao longo de sua trajetória. Ainda no ensino médio, ela perceberia que os lugares na hierarquia social estão marcados pela cor. A freira negra indicou a ela a instituição de ensino que lhe seria possível. Numa tentativa de oferecer um caminho de desenvolvimento, comunicou uma restrição de possibilidades. Porém o desejo já estava desperto, Juliana seguiria ousadamente o caminho das Artes.

Pode um negro ser artista? Eis a questão. Há sempre uma associação do corpo negro ao trabalho braçal, pesado, material, por vezes animalizado. Nas palavras de Cruz e Sousa, do poema "Emparedado" a que se refere Juliana: “Artista! Pode lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara...”. A perspectiva da arte, comumente associada a uma aura sublime, elevada, elitizada, não parece possível aos corpos negros. À(o) negra(o) só resta sobreviver, não realizar-se.

Essa ampliação de horizontes se deu também pelo benfazejo convite de trabalho com cenografia de teatro. Jorge, seu empregador, incentivou-a a alargar suas fronteiras e tentar uma vaga no curso de Artes na Unesp de Bauru. Relacionamento que assim construído possibilitou a Juliana a perspectiva de uma relação de parceria entre negros e brancos. Patricia Hill Collins (2015) nos fala da importância de pessoas que escolhem não compactuar com o sistema de privilégios, ainda que pudessem se beneficiar dele:

Como não há nenhuma razão que os obrigue a examinar as razões de seu próprio privilégio, sei que aqueles que o fazem escolheram livremente essa postura. Elas/es estão, portanto, fazendo um esforço consciente de arrancar aquele pedaço do opressor plantado dentro delas. Para mim, elas merecem o apoio das pessoas negras em seus esforços. Homens que se declaram feministas, membros da classe média que se unem nas lutas anti-pobreza, heterossexuais que apoiam gays e lésbicas, todos e todas estão tentando crescer e seus esforços os colocam em um lugar muito além da maioria que nunca pensou em se envolver em lutas tão importantes. (pp. 38-39)

Jorge, *um bom mentor, que tinha uma sensibilidade para as questões raciais*, conhecia e a alertava sobre as ciladas da branquitude. Percebia que o professor racista não iria admitir seu talento, ao contrário, iria desacreditá-lo. Aos poucos Juliana foi notando a verdade daquelas orientações. A pessoa negra talentosa corre sempre o risco de ser vista como ameaça à branquitude.

Não pode mostrar muito brilho, muita competência, não pode. Você tem que performar... Eu entendi isso... Você tem que performar a mediocridade.

Durante a graduação, seus trabalhos eram criticados por serem muito étnicos, muito africanos e ela teve que se adaptar. Como estratégia, fazia um trabalho para si, no qual acreditava, e outro para cumprir a formalidade e ganhar nota. Posteriormente, no Mestrado de Arte e Educação, discorreu sobre a temática negra, analisando a Arte em relação à Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de História e cultura africanas nas escolas. Por essa escolha foi lhe dito que ela não era artista e sim arte-educadora, como se essas duas características não pudessem coexistir.

Porém, em determinada ocasião, uma performance convocou os olhos de todos sobre a colonização do corpo negro: a performance na qual sua avó alisava o seu cabelo. A agressão do alisamento, seguido da cura do chá de carqueja, ambos promovidos pelas mesmas mãos... A performance foi vista pela relevante artista negra Rosana Paulino que, por sua vez, apresentou Juliana à curadora negra Fabiana Lopes, em Nova Iorque. Iniciava a partir dali um ciclo de experiências internacionais para Juliana que ampliaria enormemente a compreensão de si e do mundo.

Não foi sem tensões e conflitos que se deu sua primeira viagem. Às vésperas da defesa do Mestrado inúmeros obstáculos tiveram de ser contornados. Mas o apoio veio dos dois lados do oceano e mesmo em circunstâncias conturbadíssimas Juliana chegou a Áustria para expor na Academia de Belas Artes de Viena, a mesma na qual Hitler tentou ingressar sem sucesso.

Logo na sua chegada Juliana se viu enredada na complicada trama das relações raciais. Sua ida só foi possível pelo firme posicionamento de seu amigo branco, que ameaçou retirar-se da exposição, caso não trouxessem Juliana. Sua atitude solidária, entretanto, foi tomada por oportunismo pelas artistas negras brasileiras que lá estavam. Numa tentativa de indispor Juliana contra ele, convocaram-na com um discurso de pacto racial. Porém o discurso não foi congruente com as atitudes. Em momentos de grande necessidade Juliana se viu desamparada pelas competitivas parceiras negras e a ajuda veio do lugar improvável: Juliana foi socorrida por homens brancos europeus.

Aí eu confirmei que eu tinha que entender nem toda mulher negra é minha irmã e nem todo homem branco é um filho da puta!

Audre Lorde (2018) no texto “Olho no olho: mulheres ódio e raiva” se debruça sobre a complexidade das relações entre as mulheres negras. Segundo a autora, muito embora as relações entre mulheres negras sejam histórica e culturalmente pautadas pelo apoio mútuo, elas se tornaram particularmente problematizadas pelo atravessamento do racismo. O racismo inocula na mulher negra, além de sentimentos de rejeição e desvalorização, um sentimento de raiva pela inferiorização impingida. O encontro com sua igual pode acionar mecanismos projetivos e uma vez que a mulher negra vê a si mesma na imagem daquela que compartilha sua geografia corporal, a raiva é despertada. Segundo a autora:

Se você é como eu, então terá de ser muito melhor do que eu para ser boa o suficiente. Mas é impossível ser boa o suficiente, pois, por melhor que seja, ainda é uma mulher negra, assim como eu. (Quem ela pensa que é?) Então qualquer ato ou ideia que eu poderia aceitar ou ao menos analisar da parte de qualquer outra pessoa não é sequer tolerável se vier de você, minha imagem refletida. Se você não for a imagem DELES de perfeição, o que jamais será porque é uma mulher negra, então você é um reflexo de mim. Nós nunca somos boas o suficiente uma para a outra. Todas as suas falhas são reflexos ampliados das minhas inadequações ameaçadoras. **Eu preciso atacar você antes que nossos inimigos me confundam com você.** Mas eles farão isso de qualquer maneira. (p. 77, grifo nosso)

E se por um lado Juliana é ferida pela competitividade e falta de apoio de suas pretensas irmãs negras, também é gratamente surpreendida pela solidariedade e amizade de várias pessoas brancas. Uma importante desconstrução se efetiva para ela. Suas experiências anteriores, iniciadas pela professora de Artes da infância, passando pelo incentivo recebido por seu *bom mentor* Jorge no seu trabalho do teatro, agregadas à solidariedade recebida na Europa, confirmaram que branco não é sinônimo de branquitude, e que as relações humanas não podem ser pautadas apenas na racialidade, sendo muitos os aspectos e os afetos que podem transformá-las. Lia Vainer Schucman (2014) faz a seguinte consideração sobre brancos que não compactuam com a branquitude:

Na tentativa de compreender quais foram as mediações que estes sujeitos tiveram que possibilitaram suas constituições como brancos não racistas pude perceber que diversos fatores e vivências contribuíram para tal, porém uma delas me pareceu fundamental. Estes tiveram relações de afetos não hierarquizadas com não brancos. É exatamente a convivência não hierarquizada que permitiu que estes sujeitos se deslocassem de si, se colocassem no lugar deste outro e voltassem a olhar para si. Nas descrições e falas destes sujeitos é como se os olhos dos afetos negros fossem emprestados aos brancos para que olhassem de volta para si, mas agora com um saber outro e *do* outro. (p. 174)

Assim também pensa bell hooks (2019). Ela relata sua experiência em uma conferência cuja estrutura era ostensivamente tendenciosa aos participantes brancos. Aproximando-se de uma mulher negra progressista, casada com um homem branco, perguntou a ela:

“O que você faz quando está cansada de confrontar o racismo branco, cansada de atos diários casuais de terrorismo racial? Quero dizer, como você lida com voltar para casa e viver com uma pessoa branca?”

Rindo, ela respondeu: “Ah, você quer dizer quando estou sofrendo de Síndrome de Fadiga de Gente Branca? Ele sente isso mais do que eu. (p. 314)

A partir daí conversaram sobre como pessoas brancas que já tiveram contato com pessoas negras em vários lugares e em situações diversas passam a ver o mundo e as relações entre negros e brancos de maneira diferente. E mesmo sendo possíveis portadores do discurso hegemônico, optam por tomar posições contrárias à supremacia branca, desconstruindo práticas racistas.

Nossa depoente nos mostra que a desconstrução de paradigmas é um processo fundamental para o crescimento e também uma condição imprescindível para a conquista da liberdade. Liberdade de interação nas relações humanas, liberdade no seu processo criativo. Enquanto no Brasil era criticada por falta de universalidade de seu trabalho, na Europa Juliana era sempre convocada a representar a questão racial em suas obras. Convocação que arriscava aprisionar sua arte na lógica do fetiche. A cabeça humana no museu, as cabeças de negros em objetos e adornos, o seu corpo tocado, comentado, tornado público, sinalizavam-lhe o risco de se tornar um objeto exótico, desumanizado.

Entre demandas e expectativas, nossa depoente diz sentir-se como o Emparedado de Cruz e Sousa:

Se caminhares para direita baterás e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos. Se caminhares para a esquerda, outra parede de Ciências e Críticas, mais alta que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto. Se caminhares para a frente, ainda nova parede feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, brancamente se elevará ao alto! Se caminhares enfim, para trás, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo – horrível – parede de Imbecialidade e Ignorância, te deixará num frio espasmo de terror absoluto.

E questiona assim como o poeta:

“Será que é possível para um artista negro ser artista? Ou o artista negro vai ser sempre o artista negro?” Então é nesse sentido que eu falo também que cansa ser negro.

Ela sente que de qualquer forma a raça pesa sobre suas costas, na censura por destacá-la, mas também na constante obrigação de representá-la. Segundo Grada Kilomba (2019): “Ser incluída/o sempre significa representar as/os excluídas/os. E é por isso que, geralmente, nos é forçado o papel de representantes da 'raça' ” (p. 173).

Sendo a arte a possibilidade de transcendência, como pode a criação artística ser tutelada sem apequenar e adoecer o artista? Juliana “emparedada” entre as cobranças tem sua subjetividade negada. Ser militantemente negra todo tempo fixava-a num único lugar, reduzindo sua possibilidade de ser artista, de ser humana. O que é o artista sem sua liberdade? O que é o humano também sem ela?

Assim diz a artista e docente em Arte e Religião, da Pacific School of Religion em Bekerley, Califórnia, Yohana Junker (2018):

Ora, se não posso criar de acordo com meu ímpeto, meus desejos e exercitar minha livre subjetividade no mundo como posso chamar o que faço de arte? Se me é negado o fazer artístico de acordo com minhas buscas e fluxo criativo, como dizer que não estou sob o julgo opressor de uma neo-colonização que não me deixa esquecer quem determinaram que “sou”? Se produzo de acordo com o que se espera de mim, minha arte se torna vazia, impotente, alienante, morta e sem qualquer resquício de fôlego, de vida. Se não posso descobrir e co-criar o mundo sob minhas regras, na totalidade do meu ser-em-corpos, se não posso imaginar realidades expansivas e com mais devires, se não posso tecer o imperceptível de volta no visível, não tenho como seguir criando. Afinal, de que vale estar em circuitos de arte se tenho que, primeiro, me abandonar e me contorcionar para conseguir entrar?”⁹

Não é que eu não vou falar mais de racismo. Mas eu vou falar do que eu quiser, na hora que eu quiser. A minha luta é por emancipação. Luto pra que eu não seja pautada por outrem e pra que eu tenha direito a minhas escolhas e pra que eu tenha inclusive direito ao erro!

A declaração de autonomia de Juliana nos remete à afirmação de Audre Lorde (2018):

Devemos ter autoridade na nossa própria definição, devemos prover um cuidado atencioso e oferecer uma expectativa de crescimento (...). Por outro lado, significa que, na medida em que aprendo meu valor e minha possibilidade genuína, eu me recuso a uma busca que não seja rigorosa pelo possível que há em mim, ao mesmo tempo que distingo o que é possível e o que o mundo exterior me leva a fazer para que eu prove que sou humana. Significa ser capaz de reconhecer meus sucessos e ser gentil comigo mesma, até quando eu erro. (p. 81)

As experiências de Juliana foram profícuas a ponto de convidá-la a olhar tudo que a cercava como um prisma multifacetado. Foi preciso que desconstruísse crenças e conceitos já estabelecidos sobre muitas coisas: sobre a sororidade das mulheres negras, sobre as relações entre negros e brancos e sobre a própria construção da negritude.

Porque ao mesmo tempo esse discurso de negritude não bastava, porque lá tinha negros da Somália, tinha negros do Quênia e não havia um consenso. Esse discurso pronto de um corpo negro, de uma racialidade negra, eu percebi que era uma ansiedade minha e aí eu entendi o que era diáspora!

Se o discurso da negritude varia conforme a cultura, haveria um ponto de conexão dos povos da diáspora? Wade W. Nobles (2009), psicólogo afro-americano, defende um foco psicológico afrocentrado. Segundo ele:

Ao examinar o povo africano em toda a diáspora, poder-se-ia dizer que, coletivamente precisamos "voltar atrás e reconstituir o que esquecemos". Eu diria ainda que o que nós, coletivamente, esquecemos ou, de modo mais preciso, o que o nosso opressor tentou esvaziar de nossa mente foi o significado de ser africano. Também acredito que, embora tenha sido pavoroso o ataque contra o senso de ser dos africanos, ele não conseguiu destruir o africano dentro de nós. Entretanto alterou a percepção ou a crença em nosso senso de africanidade intrínseco; e esse senso alterado de consciência é o problema fundamental dos africanos e afro-americanos e diaspóricos. (p. 277)

⁹Anotações de palestra dada por Yohana Junker em: “The north and South America and Caribbean Regional Workshop on Re-Imagining worshipasacts of defiance an alternatives in the context of Empire”. Kingston, Jamaica, 2018.

O autor propõe uma recuperação da visão africana do que é ser humano pela interpretação da linguagem e da lógica da nossa ancestralidade. O ser humano é composto na visão ancestral iorubana, como corpo (ara), cabeça interior (ori) que é o guardião do “eu” e (emi) o espírito que é conectado ao sagrado, a uma fonte de energia que está em eterna expansão. De acordo com Wade W. Nobles (2009): “Ser humano, na visão banto-congo, é ser uma pessoa que é um sol vivo, possuindo um espírito (essência) cognoscente e cognoscível, por meio do qual se tem uma relação duradoura com o universo total, perceptível e ponderável” (p. 282).

Na visão africana o espírito sacralizado é o que constitui intrinsecamente o humano. Portanto a humanidade de alguém será sempre irredutível e nunca poderá ser objetificada. Ainda segundo o autor (2009): “Como *Ngolo* (energia, espírito ou poder), a pessoa é um fenômeno de **‘veneração perpétua’**” (p. 282, grifo nosso).

Por isso foi parte indispensável do processo de escravização a desafricanização dos negros. Esse processo de desafricanização constitui para ele a problemática chave na compreensão dos africanos em diáspora. Contudo, a marca desse registro ancestral, ainda que borrada, avariada, foi “o mapa mental”, que possibilitou a resistência dos negros diaspóricos.

Juliana nos conta sobre um momento de depressão, momento em que depreciada e frustrada perdera seu “mapa mental”.

E eu estava num processo de depressão e ansiedade. Eu comecei a perceber o processo de depressão e ansiedade era esse lugar de não conseguir dar vazão ao meu poder criativo, não acreditar que eu podia ser artista. Somada a todas as experiências com curadores dizendo que eu não era artista, que meu trabalho não era bom, me colocando pra baixo.

Porém, convidada a participar de uma meditação budista, Juliana teve uma disruptiva experiência de iluminação.

Aí eu sentei lá e aquele povo falando uma língua tibetana, eu fechei o olho e consegui visualizar meu chakra da cabeça, que era um feixe de luz azul. Que saía aqui e ia lá pro fundo e conectava com o universo. Foi uma experiência transcendental, foi surreal. Nunca tinha tido isso na minha vida.

A partir daí seus sentidos foram ampliados e o Azul revelou-se a ela em suas muitas significações. O azul das profundezas oceânicas, o azul da vastidão dos céus, o azul que permeia o sagrado em suas muitas versões... o azul da cura contido na flor-mulher, Clitória.

Esse momento de epifania entrelaçou Juliana com o sagrado, sagrado que nela habita e que habita o universo, fecundando seu ser e sua arte.

A colonização, ao impor a outros povos seu projeto de monocultura, produziu epistemicídios e hierarquização de saberes. Ao descredibilizar tradições de outros povos, desencantou o mundo e empobreceu a existência. Recusar o reducionismo da racionalização excludente é permitir a expansão do humano. Isto nos remete novamente às considerações de Wade W. Nobles (2009):

Deixar de reconhecer ou admitir nosso eu ampliado (devido ao “branqueamento” ou a vergonha racial), creio eu, é o fato que impediu os africanos diaspóricos como comunidade de maximizar o poder psíquico encontrado no círculo intacto de “força espiritual” que define o ser africano. (p. 291)

Juliana teve sua consciência expandida, experimentando possibilidade de conexão consigo mesma, com a natureza, com a espiritualidade, num grande mergulho no Azul. Por ele envolta e transformada recuperou a amplidão de sua pessoa e de sua arte, confirmando que para além da cor de sua pele todas as cores lhe foram dadas.

4 ENTRE O ALINHAVO E O ARREMATE

Uma das tradições das mulheres negras americanas é a confecção do *quilt*. O *quilt* é uma colcha de retalhos, que era feita em tempos de escassez de recursos para agasalhar a família. Hoje em dia os *quilts* são uma forma de expressão e de resistência. Há mais de dez corporações de costureiras afroamericanas de *quilt* espalhadas pelo país. Através de belas imagens formadas com pequenos pedaços de pano colorido, mulheres negras contam histórias e falam das suas dores. O *quilt* “Firestorm” de Marion Coleman retrata os incêndios que devastaram florestas locais, por exemplo. Já o *quilt* “Hand’s up dont Shoot”, de Jackie Houston, denuncia a violência policial contra jovens negros, na figura dramática que compôs: seu neto de sete anos com as mãos levantadas. O *quilt* se tornou a voz dessas mulheres negras expressa em pano, agulha e linha.

Apresento aqui meu *quilt*, meu texto, a partir da costura das minhas reflexões. Sei que muitos outros desenhos podem surgir a partir dos tecidos dessas histórias de vida. Este *quilt* que apresento é um dos possíveis desenhos, contidos na riqueza dessas narrativas. Os fecundos depoimentos que tive o privilégio de colher contêm em si inúmeros aprendizados que não serão esgotados em uma única abordagem. Ao narrar suas histórias, essas generosas mulheres ofereceram muitas sementes. Torço para que se espalhem e caiam em boa terra.

As dores vividas pela mulher negra não podem ser ignoradas. Isso é indiscutível. O silêncio é cúmplice da violência. E essas vozes, que vêm com o peso das águas de Oxum, com a força da ventania de Oya, são vozes potentes que gritam injustiças. Nem sempre ouvi-las é uma experiência confortável. Será impossível manter-se em pé se ao ouvi-las estiver numa postura cientificista. Esses depoimentos ativaram em mim a categoria “sentir-pensar”. Ouvindo essas histórias sentia dor, raiva, perplexidade, indignação e orgulho. Percebi, enfim, que essas emoções não me abandonariam ao longo de todo o trabalho. Desisti de lutar contra elas e escrevi entre lágrimas, pensei entre imprecações e teorizei em meio a exclamações. Conheço o poder desses relatos, fui transformada por eles. Não temos nestas páginas um conhecimento estéril, temos sim uma matéria viva com potencial transformador.

Por isso neste momento partilho o lado avesso da costura, a minha vivência como pesquisadora. Há algum tempo venho direcionando intenções e esforços rumo a uma descolonização possível. Descolonização do meu corpo negro e feminino, descolonização do fazer terapêutico, descolonização do meu processo de conhecer. Mas Luiz Rufino (2019) adverte: “O colonialismo produziu violências indeléveis em todos nós, porém, o seu projeto de ser um paradigma hegemônico monocultural e monoracionalista, apresenta fissuras,

fraturas expostas, hemorragias, sangrias desatadas” (p. 36). Sem desvalorizar os saberes construídos considero suas limitações, suas inadequações temporais, seus maniqueísmos e, porque não dizer, sua arrogância em querer hierarquizar a diversidade do mundo. E assim firmei minha mira através das rachaduras, das frestas do edifício colonial. Num ato intencional de descolonização, decidi dar voz a quem teve a fala silenciada ou ignorada pela dominação.

A definição de José Moura Gonçalves Filho (2003) exemplifica a tônica dos depoimentos: “A conversa e a fibra contra a dominação, que operam e voltam sempre a operar uma passagem de consciência: os sentimentos de gente inferior são seguidamente comutados em sentimentos de gente desrespeitada.”(p. 4). Na possibilidade de fala as depoentes transformavam sentimentos, denunciando os desrespeitos. Penso, como psicanalista e mulher afrodescendente que partilha do universo africano da oralidade, que a palavra é o caminho elaborativo por excelência. Através da palavra nomeamos a dor, dando a ela um contorno, acomodando-a no psiquismo para não nos angustiarmos com um afeto amorfo e enigmático. Reapropriamo-nos do sentido de nossas histórias pela palavra, assim como, também, somos inseridos numa rede de pertencimento pela oralidade. Nossa fala é libertação e compartilhamento.

Assim, junto minha voz às das depoentes e compartilho minha “escrevivência” nesta pesquisa.

De todos os depoimentos o que mais me levou à reflexão da conduta do pesquisador em seus métodos e procedimentos, sem dúvida, foi a história de Faizah.

Conheci Faizah num workshop. Ao entrar, meus olhos se fixaram nela, grávida, linda, majestosa no sofá. Lembro que pensei: Oxum deve ser assim... Já nos conhecíamos há mais de um ano quando a convidei para participar desta pesquisa, ainda assim não tinha ideia da riqueza e da dor que me seriam apresentadas. Encontramo-nos numa unidade do Sesc, onde passamos a tarde. Ouvi, ouvi e ouvi. Choramos juntas. Fui para casa em silêncio e assim permaneci por bom tempo, dolorida e surpresa com suas lutas, profundamente tocada por sua resistência.

Alguns meses se passaram entre a entrevista e a transcrição, até que eu pudesse devolver o depoimento a ela para sua apreciação. Em sua devolutiva Faizah mostrou-se profundamente chocada e angustiada. Ela simplesmente não se recordava de ter contado várias partes da sua história. “Quando eu te contei isso?! Porque te contei isso?!” Ela havia realmente esquecido! Eu sentia a raiva e a angústia em sua voz. Ao ler sua história suas feridas reabriram e sangraram. Por fim disse: “Parte de mim quer gritar isso pro mundo e a

outra parte quer esconder isso pra sempre”. Assegurei-lhe que seu bem-estar era muito mais precioso para mim do que sua participação na pesquisa, que poderíamos deixar a entrevista de fora, mas, independente disso, o traumático já recrudescera.

Senti preocupação, senti culpa, senti tristeza, senti impotência. Pedi a ela que não passasse por aquele momento solitariamente, que buscasse apoio terapêutico. Contatei a psicóloga do grupo que frequentávamos, pois sabia que Faizah fazia terapia individual com ela. Avisei-a, pois temia que Faizah se enclausurasse, que se deprimisse. Pedi que ficasse atenta à sua ausência. Durante todo esse processo, as delicadas mãos da terapeuta “Adia” a sustentaram.

Aguardei ansiosa notícias dela. Já havia decidido que deixaria o mesmo número de páginas transcritas da entrevista em branco, numeradas, como a presença de sua ausência. Um testemunho da dor causada pelo racismo.

Semanas se passaram quando Faizah me ligou dizendo que desejava participar, porém queria se resguardar usando codinomes e omitindo referências que pudessem identificá-la. E mais uma vez falou: “Meu Deus, não lembro de ter te contado essas coisas todas...”. Fui então reconstruindo a cena junto com ela: “Nós estávamos no Sesc, naquele sofazinho... Conversamos a tarde quase toda, choramos juntas...”. Perplexa, ela disse lentamente: “Sim... estou lembrando, estou lembrando.”

O depoimento foi alterado e submetido à sua aprovação novamente. Mais do que em qualquer momento, senti quão grande é a responsabilidade do pesquisador. Mais do que nunca confirmei a importância dos cuidados éticos e dos ensinamentos de Ecléa Bosi que preconiza que o memorista sempre será dono do seu relato.

Desde seu início esse depoimento me remete à reflexão sobre o trauma. Trauma que começa no *maafa* da escravidão. O *maafa* é um conceito introduzido pela antropóloga Marimba Ani (1984), que define o holocausto negro da escravidão como grande desastre e infortúnio de morte e destruição para além das convenções e da compreensão humanas. De acordo com Wade Nobles (2009): “Para mim, a característica básica do *maafa* é a negação há humanidade dos africanos, acompanhada de desprezo e do desrespeito, coletivos e contínuos, ao seu direito de existir.” (p. 281). A concepção do *maafa* nos ajuda a compreender ainda mais o quão traumático foi o escravismo colonial.

Uma devastação dessa magnitude não é humanamente compreensível, por isso mesmo o aparelho psíquico não pode nomeá-la, simbolizá-la. Sem essa possibilidade de simbolização, resta ao psiquismo só o afeto amorfo da angústia, o disparador da pulsão

mortífera. A violência inominável do *maafa* atravessa gerações e faz dos afrodescendentes herdeiros do trauma.

Grada Kilomba (2019) usa a expressão “trauma colonial” para definir esse ataque traumático que atravessa gerações. Segundo ela, esse impacto violento e desagregador se reinstala, através do que nomeia como “racismo cotidiano”, ou seja: “(...) o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial, que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial.” (p. 215), e assim exemplifica: “Enquanto a mulher negra é humilhada e desonrada em público, aquelas/es que a ofenderam têm a chance de desenvolver um senso de poder e autoridade, diretamente ligado à sua degradação. Essa cena revive, assim, um trauma colonial” (p. 157).

Shari Renée Hicks (2015) estudou em sua tese de doutorado o legado traumático do *maafa*, conhecido como “Post Traumatic Slave Syndrome”, Síndrome pós-traumática da escravidão. Este legado se reflete de muitas maneiras nas crenças e comportamentos que adotamos para sobreviver. Atua rebaixando as possibilidades de sucesso e realização dos afrodescendentes através das gerações. Os impactos dessa herança estão presentes na luta diária dos afrodescendentes para entenderem quem são e se presentificam também na luta diária por respeito. Respeito que é procurado e demandado externamente, mas que só pode ser gerado internamente.

Ao acompanhar na memória a construção desta pesquisa, recordo agora meu contato com Maitê. Maitê é uma mulher expansiva, de sorriso largo. Na época da entrevista morávamos a poucos quarteirões de distância. Lembro-me de caminhar tranquila até sua casa, imaginando já a socialização depois do final da entrevista. Alegre e descontraída, minha então vizinha me recebeu. Conversamos brevemente, acomodei-me e liguei o gravador. Para onde foi a Maitê que eu conheço? Pensei. Seu rosto anuviara, seu tom de voz se tornara baixo, abafado, triste. E ela inaugura seu depoimento falando de seu desejo de morte na infância... A sensação dessa escuta inicial não se esquece. Afundando no sofá, respirava fundo, tentando digerir a tristeza explícita no seu rosto. A narrativa fluía e me convidava a passear pelas histórias de Maitê, até chegarmos ao atentado racista que sofrera... Olhamos uma para a outra, estávamos exaustas. Falamos quase ao mesmo tempo: a gente continua amanhã... Voltei para casa e os poucos quarteirões se estendiam sem fim à minha frente...

As pesquisas recentes do genoma mostram que a composição fenotípica corresponde a apenas 1% do patrimônio genético do indivíduo. Somos, portanto, muito mais iguais que

diferentes. Contudo, mesmo sem fundamento biológico, a raça é determinante na construção dos lugares sociais, ordenando onde cada um deve estar.

O racismo, como parte constitutiva da sociedade brasileira, mantém uma estrutura historicamente construída para estabelecer hierarquias sociais; como um projeto político, legitima a detenção do poder por um grupo; como ideologia, não só viabiliza as desigualdades, mas as naturaliza pelo viés racial. E, em última instância, permeia as relações pessoais, produzindo, através de ações de discriminação, repúdio e hostilidade, a desumanização das pessoas negras. Nas palavras de Grada Kilomba (2019):

Trata-se de um 'esquema racial' inscrito na pele e que nos guia através do espaço. Memórias, lendas, piadas, comentários, histórias, mitos, insultos, tudo isso inscrito simbolicamente na superfície das nossas peles, nos dizendo onde sentar e onde não, aonde ir e aonde não, com quem falar e com quem não falar. Nos movemos no espaço, em alerta, através desse esquema epidérmico racial (...) (p. 174)

Durante o período de cumprimento de créditos do doutorado cursei a disciplina "Mulheres negras, uma história de violência nas Américas", ministrada pela professora Christen Smith. O que foi um verdadeiro presente, não só pela relevância da temática e pelo brilhantismo da docente, mas também pelo grupo de alunos que compunha essa turma. Estudantes de várias áreas buscavam a disciplina. Ali tive o prazer de conhecer Glaucia e Amarílis.

Em uma das primeiras atividades em grupo que tivemos partilhei o grupo com Amarílis, dona de um humor inteligente e agradabilíssimo. A discussão do grupo era acalorada, por vezes dispersa, prometia dar trabalho na hora da síntese. Voltei-me para Amarílis esboçando a pergunta sobre como sistematizar uma discussão tão extensa. Não cheguei à segunda palavra da questão, pois Amarílis já havia escrito um texto perfeito. Notando meu espanto, deu um sorriso discreto e disse: “É... sou advogada”.

Ao fim do semestre ela muito prontamente aceitou meu convite e nos encontramos justamente nas proximidades da Biblioteca Monteiro Lobato. A narrativa de Amarílis começa e então chega aos relatos das atitudes racistas e criminosas de professoras! A raiva me tomava da cabeça aos pés. Em meu pensamento, e fora dele também, xingava muito! A covardia e a crueldade se irmanaram na conduta dessas “educadoras”. Tudo que eu sentia era raiva, e tudo que eu queria era ter o nome completo e o endereço delas! Desliguei o gravador com o maxilar quase travado de tanto segurar a ira entre os dentes. A perplexidade diante dessa violência ainda me acompanha. Tony Morrison reparte e partilha seu espanto no posfácio do livro “O olho mais azul”: “Como algo tão grotesco quanto a demonização de uma raça inteira podia criar raízes no membro mais delicado da sociedade, uma criança, no membro mais vulnerável, uma mulher?”.

A voz de veludo de Glaucia e sua postura nobre e ereta sempre me impressionaram. Fiquei felicíssima quando de modo tão generoso aceitou meu convite de vir até em casa e me narrar sua história. Sempre voltávamos da USP juntas e em sua companhia o metrô ficava quase agradável. Conhecia Glaucia como fonoaudióloga. Não tinha ideia da importância da música em sua vida. Seu relato me mostrou, entre outras coisas, quão importante é ter um caminho sublimatório. Especialmente para mulheres que, como nós, digiram agressões cotidianamente. A suavidade da sua voz contrasta com sua postura combativa. Quando deixo Glaucia no portão do prédio ainda reverbera em meus ouvidos sua voz dizendo: nasci de seis meses, nasci lutando, se enfrentei a morte o que é o racismo..., tenho mais de sete espadas pra me defender... Lembro de Audre Lorde (2018): ‘Luto contra os pesadelos dentro de mim mesma, eu os vejo, eu os possuo, sei que não me destruíram antes e não vão me destruir agora ... (p.72). Entro rezando pra Ogum...

Ecléa Bosi (2004), em um dos seus preciosos ensinamentos sobre a conduta do pesquisador, nos diz: “Se o local do encontro for a casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade” (p. 59). Assim se deu comigo. Márcia me recebeu com sorriso e portas abertas. Desfrutei de seu relato, de seu almoço, sobremesa e café. Conheci seus filhos, troquei roupa das bonecas, enfim, seu núcleo familiar foi me apresentado de um modo espontâneo e verdadeiro. Enquanto ouvia, transcrevia e pensava sobre seu depoimento, as cenas daquele dia voltavam à minha mente. Tudo fazia mais sentido a partir daí: sua luta contra o patriarcado e sua relação com a maternidade que espelhava sua decisão, sua determinação, em ser para seus filhos uma incubadora de sonhos. Márcia não imagina como me inspirou, mas sem saber ela o fez, e não foi pouco.

Numa tarde agradável de sábado fui a primeira vez no Museu da Imagem e do Som. Queria ver a instalação de Juliana, na verdade queria experimentar a sensação de seus azuis. Do teto pendiam muitas faixas brancas e conforme caminhava entre elas surgiam tons de azul, ao som da voz de Juliana: o azul profundo dos mares, o azul intangível do céu... prosseguindo como um mantra sobre minhas ondas cerebrais. Juliana me provocou em sua possibilidade de desmontar paradigmas. Todas as vezes que me debrucei sobre seu depoimento via a importância e a necessidade de mudar meu foco, de questionar a imobilidade imposta inclusive pelos meus pares. Pois, como diz Franz Fanon (2008): “Em termos absolutos, o negro não é mais amável do que o tcheco, na verdade trata-se de deixar o homem livre” (p. 26).

A trajetória de cada uma dessas mulheres se entrelaçou na minha trajetória num vínculo de amor. Carrego um pouco delas em mim. Choro suas lágrimas, rio suas alegrias, partilho suas lutas e com elas resisto. Finalizo este processo amando ainda mais as mulheres que somos. E bell hooks (2019) segue nos ensinando:

Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras. (p. 63)

Espero que mesmo diante das falhas desta pesquisadora ainda em construção, a história dessas mulheres possa ter provocado reflexões, especialmente para a Psicologia. Nenhum dos depoimentos é isento de sofrimento. Em intensidades distintas, o racismo fere a todas. Nenhuma transformação social e política pode prescindir da subjetividade, pois o *sujeito* adoecido é incapaz de produzir mudanças. José Moura Gonçalves Filho (1998) afirma: “Sofrimentos políticos não são enfrentados apenas psicologicamente, uma vez que são políticos. Mas enfrentá-los politicamente inclui enfrentá-los psicologicamente.” (p. 8).

Não há mais tempo ou disponibilidade para omissões. Convém lembrar que, como afirma Silvio Almeida (2019): “Em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo” (p. 57).

REFERÊNCIAS¹⁰

- Almeida, S. L. de. (2018). Estado e direito: a construção da raça. In M. L. Silva, M. Farias, M. C. Ocariz, & A. Stiel Neto (Orgs.), *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo, SP: Escuta.
- Almeida, S. L. de. (2019). *Racismo estrutural*. São Paulo, SP: Pólen.
- Amaral, R. (2002). *Xirê, o modo de crer e de viver no candomblé*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas.
- André, M. C. da. (2007, abril/junho). Processos de subjetivação em afro-brasileiros: Anotações para um estudo. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 23, 159-168.
- Ani, M. (1994). *Yurugu: An African-centered critique of european cultural thought and behavior*. University Libraries- Indianapolis.
- Anjos, R. S. A. (2009). *Quilombos: Geografia africana, cartografia étnica, territórios tradicionais*. Brasília, DF: Mapas Editoras & Consultoria.
- Asante, M. K. (2009). Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Assis, J. F. de. (2018, setembro/dezembro). Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: Compreensões a violência obstétrica. *Serv. Soc. Soc.*, 133, 547-556.
- Augras, M. (1983). *O duplo e a metamorfose: identidade mítica em comunidades nagô*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Bankole, K. (2009). Mulheres Africanas nos Estados Unidos. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Bastos, I. S. (2009, setembro). A visão do feminino nas religiões afro-brasileiras. *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 14, 156-165. Recuperado de <http://www.cchla.ufpb.br/caos>
- Bento, M. A. S., & Carone, I. (Orgs.). (2009). *Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (4a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bento, M. A. S. (2018). Notas sobre a branquitude nas instituições. In M. L. Silva, M. Farias, M. C. Ocariz, & A. Stiel Neto. (Orgs.), *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo, SP: Escuta.
- Bonfim, V. M. da S. (2009). A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Bosi, A. (1992). *A dialética da colonização*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O tempo vivo da memória: Ensaio de psicologia social*. São Paulo, SP: Ateliê Editorial.

¹⁰ De acordo com o estilo APA (American Psychological Association).

- Carneiro, S. (2001, agosto 27-28). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In *Seminário Internacional sobre racismo, xenofobia e gênero*. Durban, África do Sul. Anais... Publicado em espanhol na revista LOLA. Recuperado de xa.yimg.com/kq/groups/.../Enegrecer+o+Feminismo++Sueli+Carneiro.rtf
- Cavalleiro, E. (2003a). *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil* (3a ed.). São Paulo, SP: Contexto.
- Cavalleiro, E. (2003b). *Veredas das noites sem fim: um estudo com famílias negras de baixa renda sobre o processo de socialização e a construção do pertencimento racial*. (Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo).
- Chnaiderman, M. (2017). Buscando baobás na aridez do deserto: instaurando as origens. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Collins, P. H. (2015). Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In R. Moreno (Org.). *Reflexões e práticas de transformação feminista. Cadernos Sempre Viva*. São Paulo, SP: SOF.
- Collins, P. H. (2016, janeiro/abril). Aprendendo com a outsider within. *Revista Sociedade e Estado*, 31(1).
- Costa, J. F. (1991). Da cor ao corpo (prefácio). In N. S. Souza, *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Crenshaw, K. (2002). *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>
- Cunha Jr., H. (2011). Memória, história e identidade afrodescendente: As autobiografias na pesquisa científica. In P. E. R. Vasconcelos, J. G. Vasconcelos, & J. R. Santana (Orgs.), *Cultura, educação, espaço e tempo* (pp. 1-23). Fortaleza, CE: Editora da UFC.
- Cunha Jr., H. (2005). *A formação de pesquisadores negros*. Recuperado de <http://www.comciencia.br/reportagens/negros/17.shtml>
- Cunha Jr., H. (2007). *Metodologia afrodescendente de pesquisa*. Recuperado de <http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/52>
- Cuti, (2017). Quem tem medo da palavra negro. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Dantas, B. G. (1998). *Vovô nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Diop, C. A. (2014). *A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*. Portugal: Edições Pedagogo.

- D'Orsi, E. (2014). Desigualdades sociais e satisfação das mulheres com o atendimento ao parto no Brasil: estudo nacional de base hospitalar. *Cadernos de Saúde Pública*, 30, 154-168. Rio de Janeiro.
- Dossiê Mulher 2019. (2019). Instituto de Segurança Pública. Rio de Janeiro.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Ferretti, M. (2005, julho/dezembro). Matriarcado em terreiros de mina do Maranhão – Realidade ou ilusão? In *Revista Ciências Humanas: dossiê religião e religiosidade*, 5(1), 11-20 (UFV).
- Gomes, K. B., & Neves, F. S. (2018). Solidão das meninas negras: apagamento do racismo e negação de experiências nas representações de animações infantis. *Revista ECO-Pós*, 21(3). doi: 10.29146/eco-pos.v21i3.20239.
- Gomes, N. L. (2003). Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In L. M. de A. Barbosa, P. B. G. e Silva, & V. R. Silvério (Orgs.), *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos, SP: Editora UFSCAR.
- Gomes, N. L. (2008). *Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. (2a ed.). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gonçalves Filho, J. M. (2004a). A invisibilidade pública (prefácio/ensaio). In F. B. Costa, *Homens invisíveis: Relatos de uma humilhação social*. São Paulo, SP: Globo.
- Gonçalves Filho, J. M. (2004b). Subjetividade, humilhação social e sofrimento. In M. V. O. Silva (Org.), *Psicologia e direitos humanos: Subjetividade e exclusão* (pp. 123-135). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Gonçalves Filho, J. M. (2005). Problemas de método em Psicologia Social: Algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. In A. M. B. Bock (Org.), *Psicologia e o compromisso social* (2a ed.). São Paulo, SP: Cortez.
- Gonçalves Filho, J. M. (2017). A dominação racista: o passado presente. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.), *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Guimarães, A. S. A. (1999). *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo, SP: Editora 34.
- Guimarães, A. S. A. (2003). Como trabalhar com “raça” em Sociologia. São Paulo. *Educação e Pesquisa*, 29, 93-107.
- Hasenbalg, C. A. (1979). *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Hasenbalg, C. A. , Munanga, K., & Schwarcz, L. M. (1998). *Racismo: Perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói, RJ: Eduff.

- Hicks, S. R. (2015). *A critical analysis of post traumatic slave syndrome: a multigenerational legacy of slavery* (Doctoral dissertation, Faculty of the California Institute of Integral Studies). Recuperado de ProQuest Dissertations and Theses database.
- Hofbauer, A., & Munanga, K. (2006). *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo, SP: Unesp.
- hooks, bell. (2003). Moldando a teoria feminista. *Estudos avançados*, 17(49). São Paulo.
- hooks, bell. (2005, janeiro/fevereiro). Alisando nosso cabelo. *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba* (L. M. dos Santos, trad.). Recuperado de coletivomarias.blogspot.com
- hooks, bell. (2009). *Teoria feminista da margem ao centro*. São Paulo, SP: Perspectiva,.
- hooks, bell. (2019). *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo, SP: Elefante.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro, RJ: Cobogó.
- Landes, R. (1967). *A Cidade das Mulheres*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira.
- Lima, H. P. (2005). Personagens negros: Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In K. Munanga (Org.), *Superando o racismo na escola*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Lorde, A. *Sister Outsider: Essays & Speeches by Audre Lorde* (Berkeley: Crossing Press, 2007), 124-133.
- Lorde, A. (2018). Olho no olho: mulheres negras ódio e raiva. *Revista Serrote*, 29, 50-83.
- Luz, M. A. (1994). *Cultura negra e a ideologia do recalque*. Salvador, BA: Edições SECNEB.
- Manifesto do Coletivo Combahee River. (2019). *Plural*, 26(1), 197-207. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP.
- Mazama, A. (2009). A Afrocentricidade como um novo paradigma. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Memmi, A.(1993). *O Racismo*. Portugal: Editorial Caminho.
- Moore, C. W. (2007). *Raça e racismo na sociedade*. Belo Horizonte, MG: Mazza.
- Munanga, K. (1988). *Negritude: usos e sentidos* (Série Princípios). São Paulo, SP: Editora Ática.
- Munanga, K. (1996). As facetas de um racismo silenciado. In L. M. Schawarcz, & R. da S. Queiroz (Orgs.), *Raça e diversidade* (pp. 213-230). São Paulo, SP: Edusp.
- Munanga, K. (1998) Teorias sobre o racismo. In *Estudos & pesquisas. Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói, RJ: Eduff. pp.43-65.

- Munanga, K. (1999). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Munanga, K. (2004). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In A. A. P. Brandão (Org.), *Cadernos Penesb 5*. Niterói, RJ: Eduff.
- Nascimento, A. do (1978). *O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- Nascimento, A. do (2009). Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Nascimento, E. L. (2009). O olhar afrocentrado: introdução a uma abordagem polêmica. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Nobles, W.W. (2009). Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. In E. L. Nascimento (Org.), *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo, SP: Selo Negro.
- Nogueira, I. B. (1988). *Significações do corpo negro*. (Tese de doutorado, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo).
- Oliveira, E. (2008). Entrevista com Eliana Oliveira. *Revista Psique e Negritude*, p. 29. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Oliveira, K. R. de. (2008). *Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. (Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo).
- Pacheco, A. C. L. (2013). *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Parés, L. N. (2006). *A formação do candomblé*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Reis Filho, J. T. (2005). *Negritude e sofrimento psíquico*. (Tese de doutorado, Laboratório de Psicopatologia Fundamental, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).
- Romio, J. A. F. (2013). A vitimização de mulheres por agressão física, segundo raça/cor no Brasil. In M. M. Marcondes et al. (Orgs.), *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília, DF: Ipea.
- Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro, RJ: Mórula Editorial.
- Sampaio, A. S. (2011). Ecos da hipertensão: vivências de mulheres negras. In V. R. Silvério, R. P. Pinto, & F. Rosemberg. (Orgs.), *Relações raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas*. São Paulo, SP: Contexto.
- Santos, J. E. (2008). *Os nagô e a morte*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Santos, L. M. R. (2011). As argumentações para se formalizar uma denúncia de discriminação racial. In V. R. Silvério, R. P. Pinto, & F. Rosemberg. (Orgs.), *Relações raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas*. São Paulo, SP: Contexto.
- Schucman, L. V. (2014). *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo, SP: Annablume.
- Schucman, L. V. (2018). Branquitude e privilégio. In M. L. Silva, M. Farias, M. C. Ocariz, & A. Stiel Neto (Orgs.), *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo, SP: Escuta.
- Schucman, L. V., Nunes, S., & Costa, E. (2017). A Psicologia da USP e as relações raciais: Perspectivas emergentes. In *Revista de Psicologia da USP*, 28.
- Silva, A. C. da. (2005). A desconstrução da discriminação no livro didático. In K. Munanga (Org.), *Superando o racismo na escola*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Silva, L. M. (2017). Racismo no Brasil: Questões para psicanalistas brasileiros. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.) *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Silva, S. M. (2013). Mulheres de axé: Matrizes de afetividade e empoderamento constantes. In M. Rezende (Org.), *Mulheres de axé* (pp. 34-37). Salvador, BA: Kawo-Kabiyesile.
- Silva, V. G. da. (1995). *Orixás da metrópole*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Silva, V. G. da. (2002). Religiões afro-brasileiras. Construção e legitimação de um campo de saber acadêmico. In *Revista USP*, 55, 82-111. São Paulo, USP-CCS.
- Souza, N. S. (1991). *Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Graal.
- Theodoro, H. (2005). Buscando caminhos nas tradições. In K. Munanga (Org.), *Superando o racismo na escola*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
- Vannuchi, M. B. C. C. (2017). A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Vogel, A. (2005). *A galinha d'angola: Iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Pallas.
- Yade, J. S. M. (2015). *Vozes e territorialidades no pós-abolição: histórias de famílias e resistência identitária – o caso do Cururuquara*. (Tese doutorado, Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza).